



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Letícia Portella Milan

Emotivos e regimes emocionais da Guerra Fria na obra de Sylvia Plath

Florianópolis
2024

Letícia Portella Milan

Emotivos e regimes emocionais da Guerra Fria na obra de Sylvia Plath

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em História Global.

Orientador(a): Prof.(a) Maria Bernardete Ramos Flores, Dr.(a)

Florianópolis

2024

Milan, Letícia Portella

Emotivos e regimes emocionais da Guerra Fria na obra de Sylvia Plath / Letícia Portella Milan ; orientadora, Maria Bernardete Ramos Flores, 2024.

260 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. História. 2. Guerra Fria. 3. História das emoções. 4. Emoções. 5. Sylvia Plath. I. Flores, Maria Bernardete Ramos. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

Letícia Portella Milan

Emotivos e regimes emocionais da Guerra Fria na obra de Sylvia Plath

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado e aprovado, em 19 de fevereiro de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Tânia Regina Oliveira Ramos, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Cristina Scheibe Wolff, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Ana Paula Vosne Martins, Dr.(a)
Universidade Federal do Paraná

Prof.(a) Maria Teresa Santos Cunha, Dr.(a)
Universidade Estadual de Santa Catarina

Prof.(a) Daniela Queiroz Campos, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Patrícia Peterle, Dr.(a)
Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a versão **original** e **final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutora em História Global

Insira neste espaço a
assinatura digital

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a
assinatura digital

Prof.(a) Maria Bernardete Ramos Flores, Dr.(a)
Orientador(a)

Florianópolis, 2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina por ter sido a instituição que possibilitou a realização desta pesquisa. Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por financiá-la.

Agradeço as amigas e parceiras de estudos da sala do café Ana Blanco, Andressa Monteiro, Aline Kundlatsch, Érica Tex, Mylena Nahum, Priscila Souza, Renata Cardoso e Thainá dos Santos. Foram dias e noites de muito sofrimentos psíquico para realização desta tese, sem a presença de vocês tudo teria sido mais difícil e triste. Agradeço ter convivido com os integrantes da biblioteca Capes: Ângela, Tiago, Ueliton André, Luma, Sabrina, Gabi. Vocês foram essenciais para os estudos durante a pandemia e pós pandemia.

Agradeço ao Stefan Chiru pela companhia e suporte durante o último ano do doutorado.

Agradeço a minha orientadora Maria Bernardete Ramos Flores por ter acreditado em minha pesquisa.

Agradeço a mim mesma por não ter desistido.

RESUMO

Sylvia Plath (1932 - 1963), poetisa icônica das décadas de 1950 e 1960, é frequentemente associada a uma identidade marcada pelo sofrimento psicológico e pelo suicídio. Este estudo tem como objetivo analisar sua produção artística no contexto da Guerra Fria, desafiando as construções acadêmicas de sua identidade. Utilizando diários, cartas, histórias e obras visuais de Plath da década de 1950 e início da década de 1960, a pesquisa adota uma abordagem crítica, apoiada na teoria e metodologia da História das Emoções. Através dos conceitos de “emotivos” e “regimes emocionais” de William Reddy, o objetivo da presente tese é identificar os regimes emocionais da Guerra Fria presentes nas produções de Sylvia Plath.

Palavras-chave: Guerra Fria; Emoções; Sylvia Plath.

ABSTRACT

Sylvia Plath (1932 - 1963), an iconic poet of the 1950s and 1960s, is often associated with an identity marked by psychological suffering and suicide. This study aims to analyze her artistic production within the context of the Cold War, challenging academic constructions of her identity. Using Plath's diaries, letters, stories, and visual works from the 1950s and early 1960s, the research takes a critical approach, supported by the theory and methodology of the History of Emotions. Through William Reddy's concepts of "emotives" and "emotional regimes," the objective is to establish a connection between the emotional regime of the Cold War and the representation of white middle-class women in Sylvia Plath's multifaceted productions.

Keywords: Cold war; Emotions; Sylvia Plath.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Palavras-chave encontradas nas teses, dissertações e monografias coletadas.....	18
Figura 2 Colagem Anti Militar de Sylvia Plath.....	25
Figura 3 As mulheres na colagem antimilitar de Sylvia Plath.....	74
Figura 4 Recorte da colagem Anti Militar de Sylvia Plath.....	97
Figura 5 Propaganda Hart Schaffner & Marx.....	98
Figura 6 The case of the eagles bugged beack.....	98
Figura 7 Henry Cabot Lodge Jr. Apresentando a escuta soviética.....	101
Figura 8 A mulher sob a mira do B-58.....	104
Figura 9 O novo visual mundano do caso da escuta no bico da águia.....	105
Figura 10 A mulher ideal sobre o pedestal, e a mulher sensual sobre o pedestal na mira do B-58 Hustler.....	106
Figura 11 A dança atômica de Sally McCloskey.....	112
Figura 12 “Todo homem quer sua mulher no pedestal”: o perigo da sexualidade feminina.....	114
Figura 13 Colagem da cozinha - 1.....	125
Figura 14 Colagem da cozinha -2.....	126
Figura 15 O que uma família norte-americana de classe média consome.....	130
Figura 16 Fadiga aumenta... o crescente perigo para a saúde na América.....	137
Figura 15 Ethel Rosenberg em sua cozinha.....	154
Figura 16 Manifestação popular sobre a pena de morte do casal Rosenberg.....	165
Figura 17 Rosto do presidente Eisenhower.....	178
Figura 18 Pioneer V e a bola de golf.....	180
Figura 19 Cena da sessão de eletrochoque no filme Snake pit.....	188

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Excertos dos poemas Daddy e Lady Lazarus	44
Quadro 2 Excertos de A Redoma de vidro e dos diários sobre a condenação dos Rosenberg.....	161
Quadro 3 Excertos de A Redoma de Vidro e dos diários sobre Hilda e moça felina	172

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

URSS União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

PSB Conselho de Estratégia Psicológica

ECT Eletroconvulsoterapia

FBI Federal Investigative and Intelligence Agency

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O MITO DE SYLVIA PLATH: CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	35
2.1 SYLVIA PLATH NA HISTORIOGRAFIA DA GUERRA FRIA	47
2.2 A HISTÓRIA DAS EMOÇÕES: A NAVEGAÇÃO DOS SENTIMENTOS DE WILIAM REDDY	55
2.2.1 Emotivos: tradução e a teoria dos atos de fala	60
2.2.2 A colagem Anti Militar de Sylvia Plath como um emotivo visual	73
3 “NÃO VEJO COMO ALGUÉM PODE ACREDITAR QUE A BOMBA ATÔMICA NOS CURARIA DOS MALES”: O MEDO DA ENERGIA NUCLEAR NAS ESCRITURAS DE SYLVIA PLATH	79
3.1 “O NOVO VISUAL MUNDANO DO CASO DO BICO GRAMPEADO DA ÁGUIA”: ESPIONAGEM E A MULHER SOB A MIRA DA ENERGIA NUCLEAR	97
4 “PERCEBO HORRORIZADA QUE CONTEMPO O SONHO AMERICANO DE CASA E FILHOS”: AS EMOÇÕES E OS EMOTIVOS DA MULHER IDEAL NORTE-AMERICANA NA GUERRA FRIA	116
4.1 “COMO PODERIA MANTER TED PRESO A UMA MULHER ESTÉRIL?” MATERNIDADE, NUCLEARIDADE E AMERICAN WAY OF LIFE	138
5 “ERA UM VERÃO ESTRANHO, SUFOCANTE, O VERÃO QUE ELETROCUTARAM OS ROSENBERG”: A CLAUSTROFÓBICA EXPERIÊNCIA DA MULHER NA POLÍTICA DOS “HOMENS DE VISUAL MUNDANO”	151
5.1 “ERA PARA EU ESTAR APROVEITANDO AQUELA EXPERIÊNCIA AO MÁXIMO”: O DESAJUSTE DE ESTHER GREENWOOD SOBRE AS NORMATIVAS SOCIAIS DE GÊNERO	171
5.2 “FIQUEI ME PERGUNTANDO O QUE É QUE EU TINHA FEITO DE TÃO TERRÍVEL”: O TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO POR ELETROCHOQUE TERAPIA NA REDOMA DE VIDRO E NA REVISTA COSMOPOLITAN	183
CONSIDERAÇÕES FINAIS	194
REFERÊNCIAS	203
APÊNDICE A	220
APÊNDICE B	246
ANEXO A – CAPA DA REVISTA COSMOPOLITAN 1959	260

1 INTRODUÇÃO

Sylvia Plath foi uma renomada poetisa, romancista e contista. Nasceu nos Estados Unidos em 1932 e faleceu em Londres, no ano de 1963. Ela é conhecida por sua escrita profundamente introspectiva e emocional, muitas vezes abordando temas como depressão, angústia e identidade feminina. Plath foi uma figura central na literatura confessional, um movimento literário que explorou experiências pessoais e emocionais intensas¹. A vida de Sylvia Plath foi marcada por lutas pessoais, incluindo a separação do seu marido, Ted Hughes², com quem constituiu uma família com dois filhos. A autora apresentava um forte quadro de depressão, que a levou a três tentativas de suicídio, o qual infelizmente se concretizou quando tinha 30 anos de idade.

A produção artística de Sylvia Plath foi a escolha de análise da minha pesquisa de doutorado em História em virtude do meu interesse por escritoras de diários, um tipo de literatura com a qual eu já tinha contato desde meu mestrado. Tenho apreço por narrativas íntimas que expressam os sentimentos das pessoas nos percalços da vida. O interesse pela escrita de si na História resultou na feitura de minha dissertação de mestrado e permaneceu em minha trajetória até o doutorado. Sylvia Plath apareceu em minha vida por acaso: eu estava passeando pelos corredores da livraria Saraiva e avistei um livro com a tradução dos seus diários. Adquirir o livro apenas por curiosidade, pois até aquele momento eu não conhecia Sylvia Plath.³

Ao iniciar a leitura dos diários, identifiquei-me com a autora em diversos momentos. Percebi que ela conseguia transmitir, com intensidade, momentos de aflição, medo, luto, ódio e amor; em uma perspectiva literária, essas emoções e suas respectivas sensações são apresentadas como uma montanha-russa. A partir disso,

¹ A literatura confessional é similar à autobiográfica, intimista ou memorialista. Sendo todas essas categorias diferentes entre si, possuem similaridade pelos textos escritos na primeira pessoa. Esses textos não descrevem necessariamente verdades absolutas, mas apresentam um ponto de vista particular que singulariza a existência do eu narrativo, independentemente de sua existência fora do texto. Na literatura confessional, assim como em qualquer literatura, nada é uma representação fiel da realidade, mas sim uma possibilidade artística de construção mimética. ROLIM, Aline. P. et al. TERMOS DE LITERATURA CONFESSIONAL EM DISCUSSÃO. **Guavira Letras**, v. 1, n. 01, 1 dez. 2015.

² Ted Hughes foi um poeta britânico nascido em 1930 e falecido em 1998. Ele é reconhecido por sua contribuição na literatura do século XX. Sua obra é conhecida por sua intensidade emocional e conexões com a natureza.

³ PLATH, Sylvia; KUKIL, Karen V. (org.) **Os diários de Sylvia Plath: 1950-1962**. Tradução: Celso Nogueira. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

senti que, em maior ou menor medida, Sylvia Plath traduzia uma parte comum da experiência do ser humano.

A perspectiva humana da emoção na História já estava nas minhas expectativas de desenvolvimento de pesquisa enquanto eu lia artigos acadêmicos sobre a História das sensibilidades, o que se fundiu com a minha descoberta dos escritos de Sylvia Plath⁴. Enquanto as leituras avançavam, descobri a existência de um outro campo chamado História das emoções⁵. Foi então que vi a possibilidade de concretizar meu desejo de construir uma tese a partir de uma perspectiva histórica das emoções com base em fontes intimistas.

Dessa forma, os primeiros meses de pesquisa se iniciaram com um esforço de realizar leituras sobre o contexto vivido por Sylvia Plath. Iniciei leituras sobre a História das mulheres na década de 1950, especificamente sobre os problemas enfrentados pelas mulheres brancas de classe média, pois Sylvia Plath se enquadrava nesse grupo⁶. Entre as várias opressões que essas mulheres sofriam, o culto do retorno ao lar e a opressão sexual foram os tópicos que identifiquei como os mais presentes nos diários de Sylvia Plath.

A autora expressava uma constante revolta por ter seus desejos de liberdade sexuais e profissionais reprimidos por uma sociedade que apenas desejava seu enclausuramento ao lar. Dessa forma, no período inicial do doutorado, enquanto eu revisava o meu projeto de pesquisa, as normativas socialmente impostas às mulheres na década de 1950 e as emoções historicamente construídas nessa relação eram o fio condutor de minha pesquisa. Porém, em poucos meses, tudo mudou. Enquanto eu buscava me aprofundar academicamente no que foi produzido sobre a obra de Sylvia Plath, tive conhecimento das artes visuais produzidas por ela. Conhecer a arte visual de Sylvia Plath foi uma grande surpresa, pois a maioria dos trabalhos acadêmicos que eu havia encontrado sobre a autora eram focados nos livros *Ariel*⁷ e *Colossos*⁸, ambos

⁴ GRUZINSKI, Serge. Por uma história das sensibilidades. In: PESAVENTO, Sandra; LANGUE, Frédérique. **Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p.7-8, 2007; PESAVENTO, Sandra. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra; LANGUE, Frédérique. **Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 13-14, 2007.

⁵ No apêndice B apresento uma revisão bibliográfica que corresponde as leituras que fiz sobre o campo. Dessa forma, apresento uma trajetória dos teóricos importantes para a História das emoções e centros de estudos do campo.

⁶ FRIEDAN, Betty. **A Mística Feminina**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

⁷ PLATH, Sylvia. **Ariel**: Edição restaurada e bilingue, com os manuscritos originais. Tradução: Rodrigo Garcia Lopes e Maria Cristina Lenz de Macedo. 4. ed. Campinas: Verus Editora, 2018.

⁸ PLATH, Sylvia. **The Colossus & Other poems**. New York: Vinatage International, 1998.

de poemas, e no romance *A Redoma de Vidro*⁹. Após adquirir o livro *Eye Rhymes: Sylvia Plath's Art of the Visual*, em que estão reproduzidos seus desenhos e pinturas, uma imagem específica chamou minha atenção¹⁰.

Era uma colagem que modificou o rumo da pesquisa, pois me despertou o interesse em compreender o que Sylvia Plath queria comunicar naquela imagem. Localizei dois artigos¹¹ escritos por Robin Peel discutindo a imagem em questão, os quais são fruto do seu livro *Writing Back: Sylvia Plath and Cold War Politics*, cuja capa reproduz a referida colagem¹². Na introdução do livro, o autor argumenta que a obra de Sylvia Plath é negligenciada na perspectiva histórica da Guerra Fria. A partir dessa constatação, ele detalha três questões que permanecem negligenciadas nos estudos sobre Plath: 1) a influência dos eventos da Guerra Fria na sua escrita; 2) a influência transatlântica anglo-americana na produção do seu trabalho literário; e 3) a escrita de Plath como um ato deliberado e consciente, em que ela faz experimentos com a voz e “escreve de volta”, em resposta ao *status quo* nacional e global¹³.

A partir disso, surgiram os seguintes questionamentos para o desenvolvimento da tese: De que forma a arte de Sylvia Plath pode ser lida numa perspectiva histórica da Guerra Fria? Como as emoções desenvolvidas na arte de Sylvia Plath podem ser lidas dentro da Guerra Fria?

Diante disso, sabendo que Sylvia Plath é estudada internacionalmente de forma recorrente, busquei mapear as pesquisas que utilizaram a Guerra Fria e as emoções como ponto de análise da arte da autora. Esse gesto foi realizado para verificar se, após a publicação de Peel, havia sido realizada alguma pesquisa com foco nessa

⁹ PLATH, Sylvia. **A Redoma de Vidro**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

¹⁰ CONNORS, Katleen; BAYLEY, Sally. **Eye rhymes: Sylvia Plath's art of the visual**. New York: Oxford University Press, 2007.

¹¹ PEEL, Robin. Body, Word, and Photograph: Sylvia Plath 's Cold War Collage and the Thalidomide scandal. **Journal Of American Studies**, v. 40, n. 1, p. 71-95, abr. 2006. Acesso em: 5 ago.2020; PEEL, Robin. The Ideological Apprenticeship of Sylvia Plath. **Journal Of Modern Literature**, v. 27, n. 4, p. 59-72, jun. 2004. Acesso em: 5 ago.2020.

¹² PEEL, Robin. **Writing Back: Sylvia Plath and Cold War Politics**. Madison: Fairleigh Dickinson Univ Press, 2002.

¹³ “THIS BOOK OFFERS A DETAILED EXPLORATION OF THREE ISSUES WHICH, despite the steady growth of studies of Sylvia Plath and her writings, remain neglected. The first issue, virtually ignored by the main body of Plath criticism, is the extent to which Plath's later writing was influenced by the reporting of the Cold War politics and events of the early 1960s. The second issue involves an assessment of the effect on Plath's writing of her transatlantic shuttling, and the relationship of her work to specific places. The third issue is, perhaps, the most contentious, and concerns the extent to which some of the writing constitutes an act of deliberate and conscious performance. Discussion of this third issue will interpret the idea of "performance" in two quite distinct ways. One of these identifies particular writings as conscious experiments in voice. The other, suggested by the expression "writing back," reads Plath's poetry and fiction as performed responses to the would-be controlling forces of state and institutions, forces that operate on a national or global scale.” PEEL, 2002, p. 15.

questão, a fim de enriquecer minha pesquisa a partir de um diálogo com o que já havia sido publicado por outros pesquisadores.

O site *Sylvia Plath Info* tem um compilado de informações que foi basilar para localizar diversas produções internacionais sobre a artista¹⁴. Criado pelo arquivista e escritor Peter K. Steinberg, esse site é um repositório acadêmico, arquivístico e bibliográfico sobre Sylvia Plath, servindo também como um meio de divulgação de descobertas de materiais literários, produções biográficas, análises críticas das poesias e promoção de eventos acadêmicos. O site também tem um campo de navegação chamado “Bibliografia”, onde estão disponibilizados materiais relacionados à obra de Sylvia Plath, tais como: resenhas; edições e traduções de seus livros; artigos produzidos por pesquisadores e submetidos a revistas acadêmicas; planilhas que indicam os arquivos e a localização de determinados poemas, ficções e produções visuais. Por fim, existe um campo em que estão listadas referências bibliográficas de teses, dissertações e monografias. As referências acadêmicas desse último campo deram uma direção para eu construir uma base de dados, a fim de mapear as temáticas estudadas sobre Sylvia Plath.

A partir disso, fiz levantamentos por autores, países, instituições e data de produção desses trabalhos. A lista organizada por Peter Steinberg contabiliza 355 referências, nas quais verifiquei, individualmente, os autores, o ano de publicação e a instituição de origem, e elaborei palavras-chaves a partir dos títulos desses trabalhos. Fiz o mesmo para outras referências que não constavam na referida lista; algumas encontrei no *Google Acadêmico*, outras nas citações de alguns trabalhos que estavam na lista do arquivista. Também fiz buscas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Procurei por trabalhos produzidos nas universidades brasileiras, os quais também não constavam na lista elaborada por Steinberg.

Sendo assim, no total, foram encontradas 374 pesquisas, distribuídas em 111 teses, 199 dissertações, 57 monografias e 3 textos de outros gêneros acadêmicos. Porém, desse total, apenas 123 estavam disponíveis para acesso on-line. Dessa parcela disponível, foi realizado o *download* de 93 trabalhos; os outros 30 estão em formato de livro ou em repositórios que demandam requisição para que os textos

¹⁴ STEINBERG, PETER. **Sylvia Plath Info, a celebration, this is**. Boston, 2022. Disponível em: <https://www.sylviaplath.info>. Acesso em: 02 abril.2021.

sejam liberados para consulta remota. Além disso, identifiquei que a maior parte das produções encontradas foram produzidas em universidades estadunidenses.

É importante salientar que esse estado da arte é uma amostragem, ou seja, um escopo delimitado de referências que escolhi apresentar. Isto quer dizer que meu estado da arte não é uma representação total do universo de teses, dissertações e monografias que existem sobre Sylvia Plath. Dito isso, reitero que existem repositórios de bibliotecas e instituições acadêmicas de outros países que não consultei, do mesmo modo que pesquisas de outros países da América Latina não estão na amostragem, sendo o Brasil o único representante das produções latino-americanas. Essa delimitação se deu em razão de desconhecimento de determinados idiomas ou carências técnicas para o acesso a arquivos e repositórios — o Brasil tem acesso aberto aos repositórios de teses e dissertações.

Considerando o levantamento aqui apresentado, percebemos que há muito mais dissertações do que teses referentes a Sylvia Plath e sua obra, assim como a maior parte dos estudos são originários dos departamentos de Letras, Literatura e Artes, havendo apenas um da área da História. Em razão da extensa quantidade de referências, optei por não produzir uma tabela ou um gráfico indicando as áreas de estudos; essa informação pode ser verificada no apêndice A desta tese, onde estão disponibilizadas as referências desses trabalhos. No apêndice A consta quadros de referências organizados em Teses, dissertações, monografias e outros textos acadêmicos não identificados e um gráfico com a incidência dessas produções por década.

Também foi possível verificar que nem todos os trabalhos são apenas sobre Sylvia Plath. Existem 115 títulos em que ela é estudada dentro de um conjunto de outros poetas, romancistas e artistas ou em relação/comparação a esses. Por exemplo, há 27 títulos que também têm o nome de Anne Sexton, 11 com Virginia Woolf, 9 com Robert Lowell, 15 com Ted Hughes, 9 com Elisabeth Bishop e 9 com Emily Dickinson. Em muitos casos, o trabalho de Sylvia Plath é trazido em discussões mais amplas sobre uma determinada vertente literária, um estilo de escrita ou porque se estuda artistas considerados narcisistas, depressivos, suicidas ou feministas.

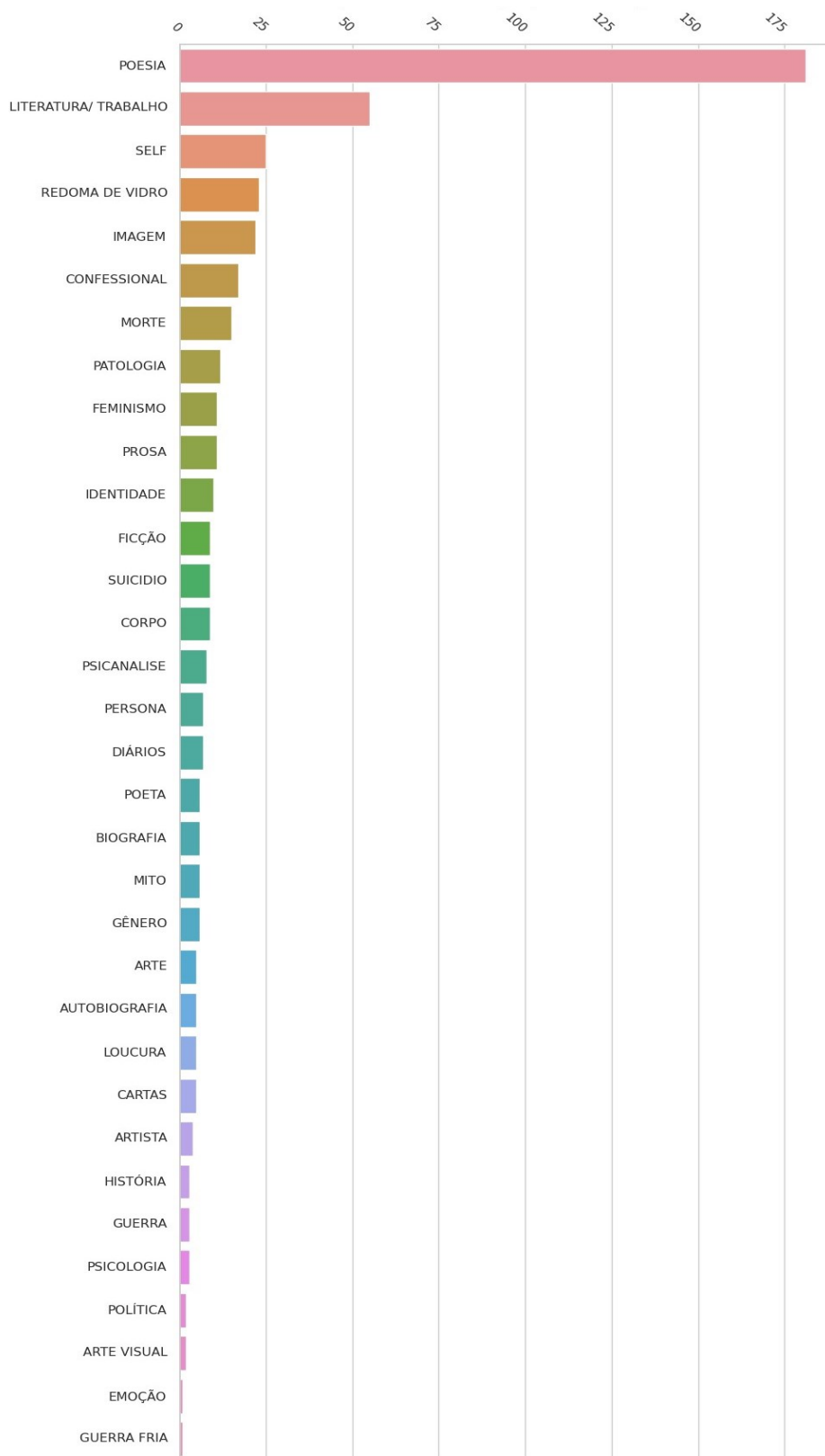
Na tentativa de aprofundar meu estado da arte e verificar a quantidade de trabalhos desenvolvidos que contribuíssem para a presente pesquisa, elenquei 32 palavras-chaves para melhor direcionar minhas buscas. Tais palavras-chave são: poesia; prosa; *The Bell Jar* (Redoma de Vidro); diários; cartas; ficção; suicídio; morte;

biografia; autobiografia; *self*; persona; patologia; psicanálise; psicologia; loucura; feminismo; gênero; identidade; arte; artista; arte visual; imagem; mito; poeta; confessional; corpo; política; guerra; Guerra Fria; emoção; história; e literatura/trabalho.

O critério de escolha da maioria dessas palavras foi a frequência com que as encontrei, sendo possível entendê-las como as temáticas frequentemente desenvolvidas em torno de Sylvia Plath. Já as palavras-chave “guerra”, “Guerra Fria”, “política” e “emoção” foram escolhidas não pela frequência, mas por serem parte do meu objetivo de estudo sobre a artista.

Após a escolha das 32 palavras, verifiquei as referências individualmente e, quando possível, os resumos dos estudos. A Figura 1 apresenta o número de trabalhos que contêm cada uma das palavras-chaves. É importante frisar nela está representado apenas 327 trabalhos referentes ao total (374). Alguns títulos têm mais de uma palavra, podendo haver até 4 palavras-chave em um mesmo título. Dessa forma, é comum encontrar trabalhos que associam as palavras “poesia” e “morte”, ou “suicídio” e “confessional”, do mesmo modo que existem trabalhos que buscam associar “self”, “persona” e “biografia” e “autobiografia” com “literatura/trabalho”, “poesias”, “prosas” ou “redoma de vidro”. Enfim, são as múltiplas associações que existem entre essas palavras nos títulos encontrados.

Figura 1 Palavras-chave encontradas nas teses, dissertações e monografias coletadas.



Fonte: elaborada pela autora (2024).

Como pode ser observado, os estudos sobre Sylvia Plath são majoritariamente focados em obras literárias, como “poesias” e “Redoma de Vidro”. Os assuntos tratados em torno dessas obras estão relacionados a “morte”, “patologia” e “confessional”.

A partir das informações apresentadas nessa amostragem, verifica-se uma lacuna quanto a trabalhos desenvolvidos na área da História, sendo poucos os que tratam de temas sobre “Guerra Fria”, “política”, “guerra” ou “pós-guerra”. Na produção acadêmica brasileira, por exemplo, as 26 teses e dissertações encontradas são sobre “poesias” ou “Redoma de Vidro”.

Sendo assim, com essa breve revisão bibliográfica de monografias, dissertações e teses, constatei que, apesar de Sylvia Plath ser amplamente estudada na academia, existem poucos trabalhos que a pensem como uma artista de múltiplas habilidades, isto é, uma mulher que produziu múltiplas linguagens artísticas, como contos, romances e desenhos. Sylvia Plath é preponderantemente lida pela sua poesia.

Também constatei que há uma lacuna investigativa sobre o contexto da Guerra Fria em diálogo com essas produções artísticas. É pouco expressiva a leitura dessas produções sob o viés da Guerra Fria; em muitos casos, o contexto da década de 1950 é posto de forma genérica. Contudo, na base de dados do *Google Scholar*, há artigos publicados em que relacionam a obra de Sylvia Plath com a Guerra Fria. Nas páginas seguintes, será apresentada uma breve descrição dessas pesquisas, juntamente com apontamentos que convergem e divergem da presente tese.

Dado o exposto, o objetivo da presente tese é contribuir para uma leitura da produção artística de Sylvia Plath no contexto da Guerra Fria, tendo o conceito de emoção como categoria de análise¹⁵.

Entendo a Guerra Fria como um período de disputa política e ideológica entre as duas potências econômicas da época: Estados Unidos e União soviética. Sobre esse contexto, o historiador Vladimir O. Pechatnov divide a Guerra Fria em cinco estágios distintos: a *Early Cold War* (1945-1953), a *Competitive Coexistence* (1953-1969), a *Détente* (1969-1976), a *Late Cold War* (1976-1985) e, finalmente, *End of Cold*

¹⁵ Durante o doutorado publiquei um artigo que corresponde a parte da pesquisa que aqui será apresentada. Para saber mais ver: MILAN, Letícia Portella. The Anti-Military Collage of Sylvia Plath: Gender and North American Emotional Regime during the Cold War. *História Unisinos*, v. 26, n. 1, p. 165–174, 2022.

War (1985-1991). Em português, tais estágios são: Guerra Fria Inicial, Coexistência Competitiva, *Detente*, Guerra Fria Tardia e Fim da Guerra Fria, respectivamente¹⁶.

Neste trabalho, o foco de estudo será o segundo estágio, a Coexistência Competitiva. Essa competição pode ser explicada em diversas instâncias, sendo as mais expressivas a competição armamentista nuclear e a competição ideológica. O contexto desse estágio é explicado a partir do sucesso na explosão da bomba RDS-6 no primeiro teste soviético de uma bomba de hidrogênio. Esse evento inaugurou uma nova perspectiva política, fundamentada no impacto destrutivo das novas armas nucleares. Os anos seguintes foram exponencialmente ameaçadores devido aos empreendimentos científicos e tecnológicos de armas nucleares desenvolvidas pelos Estados Unidos e pela União soviética¹⁷.

Tendo em vista que o objetivo da presente pesquisa é desvendar de que forma a arte de Sylvia Plath pode ser lida considerando a perspectiva histórica da Guerra Fria e como as emoções na sua arte podem ser lidas nesse contexto, o campo da História das emoções é o aporte teórico central desta tese.

O historiador William Reddy pensou os conceitos de *emotional regime* (regime emocional) e *emotives* (emotivos) na perspectiva histórica. Reddy definiu esses conceitos a partir da compreensão de que os sistemas políticos criam sistemas emocionais para a sustentação de algum objetivo. Nas definições do autor, *emotional regime* significa “o conjunto de emoções normativas e os rituais, práticas e emotivos oficiais que as expressam e inculcam; um suporte necessário de qualquer regime político estável”¹⁸. Já os *emotives* são entendidos como

¹⁶ PETCHATNOV, Vladimir. Soviet-American Relations Through the Cold War. In: IMMERMANN, Richard H; GOEDDE, Petra. (org.). **The Oxford Handbook of the Cold War**. Oxford: Oxford University Press, 2016, p.107.

¹⁷ “The second stage (mid-1950s to late 1960s) was characterized by the growing dynamism and competitiveness of the Soviet system, demonstrated in post-Stalin political liberalization, the rise of living standards, enhanced economic growth, rapid progress in science and technology, and the increased appeal of the Soviet model in the third world. The successful detonation of a Soviet thermonuclear device in 1953 meant the narrowing of the gap between strategic arsenals on both sides and generated increasing nuclear stalemate. Instead of collapsing under the strain of its internal contradictions, the USSR was becoming a more powerful, stable, and increasingly non-revolutionary state. It also became clear that despite outbursts of resistance in East Germany (1953), Poland (1956), and Hungary (1956), the Soviet Union had established control over the region and could not be forced out by the West. That finally put the rollback/liberation option to rest. Coupled with the growing realization of the suicidal nature of a nuclear war, these changes gradually led the US to replace its initial cold war victory goals with a modus vivendi in the spirit of “competitive coexistence.” *Ibid.*, p.109-110.

¹⁸ “The set of normative emotions and the official rituals, practices, and emotives that express and inculcate them; a necessary underpinning of any stable political regime” REDDY, William. **The Navigation of Feeling: A Framework for the History of Emotions**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p.128-129.

[...] um tipo de ato de fala diferente dos enunciados performativos e constativos, que descrevem (como os enunciados constativos) e mudam (como os performativos) o mundo, porque a expressão emocional tem um efeito exploratório e de auto-alteração no material de pensamento ativado da emoção.¹⁹

Nesta tese, chamarei esses conceitos de “regimes emocionais” e “emotivos”, como indicado. A partir deles, interpretarei a chamada Guerra Fria como um período histórico de tensão entre os dois polos econômicos — Estados Unidos e União Soviética — que, por meio das emoções, prescreveram as normas dominantes da vida social. Nesse sentido, penso que, se cada regime político é dotado de um regime emocional, a obra de Sylvia Plath deve ser contextualizada sob a luz dessas disputas políticas e dos regimes emocionais em questão. Desse modo, o foco da tese está no exercício de ler o conjunto artístico de Sylvia Plath não apenas como um reflexo biográfico da artista, mas também como parte de um contexto histórico em que as relações políticas entre União Soviética e Estados Unidos imprimiram, na vivência das pessoas, modos de ser, agir e se expressar, os quais variavam dependendo do lugar social, do gênero, da raça e da religião de cada um.

No que tange à vivência da Guerra Fria, o conceito de *nuclearity*, de Jonathan Hogg e Gabrielle Hecht, será aqui chamado de “nuclearidade”. Esse conceito dialoga com um aspecto importante do contexto histórico e do regime emocional do período: a proliferação de armas nucleares, marcando uma chamada “Era Nuclear”. Em outras palavras, as emoções permeiam a presença quase onipresente da bomba atômica, e a nuclearidade diz respeito à mudança que a energia nuclear trouxe às relações políticas e às formas de viver naquele contexto. Por um viés emocional, o poder da bomba atômica se fez presente no imaginário social pelo reconhecimento de sua potência destrutiva.

Nesse sentido, o medo nuclear — assim como foi a pandemia de covid-19 — trouxe novas formas de viver e se relacionar. Em alguma medida, os papéis sociais de homens e mulheres também foram afetados e moldados em torno da atmosfera atômica. Dito isso, na visão de Jonathan Hogg²⁰, a nuclearidade é uma experiência

¹⁹ “A type of speech act different from both performative and constative utterances, which both describes (like constative utterances) and changes (like performatives) the world, because emotional expression has an exploratory and a self-altering effect on the activated thought material of emotion.” REDDY, 2001, p.128-129.

²⁰ Hogg constrói esse conceito em sua pesquisa sobre a cultura nuclear na Inglaterra. Ele relaciona a ansiedade a como a narrativa do governo britânico expressou, imagetivamente, quais eram os efeitos

moldada pelo discurso nacional, que estipula o significado social para a energia nuclear. Em outras palavras, a nuclearidade é uma experiência coletiva e individual estimulada por governos, Estados ou instituições que definem a energia nuclear como perigosa, apocalíptica ou irrelevante para o cotidiano das pessoas. Ainda, nas palavras do autor, “a nuclearidade pode ser vista como um componente ativo na formação da identidade britânica, o ‘conhecimento’ nuclear pode servir para romper as concepções de si mesmo, nacionalidade e família na vida cotidiana”²¹.

Além de Hogg, penso a nuclearidade a partir de Gabriele Hecht. A autora formulou o conceito de nuclearidade a partir de uma perspectiva decolonial, questionando o que é considerado “nuclear”. Mesmo que minha tese não tenha uma perspectiva decolonial, a definição de Hecht é importante, pois ela pensa a presença da energia nuclear para além do habitual modo político de disputa entre as duas potências. Hecht define a nuclearidade não como um fenômeno universal, mas específico, devido às relações de gênero, classe, tempo e espaço que permeiam todos os contextos da energia nuclear: “a nuclearidade não é tanto uma propriedade essencial das coisas, mas sim uma propriedade distribuída entre as coisas”²². Nessa perspectiva, a radiação não é “natural”, já que sua exposição depende da interferência humana. Partindo da África como estudo de caso, a autora cita a presença de urânio 235 no subsolo africano ²³: embora seja natural sua presença ali, torna-se radioativo após as escavações financiadas pelo Ocidente²⁴.

da radioatividade. Desse modo, o autor apresenta manuais de defesa cível, filmes, notícias de jornais e revistas, desvelando o discurso aterrador dos efeitos da radiação a partir de descrições e fotografias de mutações corporais, esterilização e morte. Ao analisar essas imagens, Hogg concluiu que elas estavam acompanhadas de uma narrativa de incertezas sobre o futuro da vida. Em suma, a pesquisa de Hogg mostra que a nuclearidade se fez nas narrativas em torno da bomba atômica; nesse caso, o intuito do governo britânico era evocar sensações de medo e terror na população. Cf. HOGG, Jonathan. **British Nuclear Culture: Official and Unofficial Narratives in the Long 20th Century**. London: Bloomsbury Academic, 2016.

²¹ “Shifting set of assumptions held by individual citizens on the dangers of nuclear technology: assumptions that were rooted firmly in context and which circulated in, and were shaped by, national discourse. I argued that because of these assumptions, individuals implicitly understood the many things nuclear danger could mean. Because nuclearity can be seen as an active component in the formation of British identity, nuclear ‘knowledge’ can serve to disrupt conceptions of self, nationhood and family in everyday life” *Ibid.*, p.8.

²² “Nuclearity is not so much an essential property of things as it is a property distributed among things.” HECHT, Gabrielle. **Being nuclear: Africans and the global uranium trade**. Cambridge: MIT press, 2014, p.14.

²³ Os países africanos estudados por Hecht são Níger, Namíbia, Congo, Madagascar e África do sul.

²⁴ Sabendo que a África possui a maior concentração natural de Urânio do mundo, ou seja, é a principal detentora da matéria prima para produção das armas nucleares da França, Estados Unidos e países britânicos, Hecht propõe uma definição de nuclearidade a partir da experiência dos africanos sobre a extração do Urânio 235. Por isso, considerando que a radiação é uma presença somente detectada

Dessa forma, a nuclearidade, na perspectiva da autora, existe a partir da especificidade da experiência nuclear, não dependendo apenas do convívio com o urânio ativo ou inativo, mas também da forma como a sociedade se relaciona com o investimento científico e tecnológico em torno desse material. Sobre essa questão, Hecht versa sobre os usos políticos nas descobertas científicas de energia nuclear, asseverando que a maneira de compartilhar o saber científico depende das relações de poder entre as instituições²⁵, bem como aponta a proposital falta de compartilhamento do conhecimento a respeito dos efeitos nocivos da radiação na saúde dos trabalhadores nas minas de urânio. Em suma, a nuclearidade depende da experiência social dos grupos que são diretamente impactados pela forma como as nações, as instituições e os governos estruturam o significado social da energia nuclear. Hecht ainda aponta que

[...] nuclearidade é um fenômeno tecnológico que emerge das configurações políticas e culturais das coisas técnicas e científicas, das relações sociais onde o conhecimento é produzido. A nuclearidade não é a mesma em todos os lugares: é diferente nos Estados Unidos e na França, na Namíbia e em Madagascar, na África do Sul e no Gabão. A nuclearidade não é igual para todos: tem significados diferentes para os geólogos e físicos, geneticistas e epidemiologistas, gerentes e trabalhadores, nigerianos e canadenses. A nuclearidade não é a mesma em todos os momentos: sua materialização e distribuição nas décadas de 1940 e 1990 diferiram acentuadamente. Para entender a nuclearidade, devemos explorar suas variações espaciais e temporais²⁶.

Sendo assim, a nuclearidade como parte de um discurso nacional e a nuclearidade como parte das diferentes experiências de classes sociais, raça e gênero serão os modos como pensarei a Guerra Fria na obra de Sylvia Plath. A nuclearidade está entrelaçada com o regime emocional norte-americano durante a Guerra Fria, pois a Era Nuclear implicou uma mudança na forma de viver nas nações em confronto. Em um âmbito social, houve uma nova rotina em torno do medo da radiação, levando a

a partir da tecnologia, a identificação das minas de urânio na África e a presença de trabalhadores na retirada do material insere o continente africano como pertencente a era nuclear do mesmo modo que se identifica aqueles que foram os desenvolvedores das bombas atômicas.

²⁵ Neste caso, pensando os efeitos da exposição ao Urânio, Hecht revela que tardiamente a população africana teve conhecimento sobre os efeitos devastadores da radioatividade, um dado importante para explicar as mortes precoces que aconteciam nas famílias dos trabalhadores das minas de Urânio.

²⁶ “Nuclearity is a technopolitical phenomenon that emerges from political and cultural configurations of technical and scientific things, from the social relations where knowledge is produced. Nuclearity is not the same everywhere: it is different in the US and France, in Namibia and Madagascar, in South Africa and Gabon. Nuclearity is not the same for everyone: it has different meanings for geologists and physicists, geneticists and epidemiologists, managers and workers, Nigeriens and Canadians. Nuclearity is not the same at all moments in time: its materialization and distribution in the 1940s and 1990s differed markedly” HECHT, 2014, p. 15.

construções de casas com abrigos nucleares e treinamentos de evacuação em escolas e outros estabelecimentos em casos de ataques nucleares.

No que se refere à obra de Sylvia Plath, a nuclearidade não aparece de forma intensa, mas está presente em alguns excertos de diários, cartas e contos e do romance *A Redoma de Vidro*. De acordo com as definições apresentadas, a nuclearidade em Sylvia Plath deve ser vista a partir dos diferentes discursos nacionais vividos por ela. Isso porque ela se deslocou de sua cidade natal, Boston, para se estabelecer profissional e academicamente na Inglaterra; ademais, o fato de ter sido uma mulher branca de classe média implica uma experiência distinta em torno da nuclearidade. No percurso da tese, essas especificidades serão identificadas.

Isso exposto, a produção artística de Sylvia Plath que compõe as fontes da pesquisa são: a) a colagem, uma técnica artística; b) os diários de Sylvia Plath; c) as cartas de Sylvia Plath; d) o romance *A Redoma de Vidro*; e) contos do livro *Johnny Panic e a bíblia dos sonhos*; f) revista *Cosmopolitan*, de 1961; e g) excertos do julgamento de Julius Rosenberg e Ethel Rosenberg.

A colagem produzida por Sylvia Plath em 1960 é uma entre as suas várias formas de comunicação artística. Como exposto anteriormente, essa imagem foi a fonte condutora para construção do objeto desta pesquisa, e o detalhamento das partes da colagem foi o que conduziu a escolha das demais fontes. Segundo Tracy Brain, essa imagem está em um livro de recortes de imagens não datados localizado no arquivo da *Lily Library*.²⁷ A data de produção dessa colagem foi postulada por Peel: ele localizou na revista *Time* de 30 de maio de 1960 a maior parte dos recortes contidos na colagem²⁸.

²⁷ BRAIN, Tracy. **The Other Sylvia Plath**. London: Routledge, 2001, p. 92.

²⁸ PEEL, 2006, p. 77.

Figura 2 Colagem Anti Militar de Sylvia Plath



Fonte: PEEL, Robin. Body, Word, and Photograph: Sylvia Plath's Cold War Collage and the Thalidomide scandal. *Journal Of American Studies*, v. 40, n. 1, p. 71-95, abr. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s0021875806000739> (Archive: Mortimer Rare Book Collection, Smith College, Northampton, Massachusetts)

Como pode ser visto na Figura 2, no centro da colagem temos o presidente dos Estados Unidos de 1953 a 1961, Dwight Eisenhower, sentado em frente a uma mesa com um baralho de cartas na mão acompanhado da frase “Mude seu pensamento”²⁹; no seu paletó, há um distintivo com a inscrição “Durma”³⁰; e sobre a mesa, está a frase “Admito que a *Consolidated Aluminium* tem um salário inicial atraente e bons benefícios adicionais, mas a *Allied Instruments* oferece tudo isso, além de aposentadoria antecipada opcional”³¹.

²⁹ “Change your thinking”.

³⁰ “Sleep”.

³¹ “I admit that Consolidated Aluminum has an attractive starting salary and good fringe benefits, but Allied Instruments offers all that, plus optional early retirement”.

Na parte central do lado direito, há um recorte do vice-presidente Richard Nixon; no canto superior direito, a frase “*Electric Scale- Model Racing*: o esporte que vem crescendo na América... *SCALEXTRIC* duplica em escala 1:30, controlado individualmente”³², acompanhada da imagem de dois homens brincando com o autorama *Scalextric*, cuja pista de corrida termina em um jato de guerra que está apontado para uma mulher que está do outro lado da imagem. O jato é um *B-58 Hustler*, desenvolvido pela empresa *Convair* em 1956, e carrega uma ogiva nuclear. A mulher-alvo está vestida com um traje de banho e se encontra num pedestal juntamente com uma lata de cerveja *Rheingold* e a frase “Todo homem quer sua mulher no pedestal”³³. No canto superior esquerdo, há a figura de uma mulher e um homem vestindo uma máscara de dormir e ao lado há duas frases: “O mais famoso pregador vivo da América, cujas campanhas de reavivamento religioso alcançaram dezenas de milhões de pessoas nos EUA e no exterior”³⁴ e “É a hora DELA e DELE em toda a América...”³⁵.

No canto inferior direito, há uma imagem de uma mulher aparentemente cansada, posicionada acima da frase “Fadiga aumenta... o crescente perigo para a saúde na América”³⁶. Por fim, sobre a mesa onde está o presidente Dwight Eisenhower, estão postos, de forma dispersa, a figura do antiácido *Tums*, uma bola de golfe com o satélite *Pioneer V* e as frases “O novo visual mundano do bico grampeado da águia”³⁷ e “*Luxury Lovers – Você pode economizar!*”³⁸.

Dessa forma, na colagem, além da presença da nuclearidade e das relações políticas simbolizadas pelas figuras masculinas ao fundo, a feminilidade parece ser um ponto central entre essas partes. A partir dessa conexão imagética entre as relações políticas da Guerra Fria, a nuclearidade e a feminilidade, busco responder à problemática da tese em torno da possibilidade de a arte de Sylvia Plath ser lida sob a luz da Guerra Fria e do conjunto de emoções que esse contexto evoca.

No livro *The Journals of Sylvia Plath*, constam 23 manuscritos editados dos diários da escritora, os quais podem ser encontrados na coleção de Sylvia Plath do

³² “Electric Scale-Model Racing America’s fastest growing sport... SCALEXTRIC duplicates to 1:30 scale, individually controlled”.

³³ “Every man wants his woman on a pedestal”.

³⁴ “America’s most famous living preacher whose religious revival campaigns have reached tens of millions of people both in the U.S and abroad” and”; It’s ‘HIS and HER Time’ all over America...”.

³⁵ It’s ‘HIS and HER Time’ all over America...”.

³⁶ “Fatigue Build- Up... America’s growing health hazard”

³⁷ “The worldly new look of the case of eagle’s bugged beak”

³⁸ “Luxury Lovers – You can economize!”

Smith College, na cidade de Northampton, Massachusetts, Estados Unidos. Nesta pesquisa, utilizarei as edições em língua inglesa e as traduções para o português. A edição em português, *Os Diários de Sylvia Plath*, foi publicada no Brasil em 2017 pela editora Biblioteca Azul³⁹ e corresponde à tradução da edição *The Journals of Sylvia Plath*, editada por Karen V. Kukil e publicada em 2000.⁴⁰ A união dessas duas edições permite um constante trabalho dialético de interpretações entre o inglês e a tradução para o português.

Os diários de Sylvia Plath foram bastante explorados pelos biógrafos, servindo como base para a construção da identidade da autora em relação à sua produção poética. Contudo, poucos são os trabalhos que se dedicaram a olhar os diários de Sylvia Plath para além do espectro dessa representação de identidade. Por essa razão, é válida a crítica sobre a falta de pesquisas que interpretem esses textos como um gênero textual que vá além do limite biográfico e esbarre no campo da historiografia crítica. Para a presente tese, os diários editados por Kukil⁴¹ foram a escolha de consulta devido aos pontos positivos que Anna Jackson⁴² apontou ao

³⁹ PLATH, Sylvia; KUKIL, Karen V. (org.) **Os diários de Sylvia Plath: 1950-1962**. Tradução: Celso Nogueira. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

⁴⁰ PLATH, Sylvia; KUKIL, Karen V. (org.). **The Journals of Sylvia Plath 1950-1962**. London: Faber & Faber, 2000.

⁴¹ PLATH; KUKIL, 2017.

⁴² Anna Jackson se dedica a quebrar a corrente biográfica de Sylvia Plath apresentando uma interpretação sobre como essa artista explora suas “vozes” em diferentes formas de diário. Jackson, antes de apresentar as variedades narrativas desses diários, explana a diferença entre os diários que estão disponibilizados no arquivo e as duas versões editadas, uma por Frances McCullough e Ted Hughes (que foi seu marido de Sylvia) e a outra, que usamos nesta pesquisa, por Karen Kukil. Além disso, a versão de Hughes, intitulada *The Journals of Sylvia Plath*, é caracterizada pela autora como uma tentativa de formulação da identidade artística de Sylvia Plath totalmente vinculada à sua produção poética do livro póstumo *Ariel*. Esse livro também foi editado por Hughes, mas edição foi bastante controversa na visão do público, já que foi revelado que ele havia modificado a ordem dos poemas, colocando-os em uma ordem diferente que Sylvia Plath havia organizado em vida quando deixou os manuscritos em cima de sua mesa de estudos. Nesse sentido, Anna Jackson aponta que partes omitidas na versão de Ted Hughes foram inseridas na edição de Karen Kukil. Logo, a versão de Kukil é um volume maior, pois contém transcrições de todo o material que está na coleção Sylvia Plath no *Smith College*, diferenciando-se da versão de Ted Hughes ao manter a integridade estrutural de cada volume dos diários. A edição de Kukil também inclui uma transcrição completa dos diários que foram escritos durante o casamento com Ted Hughes. Essa parte, inclusive, está disponível na coleção arquivo do *Smith College* sem o manuscrito original, apenas em transcrições editadas. Dessa forma, Jackson, ao acessar os arquivos e comparar essas versões, considera que a edição de Kukil está mais aproximada da forma como Sylvia Plath organizou seu material. É importante salientar que a edição de Ted Hughes tem um componente mercadológico em que ele modelou a identidade de Sylvia Plath como essencialmente “poeta”, ou seja, suprimindo as partes em que é possível ver suas facetas de romancista, contista e artista visual. Essa atitude de Ted Hughes foi criticada pelos acadêmicos sobre a manipulação extensa que ele aplicou em toda produção artística de Sylvia Plath, destruindo algumas obras, inclusive os últimos diários. Segundo ele, o intuito era resguardar os filhos de informações pessoais da mãe. Se na versão de Ted Hughes é possível observar a voz poética de Sylvia Plath, na de Kukil é revelado o empenho de Sylvia Plath em diversificar sua escrita para além da poesia,

comparar a coerência dessa edição com os diários originais presentes nos arquivos. Na edição de Kukil, é possível enxergar a potencialidade literária de Sylvia Plath sendo desenvolvida como exercício de outros tipos de narrativas literárias.

A outra fonte que utilizo nesta tese são as cartas do livro *The Letter of Sylvia Plath*, também editadas por Karen Kukil em companhia do arquivista Peter Steinberg. Esse livro se divide em dois volumes. O primeiro foi publicado em 2017 e corresponde ao período de 1940 a 1956, com 1.390 cartas enviadas para 140 pessoas.⁴³ No prefácio dessa edição, os editores apontam que, a partir do conteúdo das cartas, Sylvia Plath pode ser vista como “extremamente lida e curiosa sobre todos os aspectos da cultura em meados do século XX. Como resultado, os tópicos de suas cartas eram abrangentes, desde a bomba atômica até W.B Yeats”⁴⁴. É nessa edição que as cartas trocadas com a mãe, Aurelia, estão apresentadas em sua totalidade, algo que não ocorreu quando a própria Aurelia editou e publicou o livro *Letters home*⁴⁵, uma publicação que teve o objetivo de desmontar a perspectiva suicida promovida por Ted Hughes e a mídia. No prefácio dessa edição, Kukil e Steinberg comentam as omissões de Aurelia em *Letters Home* e afirmam que, na edição por eles proposta, mantêm-se uma fidelidade à forma de escrita de Sylvia Plath, mostrando ao leitor os momentos em que ela rasura algumas palavras. Os editores mantiveram também a pontuação original e os erros gramaticais.

revelando a poderosa romancista que poderia ter se tornado. Na edição de Kukil, existe uma organização dos diários com os seguintes subtítulos: Diários de julho de 1950 – julho de 1953; Diários de 22 de novembro de 1955 – 18 de abril de 1956; Diários de 15 de julho de 1956; Diários de 22 de julho de 1956 – 26 de agosto de 1956; Diários 28 agosto 1957 – 14 outubro 1958; Diários de 12 de dezembro 1958 – 15 de novembro de 1959. No apêndice, Kukil inseriu fragmentos dos diários, e segundo Jackson, essa decisão editorial de colocar alguns diários nos apêndices tem relação com a observação de Kukil sobre as diferenças entre os tipos de diários que Sylvia Plath escreveu. Os títulos das seções da edição de Kukil também são de sua escolha, pois os diários originais de Sylvia Plath são intitulados de acordo com o lugar onde ela estava, como o diário chamado “*Sketchbook* de um verão espanhol” ou “*Cambridge Diary*”. Desse modo, a ida ao arquivo possibilita ver esses diários com títulos diferentes das edições publicadas, em diferentes formas de escritas e cadernos. A multiplicidade de “vozes” que Sylvia Plath explorou em seus diários pode ser vista nas edições de Kukil, tornando as edições de Hughes obsoleta no que se refere à percepção de Sylvia Plath como artista, que era muito mais do que apenas uma poeta. A observação de Jackson quanto a isso é importante para pensar a visita ao arquivo, pois ela alerta que a edição de Hughes destruiu permanentemente os originais de Sylvia Plath. Sendo assim, a edição de Kukil foi uma tentativa de manter de forma coerente o que restou dos manuscritos recortados por Hughes, incluindo partes que ele decidiu excluir. JACKSON, Anna. **Diary poetics: Form and style in writers' diaries, 1915-1962**. New York: Routledge, 2020.

⁴³ PLATH, Sylvia; KUKIL, Karen V; STEINBERG, Peter. (ed.). **Letters of Sylvia Plath Volume I: 1940–1956**. New York: HarperCollins, 2017.

⁴⁴ “Sylvia Plath was extremely well read and curious about all aspects of culture in the mid-twentieth century. As a result, the topics of her letters were wide- ranging, from the atomic bomb to W. B. Yeats” PLATH; KUKIL; STEINBERG, 2017, p.19.

⁴⁵ PLATH, Sylvia; SCHOBBER, Aurelia. (ed.). **Letters Home**. London: Faber and Faber, 1975.

O mesmo cuidado foi mantido no segundo volume, publicado em 2018, que corresponde às cartas de 1956 a 1963.⁴⁶ Os editores reiteram que essas cartas foram transcritas por uma grande equipe acadêmica que, cuidadosamente, fez uma transcrição fiel ao original. Nesse volume, há 575 cartas endereçadas para 108 pessoas. Essas cartas começam no mês de outubro de 1956 e vão até 4 de fevereiro de 1963, uma semana antes do suicídio de Sylvia Plath. Além disso, há cartas que não conhecidas eram conhecidas até 2018, evidenciando elementos de sua vida artística e pessoal sobre as quais biógrafos e acadêmicos não tinham conhecimento. Uma questão importante de mencionar sobre essas cartas é que é possível acompanhar a degradação do estado de saúde de Sylvia Plath até a culminação do suicídio; além disso, são expostas violências físicas e emocionais que sofreu nos últimos dias de vida. Uma especial atenção deve ser dada às cartas trocadas com sua psicóloga, Ruth Beuscher: nelas, Sylvia Plath conta que no passado (1961) sofreu uma agressão física de Ted dois dias antes de sofrer um aborto espontâneo⁴⁷.

Exposta a descrição das cartas e dos diários, é necessário comentar como fiz a seleção do conteúdo desse material em relação aos elementos presentes na colagem. Ao final de todas as edições, tanto das cartas quanto dos diários, existem índices remissivos que indicam as palavras-chave em relação às páginas correspondentes àquele conteúdo. Então, procurei selecionar cartas e passagens dos diários em que Sylvia Plath comentava sobre “guerra”, “bomba atômica” e “política”; em alguns casos, também consultei momentos em que ela citou nomes como o presidente “Eisenhower”, o vice-presidente “Nixon” e o senador “Joseph McCarthy”. Em outros momentos, também verifiquei nomes importantes relacionados a momentos históricos da Guerra Fria, como “Ethel Rosenberg” e “Julius Rosenberg”, um casal que foi condenado à morte por eletrocutamento devido ao crime de espionagem, uma vez que foram considerados os responsáveis pelo compartilhamento do protótipo da bomba atômica americana com os soviéticos.

Além da presença do caso Rosenberg nas fontes supracitadas, no romance *A Redoma de Vidro*⁴⁸, a personagem principal, Esther Greenwood, remonta seu passado em Nova York a partir da condenação do casal à morte. Isso exposto e tendo em vista

⁴⁶ PLATH, Sylvia; STEINBERG, Peter; KUKIL, Karen. V. (ed.). **The Letters of Sylvia Plath. Volume II, 1956-1963**. New York: HarperCollins Publishers, 2018.

⁴⁷ PLATH; STEINBERG; KUKIL, 2018, p.830.

⁴⁸ PLATH, 2014.

a importância do caso Rosenberg no contexto da Guerra Fria devido sua relação com a energia nuclear (bomba atômica), fontes relacionadas a esse evento também são parte da tese. O material sobre a condenação do casal é composto por documentos oficiais do júri, do presidente Eisenhower e notícias de jornais sobre o caso. Os documentos da condenação estão disponíveis no site *The Dwight D. Eisenhower Presidential Library and Museum*⁴⁹ e *The National Archives and Records Administration*.⁵⁰ Nesses sites, é possível ter acesso à transcrição dos interrogatórios e das cartas confidenciais do presidente Eisenhower. Ademais, o repositório de jornais *Chronicling America*⁵¹ fornece acesso aos jornais da época, no qual é possível filtrar, na opção de busca, o período e o assunto a ser pesquisado nos jornais. A justificativa para esse material compor o *corpus* documental da tese se ampara na presença dessa condenação nos diários, nas cartas e no romance *A Redoma de Vidro*⁵² e sua relevância em torno do regime emocional da Guerra Fria.

A Redoma de Vidro também é uma das fontes que compõem essa tese. O livro narra a vida de Esther Greenwood, uma jovem que consegue um estágio em uma revista renomada em Nova York durante o verão de 1953. Ao longo da estadia em um hotel para mulheres, Esther gradualmente começa a perder o interesse por toda a experiência que a cidade e o trabalho proporcionavam. Esther mergulha em desespero e confusão mental em razão da sua inabilidade em lidar com as expectativas sociais impostas às mulheres na época: o casamento e a maternidade. *A Redoma de Vidro* se apresenta como uma metáfora ao crescente sentimento de aprisionamento e claustrofobia emocional experimentado por Esther. A depressão, a ansiedade e a falta de sentido em sua vida são as razões que motivam Esther à tentativa de suicídio. Em um momento crítico, ela decide tomar uma overdose de pílulas, porém sua tentativa não é bem-sucedida, e ela é encontrada a tempo de receber tratamento médico.⁵³

Esther é internada em uma instituição psiquiátrica, onde é submetida a terapias e tratamentos médicos para ajudá-la a lidar com sua condição mental. A internação

⁴⁹ EISENHOWER FOUNDATION. **Dwight D. Eisenhower**: Presidential Library, Museum & Bodyhood Home. Abilene, 2022. Disponível em: <https://www.eisenhowerlibrary.gov/>. Acesso em: 06 abril.2022.

⁵⁰ THE U.S. NATIONAL ARCHIVES AND RECORDS ADMINISTRATION. **National Archives**. 2022. Disponível em: <https://www.archives.gov/>;

⁵¹ LIBRARY OF CONGRESS. **Chronicling America**: Historic American Newspapers. 2022. Disponível em: <https://chroniclingamerica.loc.gov/>.

⁵² PLATH, 2014

⁵³ PLATH, 2014.

se torna um período de introspecção e reflexão para Esther, em que ela se confronta com suas emoções e pensamentos mais sombrios. Nesse momento, os problemas de relacionamento são gradualmente revelados, sendo postos os problemas com a mãe, caracterizada como rígida e castradora, e Buddy Willard, um jovem estudante de medicina que tem comportamentos questionáveis em relação aos valores de Esther e que a decepciona com seus posicionamentos contraditórios em relação à virgindade. Esse processo reflexivo acontece durante as terapias e Esther começa a abrir caminhos de reflexão sobre a sua vida.

Contudo, a internação toma um rumo diferente quando, durante a terapia com Dr. Gordon, ele decide submetê-la ao tratamento de eletrochoque. O evento se torna traumático devido à alta intensidade de dor que Esther sentiu. Com isso, ela solicita a mudança de terapeuta devido à experiência traumática do eletrochoque e à sensação de não ter recebido compreensão sobre suas emoções e experiências. Nesse momento, sob os cuidados da mãe e sua benfeitora, Philomena Guinea, ela é internada em uma clínica particular, na qual recebe o tratamento da médica Dra. Nolan. A confiança é retomada pela empatia da médica com o estado emocional de Esther, mas a aplicação do eletrochoque é novamente posta como forma de tratamento. Esther entra em relutância devido à lembrança traumática das dores. Dra. Nolan promete uma experiência indolor e apropriada. A “redoma” psicológica é gradualmente dissolvida com os tratamentos e, com o tempo, Esther se ajusta às normas sociais que antes recusava.

Como exposto na sinopse da história, *A Redoma de Vidro*⁵⁴ fala sobre a saúde mental no contexto da Guerra Fria, especificamente de um determinado grupo de mulheres simbolizadas na figura de Esther Greenwood. A questão da saúde mental também se manifesta em outras fontes da presente pesquisa. Uma delas é a revista *Cosmopolitan* do mês de junho de 1959.⁵⁵ Nos diários, Sylvia Plath fala sobre a leitura da revista, afirmando que os artigos a impulsionaram a produzir *A Redoma de Vidro*. Tive acesso à revista no site *Internet Archive*⁵⁶, um repositório que concentra materiais de diversas naturezas, como jornais, revistas, livros, músicas e entre outros. Nesse repositório, a revista estava disponível para consulta, mas foi retirada do ar pouco tempo depois que obtive o acesso. Devido esse contratempo, procurei a edição em

⁵⁴ PLATH, 2014

⁵⁵ Revista *Cosmopolitan*, June 1959.

⁵⁶ INTERNET ARCHIVE. **Internet Archive**. Disponível em: <https://archive.org/>.

sebos virtuais internacionais e adquirir a revista de forma física. A revista contém os artigos “Psiquiatria e beleza: relação da saúde mental com a aparência pessoal”⁵⁷ e “Eu estava com medo de ser mulher: como uma esposa salvou seu casamento”⁵⁸. O conteúdo desses artigos será discutido em conjunto com *A Redoma de Vidro*⁵⁹. Por fim, outra fonte incorporada na construção da pesquisa é o livro *Johnny Panic e a bíblia dos sonhos e outros textos em prosa* publicado pela editora Biblioteca azul em 2020⁶⁰.

Isto exposto, a tese foi desenvolvida em quatro capítulos, além da apresentação da pesquisa na introdução. O capítulo “O mito de Sylvia Plath: construção da pesquisa” apresenta quem é Sylvia Plath pela perspectiva do que foi construído sobre ela. O capítulo tem o objetivo de apresentar a complexa construção identitária de Sylvia Plath em torno do seu suicídio e as influências externas que buscaram fixar sua identidade de poeta suicida. Além disso, apresento uma revisão bibliográfica de artigos com um enfoque contextual similar ao que proponho na tese. Por fim, desenvolvo o aporte teórico de William Reddy, trabalhando os conceitos de “regime emocional” e “emotivos” de forma mais aprofundada para mostrar como eles serão aplicados a uma leitura da Guerra Fria na arte de Sylvia Plath. A partir disso, introduzo a colagem posta como tentativa de Sylvia Plath comunicar/traduzir o regime emocional norte-americano naquele contexto, sendo também a fonte condutora para os próximos capítulos da tese.

Tendo em vista que o objetivo da presente tese é mostrar de que forma a arte de Sylvia Plath pode ser lida numa perspectiva histórica da Guerra Fria pelo viés das emoções, o capítulo seguinte, intitulado “Não vejo como alguém pode acreditar que a bomba atômica nos curaria dos males: o medo da energia nuclear nas escrituras de Sylvia Plath”, apontarei trechos de diários e cartas que revelam aspectos históricos da situação política da Guerra Fria em torno da nuclearidade. O capítulo apresentará discussões em torno da nuclearidade e de políticas armamentistas americanas. A partir disso, compreenderei o contexto emocional a partir dos diários, das cartas e da colagem de Sylvia Plath. Sobre este último, apresentarei discussões em torno da

⁵⁷ “Psychiatry and Beauty: relation of mental health to personal appearance”.

⁵⁸ “I was afraid to be a Woman: how a wife saved her marriage”.

⁵⁹ PLATH, 2014.

⁶⁰ Os contos *Whishing Box* e *Docinho de coco e os homens calha* foram escolhidos como parte da pesquisa. PLATH, Sylvia. **Johnny Panic e a bíblia dos sonhos e outros textos em prosa** Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2020.

nuclearidade e das políticas americanas armamentistas vinculadas a um aspecto específico da colagem: a mulher no pedestal sob a mira do *B-58 hustler*. Esse aspecto conduzirá o desenvolvimento dos capítulos posteriores, nos quais serão discutidos os Regimes Emocionais americanos com base na dualidade apresentada na imagem: uma mulher em um pedestal sob o alvo do *B-58 Hustler*.

O capítulo “Percebo horrorizada que contemplo o sonho americano de casa e filhos: as emoções e os emotivos da mulher ideal norte-americana na Guerra Fria” desenvolverá o aspecto da mulher no pedestal. Dessa forma, o capítulo pretende explorar as normativas emocionais referentes às mulheres brancas e de classe média na sociedade norte-americana. O modelo de cozinha norte-americano e o ato de cozinhar como uma atividade esperada das mulheres serão discutidos nesse capítulo como parte de uma política emocional norte-americana. Sendo assim, a disputa política, econômica e ideológica entre Estados Unidos e União Soviética são o plano de fundo de um contexto em que foram construídas emoções de satisfação por meio do consumo. Sendo assim, esses elementos contextuais serão relacionados a trechos de diários e cartas referentes a momentos que Sylvia Plath performatizou as normativas emocionais socialmente esperadas. Nesse sentido, o capítulo discute o *american way of life* desejado por Sylvia Plath e uma contextualização desse desejo como parte de um regime emocional que estipulou o cuidado e o amor ao lar como responsabilidade das mulheres. Para além da cozinha, abordarei a questão da maternidade como parte constituinte do exposto anteriormente. Por fim, o capítulo findará com os contos “A Caixinha dos Desejos” e “Docinho de coco e os homens das calhas”, nos quais a comunicação artística de Sylvia Plath será articulada às contradições do regime emocional vigente.

Por fim, o capítulo “Era um verão estranho, sufocante, o verão que eletrocutaram os Rosenberg: a claustrofóbica experiência da mulher na política dos ‘homens de visual mundano’” terá enfoque no desenvolvimento do aspecto da mulher como alvo do *B-58 hustler*. Dessa forma, a partir da *A Redoma de vidro*, será abordado um acontecimento histórico marcante da Guerra Fria e que está na introdução da obra: a condenação de Julius Rosenberg e Ethel Rosenberg pelo crime de espionagem será discutida a fim de reforçar os aspectos políticos em torno da energia nuclear. Nesse ínterim, explorarei a condenação de Ethel Rosenberg como principal responsável pelo compartilhamento do segredo da bomba atômica aos soviéticos. Nessa direção, aspectos pessoais de Ethel Rosenberg condenáveis pelo governo norte-americano

serão comparados à personagem principal do romance, Esther Greenwood. O adoecimento mental de Esther Greenwood e o tratamento psiquiátrico por meio do eletrochoque serão discutidos pelo viés positivo e pelo propagandístico presente na revista *Cosmopolitan* de 1961 (leitura que inspirou Sylvia Plath na feitura do romance), e pelo viés o negativo (punitivo) que Sylvia Plath buscou evidenciar no romance. O capítulo tem o objetivo de entrelaçar Ethel Rosenberg e Esther Greenwood em suas semelhanças de destino: um desajuste que foi “resolvido” pela eletricidade. Uma vivendo o choque por uma condenação à morte (Ethel Rosenberg) e a outra vivendo o choque vendido como tratamento/cura (Esther Greenwood).

2 O MITO DE SYLVIA PLATH: CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Sylvia Plath nasceu nos Estados Unidos em 27 de outubro de 1932, filha de Otto Plath, professor universitário, e Aurelia Schober Plath, dona de casa. Aos 8 anos de idade, Sylvia publicou seu primeiro poema na seção infantil do jornal *Boston Herald*. Nesse mesmo período, sua infância e estrutura familiar mudaram quando Otto Plath faleceu em decorrência de um autodiagnóstico equivocado. Em 1950, aos 18 anos, Sylvia ingressou em uma faculdade privada para mulheres, chamada *Smith College*, em Massachusetts. Durante a faculdade, seu talento literário a colocou em destaque no mundo editorial, angariando algumas conquistas, como dois prêmios *Smith* de poesia e o concurso literário da revista *Mademoiselle*, o que lhe possibilitou trabalhar como editora convidada⁶¹.

Apesar dos sucessos acadêmicos, sua autocobrança resultou em sofrimentos psíquicos que afetaram sua rotina, culminando em uma primeira tentativa de suicídio. Após uma internação psiquiátrica e uma longa recuperação por meio de terapias, em 1955, ela se graduou em inglês e iniciou o mestrado na Universidade de Cambridge, no Reino Unido. Sua morada na Inglaterra trouxe uma fase criativa que fez surgir novos poemas, sendo alguns publicados em jornais estudantis da universidade. Em uma festa universitária, Sylvia conheceu o poeta Ted Hughes, cujo trabalho ela já admirava. Após a festa, começaram um relacionamento amoroso e se casaram depois de 1 ano de namoro. Entre 1957 e 1959, Ted e Sylvia foram morar nos Estados Unidos, onde ela lecionou no *Smith College*; no entanto, abandonou a vida de professora para focar na produção de sua literatura⁶².

Em 1960, de volta à Londres, Sylvia se tornou mãe de Frieda e publicou seu primeiro livro de poemas, *The Colossus*, cuja “recepção [...] logo após seu lançamento [...] foi bastante fria e não agradou muito os críticos na época”⁶³. Em 1962, novamente grávida, Sylvia teve um segundo filho, Nicholas. Contudo, o nascimento do filho veio acompanhado de um desgaste no casamento: Ted tinha um relacionamento

⁶¹ STEVENSON, Anne. **Amarga Fama: uma Biografia de Sylvia Plath**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

⁶² MILAN, Letícia Portella. Lembra que o diário era alimento cotidiano? Que importa a má fama depois que estamos mortos? Vida, morte, literatura e arquivos em Ana Cristina Cesar e Sylvia Plath. In: OLIVEIRA, Marcelo França de; CHICO, Márcia Tavares; OGAWA, Milena Rosa Araújo. (org.). **Imagens, trajetórias e poder: pesquisa, escrita e ensino de História**. 1ed. Porto Alegre: Editora Methodus, p. 607-619, 2021.

⁶³ MARKENDORF, Marcio. **A Invenção da Fama em Sylvia Plath**. 2019. 229 p. Tese (Doutorado em Literatura) – Pós-Graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009, p.16-17.

extraconjugal com Assia Wevill, uma amiga do casal ⁶⁴. Devastada com a traição e separação de Ted, Sylvia deu início a vários projetos literários, como a publicação do romance *A Redoma de Vidro* e a produção de poesias que ela acreditava serem as melhores que ela já tinha produzido em sua carreira.

Em janeiro de 1963, Sylvia comemorava o lançamento oficial do seu romance assinado sob o pseudônimo de Victoria Lucas. Apesar do árduo processo para conseguir uma editora para publicação, o livro recebeu boas resenhas e elogios da crítica britânica. Apesar da conquista da publicação e boa recepção, Sylvia não se sentiu satisfeita com o razoável sucesso do romance. O pessimismo com a publicação se agravou quando o romance foi recusado pelas editoras americanas, sendo negativamente criticado. Foi uma rejeição que relembrou sua experiência de recusa na admissão em um curso de redação no *Smith College*. Pouco tempo depois do ocorrido, ela reconheceu que seu estado mental estava em risco; então, buscou retomar a terapia com sua antiga psicóloga Ruth Beuscher, que havia acompanhado a severa depressão que tivera na juventude, época em que ela havia tentado suicídio.⁶⁵

O histórico e rigoroso inverno que atingiu a Inglaterra em 1963 afetou sua saúde e a de seus filhos; a sinusite e a gripe impossibilitavam que ela cuidasse de si e das crianças, sendo necessário contratar uma enfermeira para os cuidados em casa. Seu adoecimento psíquico piorava conforme a situação com Ted se tornava violenta e desrespeitosa, fazendo com que ela tomasse a decisão de procurar uma formalização do divórcio.

Porém, antes disso acontecer, no dia 11 de fevereiro, Sylvia preparou uma refeição com pão, manteiga e leite para seus filhos e levou até o quarto das crianças. No quarto, ela deixou as janelas abertas e lacrou cuidadosamente a porta. Na cozinha, Sylvia vedou a porta com toalhas e roupas, deitou seu corpo no fogão e acendeu o gás. Pela manhã, quando a enfermeira estava entrando na casa para mais uma jornada de trabalho, sentiu o cheiro de gás logo que abriu a porta da residência, encontrando Sylvia desacordada na cozinha. A ambulância foi chamada e, após

⁶⁴ ROLLYSON, Carl. **Ísis Americana**: a Vida e a Arte de Sylvia Plath. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

⁶⁵ CLARK, Heather. **Red Comet**: The Short life and blazing art of Sylvia Plath. New York: Knopf, 2020.

algumas tentativas de respiração artificial, ela foi declarada morta por inalação de gás⁶⁶.

A morte de Sylvia lhe conferiu um sucesso inestimável, algo que ela nunca pôde experimentar durante a vida. Esse sucesso se iniciou quando, no dia 17 de fevereiro, ou seja, 6 dias após sua morte, o poeta Al Alvarez publicou no *The Observer* um artigo intitulado “Um epitáfio de poeta”⁶⁷. Nesse artigo, ele anexou uma foto de Sylvia com Frieda, sua filha mais velha, e 4 poemas: *Edge*, *The Fearful*, *Kindness* e *Contusion*. Ao descrever Sylvia Plath como “genial”, determinou a identidade da autora para gerações futuras. A anúncio de Al Alvarez⁶⁸ sobre a morte de Sylvia Plath associada à última produção antes do suicídio, como se ela estivesse “possuída” durante a escrita desses poemas, serviu de material para que, logo depois, fossem construídas inúmeras especulações sobre sua vida artística e pessoal⁶⁹.

Após esse episódio, negociações editoriais com Ted foram feitas para novas tiragens de *A Redoma de Vidro*. Ainda em 1963, ele autorizou a retirada do pseudônimo Victoria Lucas para que o romance levasse o nome de Sylvia Plath como autora. À medida em que a fama póstuma de Sylvia se constituía, maiores interferências aconteciam no seu material pessoal e artístico. Ted tinha total liberdade jurídica sobre tudo o que ela havia deixado, já que, apesar de separados, o divórcio não havia sido oficializado.

Em razão disso, não apenas o material deixado por ela pertencia a Ted, como o lucro obtido nas vendas dos exemplares de *A Redoma de Vidro* e qualquer outra produção que também carregasse o nome dela. Talvez em razão da grande visibilidade que estava sendo construída em cima do suicídio, Ted aproveitou o momento para dar continuidade à construção do “mito” em torno de Sylvia Plath. Em 1965, anunciou a publicação póstuma de *Ariel*, uma sequência de poemas que ela

⁶⁶ Os detalhes dos últimos momentos de Sylvia Plath são minuciosamente detalhados na nova biografia produzida por Heather Clark. CLARK, 2020.

⁶⁷ ALVAREZ, Al. A Poet's Epitaph. **The Observer**, p. 23, 17 fev. 1963. Disponível em: <https://www.newspapers.com/article/the-observer-a-poets-epitaph-sylvia-pl/28202446>. Acesso em: 2 set.2022.

⁶⁸ A referida publicação é o primeiro momento em que é feita uma associação entre a arte de Plath e seu suicídio. Na dissertação de Janet Badia, é mencionado que a família não havia revelado a morte de Plath como um suicídio, mas como uma pneumonia viral. Para saber mais, ver página 79: BADIA, Janet L. **Private detail, public spectacle: Sylvia Plath's and Anne Sexton's confessional poetics and the politics of reception**. 2000. Dissertation (Doctor of Philosophy) – School of Ohio State University, Ohio, 2000. Disponível em: <https://www.proquest.com/dissertations-theses/private-detail-public-spectacle-sylvia-plaths/docview/304611421/se-2>. Acesso em: 10 out.2022.

⁶⁹ CLARK, 2020, p. 929.

havia concluído e dedicado aos seus filhos; esses poemas estavam na escrivaninha de Sylvia quando a encontraram falecida na cozinha. Ted também publicou, em 1971, dois volumes de poemas, intitulados *Winter trees*⁷⁰ e *Crossing Water*⁷¹, e, em 1977, *Johnny Panic and the Bible of Dreams*⁷², apresentando contos que foram publicados em revistas enquanto Sylvia era viva e alguns inéditos, até então não publicados. Em 1981, a publicação de *Collected Poems*⁷³ concedeu a Sylvia Plath o Prêmio Pulitzer, sendo a primeira poeta a receber o prêmio postumamente. Por fim, no ano seguinte, publicou o *The Journals of Sylvia Plath*⁷⁴ e anos depois dois livros infantis, *The Bed Book*⁷⁵ e *The it-doesn't-matter Suit*⁷⁶.

O livro *Ariel*, editado por Ted, foi completamente alterado em relação à sequência que Sylvia havia deixado: na edição dele, foram retirados os poemas *The Rabbit Catcher*, *Thalidomide*, *Barren Woman*, *A Secret*, *The Jailer*, *The Detective*, *Magi*, *Lesbos*, *The Other*, *Stopped Dead*, *Purdah* e *Amnesiac*⁷⁷. No lugar desses poemas, ele adicionou *Sheep in Fog*, *Ballons*, *Kindness*, *Words* e *Edge*. A sequência final dos poemas também foi modificada por Ted: no original, o livro terminaria com *The Arrival of the Bee Box*, *Stings*, *The Swarm* e *Wintering*; já a edição de Ted foi concluída com *Kindness*, *Contusion*, *Edge* e *Words*, poemas que simbolizam morte e depressão, revelando que a decisão editorial de Ted foi pensada como forma de sedimentar ainda mais a identidade suicida e depressiva de Sylvia Plath.

Contudo, as interferências de Ted não aconteceram apenas na publicação de *Ariel*: outros materiais de Sylvia Plath foram danificados por ele, como algumas obras (romances e poemas) e escritos de cunho pessoal. O primeiro caso que se tem conhecimento — e que é amplamente debatido no ambiente acadêmico — é a manipulação dos diários pessoais⁷⁸. Após Ted editar e publicar os diários correspondentes aos anos de 1950 a 1962, ele admitiu ter destruído os 2 últimos

⁷⁰ PLATH, Sylvia. **Winter Trees**. London: Faber & Faber, 1971.

⁷¹ PLATH, Sylvia. **Crossing the water**. New York: Haper & Row, 1971.

⁷² PLATH, Sylvia. **Johnny Panic and the Bible of Dreams and Other Prose Writings** London: Faber & Faber, 1977.

⁷³ PLATH, Sylvia. **Collected poems**. London: Faber & Faber, 1981.

⁷⁴ PLATH, Sylvia; HUGHES, Ted; MCCULLOUGH, Frances. (ed.). **The Journals of Sylvia Plath**. New York: Ballantine Books, 1982.

⁷⁵ PLATH, Sylvia. **The Bed Book**. London: Faber & Faber, 1976.

⁷⁶ PLATH, Sylvia. **The it-doesn't-matter Suit**. London: Faber & Faber, 1996.

⁷⁷ CLARK, 2020, p.932.

⁷⁸ BRAIN, Tracy. Unstable Manuscripts: The Indeterminacy of the Plath Canon. *In*: HELLE, Anita. (ed.). **The Unraveling Archive: Essays on Sylvia Plath**. Michigan: University of Michigan Press, p. 17-38, 2007.

cadernos correspondentes aos meses finais da vida dela⁷⁹. Também destruiu, em 1971, o terceiro livro de uma trilogia que funcionaria como sequência de *The Bell Jar*, chamado *Double Exposure*, um romance de 130 páginas. O segundo livro da trilogia, intitulado *Falcon Yard* não foi destruído por Ted, mas por Sylvia, logo após ela ter atendido um telefonema de Assia Wevill, ocasião em que ela tomou conhecimento do caso extraconjugal de Ted com Wevill⁸⁰.

Como já dito anteriormente, se a publicação de Alvarez deu início à fama de Sylvia como poeta suicida, a interferência de Ted contribuiu ainda mais para que o público e a mídia consumissem a poética profunda e conturbada que ela havia produzido nos seus últimos anos de vida. Na edição de *Ariel* de 1966, a introdução de Robert Lowell se referia à autora como uma “Medéia se arremessando em direção à sua própria destruição, jogando roleta russa com seis cartuchos no cilindro”⁸¹. Do mesmo modo, outros críticos, como M.L. Rosenthal e George Steiner, deram continuidade a esse tipo de leitura sobre as obras de Sylvia Plath. Em resumo, é possível perceber que a formação identitária de Sylvia Plath como “suicida” e “depressiva” foi uma construção iniciada por homens literatos, como Ted Hughes, Al Alvarez, Robert Lowell e George Steiner.

A validação midiática desses críticos impulsionou um maior interesse do público sobre a vida de Sylvia e, com isso, a possibilidade de Ted negociar a venda do material da falecida esposa para arquivos. A presença do material pessoal nos arquivos impulsionou produções biográficas que compõem narrativas sobre os documentos pessoais de Sylvia. Essas narrativas, de tonalidades diferentes, foram discutidas por Susan Van Dyne em um artigo sobre a problemática leitura biográfica de Sylvia Plath.⁸²

Em seu texto, Van Dyne aponta as seguintes obras: *Sylvia Plath: Method and Madness*, de Edward Butscher⁸³; *Sylvia Plath: A Biography*, de Linda Wagner-Martin⁸⁴; *Bitter Fame*, de Anne Stevenson⁸⁵; *The Haunting of Plath*, de Jacqueline Rose⁸⁶; *Rough*

⁷⁹ MCKEMMISH, Sue. Evidence of me. **The Australian Library Journal**, v. 45, n. 3, p. 174-187, jan. 1996. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00049670.1996.10755757>. Acesso em: 10 jul. 2020.

⁸⁰ CLARK, 2020.

⁸¹ “Medea hurtling toward her own destruction, playing Russian roulette with six cartridges in the cylinder” CLARK, 2020, p.933.

⁸² VAN DYNE, Susan. The Problem of Biography. In: GILL, Jo. (org.). **The Cambridge Companion to Sylvia Plath**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 16.

⁸³ BUTSCHER, Edward. **Sylvia Plath: Method and Madness**. New York: Seabury Press, 1976.

⁸⁴ WAGNER MARTIN, Linda. **Sylvia Plath: A biography**. New York: Simon & Schuster, 1987.

⁸⁵ STEVENSON, Anne. **Bitter Fame: A life of Sylvia Plath**. Boston: Houghton Mifflin, 1989.

⁸⁶ ROSE, Jacqueline. **The Haunting of Sylvia Plath**. London: Virago, 1991.

Magic: A Biography of Sylvia Plath, de Paul Alexander⁸⁷; *The Silent Woman*, de Janet Malcolm⁸⁸; e *Her Husband: Hughes and Sylvia Plath, a Marriage*, de Diane Middlebrook⁸⁹. Essas produções, de grande sucesso de vendas nos Estados Unidos, também ajudaram a sedimentar a construção identitária de Sylvia Plath como uma mulher “depressiva”.

Van Dyne teceu uma crítica a esse tipo de interpretação misógina às mulheres artistas. A crítica da autora foi pertinente para que alguns trabalhos acadêmicos pudessem superar a tendência de leituras psicologizantes de Sylvia Plath. Nas palavras de Van Dyne, a biografia não precisa ser completamente descartada como leitura, mas deve ser lida com a consciência de que o que se diz sobre Sylvia Plath diz mais sobre nós do que ela mesma:

Se esperamos reunir os fatos definitivos e documentados que fornecem o vínculo causal entre a experiência de Sylvia Plath e sua arte, estamos fadados a nos decepcionar. Precisamos reconhecer que a biografia produz e reproduz as histórias que circulam em nossa cultura, principalmente aquelas acostumadas a uma experiência feminina legível. A credibilidade da figura de Sylvia Plath como psicótica, ferida, desonesta, narcisista ou impulsionada pela morte não está na objetividade das testemunhas que o biógrafo utiliza, mas vem dos múltiplos locais da cultura que dão forma e significado à experiência das mulheres na história. Esses enredos explicativos suavizam as contradições, as dissonâncias e as motivações incognoscíveis da vida, a fim de narrar uma identidade coerente que se desenvolve no tempo, que nós, como leitores, reconhecemos como familiar e plausível.⁹⁰

Esse tema foi desenvolvido na tese de doutorado de Jennifer Lynn Douglas, sobre a perspectiva arquivística dos documentos de escritores. Na tese, a autora aborda o caso de Sylvia Plath, delineando a trajetória arquivística dos documentos a partir da edição documental que Ted, a irmã de Ted e Aurelia fizeram antes de vender

⁸⁷ ALEXANDER, Paul. **Rough Magic**: A biography of Sylvia Plath. New York: Viking, 1991.

⁸⁸ MALCOLM, Janet. **The Silent Woman**: Sylvia Plath and Ted Hughes. New York: Vintage, 1995.

⁸⁹ MIDDLEBROOK, Diane. **Her Husband**: Hughes and Sylvia Plath – A marriage. New York: Viking, 2003.

⁹⁰ “If we hope to piece together the definitive, documented facts that provide a causal link between Sylvia Plath 's experience and her art, we are bound to be disappointed. We need to recognize that biography produces and reproduces the stories circulating in our culture, particularly those that are used to make female experience legible. The credibility of the figure of Sylvia Plath as psychotic, wounded, devious, narcissistic or death-driven does not lie with the objectivity of the witnesses the biographer draws upon, but comes from the multiple sites within culture that give shape and meaning to women's experience as story. These explanatory plotlines smooth over the contradictions, dissonances and unknowable motivations of the life in order to narrate a coherent identity unfolding developmentally in time that we as readers recognize as familiar and plausible.” VAN DYNE, 2006, p. 16.

às instituições.⁹¹ Para além do que já foi mencionado sobre a interferência de Ted, Douglas comenta a edição que Aurelia fez das cartas trocadas com a filha.

A publicação de *Letters Home* foi uma tentativa de Aurelia se defender das acusações de ser culpada pelo adoecimento psíquico da filha⁹². Nessa edição, Aurelia apresenta compilados de cartas trocadas com Sylvia durante o tempo que ela residia na Inglaterra. Por meio dessa publicação, Aurelia pretendeu desconstruir a identidade depressiva de Sylvia para revelar uma faceta alegre da filha. A interferência de Aurelia nesse material está na omissão de algumas cartas, retirada de partes de outras e inserção de notas para instruir e orientar o leitor. Além disso, Aurelia constrói uma biografia de Sylvia a partir de suas memórias sobre a infância da filha e seu desenvolvimento artístico como escritora. Em outras palavras, se Ted Hughes se beneficia e alimenta uma identidade de poeta suicida, Aurelia responde a outras demandas (como dito, acusatórias) para tentar construir uma imagem mais amigável de Sylvia. De qualquer maneira, mais uma vez, temos uma identidade construída e manipulada com fins específicos — seja com Ted, seja com Aurelia.

Apesar da tese de Douglas ser bastante focada na leitura do processo arquivístico e documental, seus apontamentos sobre as interferências da família coadunam com as considerações de Van Dyne quando a autora traz reflexões sobre o “eu” do escritor. A contribuição de Douglas está na ideia de que, além da edição da família, o arquivista também insere novos filtros no material: quando recebe o material, a ordenação e a organização recebidas não são mantidas, já que ele é realojado em pastas e caixas de acordo com as decisões de organização do arquivista. Desse modo, o pesquisador, quando entra em contato com esse material, está tendo acesso a muitos filtros sobre a identidade de Sylvia Plath.⁹³ A partir disso a autora afirma que

[...] qualquer pesquisador que trabalhe com o material de Sylvia Plath achará impossível evitar ser influenciado pelas vozes da mãe, do

⁹¹ DOUGLAS, Jennifer Lynn. Archiving authors: rethinking the analysis and representation of personal archives. 2013. 304 p. Thesis (Doctor of Philosophy) – Faculty of Information, University of Toronto, Toronto, 2013. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=bf8ad76ada0f26eca06c63dcbe49ec3fd02c231d>. Acesso em: 20 set.2022.

⁹² PLATH; SCHOBBER, 1975.

⁹³ “Although the archivist is able to view records in their ‘original’ state – that is, in the state in which they arrive at a repository before they are refoldered, reboxed and described using archival concepts and language (e.g., fonds, series, sub-series, etc.) – the researcher who later uses these records does not have this privilege and is therefore always viewing the archive through the archival filter.140 This filter adds one more barrier between the researcher and the “real’ or historical ‘I,” to whom the researcher may be hoping – or expecting – to be granted access” DOUGLAS, 2013, p. 112- 113.

marido e da cunhada de Sylvia Plath. Mesmo aqueles pesquisadores que evitam as seções do arquivo em que essas vozes são mais proeminentes não serão capazes de escapar, pois já se infiltraram tão profundamente na crítica de Sylvia Plath; o arquivo de Sylvia Plath não pode mais — e talvez nunca tenha sido possível — ser lido apenas em seus próprios termos.⁹⁴

Nesse sentido, tendo em vista a forma como Sylvia Plath foi retratada na mídia após sua morte, o panorama apresentado desvela a complexa forma como sua obra e vida foram interpretadas pelos críticos literários até o processo de venda, coleta e interpretação do seu material naquele momento.

Em razão disso, o pesquisador que decide estudá-la precisa encarar um profundo processo investigativo, um caminho no qual se encara não apenas uma extensa bagagem acadêmica sobre a autora, mas também uma cultura *pop* em torno da poeta. Essa cultura *pop* se desenrola, por exemplo, em filmes hollywoodianos em que personagens pejorativamente “problemáticas” aparecem lendo *A Redoma de Vidro*, ou em álbuns musicais melancólicos em que “Sylvia Plath” vira nome de uma música e está no pano de fundo dos álbuns lançados por Lana Del Rey, reconhecida pela mídia como a “musa triste”.⁹⁵

Nessa direção, Marcio Markendorf traz uma interessante reflexão sobre a transformação da arte de Sylvia Plath em uma espécie de consumo da morte. Ao mencionar a interferência de Ted no material de Sylvia Plath, o autor afirma que é preciso ter cautela em pensar a arte como um “simulacro perfeito da realidade”:

Mesmo que sejam parte de experiências pessoais, as dores literárias precisam ser avaliadas com a refração que lhes cabe no campo literário. Procede-se um efeito devastador na literatura quando o poético acaba sendo tomado como uma profecia: Sylvia, transformada em signo, não é consumida em sua materialidade literária, mas na relação trágica que as páginas deixam entrever. O público consome a

⁹⁴ “Any researcher working with the Sylvia Plath material will find it impossible, I should think, to avoid being influenced by the voices of Sylvia Plath’s mother, husband and sister-in-law. Even those researchers who avoid the sections of the archive in which these voices are most prominent will not be able to escape them as they have already so deeply infiltrated Sylvia Plath criticism; the archive of Sylvia Plath can no longer – and perhaps has never been able to – be read solely on its own terms” DOUGLAS, 2013, p.114-115.

⁹⁵ Em uma revista britânica popular sobre música, o anúncio do novo álbum de Lana Del Rey teve como comparação a similaridade entre Sylvia Plath e Lana Del Rey: “The personal depictions that both Del Rey and Sylvia Plath implement into their work contain similar tropes — especially the shared common theme of mortality. Both writers delve into the darker alleys that life bestows upon us, areas where most people would avoid, but like a magnet, they’re innately drawn to them, hence why Sylvia Plath’s work resonates on such a holy level with Del Rey.” TAYSOM, Joe. **The Lana Del Rey song inspired by Sylvia Plath**. Disponível em: <https://faroutmagazine.co.uk/the-lana-del-rey-song-inspired-by-sylvia-plath/>. Acesso em: 02 abril.2022.

idéia [*sic*] de um pacto fáustico de fama, sublime e sublimador, nascido dessa nociva arqueologia do acontecimento suicida. E como o senso comum equaciona estados de ânimo = arte = sinceridade, o mercado se aproveita do interesse biográfico-bisbilhoteiro, codificando e cifrando uma subjetividade trágica no circuito das trocas. Tal relação de consumo, ilimitada assim como todas as outras, explica como Sylvia Plath converteu-se em ícone cult do feminismo, figura por excelência da mulher vitimizada.⁹⁶

Nesse sentido, a presente tese não pretende dar continuidade à identidade mórbida, depressiva e autodestrutiva construída por autoridades literárias masculinas como Ted Hughes, Al Alvarez, Robert Lowell e George Steiner. No desenvolvimento da tese, amparo-me nas críticas de Jennifer Lynn Douglas⁹⁷ e Susan Van Dyne⁹⁸, em que o material de Sylvia Plath não é uma representação de quem ela era como pessoa. Fazer isso é reduzir sua arte a uma atitude narcisista, algo que ela buscou evitar. Isso pode ser verificado em uma entrevista feita por Peter Orr em um programa de rádio da BBC:

ORR: Seus poemas tendem agora a sair de livros e não de sua própria vida?

SYLVIA PLATH: Eu penso que os meus poemas saem imediatamente das experiências sensuais e emocionais que tenho, mas devo dizer que não posso simpatizar com esses gritos do coração que são informados por nada, exceto uma agulha ou uma faca ou o que quer que seja. Acredito que a pessoa deve ser capaz de controlar e manipular as experiências, mesmo as mais aterrorizantes, como a loucura, ou o ato de ser torturado, esse tipo de experiência, e deve ser capaz de manipulá-las com uma mente informada e inteligente. Acho que a experiência pessoal é muito importante, mas certamente não deveria ser uma espécie de experiência narcisista, fechada e espelhada. Acredito que deveria ser relevante, e relevante para as coisas maiores, as coisas maiores, como Hiroshima e Dachau e assim por diante⁹⁹.

⁹⁶ MARKENDORF, 2009, p.163.

⁹⁷ DOUGLAS, 2013.

⁹⁸ VAN DYNE, 2006.

⁹⁹ ORR: "Do your poems tend now to come out of books rather than out of your own life? PLATH: No, no: I would not say that at all. I think my poems immediately come out of the sensuous and emotional experiences I have, but I must say I cannot sympathise with these cries from the heart that are informed by nothing except a needle or a knife, or whatever it is. I believe that one should be able to control and manipulate experiences, even the most terrific, like madness, being tortured, this sort of experience, and one should be able to manipulate these experiences with an informed and an intelligent mind. I think that personal experience is very important, but certainly it shouldn't be a kind of shut-box and mirror looking, narcissistic experience. I believe it should be *relevant*, and relevant to the larger things, the bigger things such as Hiroshima and Dachau and so on." ORR, Peter. (ed.). **The Poet Speaks: Interviews with Contemporary Poets Conducted by Hilary Morrish, Peter Orr, John Press, and Ian Scott-Kilvery.** London: Routledge and Kegan Paul, 1966, p. 169-170.

“Hiroshima e Dachau e assim por diante” são elementos que compõem sua poética. Sylvia Plath, muitas vezes, foi criticada pela fusão de aspectos autobiográficos e eventos históricos traumáticos. Os poemas *Daddy* e *Lady Lazarus*¹⁰⁰ são exemplos de poemas que foram identificadas como uma confissão de Sylvia Plath sobre sua relação com figuras masculinas. A violência dessa relação é comparada a violências de coletividades. No Quadro 1, apresento excertos que exemplificam o exposto:

Quadro 1 Excertos dos poemas *Daddy* e *Lady Lazarus*

Papai	Lady Lazarus
Arapuca de arame farpado. Ich, ich, ich, ich, Mal conseguia dizer. Em todo alemão vi você. E a linguagem obscena Uma locomotiva, uma locomotiva Em vapores me leva como Judia. Uma Judia para Dachau, Auschwitz, Belsen. Passei a falar como uma Judia. Acho que bem posso ser judia.	Que milhão de filamentos. A multidão mascando amendoim Se junta pra assistir Desembrulham minhas mãos, pés – O grande strip tease.
A neve do Tirol, a cerveja clara de Viena Não são lá muito puras ou genuínas Com minha ancestral cigana, minha estranha sina E meu baralho de tarô, meu baralho de tarô Eu devo ser um pouco Judia.	Cavalheiros, damas Eis minhas mãos Meus joelhos. Posso ser pele e osso, (talvez eu seja japonesa) ¹⁰¹
Você sempre me meteu medo, Com sua Luftwaffe, seu papo furado.	Ainda assim sou a mesma mulher, idêntica. Na primeira vez eu tinha dez anos. Foi um acidente. Na segunda vez eu quis Acabar com tudo e nunca mais voltar. Rolei fechada Como concha do mar.

¹⁰⁰ PLATH, Sylvia. **Ariel**: Edição restaurada e bilíngue, com os manuscritos originais. Tradução: Rodrigo Garcia Lopes e Maria Cristina Lenz de Macedo. 4.ed. Campinas: Verus Editora, 2018.

¹⁰¹ Acrescentei uma frase que foi rasurada por Sylvia Plath.

<p>E o seu bigode asseado O olho ariano, bem azulado. Homem-panzer, homem-panzer, oh Você – Não Deus, mas uma suástica. Tão negra que nem céu vara. Toda mulher adora um Fascista, A bota na cara, o bruto Coração de um bruto da sua laia.</p>	<p>Tiveram de chamar e chamar. E tirar os vermes de mim como pérolas pegajosas. Morrer É uma arte, como tudo mais. Nisso sou excepcional. Faço parecer infernal. Faço parecer real. Eu Acho que pra mim é natural.</p>
---	--

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A linguagem em primeira pessoa articulada a identificações como ser “japonesa”¹⁰² ou “judia” foi algo fortemente criticado no trabalho de Sylvia Plath. Apesar da crítica a comparações de sofrimentos pessoais com traumas como o Holocausto, não acredito que Sylvia Plath tenha utilizado a poesia para falar de si mesma. Concordo em partes com Megan Cattel na proposição de que Sylvia Plath “olha para a situação em que está envolvida através de lentes históricas para tornar a sua dor mais tangível para os outros, o que poderia ser interpretado como uma

¹⁰² William Wotten relata que, quando Sylvia Plath foi apresentar para Al Alvarez os poemas *Daddy* e *Lady Lazarus*, recebeu críticas sobre a presença da frase “I May be japanese”. porque ele acreditava que ela estava apenas tentando rimar as vítimas da bomba atômica com a palavra “knees” que, traduzindo para o português, significa “joelhos”. Em razão dessa crítica de Al Alvarez, Sylvia Plath retirou a frase. Concordo com Wotten quando ele afirma que a retirada desse elemento modificou a proposta do poema: “Isso mudou o peso do poema, que agora é lido como uma comparação mais restrita entre o narrador e uma vítima do Holocausto, em oposição a uma personificação ainda mais presunçosa, embora menos especificamente apropriativa, do espírito da fênix, do espírito libertário e da mulher engenhosa perante os terrores do mundo moderno”.

Nas palavras do autor: “Calling for a type of poetry is one thing, actually writing and reading it is another. On first encountering ‘Daddy’ and ‘Lady Lazarus’, Alvarez was ‘appalled’ at how these seemed to be less poetry than ‘assault and battery’. Aware of their merits, he quibbled at details. It was not the Holocaust material he singled out, but the moment where Lady Lazarus declares that she may be Japanese, Alvarez objecting to what he perceived as pulling in the atomic victims merely in order to get a rhyme with ‘knees’. Though he came to regret the criticism, Plath saw enough force in his objection to remove the lines. This shifted the weight of the poem, which now reads as a narrower comparison between the narrator and a victim of the Holocaust, as opposed to an even more presumptive, yet less specifically appropriative, embodiment of the spirit of phoenix, libertarian spirit and resourceful woman in the face of the terrors of the modern world”. WOOTTEN, William. “That Alchemical Power”: The Literary Relationship of A. Alvarez and Sylvia Plath. *The Cambridge Quarterly*, v. 39, n. 3, 1 set. 2010, p.227.

reivindicação audaciosa de igualar o seu sofrimento ao daqueles seis milhões de mortos”¹⁰³.

Discordo que o objetivo de Plath tenha sido tornar sua dor tangível aos outros. Afirmar isso é ver seu trabalho como puro confessionalismo, como se ela estivesse usando da poesia para falar de si para um público. No entanto, concordo que ela se utilizou de lentes históricas para aproximar o leitor de questões sensíveis a níveis globais. Dessa forma, concordo com Tracy Brain quando ela afirma que

[...] a escrita de Plath é muito mais do que pessoal. Ela usa seus poemas e ficção para olhar para um mundo que vai muito além de sua própria pele e nos convida a olhar com ela. Este é o caso de sua resposta sustentada às questões ambientais. Ela está preocupada com as instabilidades linguísticas e de identidade nacional que resultam da vida em dois países diferentes. A sua avaliação da política sexual da maternidade e dos corpos reprodutivos das mulheres é sustentada; assim como seu interesse pelo trabalho de outros escritores e a presença de textos de outros escritores dentro de seus próprios textos.¹⁰⁴

A comunicação guiada por um contexto histórico é algo que perpassa a poética de Sylvia Plath. Na supracitada entrevista de Peter Orr, por exemplo, ela é questionada se tem um aguçado senso histórico e responde o seguinte:

Não sou historiadora, mas sinto-me cada vez mais fascinada pela história e agora leio cada vez mais sobre história. Estou muito interessada em Napoleão, neste momento: estou muito interessada nas batalhas, nas guerras, em Gallipoli, na Primeira Guerra Mundial e assim por diante, e penso que, à medida que envelheço, estou a tornar-me cada vez mais histórica. Eu certamente não tinha vinte e poucos anos.¹⁰⁵

¹⁰³ “She looks at the situation she is embroiled in through a historical lens to make her pain more tangible to others, which could be taken as an audacious claim of equalizing her suffering to the likes of those six million dead.” CATTEL, Megan. How does the use of the Holocaust as a metaphor in “Daddy” and “Lady Lazarus” by Sylvia Plath compare in her development of the definition of self-identity? **Plath Profiles: An Interdisciplinary Journal for Sylvia Plath Studies**, v. 5, n. 5, 21 jun. 2012, p.408-409.

¹⁰⁴ “Yet Plath’s writing is much more than personal. She uses her poems and fiction to look at a world that extends far beyond her own skin, and invites us to look with her. This is the case with her sustained response to environmental issues. She is preoccupied with the instabilities of language and national identity that result from living in two different countries. Her evaluation of the sexual politics of motherhood and women’s reproductive bodies is sustained; as is her interest in the work of other writers, and the presence of other writers’ texts within her own” BRAIN, Tracy. *Dangerous Confessions: The Problem of Reading Sylvia Plath biographically*. In: GILL, Jo. (ed.). **Modern Confessional Writing: New Critical Essays**. New York: Routledge, 2009, p.28.

¹⁰⁵ “ORR: And as a poet, do you have a great and keen sense of the historic? PLATH: I am not a historian, but I find myself being more and more fascinated by history and now I find myself reading more and more about history. I am very interested in Napoleon, at the present: I’m very interested in battles, in wars, in Gallipoli, the First World War and so on, and I think that as I age I am becoming more and more historical. I certainly wasn’t at all in my early twenties.” ORR, 1966, p.169.

Ao contrário de Sylvia Plath, sou historiadora e é a esse aspecto histórico presente em sua arte que busco me atentar na presente tese. Sendo historiadora, meu objetivo não está em desvelar a identidade de Sylvia Plath como um espelho de sua arte, muito menos categorizá-la dentro de algum tipo de diagnóstico psiquiátrico que utiliza seu nome para nomear uma “síndrome” (*Sylvia Plath effect*) que correlaciona criatividade de mulheres artistas com atos destrutivos/suicidas¹⁰⁶.

Sendo historiadora, busco ver o conjunto artístico de Sylvia Plath pela lente das emoções na Guerra Fria, um contexto em que, na disputa entre a ideologia americana *versus* a soviética, cada lado se utilizou de vários artifícios emocionais para defender seus interesses e propor novos estilos de vida. Acredito que o efeito dessa disputa também pode ser visto na arte de Plath e, ao fazer essa leitura, creio que contribuo para a quebra de um vício acadêmico que tende a enxergar somente o confessional/biográfico em tudo que Sylvia Plath produziu.

Isto exposto, a próxima seção se propõe a discutir de que forma uma pequena parcela da historiografia tratou a relação de Sylvia Plath com seu contexto histórico mais amplo, especificamente o período de Guerra Fria e suas implicações emocionais. Isso será feito partindo da obra já citada de Robin Peel.

2.1 SYLVIA PLATH NA HISTORIOGRAFIA DA GUERRA FRIA

O livro *Writing Back: Sylvia Plath and Cold War Politics*, publicado em 2002 por Robin Peel¹⁰⁷, é uma das principais referências para a construção de uma nova interpretação sobre a conexão da produção de Sylvia Plath com a política global durante a Guerra Fria. Peel desenvolve uma linha investigativa por meio de uma revisão bibliográfica que aponta como os trabalhos em torno de Plath a situam no contexto histórico das décadas de 1950 e 1960.

¹⁰⁶ KAUFMAN, James. C. The Sylvia Plath Effect: Mental Illness in Eminent Creative Writers. **The Journal of Creative Behavior**, v. 35, n. 1, p. 37–50, mar. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/j.2162-6057.2001.tb01220.x>. Acesso em: 14 abril.2023.

¹⁰⁷ PEEL, Robin. **Writing Back: Sylvia Plath and Cold War Politics**. Fairleigh Dickinson Univ Press, 2002. Além do referido livro Peel publicou dois artigos: PEEL, Robin. Body, Word, and Photograph: Sylvia Plath's Cold War Collage and the Thalidomide scandal. **Journal Of American Studies**, v. 40, n. 1, p. 71-95, abr. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s0021875806000739>. Acesso em: 5 ago.2020.; PEEL, Robin. The Ideological Apprenticeship of Sylvia Plath. **Journal Of Modern Literature**, v. 27, n. 4, p. 59-72, jun. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2979/jml.2004.27.4.59>. Acesso em: 5 ago.2020. Ambos os artigos são resultado de uma discussão já existente no livro *Writing Back*.

Ao enunciar esses trabalhos, Peel tece críticas, afirmando que a tendência dos pesquisadores é limitar a escrita de Plath às contextualizações das relações de gênero, sem considerar que, em grande medida, sua escrita é tomada por questões políticas que estavam sendo desenvolvidas desde sua infância, a exemplo das bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki. Outro fator limitante dessas pesquisas é contextualizar a escrita de Plath à vivência pessoal. A isso, Peel atribui responsabilidade às produções biográficas e aos documentários que distorceram a escrita de Plath: “a discussão interminável de seus relacionamentos torna difícil localizar o trabalho publicado em outros quadros, em outros contextos”¹⁰⁸.

A crítica às contextualizações distorcidas ou limitadas das obras de Plath é o ponto mais importante no trabalho de Peel, e isso se deve especificamente ao posicionamento do autor em lembrar que a Guerra Fria foi um contexto de ansiedade, um “eminente apocalipse”. Dessa forma, Peel lê a escrita de Plath de forma mais ampla, extrapolando a tendência de interpretá-la restritamente segundo o conteúdo ou a forma das literaturas que ela lia e tinha como referência para sua inspiração artística. Ele mostra que Plath também estava em contato com revistas, jornais, filmes e várias produções do mundo pós-guerra e da Guerra Fria.

O livro de Peel é uma das poucas pesquisas de fôlego que dialoga com a temática que busco desenvolver nesta tese. Em razão disso, o diálogo com Peel se estabelece a partir do meu objetivo de avançar sobre as emoções da Guerra Fria emuladas pela arte de Sylvia Plath. Sendo assim, pensando nos momentos em que o autor contextualiza a Guerra Fria como um período de ansiedade e medo em razão da tensão política, que anunciava uma possível guerra nuclear, meu objetivo é prosseguir esse debate mostrando que as emoções não são totalmente naturais nem totalmente construídas: elas estão nesse meio termo e são exercitadas por sistemas políticos que Plath, conscientemente, criticava.

Desse modo, por meio dos diários, das cartas e da arte visual de Plath, das revistas, dos jornais e dos discursos políticos do contexto, procuro interpretar que Plath, na sua expressão artística, trazia à tona emoções que devem ser historicizadas. Isso quer dizer que minha pesquisa vai ao encontro das afirmações de Peel sobre o clima emocional ansioso e apocalíptico das décadas de 1950 e 1960; contudo, avança ao propor uma historicização das emoções. Ou seja, investiga minuciosamente a

¹⁰⁸ PEEL, 2002, p.18.

afirmação genérica da “ansiedade” e do “medo” na Guerra Fria por meio da teoria dos emotivos e dos regimes emocionais construída pelo historiador William Reddy. Dito isso, a pesquisa de Peel é uma referência importante para a feitura desta tese, pois o autor é um dos primeiros pesquisadores a lançar uma leitura contextual mais complexa em torno de Plath, influenciando o surgimento de outras pesquisas que seguiram o mesmo caminho. Passemos, então, à análise da referida historiografia.

O primeiro artigo encontrado foi “*I have your head on my wall: Sylvia Plath and the Rhetoric of Cold War America*, de Sally Bayley”¹⁰⁹. Esse texto pontua o reconhecimento de Peel como basilar para a escrita do referido artigo. O objetivo de Bayley é interpretar a primeira pessoa (Eu) da poesia de Sylvia Plath não como pessoal, como foi costumeiramente interpretado em pesquisas acadêmicas e biografias, mas como pertencente a uma expressão artística do contexto histórico, nomeado pela autora como “aterrorizante” e “louco”; isto é, como parte de um fenômeno cultural da política americana da Guerra Fria.

Sobre o adjetivo “louco”, a autora cita o historiador Hofstadter que, em 1964, havia definido essa dinâmica cultural e política como um “estilo paranoico americano”¹¹⁰. Dessa forma, Bayley elenca vários acontecimentos históricos da Guerra Fria atrelando-os à produção de Plath, apresentando a “retórica dos últimos poemas e prosa de Plath como exemplos de uma forma de mimese cultural invertida, preenchendo a lacuna entre a poética e o contexto cultural”¹¹¹. Novamente, a referência generalista ao clima emocional da Guerra Fria se repete, mas sem uma reflexão maior sobre a formação das emoções desse contexto.

Anos depois, de forma semelhante, Bayley publicou o artigo “*Is it for this you widen your eye rings? Looking, Overlooking and Cold War Paranoia: The Art of the Voyeur in the Poetry of Sylvia Plath and the Films of Alfred Hitchcock*”, em que ela repete as referências do artigo anterior, mas se propõe a relacionar questões da Guerra Fria presentes nos filmes de Alfred Hitchcock com poesias de Plath¹¹². Desse modo, os

¹⁰⁹ BAYLEY, Sally. *I have your head on my wall: Sylvia Plath and The Rhetoric of Cold War America*. **European Journal Of American Culture**, v. 25, n. 3, p. 155-171, 8 fev. 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1386/ejac.25.3.155_1. Acesso em: 10 set.2020

¹¹⁰ HOFSTADTER, Richard, **The Paranoid Style in American Politics, and Other Essays**. New York: Knopf, 1964.

¹¹¹ “[...] the rhetoric of Plath’s late poems and prose as examples of a form of inverted cultural mimesis, bridging the gap between poetics and cultural context” BAYLEY, 2007, p. 158.

¹¹² BAYLEY, Sally. ‘Is it for this you widen your eye rings?’ *Looking, Overlooking and Cold War Paranoia: the art of the voyeur in the poetry of Sylvia Plath and the films of Alfred Hitchcock*. **Women’s History Review**, v. 18, n. 4, p. 547-558, set. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09612020903112182> Acesso em: 10 set.2020

filmes *Janela indiscreta*, *Suspeita* e *Marnie* são analisados na perspectiva da relação entre a esfera pública, a esfera privada e vigilância doméstica. Todos esses elementos são discutidos por Bayley como parte da cultura da Guerra Fria presente nas tramas de Hitchcock, com suas técnicas de jogos de câmera, e na poesia de Plath, por meio da primeira pessoa do singular “Eu”.

Já no artigo “*The Problem Sylvia Plath Has Left Unnamed: Understanding the Complexity of Female Disenchantment in the Cold War Era*”, Caroline Pinke busca contextualizar a Guerra Fria por meio da publicação de *A Redoma de Vidro* e *A Mística Feminina*, de Betty Friedan¹¹³, ambas obras publicadas em 1963. Dessa forma, reconhecendo que a Guerra Fria foi um momento em que o anticomunismo influenciou a forma como os americanos passaram a enxergar o papel da mulher na luta política contra o “inimigo”, Pinke identifica nas produções de Friedan e Plath “um problema com nome” e “um problema sem nome”, isto é: o desconforto que muitas mulheres norte-americanas sentiam em relação ao que socialmente era esperado delas.

Desse modo, Pinke identifica que o problema sem nome de Friedan é nomeado quando a autora aponta o real problema feminino no contexto político, enquanto Plath, em sua ficção, apresenta um problema impossível de nomear, isto porque “é catalisado não apenas por pressões sociais semelhantes, mas também por um paradoxo multifacetado, profundamente enraizado em sua sociedade e em sua mente, embora subconsciente”¹¹⁴.

De modo semelhante a Pinke, no artigo “*Seeing Through the Bell Jar: Distorted Female Identity in Cold War America*”, Rosi Smith¹¹⁵ busca investigar o problema da mulher de classe média americana por meio da personagem principal de *A Redoma de Vidro*, Esther Greenwood. Sendo assim, identificando a Guerra Fria como uma ideologia de contenção, a autora discute a busca de Esther pela identidade feminina americana da Guerra Fria. Para isso, Smith recorre, assim como Pinke, à obra *Mística Feminina* para falar sobre a condição da mulher americana no trabalho. Ela explora momentos em que Esther tem um colapso da própria identidade por não conseguir lidar com o que era socialmente aceito e o que ela almejava profissionalmente. A própria imagem distorcida e a depressão de Esther são interpretadas como a tentativa

¹¹³ FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

¹¹⁴ PINKE, Caroline. The Problem Sylvia Plath Has Left Unnamed: Understanding the Complexity of Female Disenchantment in the Cold War Era. **Valley Humanities Review**, 2011, p.4.

¹¹⁵ SMITH, Rosi. Seeing Through the Bell Jar: Distorted Female Identity in Cold War America. **aspeers**, n.1, p. 33-55, 2008.

de evocar o estado interno de toda uma geração de mulheres. Dessa forma, Smith identifica, no contexto da Guerra Fria, uma fragmentação da identidade feminina ficcionalizada na experiência de Esther.

Em uma perspectiva de nomenclatura artística, dois artigos desafiam a tradicional maneira de associar a literatura de Plath ao movimento confessionalista, pensando sua forma escrita dentro da Guerra Fria. O artigo “*Dreamwork: Sylvia Plath’s Cold War Modernism*”, de Christina Britzolakis, tem a proposta de interpretá-la como uma modernista da Guerra Fria. A autora afirma: “o que estou chamando de modernismo da Guerra Fria de Plath toma forma em resposta à institucionalização do pós-guerra da arte de vanguarda e da redução do espaço para a prática estética coletiva emancipatória”¹¹⁶. Para argumentar isso, Britzolakis pontua a influência do surrealista De Chirico na forma como Plath buscou associar imagens clássicas ao onirismo. De maneira semelhante, porém crítica, Plath também se inspirou na teoria dos sonhos de Freud a partir do livro *Interpretação dos Sonhos*. Associando esse livro ao contexto, Britzolakis interpreta que Plath, portanto, “identifica censura e vigilância — ao mesmo tempo externa e interna — como a principal problemática da produção cultural da Guerra Fria”¹¹⁷. Logo, a presença do psicanalista como aquele que decifra o inconsciente e tem acesso aos medos e desejos reprimidos dos analisandos pode ser vista, no contexto da Guerra Fria, em relação a conteúdos temáticos como medo de aniquilação, paranoia e teorias da conspiração. Dessa forma, a autora conclui que Plath

[...] enfrenta o dilema de desembaraçar a psicanálise, como o preeminente discurso biopolítico e antifeminista da época da Guerra Fria, do legado radical do surrealismo, um discurso emancipatório em recuo durante o período do pós-guerra. É esta imagem dupla — alternadamente emancipatória e repressiva — da própria psicanálise, como uma dinâmica central da modernidade, que constitui a problemática central do modernismo da Guerra Fria de Plath¹¹⁸

¹¹⁶ “What I am calling Plath’s Cold War modernism takes shape in response to the post-war institutionalization of avant-garde art and the shrinkage of space for emancipatory collective aesthetic practice” BRITZOLAKIS, Christina. *Dreamwork: Sylvia Plath’s Cold War modernism*. **Women: A Cultural Review**, v. 24, n. 4, dez. 2013, p.266. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09574042.2013.863521>. Acesso em: 25 out. 2020.

¹¹⁷ “Plath thus identifies censorship and surveillance—at once external and internal—as the key problematic of Cold War cultural production” *Ibid*, p. 271.

¹¹⁸ “She faces the dilemma of disentangling psychoanalysis, as the pre-eminent biopolitical and anti-feminist discourse of the Cold War era, from the radical legacy of surrealism, an emancipatory discourse in retreat during the post-war period. It is this double image—alternately emancipatory and repressive—of psychoanalysis itself, as a central dynamic of modernity, which forms the central problematic of Plath’s Cold War modernism.” *Ibid*, p. 272.

Seguindo a linha de pensamento de Britzolakis, o artigo “*The Cold War Gothic Poetry of Sylvia Plath*”, de Kathleen L. Nichols, busca se afastar do confessionalismo para mostrar que Plath expressa elementos góticos em suas obras, isto é, imagens de terror que são características não dos clássicos do século XIX, mas do seu próprio tempo.¹¹⁹ Dessa forma, a autora caracteriza o “Gótico da Guerra Fria”, fazendo referência a Peel, quando ele descreve o ano de 1962 como o período em que Plath mais escreveu poesias sendo o ano que ocorria a Crise dos Misseis de Cuba. Em outras palavras, o contexto em questão evidenciava o medo de uma guerra nuclear entre a União Soviética e os Estados Unidos e dos efeitos radioativos no sistema ecológico da Terra:

No mundo gótico contemporâneo de Plath, com ameaças nucleares e devastação, parece que a única forma literária que pode representar adequadamente essa temida condição é a forma poética da letra, que está congelada no eterno presente e, portanto, reflete com precisão a condição pós-humana estática de uma pintura de Chirico depois que a história foi destruída, ou quando, como afirma Punter, perdemos “o sentido do passado”¹²⁰.

Contudo, o gótico de Plath não se limita à questão nuclear, pois ela traz um pouco mais do horror moderno por meio de imagens do holocausto, dos nazistas, da desumanização do corpo, da “vampira-mãe”, da esterilidade e de outras questões que causavam medo no contexto da Guerra Fria. No artigo “*The Nuclear Holocaust: Sylvia Plath as a Mother Poet*”, Keiko Kimura objetivou traçar uma conexão entre os discursos da Guerra Fria e os poemas produzidos por Plath nos últimos meses do ano de 1962¹²¹. Dessa forma, esmiuçando as estrofes dos poemas *For a Fatherless Son* de 26 de setembro, *Nick and the Candlestick* de 29 de outubro, *Mary’s Song* de 19 de novembro e *Brasília* de 1 de dezembro, Kimura identifica que Plath expressa preocupações de âmbito interno, de sua própria experiência e vivência, e externo, da relação política americana na Guerra Fria. Esse amálgama entre o interno e externo

¹¹⁹ NICHOLS, Kathleen L; *The Cold War Gothic Poetry of Sylvia Plath*. In: Charles L. Crow. (ed.). **A Companion to American Gothic**. Oxford: Wiley Blackwell, p. 328-340, 2014.

¹²⁰ “In Plath’s contemporary Gothic world of threatened nuclear devastation, it seems that the only literary form that can adequately image that dreaded condition is the poetic form of the lyric, which is frozen in the eternal present and thus accurately reflects the static posthuman condition of a de Chirico painting after history has been destroyed, or when, as Punter puts it, we have lost “the sense of the past” NICHOLS, 2014, p. 332-333.

¹²¹ KIMURA, Keiko. *The Nuclear Holocaust: Sylvia Plath as a Mother Poet*. **Jednak Książki. Gdańskie Czasopismo Humanistyczne**, n. 6, p. 141-150, 2016.

se manifesta em poesias que expressam uma ansiedade em relação ao futuro dos seus filhos em um ambiente catastrófico¹²². Naquele período em questão, esse ambiente se manifestava na Crise dos Misseis em Cuba e, com isso, a provável catástrofe nuclear no meio ambiente. Portanto, no que diz respeito à relação entre Plath e a Guerra Fria, Kimura conclui que

[...] ela não escolheu a posição de um ativista político, nem se comunicou com outros ativistas que eram contra a guerra. Seus escritos não fornecem um comentário direto sobre o conflito da Guerra Fria. Como escreve Robin Peel, os poetas contemporâneos evitavam o envolvimento na situação política. Muitos poetas perseguiram seu próprio mundo interior e construíram seus poemas durante um período de elevada tensão mundial. Os poemas de Plath também se concentram em seu mundo interior, referindo-se ao mundo exterior. Assim, apesar de sentir a pressão da Guerra Fria, Plath não se tornou um políticoativista, ou escrever diretamente sobre o conflito nuclear, mas focando apenas em seu mundo interior sob essa pressão.¹²³

Por fim, o artigo “A Guerra Fria e a dissolução dos conceitos público-privado em *The Bell Jar* e poesia selecionada de Sylvia Plath”, de Susana Correia, é resultado de uma dissertação de mestrado em Estudos Anglo-Americanos intitulada *Política(s) em The Bell Jar e poesia selecionada de Sylvia Plath*.¹²⁴ Esse trabalho não está listado no banco de dados consultado para a elaboração da revisão de teses, dissertações e monografias. As contribuições de Correia sobre Plath e a Guerra Fria são diferenciadas em relação aos outros artigos apresentados. Isso se deve a uma contextualização política mais ampla, o que possibilitou novas interpretações sobre o significado de *A Redoma de Vidro* e de alguns poemas de Plath. Dessa forma, a autora objetiva desenvolver uma análise “histórica, política e cultural [que] [...] pretende explicar a ocorrência de uma dissolução dos conceitos público e privado, em virtude

¹²² “Thus in Plath’s poems in the last quarter of 1962, her fears about the nuclear situation are mainly connected with the speaker’s, i.e. Plath’s children’s future. Her sympathetic internalization of historical matters might be personal, but the anxieties Plath felt are those that we experience now under continuing nuclear pressure” KIMURA, 2016, p.147.

¹²³ “[...] she did not choose the position of a political activist, nor did she communicate with other activists who were against the war. Her writing did not provide a direct commentary on the Cold War conflict. As Robin Peel writes, the contemporary poets avoided involvement in the political situation (Peel 2002: 32). Many poets pursued their own inner world and constructed their poems during a period of heightened world tension. Plath’s poems as well focus on her inner world by referring to the outer world. Thus, despite feeling the pressure of the Cold War, Plath did not become a political activist, or write directly about nuclear conflict, but focused only on her inner world under that pressure” KIMURA, 2016, p.145.

¹²⁴ CORREIA, Susana. A Guerra Fria e a dissolução dos conceitos público-privado em *The Bell Jar* e poesia selecionada de Sylvia Plath. **Via Panorâmica: Revista de Estudos AngloAmericanos / A Journal of Anglo-American Studies**, v. 7, n. 2, p. 70-84, 2018.

de uma política de paranoia e histerismo que emergia nos Estados Unidos da América, nos anos 1950, motivada pela Guerra Fria”.¹²⁵ Sendo assim, a autora disserta sobre elementos de *A Redoma de Vidro* em que Esther Greenwood se identifica com os “inimigos” americanos — no caso, os Rosenberg, questão que será levantada nesta tese mais adiante. De modo semelhante, ela também manifesta interesse por um homem russo, sendo acometida por um sentimento de desajuste por tal sentimento. Na interpretação do poema *Eavesdropper*, Correia fala sobre o culto à privacidade, algo que pode ser identificado no discurso americano por meio das casas suburbanas. Contudo, na poesia de Plath, essa privacidade é subvertida ao expor esse ambiente como correspondente a uma “cultura de suspeita, denúncia, interrogação e policiamento”¹²⁶.

Apesar dos apontamentos a outros poemas de Plath, a conclusão de Correia foi direcionada à obra *A Redoma de Vidro*, afirmando o seguinte:

Contrariamente às leituras simplistas de *The Bell Jar* como romance de iniciação e do tratamento da depressão, este é um romance que retrará a América da Guerra Fria com fôlego inovador. É um romance onde se desmitificam noções de privacidade e onde se reequaciona a retórica nacional através da arena privada da casa, da visão mítica da família americana e suas vizinhanças. Plath evidencia a relação entre a privacidade e exposição, a convergência de domínios públicos e privados, explorando ainda as intersecções políticas e culturais, espelhando a forma como o trauma nacional afeta as narrativas pessoais.¹²⁷

Após toda essa discussão, acredito ser importante apresentar o referencial teórico da presente tese. Como exposto, a leitura das emoções da Guerra Fria na arte de Sylvia é meu objetivo; para isso, busquei o aporte teórico desenvolvido pelo historiador William Reddy. Contudo, escrevi uma extensa leitura sobre a formação e a trajetória do campo da História das emoções, que consta no Apêndice B desta tese. Nesse texto, há uma descrição dos autores que foram fundamentais para a formação do campo, além de serem apresentadas as recentes contribuições no Brasil. Dito isso, a próxima seção vai tratar diretamente da teoria de William Reddy, verificando de que forma essa teoria está articulada na leitura sobre a arte de Sylvia Plath na Guerra Fria.

¹²⁵ CORREIA, 2018, p. 71.

¹²⁶ *Ibid*, p.75.

¹²⁷ *Ibid*, p.81.

2.2 A HISTÓRIA DAS EMOÇÕES: A NAVEGAÇÃO DOS SENTIMENTOS DE WILIAM REDDY

Em determinados contextos históricos, as sociedades podem ser caracterizadas por *emotional styles*, “estilos emocionais”, em que cada uma cria mecanismos de gestão das emoções. Segundo William Reddy, os estilos emocionais podem ser vistos através da moda, dos rituais, das normas sociais e dos códigos morais e de conduta. Para o historiador, o desafio é descobrir quais são os estilos emocionais, como funcionam e quais indivíduos conseguem se adaptar a eles. É através dessa perspectiva que as emoções podem ser historicizadas.

No livro *The Navigation of Feeling: A Framework for the History of Emotions*, Reddy formulou um quadro teórico para pensar as emoções na História.¹²⁸ A partir de uma ampla revisão bibliográfica sobre as contribuições da Antropologia e Psicologia, o autor traça um panorama dos principais autores de ambas as áreas para defender o raciocínio que o levou à formulação de seus conceitos. Em um primeiro momento, o autor apresenta os pressupostos teóricos e práticos desenvolvidos pela Psicologia Cognitiva sobre o que são as emoções e, em seguida, as contribuições da Antropologia, por meio da etnografia em pequenas comunidades.

Na Psicologia, a trajetória científica se iniciou a partir de um conflito epistemológico sobre a relação entre emoção e cognição. Em princípio, os psicólogos tinham uma definição universal das emoções, e as contribuições de Charles Darwin os levou a crer que as expressões faciais delineavam seis emoções universais identificáveis em qualquer sociedade¹²⁹. Concomitante à corrente teórica das expressões faciais, alguns psicólogos passaram a dar ênfase ao pensamento, focando em estudos que analisavam o material de pensamento quando as emoções eram acionadas. O estudo com o material de pensamento e as emoções foi uma revolução na Psicologia, pois os testes comprovaram que não existe pensamento desconectado de emoções¹³⁰, ou seja: cognição e emoção são uma coisa só¹³¹. Do

¹²⁸ REDDY, William. **The Navigation of Feeling: A Framework for the History of Emotions**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

¹²⁹ DARWIN, Charles; LORENZ, Konrad. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹³⁰ BARNETT, Douglas.; RATNER, Hilary. H. The Organization and Integration of Cognition and Emotion in Development. **Journal of Experimental Child Psychology**, v. 67, n. 3, p. 303–316, dez. 1997.

¹³¹ Nas palavras do autor: “Barnett and Ratner, in a recent review of research into emotional development, saw this issue as so important that they proposed a new word for what we do when we

mesmo modo, essa afirmativa passou a considerar o consciente e o inconsciente como conectados e interdependentes.

Além disso, à teoria da cognição e da emoção, foram acrescentados elementos que determinam seu funcionamento: o controle mental e os objetivos das pessoas. Por exemplo: em um determinado contexto e cultura, uma criança passa por treinamentos educacionais para que sinta vergonha quando não consegue controlar seus impulsos em público. Logo, uma criança que demonstra acesso de raiva em público passará por sucessivas repressões para que sua atitude seja contida. Nesse caso, em termos emocionais, a emoção em treinamento será a vergonha, com vistas a suprimir a demonstração pública de raiva. Por outro lado, o que os testes revelaram é que nem tudo é possível de ser aprendido, pois o controle emocional é uma forte arquitetura cerebral. Isso significa dizer que “certas estratégias de treinamento emocional — como aquelas que dependem muito da supressão do pensamento — podem falhar ou produzir um padrão estável de falhas repetidas”.¹³² Em suma, a revolução nos estudos cognitivos esteve na descoberta do pensamento e da emoção como entidades entrelaçadas e de que nem todo cérebro é plástico, ou seja: embora as emoções sejam aprendidas através de treinamentos, nem sempre haverá sucesso, pois as emoções também dependem de uma arquitetura de controle emocional do próprio indivíduo.

Na Antropologia, também ocorreram revoluções epistemológicas sobre as emoções e suas funções sociais. Isso se iniciou a partir dos antropólogos construcionistas que, ao considerarem as emoções somente como produto da cultura, trouxeram para a Antropologia das Emoções inúmeras falhas, entre as quais destacamos a negação quanto à agência do indivíduo em ter seus próprios objetivos, motivações e intenções independentemente da cultura em que ele está inserido. A partir disso, surgiu o seguinte questionamento: se as emoções são totalmente construídas culturalmente, de que maneira surgem os conflitos dos indivíduos com a cultura? Nesse caso, a cultura também seria responsável por construir os próprios

think-feel: ‘cogmotion,’ a term better able than words currently in use to represent ‘the interactive and inseparable nature of cognition and emotion” REDDY, 2001, p. 15.

¹³² “An individual cannot, therefore, fashion or refashion just any emotion or any set of emotions he or she wishes. Limitations derive not only from the mutual means-ends relationships of deeply relevant goals, but also from the “architecture” of mental control, as Wegner and others have outlined it. Thus, certain strategies of emotional training – such as those which rely too much on thought suppression – may fail, or may yield a stable pattern of repeated failure.” REDDY, 2001, p.32.

conflitos?¹³³ Na tentativa de responder a esses questionamentos, a Psicoantropologia buscou traçar um meio termo entre as contribuições da Psicologia e da Etnografia.¹³⁴ Essa corrente buscou se atentar para a vida emocional e para o sofrimento emocional dos indivíduos na cultura e, em razão disso, os conceitos de “sofrimento” e “experiência” foram redefinidos por alguns autores¹³⁵, pois a Psicoantropologia buscava quebrar a ideia de neutralidade nas análises científicas.

Logo, unindo as contribuições da Psicologia Cognitiva, da Antropologia Construcionista e Psicocultural e tecendo críticas a essas correntes, Reddy apresenta algumas afirmações gerais para pensar as emoções em um nível individual¹³⁶:

¹³³ REDDY, 2001, p.48.

¹³⁴ Nas palavras do autor: “A significant number of anthropologists who work on emotions continue to reject constructionism vigorously. An important alternative has been provided by what Hollan and Wellenkamp (1994:2) call “psychocultural anthropology.” Taking their orientation, like Levy, from Western personality psychology, the psychocultural school has sought to eschew that discipline’s normative, diagnostic stance, while retaining its psychodynamic understanding of affect. In the field Hollan and Wellenkamp conduct what they call “loosely structured life history interviews” (Hollan 1992:48) – seeking to find, like other practitioners in this subfield, a kind of midpoint between ethnographic and clinical methods. They pose carefully translated questions for respondents about life satisfaction, joys, anxieties, grief, and allow them a free hand in responding. That respondents understand such questions and find them interesting enough to answer at length shows that individual emotional life and emotional suffering are culturally salient.” REDDY, 2001, p.48.

¹³⁵ Nas palavras do autor: “No one has gone further than Arthur Kleinman and Joan Kleinman in exploring and making political sense of the relation between individual feeling and state power. (See Kleinman & Kleinman 1991, 1997; A. Kleinman 1995, 1996.) They have done so by redefining, in what they hope is a culturally neutral fashion, the key Western concepts of suffering and experience. These carefully amended concepts, especially the first, allow Kleinman and Kleinman to isolate the individual and to attribute states of “suffering” to that individual that are politically deplorable. They thus seek to mobilize our political judgment in explicit ways. Arthur Kleinman and Joan Kleinman’s field work in China confronted them with the personal after effects of massive political terror and repression. In this context, they have linked individual cases of dizziness, headaches, and depression (which can be shown to fit Chinese ethnopsychological models) to what they call “a societywide delegitimation crisis” (Kleinman & Kleinman 1991:283). Following Kleinman and Kleinman, Jenkins (1991) has proposed that the “political ethos” of repressive regimes that use violence and torture to maintain themselves in power has emotional consequences that might be termed “psychosocial trauma.” Jenkins found depression to be common among refugees from El Salvador, and also discovered somatic symptoms among sufferers that were culturally specific (as Kleinman & Kleinman had in China), and which therefore easily lead to misdiagnosis in U.S. clinics” REDDY, 2001, p. 48-49.

¹³⁶ Nas palavras do autor: “Psychological research supports the constructionist approach to emotions common among anthropologists only in part. Insofar as psychologists’ findings continue to confirm Isen and Diamond’s (1989) view of emotions as overlearned cognitive habits, emotions can be regarded as no different from any other cognitive content. All cognition is deeply influenced by social interaction. Like cognitive habits, emotions are as malleable as any other dimension of community life that involves symbols and propositions, such as religion, cosmology, kinship, moral principle, or political ideology. But insofar as emotional learning involves mental control, it is subject to the hazards and variability of any strategy aimed at “not thinking about x.” And, insofar as psychologists continue to regard emotions as possessing goal-relevant valence and intensity, emotions must constitute a domain where mental control is of the utmost importance for the individual. If emotions are closely associated with the dense networks of goals that give coherence (however limited) to the self, and if they aid the individual in managing the conflicting tugs and contradictions that the pursuit of multiple goals must give rise to, then exercising mental control over emotions may be a high-priority task, whose accomplishment is always partial at best” REDDY, 2001, p. 55.

- 1) Emoções são hábitos cognitivos aprendidos;
- 2) As emoções não podem ser consideradas diferentes ou opostas ao conteúdo cognitivo;
- 3) Toda cognição é interferida pelo contato social;
- 4) Existe uma maleabilidade nos hábitos cognitivos e nas emoções, mas estes dependem do esforço e controle mental do indivíduo;
- 5) As emoções estão relacionadas aos objetivos dos indivíduos, e esses objetivos têm correlação ao *self* e entram em conflito e contradição em diversos momentos; o manejo desses conflitos depende do controle mental.

Na mesma direção, Reddy faz apontamentos em relação a um nível coletivo, postulando que¹³⁷:

- 1) As emoções são um importante domínio de esforço para as comunidades;
- 2) As comunidades fornecem aos indivíduos regimentos e recomendações sobre as melhores estratégias para buscar a aprendizagem emocional, assim como para alcançar o estado satisfatório ou sublime de equilíbrio emocional.

Sobre esse segundo item, as afirmações foram baseadas em inúmeros estudos antropológicos que confirmaram haver interação entre um o manejo emocional individual e as regras da comunidade. Desse modo, de forma resumida, o conjunto de afirmações apresentado indica definições conceituais que atravessaram toda explicação de Reddy sobre a formulação de um aporte conceitual que ele

¹³⁷ Nas palavras do autor: “One would therefore expect communities to give emotions a high priority. If there is to be any unity of purpose or ethos in social life (which is, patently, not always the case, but often the case), then emotions must play a central role in its maintenance. To this extent, there is a strict limit to the range of possible emotional ‘cultures’ – or perhaps one should say emotional ‘regimes’ – that can be successfully elaborated. We would expect to find two features universally: (1) that communities construe emotions as an important domain of effort, and (2) that they provide individuals with prescriptions and counsel concerning both the best strategies for pursuing emotional learning and the proper end point or ideal of emotional equilibrium. Emotional regimes would be essential elements of all stable political regimes” REDDY, 2001, p.55.

desenvolveu, que consiste em: *Emotional Regime*¹³⁸, *Emotives*¹³⁹, *Emotional liberty*¹⁴⁰ e *Emotional suffering*¹⁴¹. Na presente tese, esses termos são traduzidos como: Regimes Emocionais, Emotivos, Liberdade Emocional e Sofrimento Emocional. Por isso, é necessário ter em mente que a teoria de Reddy é formada por uma fusão de conhecimentos e é marcada pela premissa de que, para além da cultura, os indivíduos possuem objetivos próprios, os quais estão em constante negociação com os objetivos de uma coletividade. Do mesmo modo, um grupo ou um sistema político proporciona, aos indivíduos, estratégias para a moldar as emoções de acordo com os objetivos do grupo.

Nesse ínterim, Reddy apresenta, de forma extensa, pesquisas que se dedicaram a ver o funcionamento das emoções e da cognição na linguagem. O autor menciona a importância de historiadores, filósofos e antropólogos se aproximarem dos estudos desenvolvidos pela Psicologia para compreender (e criticar) a forma como o conhecimento está sendo produzido e como esse conteúdo pode ser interessante para pensar a cultura, a sociedade e a linguagem. O autor pensa que, embora a forma de leitura de cada uma dessas ciências seja singular, as pesquisas atuais na Psicologia mostraram que o contato com outras áreas de estudo ajudou a superar antigas epistemologias, construindo novas formas de leitura sobre a relação entre o corpo humano e o meio social.

Diante disso, Reddy apresenta alguns estudos na Psicologia Cognitiva que chegaram a resultados sobre como o processamento cognitivo (incluindo as emoções) é externalizado na linguagem como uma tentativa de tradução, aproximando-se dos estudos científicos produzidos na Linguística. Logo, essa proposta interpretativa é adotada por Reddy em sua definição do que são as emoções e como podemos

¹³⁸ Definição nas palavras do autor: "The set of normative emotions and the official rituals, practices, and emotives that express and inculcate them; a necessary underpinning of any stable political regime" REDDY, 2001, p.129.

¹³⁹ Definição nas palavras do autor: "A type of speech act different from both performative and constative utterances, which both describes (like constative utterances) and changes (like performatives) the world, because emotional expression has an exploratory and a self-altering effect on the activated thought material of emotion" REDDY, 2001, p.129.

¹⁴⁰ Definição nas palavras do autor: "The freedom to change goals in response to bewildering, ambivalent thought activations that exceed the capacity of attention and challenge the reign of high-level goals currently guiding emotional management. This is freedom, not to make rational choices, but to undergo or derail conversion experiences and life-course changes involving numerous contrasting incommensurable factors" REDDY, 2001, p.129.

¹⁴¹ Definição nas palavras do autor: "An acute form of goal conflict, especially that brought on by emotional thought activations. Political torture and unrequited love (both in the Western context) are examples of emotional suffering" REDDY, 2001, p.129.

verificá-las historicamente apenas por meio do que foi externalizado em diversas linguagens, como a dança, a pintura, a música e os textos.

Em suma, Reddy é um dos poucos historiadores que se aprofunda na Psicologia para apresentar uma definição do que são as emoções. Acredito que ele fez isso motivado pelo necessário debate no campo dos estudos culturais sobre interdisciplinaridade. Sendo assim, essa definição de emoções proposta por Reddy existe apenas para sabermos que, a partir da Psicologia, existem estruturas no corpo humano que são independentes da cultura, mas que, com o tempo, moldam-se a ela. Do mesmo modo, a cultura também se modifica quando nosso mundo “interno” sente a necessidade de cessar algum sofrimento. Sob uma perspectiva coletiva, a mediação entre corpo e cultura pode ser verificada pela própria história, que nos indica inúmeros movimentos e revoluções sociais que buscaram modificar estruturas políticas que proporcionavam situações insuportáveis de sofrimento.

Dito isso, Reddy constrói uma teoria das emoções com a premissa de que nós não temos acesso à emoção, já que sua manifestação é fugaz aos nossos olhos. O que podemos acessar são as tentativas de tradução das emoções na linguagem, algo que Reddy chama de *emotivos*, um conceito basilar para a compreensão do lugar das emoções dos indivíduos em sistemas políticos.

2.2.1 Emotivos: tradução e a teoria dos atos de fala

A *tradução* ocupa um espaço extenso na teoria de Reddy, havendo uma longa exposição do argumento sobre a vantagem de interpretar a linguagem pela ideia de tradução. Apoiado na corrente dos filósofos Willard Quine¹⁴², Donald Davidson¹⁴³ e Linda Alcoff¹⁴⁴, Reddy definiu a tradução como uma “relação entre a linguagem e o mundo de uma forma que não é cartesiana, nem pós-estruturalista”¹⁴⁵.

A proposta desse conceito é que as palavras não existem apenas no texto, elas existem fora da linguagem; ou seja, elas são parte da tentativa do ser humano de

¹⁴² QUINE, Willard V. O. **Ontological Relativity and Other Essays**. New York: Columbia University Press, 1969.

¹⁴³ DAVIDSON, Donald. **Inquiries into Truth and Interpretation**. Oxford: Oxford University Press, 1984.

¹⁴⁴ ALCOFF, Linda Martín. 1996. **Real Knowing: New Versions of the Coherence Theory**. Nova York: Cornell University Press, 1996.

¹⁴⁵ “The concept of translation allows one to speak of the relation between language and the world in a way that is neither Cartesian (distinguishing sharply between subjective and objective conditions, as most psychologists continue to do) nor poststructuralist” REDDY, 2001, p.64.

traduzir seus pensamentos em símbolos que, ao serem decodificados, formam os significados das palavras. Logo, colocando as emoções e seus significados como um ato de tradução, o autor afirma que “as emoções estão entre os mais importantes tipos de pensamento; e, quando falamos de nossas emoções, elas entram em uma relação peculiar e dinâmica com o que dizemos sobre elas.”¹⁴⁶

Nessa perspectiva, a teoria de Reddy vai sendo formulada a partir de uma dinâmica sobre nosso processo de traduzir emoções e nossa relação cotidiana com os significados dessas emoções. É uma dinâmica que está em constante mudança no tempo, sendo transformada por meio de nossas relações, concepções filosóficas e científicas sobre o significado das coisas no mundo. O processo de tradução das emoções é algo que Reddy chama de *emotivos*, e será melhor aprofundado adiante.

Reddy considera o conceito de “tradução” como o mais apropriado para pensar a relação entre linguagem e emoções. Sua decisão por usar esse conceito se baseia na crítica sobre como os pós-estruturalistas utilizam os signos, os significados e os significantes, pensando não haver acesso ao significado real das palavras, pois elas existem apenas no discurso. Sendo assim,

[...] a tradução é algo que ocorre não apenas entre línguas e entre indivíduos, mas entre modalidades sensoriais, hábitos procedimentais e estruturas linguísticas. Essa ideia aponta não para uma reconstituição de um tipo de subjetividade cartesiana, mas para uma concepção do indivíduo como um local onde as mensagens chegam em muitas línguas ou códigos diferentes e onde algumas das mensagens são traduzidas com sucesso em outros códigos, enquanto outras não são.¹⁴⁷

Nas palavras de Reddy, a vantagem da tradução está na “habilidade análoga totalmente separada do domínio de uma linguagem, e que consideramos a capacidade de apontar para algo no campo visual”¹⁴⁸. Como exemplo disso, o autor simula a situação em que duas pessoas que não falam a mesma língua avistam um

¹⁴⁶ “Emotions, I will argue, are among the most important of such kinds of thought; and, when we speak of our emotions, they come into a peculiar, dynamic relationship with what we say about them” REDDY, 2001, p.64.

¹⁴⁷ “I will argue that translation is something that goes on, not just between languages and between individuals, but among sensory modalities, procedural habits, and linguistic structures. This idea points, not toward a reconstitution of a Cartesian type of subjectivity, but toward a conception of the individual as a site where messages arrive in many different languages or codes, and where some of the messages are successfully translated into other codes, while others are not” REDDY, 2001, p.80.

¹⁴⁸ “I am proposing that we regard vision as a skill analogous to, but quite separate from, the mastery of a language, and that we regard the ability to point at something in the visual field” REDDY, 2001, p.82.

coelho. Na tentativa de se comunicarem sobre a presença do animal, uma dessas pessoas aponta em direção o coelho sem precisar comunicar a palavra “coelho”. Essa atitude pode ser lida como uma habilidade independente do conhecimento da língua, já que se compreende “coelho” pela demonstração do animal.

Isto posto, na tentativa de ratificar o argumento de que a tradução é a melhor forma de interpretar a linguagem, Reddy apresenta resultados de testes realizados pela Psicologia Cognitiva que consideraram a tradução como parte do processamento cognitivo. Os testes apontaram que a tradução é um ato indeterminante da comunicação do conteúdo e, com isso, é possível reduzir a indeterminância por meio da repetição de hábitos de tradução. Desse modo, a partir de uma longa discussão sobre a tradução como parte do processo de comunicação dos nossos objetivos, Reddy frisa que as traduções não existem apenas no discurso (tal como pensa a corrente pós-estruturalista); mas ela existe em nossos cinco sentidos: visão, olfato, paladar, audição e tato. De modo didático, Reddy apresenta como exemplo 5 descrições de uma maçã:

A = Redondo, objeto vermelho com haste e com vários pontos ovais marrons. Dentro das manchas marrons, rugas e rugas na superfície são evidentes.

B = Superfície dura, curva, lisa, com áreas que são mais suaves, acidentado e úmido.

C = Odor doce com uma camada de acidez pungente.

D = Resistência parcialmente dura, crocante aos dentes, parcialmente mole, farinhenta; texturas mistas, sabor doce e azedo.

E = Ruído complexo quando atingido ou mordido, um eco profundo e rígido acompanhado por reverberações mais suaves e soltas.¹⁴⁹

Como podemos observar, o exemplo das maçãs tem o objetivo de mostrar os diferentes códigos que traduzem seu estado. Seguindo a premissa de que a tradução é indeterminante na informação do conteúdo, Reddy afirma que a frase “esta maçã está podre” é igual e indeterminantemente diferente de uma descrição sensorial da

¹⁴⁹ Nas palavras do autor: input a = round, red object with stem, and with several oval brown spots. Within the brown spots, puckers and wrinkles in the surface are evident. input b = hard, curving, smooth surface, with areas that are softer, bumpy, and damp. input c = sweet tangy odor with an overlay of pungent acidity. input d = partly hard, crisp resistance to teeth, partly soft, mealy, yielding; mixed textures on the tongue, sweet, sour flavor. input e = complex noise when struck or bitten, a stiff, deep echo accompanied by softer, looser reverberations. REDDY, 2001, p.85.

maçã podre.¹⁵⁰ Do mesmo modo, o autor pensa que o original do livro *A Odisseia* e a versão traduzida para o inglês são iguais e indeterminadamente diferentes¹⁵¹. Por isso, a tradução tem como premissa a indeterminação da linguagem: diante das variadas formas de tentar dizer a mesma coisa (por meio de diversos códigos textuais e sensoriais), existe a possibilidade de falha nessas tentativas¹⁵². Por exemplo, “um dançarino não pode desenhar ou escrever em palavras o que uma dança permite que ele expresse. Ele pode tentar; a tentativa pode ser interessante, esclarecedora; mas não esgota o que a dança faz”.¹⁵³

Reddy pensa a tradução como uma das principais tarefas do ser humano para que ele consiga atingir seus objetivos.¹⁵⁴ Nesse caso, os objetivos estão conectados com todo o corpo humano, pois, na concepção de Reddy, a mente e o corpo funcionam de forma simultânea. Como resultado, há objetivos variados que existem como uma rede que percorre áreas referentes às nossas memórias conscientes, inconscientes e os 5 sentidos do corpo. Essa visão entrelaçada e múltipla dos objetivos é parte da crítica de Reddy ao modelo cartesiano, que, por muito tempo, influenciou as concepções científicas que interpretavam o funcionamento do corpo de forma mecânica. Dito de outra forma, a proposta de Reddy é pensar os objetivos como diretamente ligados a duas estruturas que funcionam juntas: as emoções e a cognição.

¹⁵⁰ Nas palavras do autor: “We do not need to decide whether any of this sensory input is happening inside or outside of “language” or a “discourse.” To gain an impression of a rotten apple requires that the messages in these different codes be coordinated, that is, mutually translated. A person who has been blind from birth, suddenly cured, will not at first recognize a rotten apple by sight alone” REDDY, 2001, p.85.

¹⁵¹ Nas palavras do autor: “The Odyssey in the original Greek and the same work in an English translation are also both, in the same way, the same and indeterminately diferente” REDDY, 2001, p.85.

¹⁵² Exemplo de indeterminancia: “All such translations have an element of indeterminacy. The term blue does not have the capacity to capture everything that visual interpretation offers about blue-ness. REDDY, 2001, p.86.

¹⁵³ “A dancer cannot draw a picture of, or write out in words, what a dance allows him or her to express. He or she may try; the attempt may be interesting, illuminating; but it is not exhaustive of what dance does” REDDY, 2001, p.86.

¹⁵⁴ Sob outra perspectiva, Reddy compara os objetivos como similares ao que os psicólogos chamam de “processamento”. Sendo esse as 1) entradas sensoriais e sensações corporais (ex: prazer e dor); 2) memória “procedimental”, sendo ela habilidades cognitivas e práticas que são “automatizadas” (ex: a capacidade de usar a linguagem para falar, ler ou escrever); 3) memória “declarativa” que são as memórias narrativas que dão um sentido aos acontecimentos.

“Psychologists categorize the kinds of things that stand in need of what I am designating as “translation” (using a linguistic metaphor where they would use the mechanical metaphor of “processing”) roughly as follows: (1) sensory inputs, including proprioceptive and internal bodily sensations as well as pleasure and pain; (2) “procedural” memory, including cognitive and practical skills such as the capacity to use language, to read and write, or to hammer a nail; (3) “declarative” memory, that is, memory stored as preformulated narrative fragments and propositional strings.” REDDY, 2001, p.87.

Em resumo, o que foi exposto até aqui é um apanhado das ideias de Reddy que nos guiam à seguinte conclusão: os objetivos de cada ser humano são manifestados em ações que nos movem rumo ao cumprimento desses mesmos objetivos. Como resultado, pode-se pensar que a linguagem é uma ação que traduz os objetivos em códigos. Esses códigos existem no âmbito individual e no âmbito social, modificando-se de acordo com as relações sociais. É por essa interpretação que Reddy formula sua concepção da emoção como um fenômeno que ocorre em um curto espaço de tempo, algo que ultrapassa a capacidade de controle da sua manifestação, que escapa do processo de tradução¹⁵⁵.

Para o historiador, a emoção é algo que está longe de ser acessada; logo, jamais saberemos como alguém no passado sentiu amor, ódio, inveja, rancor, tristeza ou alegria. Ainda assim, o que nos sobra são os relatos daquilo que as pessoas sentiram, as cartilhas sociais em torno de determinadas emoções e os pensamentos científicos, políticos e filosóficos sobre elas. É dentro dessa lógica que Reddy formula os principais conceitos (já mencionados anteriormente) que dão sentido à sua teoria das emoções na História: *Emotivos*, *Regimes emocionais*, *Sofrimento emocional* e *Liberdade emocional*.

Os *emotivos* (*Emotives*) são “as características de declarações emocionais que assumem a forma de afirmações de emoção no tempo presente e na primeira pessoa. São atos de fala que não são nem descritivos nem performativos”¹⁵⁶. Os atos de fala são parte da teoria do filósofo John Langshaw Austin, desenvolvido em seu livro *O que fazem as palavras*¹⁵⁷. A teoria de Austin surge após uma longa tradição de filósofos da linguagem que, até o início da década de 1920, acreditavam que as palavras apenas descreviam o mundo. Na década de 1950, Austin apresentou uma série de palestras que mudaram essa perspectiva. Influenciado pelos estudos de Ludwig Wittgenstein¹⁵⁸ sobre os “jogos de linguagens”, Austin argumentou que, quando falamos, não estamos apenas descrevendo as coisas, estamos agindo com

¹⁵⁵ Nas palavras do autor: “Goal-relevant activations of thought material that exceed the translating capacity of attention within a short time Horizon” REDDY, 2001, p.128.

¹⁵⁶ Nas palavras do autor: The startling features of emotional utterances that take the form of first-person, present tense emotion claims warrant designating such utterances as constituting a form of speech act that is neither descriptive nor performative. I propose that we call such utterances “emotives.” REDDY, 2001 p.104.

¹⁵⁷ AUSTIN, John. L. **How to Do Things with Words**, 2nd ed. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1962.

¹⁵⁸ WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophical investigations = Philosophische Untersuchungen**. Tradução: Gertrude Elizabeth Margaret Anscombe, Peter Hacker e Joachim Schulte. Malden: Wiley-Blackwell, 2009.

as palavras. Essa perspectiva vem de uma ideia fenomenológica da linguagem, a qual Austin divide em dois modos: os enunciados descritivos e enunciados performativos. Os enunciados descritivos são descrições que podem ser verificadas como verdadeiras ou falsas; por exemplo: diante da afirmação “o gato está no tapete”, é possível verificar se é falsa ou não a existência do gato no tapete. Já os enunciados performativos não só descrevem, mas fazem algo a partir da descrição. Por exemplo: em um ritual de casamento, a expressão “eu aceito” é descritiva, pois o verbo aceitar declara uma aceitação, mas também é performativa, pois existe um ato em “aceitar” algo, e esse ato muda o mundo.¹⁵⁹

No campo das emoções, podemos pensar na seguinte situação: quando alguém diz “estou com raiva”, a frase descreve uma emoção, e a raiva pode ser identificada por um ato, como gritar, esmurrar uma parede ou espumar saliva pela boca. Em resumo, sentir raiva não depende somente de uma descrição, mas de um contexto que envolve uma pessoa que sente raiva em relação a alguém, e na qual essa emoção é performada como “raiva”. No campo da literatura, alguns autores pensam o papel das Belas Letras como uma linguagem reflexiva e performativa; nas palavras de Sarah Maza, “um romance ou ritual não apenas reflete a experiência social, ele também a constrói”¹⁶⁰.

Dessa forma, os *emotivos* são como um processo de tradução de nossas emoções na linguagem, que as descreve e performatiza; são uma potência para

¹⁵⁹ Explicação dessa Teoria no livro: “J. L. Austin established a subfield of philosophy, called “speech act theory” with ideas expounded in his 1962 work, *How to Do Things with Words*. Austin’s core insight was the recognition that not all statements are descriptive. The previous history of philosophy had been taken up exclusively with considering the truth conditions and truth value of descriptive, or what Austin called “constative,” statements or utterances. But these were just one class of utterance, in Austin’s view. Another class of utterances existed which do not describe at all, he insisted. He called them “performatives,” because these were utterances that people used to perform or accomplish something, rather than to describe something. Examples are the “I do” of a wedding ceremony, by which bride becomes wife, groom becomes husband, or “I order you to close the door,” where the verb order is used in such a way as to make the utterance into an order. Such utterances are neither true nor false, Austin noted. However, they do not perform what they appear intended to perform unless certain conditions are met. To say “I do” as an actor on a stage, in a play about a marriage, does not make one into a spouse. Only in the context of a properly performed marriage ceremony does such an utterance perform. If a private says to a sergeant, “I order you to close the door,” the utterance is not an order in the military sense. Austin distinguished performatives as either “happy” or “unhappy” depending on whether they occurred in a context that rendered them effective, or in a context that rendered them ineffective” REDDY, 2001, p.97.

¹⁶⁰ “[...] novel or a ritual does not just reflect social experience, it also constructs it. MAZA, Sarah. “Stories in History: Cultural Narratives in Recent Works in European History.” **The American Historical Review**, v. 101, n. 5, 1996, p.1495. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2170180>. Acesso em: 4 abril. 2022.

mudar o mundo. Esse aspecto “autoexploratório”¹⁶¹ dos emotivos acontece em um nível individual e de grupo, pois é pelo ato de fala que o significado das coisas muda — e, nesse caso, as emoções se modificam no tempo e nas culturas. Novamente, no exemplo da raiva, pode ocorrer de alguém dizer “estou com muita raiva de você” e, em seguida, descobrir que a raiva se dissipou. De outro modo, o mesmo ato pode resultar na confirmação e na intensificação da “raiva”. Por fim, pode ocorrer de a raiva permanecer forte e surgir junto dela outros sentimentos, resultando em ambivalências ou incertezas. Em suma, essas três situações de comunicação da raiva revelam as inúmeras possibilidades de caminhos que a emoção pode percorrer, e é por isto que Reddy pensa as emoções como uma “navegação de sensações”¹⁶².

Portanto, em outras palavras, os emotivos são tentativas de traduzir uma rede de pensamentos que precisam ser decodificados para uma comunicação com o outro. Esse ato de fala se torna uma ferramenta de autoexploração; pois, no ato de descrever uma emoção, agimos com ela por meio de expressões faciais, composições de notas musicais, estilos musicais, técnicas de pinturas, tipos de filmes, peças de teatro, danças etc. Os emotivos são todas nossas tentativas de comunicar algo que se passa em nosso interior. Em compartida, assim como a tradução é algo indeterminante, os emotivos também têm a probabilidade de “falha” sobre as descrições emocionais. Por isso, a repetição dos emotivos diminui essa indeterminância. Em resumo, sob uma perspectiva histórica de média duração, a mudança dos significados das emoções pode ser verificada por meio dos emotivos, isto é, dos atos de fala que descrevem e performatizam emoções; atos de fala que, ao serem “ditos”, também se tornam ações. Por isso, os emotivos têm o potencial de se tornarem “instrumentos para mudar, construir, esconder, intensificar emoções”.

¹⁶¹ Sobre o caráter auto exploratório da comunicação da emoção, nas palavras do autor: “Insofar as an emotion claim is self-exploratory, its effects on the self may tend to confirm or disconfirm the claim; insofar as an emotion claim is selfaltering, its effects on the self may intensify or attenuate the state claimed.” REDDY, 2001, p.103.

¹⁶² Nas palavras do autor: “Navigation” might be a better metaphor than “management,” for what emotives accomplish, because navigation includes the possibility of radically changing course, as well as that of making constant corrections in order to stay on a chosen course. But even “navigation” implies purposive action, whereas changes of goals are only purposive if they are carried out in the name of higher-priority goals. Goal changes at the highest level of priority cannot be “intentionally” carried out; they have no goal. Such changes reflect complex reorderings of the many-to-many mappings of goal networks. They are the result, often, of unexpected self-altering effects of emotive utterances or of emotional activations. “Navigation” is used here to refer to a broad array of emotional changes, including high-level goal shifts. “Navigation” thus encompasses “management,” which is the use of emotives’ self-altering effects, in the name of a fixed set of goals.” REDDY, 2001, p.122.

Mas de que maneira se vê, na prática, a teoria dos emotivos em uma análise histórica? Os emotivos existem dentro de estruturas sociais, algo que Reddy chama de *emotional regimes*, “regimes emocionais”. Um regime emocional é “o conjunto de emoções normativas e rituais, práticas e emotivos que as expressam e inculcam; uma base necessária de qualquer regime político estável”¹⁶³. Partindo da realidade da pandemia de covid-19, por exemplo, podemos verificar os emotivos em representantes de cada nação durante a disseminação da doença. Se avaliarmos de forma comparativa os pronunciamentos dos representantes de cada país sobre o coronavírus, podemos verificar, por exemplo, a diferença no cuidado com as emoções entre Angela Merkel, chanceler da Alemanha entre 2005 e 2021, e Jair Messias Bolsonaro, presidente do Brasil de 2018 a 2022.

Em 8 de novembro de 2020, a chanceler da Alemanha fez um comunicado emocionado para a população. Nesse pronunciamento, ela pediu para que não ocorressem aglomerações nas festividades de Natal e Ano Novo. O momento emocional de Merkel aconteceu quando ela se emocionou ao dizer que compreende a importância do encontro familiar durante essas datas simbólicas cristãs, e por isso sente “dor no coração” por pedir que sejam evitados os encontros¹⁶⁴. O ponto emocional da fala de Merkel acontece quando ela justifica esse pedido em nome da proteção dos idosos com o contato do vírus. De outro modo, um mês antes do pronunciamento de Merkel, o então presidente Bolsonaro fez uma declaração em que ele critica o medo do vírus e, ao falar disso, afirmou que precisamos deixar de ser um “país de maricas” e parabenizou aqueles que continuaram trabalhando durante a pandemia, afirmando que esses “não se mostraram frouxos na hora da angústia”¹⁶⁵. Esses dois pronunciamentos governamentais representam a maneira como um sistema político trata as emoções em uma determinada situação, invalidando ou validando as emoções das pessoas de acordo com sua cartilha de emoções aceitáveis. Geralmente, essa cartilha se baseia na busca pela manutenção do sistema

¹⁶³ “The set of normative emotions and the official rituals, practices, and emotives that express and inculcate them; a necessary underpinning of any stable political regime” REDDY, 2001, p.129.

¹⁶⁴ GLOBO. **Merkel pede mais restrições ao parlamento alemão e diz que número de mortos pela Covid é 'inaceitável'**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/12/09/merkel-pede-mais-restricoes-na-alemanha-no-de-mortos-por-covid-e-inaceitavel.ghtml>.

¹⁶⁵ UOL. **Bolsonaro diz que homem do campo trabalhou e não foi 'frouxo' na pandemia**. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/carros/videos/videos.htm?id=bolsonaro-diz-que-homem-do-campo-trabalhou-e-nao-foi-frouxo-na-pandemia-0402CD1B366ADCC16326>.

político ou pelo alcance de um objetivo maior — no caso de Bolsonaro, a crítica ao medo ocorreu em nome de um objetivo: “salvar a economia”.

Nesse sentido, podemos verificar, nos pronunciamentos desses representantes, que os emotivos existem nas descrições das palavras pronunciadas e na gestualidade, como o quase “choro” de Merkel e a postura corporal “combativa” de Bolsonaro. Por meio desse conjunto de formas de expressão, podemos captar a mensagem que ambos pretenderam comunicar à população sobre a aceitabilidade ou não do “medo” ou “angústia” em relação à pandemia. Sendo assim, de acordo com a teoria dos emotivos e regimes emocionais, em uma análise histórica, Reddy afirma que as únicas perguntas que precisamos fazer sobre os sistemas políticos e culturais é: “Quem sofre? O sofrimento é uma consequência inevitável da navegação emocional ou ajuda a sustentar um regime emocional restritivo? Ou seja, esse sofrimento é uma tragédia ou uma injustiça?”.¹⁶⁶

Esses questionamentos são parte de uma proposta teórica crítica sobre as emoções na relação do individual com o coletivo; são as bases da construção da teoria de Reddy em razão de sua percepção sobre a falta de pesquisas com posicionamentos críticos sobre o impacto dos sistemas políticos e culturais na vida emocional individual das pessoas. No caso da Psicologia, Reddy afirma que os testes desenvolvidos pelos psicólogos pouco se atentaram a pensar a relação entre os sistemas políticos e as emoções individuais. Contudo, na Antropologia, o autor reconhece essa proposta de forma limitada:

O problema com a política das emoções é entender de que maneira o indivíduo se submete e porque isso é importante. Os antropólogos das emoções têm se mostrado altamente sensíveis ao funcionamento das instituições políticas, deferência, autoridade e gênero; mas não foram capazes de mostrar o que está em jogo para o indivíduo se submeter a tais instituições, aceitar e sentir as emoções prescritas por organizações familiares específicas, abraçar estilos emocionais que os tornam humildes, obedientes, respeitosos — ou agressivos, independentes, arrogantes. Uma pessoa que sente uma emoção que é uma resposta aprendida, um produto da construção social, pode ser oprimida — no sentido político do termo — por esse sentimento?¹⁶⁷

¹⁶⁶ “Who suffers? Is the suffering an unavoidable consequence of emotional navigation or does this suffering help to shore up a restrictive emotional regime? That is, is this suffering a tragedy or an injustice?” REDDY, 2001, p. 130.

¹⁶⁷ “The problem with the politics of emotions is understanding in what way the individual submits and why it matters. Anthropologists of emotions have proven themselves highly sensitive to the workings of political institutions, deference, authority, and gender; but they have not been able to show what is at stake for the individual in submitting to such institutions, in accepting and feeling the emotions prescribed

Nesse sentido, a crítica de Reddy está na falta de atenção dos pesquisadores às maneiras como os indivíduos se adaptam aos sistemas políticos ou à cultura. Desse modo, ele questiona:

O que o indivíduo perde ao se submeter, abraçando irrefletidamente, um senso comum emocional construído coletivamente? Se nada, então não temos fundamentos sobre os quais criticar o bom senso emocional ocidental e muitas das críticas feministas, pós-estruturalistas e culturais do indivíduo ocidental oferecido nas últimas décadas não têm significado ou propósito. Se há algo que pode ser perdido, então pode ser perdido em qualquer lugar, por qualquer pessoa.¹⁶⁸

Esse questionamento de Reddy é desenvolvido a partir de uma revisão bibliográfica de obras que se aproximam da proposta de analisar a relação entre as emoções dos indivíduos e os grupos sociais. Diante dessas contribuições, o autor pensa que, para construir uma base sólida para julgar os sistemas políticos — de modo que não seja eurocêntrico —, é preciso haver uma estrutura conceitual que reconheça a importância da gestão emocional em oposição à ideia de construção da emoção, ou seja, a ideia de que as emoções não são apenas uma construção social, mas também existem em nosso corpo.

O pensamento de Reddy sobre a “gestão das emoções” é influenciado pelo trabalho de Arlie Hochschild. A autora expõe a necessidade de os indivíduos manejarem suas emoções de acordo com o ambiente em que vivem. Sua pesquisa junto ao trabalho de aeromoças revelou algo que ela chamou de *emotional work*, “trabalho emocional”, isto é, um aprendizado social de como controlar as emoções. Ao fazerem esse trabalho emocional, as aeromoças tinham o esforço de sentir, treinar e mostrar os sentimentos requisitados pelo ambiente de trabalho¹⁶⁹.

by specific family organizations, in embracing emotional styles that render them humble, obedient, deferential – or aggressive, independent, arrogant. Can a person who feels an emotion that is a learned response, a product of social construction, be oppressed – in the political sense of the term – by this feeling?” REDDY, 2001, p.114.

¹⁶⁸ “What is it the individual loses by submitting to, embracing unreflectively, a collectively constructed emotional common sense? If nothing, then we have no grounds upon which to critique Western emotional common sense, and much of the feminist, poststructuralist, and cultural critiques of the Western individual offered in recent decades has no meaning or purpose. If there is something that can be lost, then it can be lost everywhere, by anyone.” REDDY, 2001, p.114.

¹⁶⁹ HOCHSCHILD, Arlie R. **The Managed Heart**: Commercialization of Human Feeling. Berkeley: University of California Press, 1983.

Logo, em um nível individual, o manejo das emoções atua para que o indivíduo se adapte às emoções do grupo, do mesmo modo que todo sistema político disponibiliza (ou não) espaço para que as pessoas façam esse manejo emocional para pertencer ao sistema. Nessa direção, o espaço que um sistema político proporciona para o manejo emocional dos indivíduos é algo que Reddy chama de “liberdade emocional”. Desse modo, é pelo “sofrimento emocional” dos indivíduos que podemos verificar a liberdade emocional de um sistema político e, a partir disso, tecer nossas críticas sobre esses sistemas.

Nesse sentido, Reddy afirma que “os regimes rígidos exploram o poder dos emotivos para moldar as emoções, para servir como ferramentas de gestão”¹⁷⁰. Ao fazer isso, esses sistemas ignoram o impacto emocional que existe quando mudanças inesperadas ou “indesejadas” são “impostas” aos indivíduos. Sendo assim, quanto mais rígido for um sistema político, maior o sofrimento emocional¹⁷¹. Reddy menciona que, em contextos de guerras, epidemias ou duras exigências de trabalho, esses sistemas suprimem a humanidade que existe nas pessoas, e o sofrimento emocional se torna uma “epidemia”.¹⁷²

O conceito de “Liberdade emocional”, contudo, não é necessariamente um “julgamento” sobre o que é ser livre diante dos variados sistemas políticos que existem no mundo. A liberdade emocional não se baseia em uma comparação sobre “liberdades”. A única forma de julgar a liberdade emocional de um sistema

¹⁷⁰ “Strict regimes exploit the power of emotives to shape emotions, to serve as management tools, but ignore or denounce the power of emotional activations to “impose” unanticipated or “unwanted” change on the individual” REDDY, 2001, p.126.

¹⁷¹ A pesquisa de Reddy sobre a Revolução Francesa, por exemplo, mostra que o governo de Luiz XIV foi constituído de códigos de conduta rígidos. A inadequação de alguns grupos sob esse regime resultou na criação de “sociedades secretas” para que as pessoas pudessem se expressar livremente, de forma oposta às condutas sociais impostas pelo monarca. Reddy comenta que esses espaços são os “refúgios emocionais”: neles, existe a liberdade para que as maneiras de sentir ou de exercer papéis que socialmente não são aceitos possam existir sem represálias dos grupos dominantes. Reddy afirma que os refúgios emocionais são necessários, são como um “respiro” para o constante manejo emocional que os indivíduos precisam exercer no cotidiano. Sendo assim, quanto mais um sistema político “persegue” esses refúgios, maior é o sofrimento emocional, e maior a probabilidade que esses refúgios busquem apoio de outros grupos para destituir o sistema ou grupo opressor. É nesse momento que acontecem as mudanças sociais, em que sistemas são substituídos e são implementados novos códigos emocionais.

¹⁷² Nas palavras do autor: “They thus offer, in the end, an incomplete and contradictory vision of human nature and human possibilities. In the short run, as institutions cope with war, epidemic, famine, scarcity, or the harsh labor requirements of certain technologies and certain environments, the induced suffering a regime depends on and the incompleteness of its notion of humanity may have little importance. In the very long run, they are of the greatest importance. They become particularly salient in situations of conquest, colonization, or expansion, when the normative management strategy must be imposed on new populations. Emotional suffering becomes epidemic.” REDDY, 2001, p.126.

considerado “rígido” depende da resposta emocional dos indivíduos que vivem nesse sistema. Dito isto, a forma como cada sistema político afeta os indivíduos com suas regras emocionais não é homogênea; por isso, é preciso identificar quem sofre dentro desses sistemas.

De maneira ampla, as emoções emuladas na obra de Sylvia Plath existem dentro de um contexto histórico específico, a Guerra Fria; de modo que outras produções culturais da época compartilham de algumas questões presentes em sua arte. A arte, dessa forma, é uma profícua fonte para pensar as emoções em um contexto. Quanto a isso, Mary Carruthers afirma que “as obras de arte não apenas simulam ou representam sentimentos humanos, mas os produzem naqueles que estão vivenciando o trabalho — os artefatos são agentes em nossas emoções e pensamentos, bem como em nossas sensações”¹⁷³. Como exposto anteriormente, a comunicação da emoção é sempre uma tentativa de traduzir aquilo que é sentido dentro da gente. Nessa busca por tornar tangível o que é sentido é que a arte se torna uma fonte profícua, pois a prática das emoções (sua constante descrição e performance) é um processo que o artista desenvolve por meio dos sons, cores, movimentos, imagens e entre outros elementos para que a emoção possa ser experimentada pelo público.

Logo a comunicação de Sylvia Plath, vista como “sombria”, não deve ser interpretada apenas como um espelho de seu estado emocional interior, mas também como pertencente a coletividades que foram impactadas por questões políticas — o holocausto é um exemplo disso. Isto exposto, a Guerra Fria proporcionou uma experiência compartilhada marcada por uma tensão ideológica e econômica entre Estados Unidos e União Soviética, cujos regimes emocionais desafiaram o modo de viver e sentir das pessoas. Nesse sentido, de uma maneira geral, pinturas, fotografias, performances, filmes e ficções são materiais que informam não apenas as emoções dos sistemas políticos da Guerra Fria, mas também quais emoções serviram como instrumento de transformação social para questionar os sistemas políticos em voga. Seguindo as premissas teóricas de Reddy, tenho o objetivo de comprovar a hipótese de que é possível ler a arte de Sylvia Plath sob a perspectiva das emoções da Guerra Fria.

¹⁷³ “Works of art do not just simulate or represent human feelings but produce them in those who are experiencing the work - artefacts are agents in our emotions and thoughts as well as our sensations.” CARRUTHERS, Mary. **The Experience of Beauty in Ages**. Oxford: Oxford UP, 2013, p.168.

Nessa direção, a interligação de diversas formas e meios narrativos explorados por Sylvia encontra, nas imagens, um poderoso recurso para despertar as emoções do observador ou leitor, o qual se conecta intimamente com a carga emocional que cada imagem carrega, moldada por seu contexto histórico. Por meio das imagens, Sylvia Plath estabelece uma via de comunicação com o público, uma vez que elas têm o poder de ativar sentimentos e significados profundamente enraizados nas mentes das pessoas. Esse aspecto foi notado por Anna Jackson, que observa que, nos seus diários, Sylvia Plath habilmente utiliza inúmeras imagens para evocar emoções e traduzir as ideias que deseja explorar em sua poesia e seus contos.

Enquanto os diários são muito analíticos, com uma alta proporção de pensamento abstrato, Sylvia Plath tende a apresentar as ideias em termos visuais. Uma ideia tão abstrata quanto a mortalidade é descrita figurativamente: “Os gatos têm nove vidas, diz o ditado. Você tem uma; e em algum lugar ao longo do tênue fio de sua existência está o nó preto, a batida do coração parada que significa o fim desse indivíduo em particular”. Ela mesma nota em um ponto “minha inclinação para alegorias, símiles e metáforas [...] um veículo para expressar alguns dos muitos pensamentos perturbadores”. Seu interesse por sonhos nos diários posteriores é um interesse por uma forma inconsciente de pensamento que apresenta ideias e emoções em termos visuais.¹⁷⁴

Sendo assim, na presente tese, a arte visual da colagem (técnica artística) produzida por Sylvia Plath foi a fonte condutora para pensar as emoções da Guerra Fria na sua obra. A ideia de condução é baseada no conceito de *Electracy*, formulado por Alan Ramón Clinton¹⁷⁵, que identifica que as escrituras¹⁷⁶ de Sylvia Plath são “mais

¹⁷⁴ “While the diaries are very analytical, with a high proportion of abstract thought, Plath tends to present ideas in visual terms. As abstract an idea as mortality is described figuratively: “Cats have nine lives, the saying goes. You have one; and somewhere along the thin tenuous thread of your existence there is the black knot, the stopped heartbeat that spells the end of this particular individual”. She herself notes at one point “my leaning towards allegories, similes and metaphors [...] a vehicle to express a few of the many disturbing thoughts”. Her interest in dreams in the later diaries is an interest in an unconscious form of thinking which presents ideas and emotions in visual terms. JACKSON, 2020, sem paginação.

¹⁷⁵ CLINTON, Alan Ramón. Sylvia Plath and Electracy. *Iowa Journal of Cultural Studies*, v. 8, n. 1, 2006.

¹⁷⁶ A eletricidade proposta por Clinton é encontrada na coletânea de 40 poemas intitulados “O colosso e outros poemas”. O título da coletânea é o nome do computador que Alan Turing construiu em 1943, um nome que se refere ao tamanho da responsabilidade em torno de sua função nas estratégias de guerra. Da mesma forma, o último trabalho literário e póstumo de Sylvia Plath, Ariel, é o nome de uma sequência de satélites sendo o primeiro lançado pelos britânicos em 1962. Dessa forma, pensar a relação entre esses nomes e a tecnologia são apenas hipóteses, não sabemos de fato a intenção por trás dessas nomeações feitas por Sylvia Plath. Ariel ou Colosso podem ser nomes que nada tem conexões com o exposto, no caso de Colosso pode existir uma inspiração em Shakespeare (tal como pensa Clinton) e Ariel podendo significar “altar”, “leão de Deus” e “Jerusalém” em hebraico, ou seja, um nome com um propósito espiritual.

efetivamente lidas como painéis de controle que não privilegiam nem o histórico nem o pessoal, mas, em vez disso, mudam de um registro para o outro, de forma condutiva em vez de indutiva ou dedutivamente, com o resultado de iluminar ambos”.¹⁷⁷ De certa forma, esta tese segue o mesmo pressuposto de Clinton: a colagem é condutora; nela, existem relações históricas entre um fragmento e outro que só podem ser interpretadas com uma análise minuciosa das imagens, cada uma com histórias que se conectam e que puxam outras referências e escrituras de Sylvia Plath.

2.2.2 A colagem Anti Militar de Sylvia Plath como um emotivo visual

Colagem antimilitar de Sylvia Plath



Fonte: PEEL, Robin. Body, Word, and Photograph: Sylvia Plath's Cold War Collage and the Thalidomide scandal. *Journal Of American Studies*, v. 40, n. 1, p. 71-95, abr. 2006. Disponível em:

¹⁷⁷ “[...] Plath’s Ariel poems are most effectively read as switch boards that privilege neither the historical nor the personal, but instead shift from one register to the other, conductively rather than inductively or deductively, with the result of illuminating both. CLINTON, 2006, p.61.

<http://dx.doi.org/10.1017/s0021875806000739> (Archive: Mortimer Rare Book Collection, Smith College, Northampton, Massachusetts)

Na Figura 2, a tecnologia nuclear é representada pelo satélite *Pioneer V* e pelo avião *B-58 Hustler*; já as relações políticas em torno desses empreendimentos armamentistas são simbolizadas pelo presidente Dwight D. Eisenhower, pelo vice-presidente Richard Nixon e pelos dois homens adultos que estão brincando com o *Scalextric*. A feminilidade parece ser um ponto central entre essas partes, pois ela é o alvo do avião comandado pelos dois homens citados.

Na colagem, as mulheres são representadas de duas formas: sensual e sob ameaça do avião, mas também exausta, como a mulher localizada no canto inferior direito.

Figura 3 As mulheres na colagem antimilitar de Sylvia Plath.



Fonte: Montagem produzido pela autora (2024) referente a imagem original em: PEEL, Robin. Body, Word, and Photograph: Sylvia Plath's Cold War Collage and the Thalidomide scandal. *Journal Of American Studies*, v. 40, n. 1, p. 71-95, abr. 2006. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.1017/s0021875806000739> (Archive: Mortimer Rare Book Collection, Smith College, Northampton, Massachusetts)

A colagem de Sylvia Plath é uma linguagem e comunica a crítica da artista ao panorama político da Guerra Fria. O desafio teórico de interpretá-la pelo viés das emoções está na falta de um conteúdo textual, pois a maioria das pesquisas do campo utilizaram fontes textuais ou orais com linguagem verbal. Alguns historiadores do campo da História das Emoções expandiram a possibilidade de utilizar as artes visuais como fontes históricas. Em acordo com Reddy, Erin Sullivan é uma das poucas historiadoras que buscou estender a História das Emoções na literatura, na música e na arte. Embora sua *expertise* seja a literatura e o drama da Inglaterra na Idade Moderna (século XVII), a autora recentemente propôs expandir suas reflexões metodológicas para as artes em geral. Ao estudar as poesias inglesas modernas que retratam a dor e o luto, Sullivan concluiu que o historiador, ao fazer a análise desses poemas, tem acesso não somente aos códigos sociais que norteiam a dor e o luto, mas também ao trabalho literário feito por alguém que teve o esforço de articular, através das palavras, um sentido claro sobre o significado dessas emoções. Dessa maneira, Sullivan pensa que a poesia é um “mundo refletido” e um “mundo sendo criado”; em outras palavras, a autora pensa a poesia como a representação (ou performance) da emoção, comunicação dessa emoção ao público, forma e veículo de experiência da emoção. A experiência é essencial na abordagem de Sullivan para pensar uma leitura das emoções nas artes. Para a autora, “o objetivo de tais obras não é apenas espelhar a experiência, mas também produzi-la nas mentes do público e dos leitores”.¹⁷⁸

Nesse sentido, da mesma forma que Sullivan vê a poesia, penso a colagem de Sylvia Plath como um esforço da artista em articular as emoções por meio das imagens. Por meio de uma experiência visual, interpreto a colagem como um “espelho” da Guerra Fria e uma forma de criar e transmitir o regime emocional desse contexto através da montagem de imagens. Dessa forma, a colagem é uma montagem, um gênero artístico que Sylvia Plath utilizou para falar sobre um momento histórico, sendo que a técnica da montagem também corresponde a uma crítica às

¹⁷⁸ “A form and vehicle of experience’. I want to pause here for a moment because I think that this is an essential issue when it comes to artfully crafted, mimetic sources in the writing of history – emotional and otherwise. The aim of such works is not just to mirror experience, but also to produce it in the minds of audiences and readers, and in this sense they go far beyond functioning as a second-best repository for the scant-of-evidence.” SULLIVAN, E. The Role of the Arts in the History of Emotions: Aesthetic Experience and Emotion as Method. **History, Culture, Society**, vol. 2, n. 1, 2018, p. 119.

transformações no cotidiano e nos avanços tecnológicos, que impactaram a forma de pensar o tempo, o espaço e as sensibilidades¹⁷⁹.

Assim, se considerarmos a colagem como um espelho da experiência e da criação de experiência (tal como Sullivan pensa a capacidade de produzi-la nas mentes), a colagem pode ser um emotivo de Sylvia Plath, uma linguagem que, pelo ato da montagem, tenta traduzir o contexto emocional vivido; uma espécie de ressonância¹⁸⁰ do contexto, ao passo que também é uma criação dele. A colagem como um “veículo de experiência” produz, no observador, a experiência de decifrar o sentido das figuras, uma em relação a outra¹⁸¹. Por meio das imagens, ela comunica as emoções da Guerra Fria, sendo cada parte da colagem um universo a ser decifrado em relação uns aos outros e às emoções do contexto histórico.

Apesar de existirem muitas possibilidades de análise sobre essa montagem, interpreto a criação artística de Sylvia Plath como um veículo de experiência sobre a feminilidade na era nuclear. Penso que a colagem comunica o “ser-no-mundo” de Sylvia Plath, na maneira como a mulher sob a mira do jato atômico tem uma “impressão” no mundo. Nesse aspecto, penso a impressão a partir de Sarah Ahmed:

¹⁷⁹ BANASH, David. **Collage Culture: Readymades, Meaning, and the Age of Consumption**. Nova York: Rodopi, 2013.

¹⁸⁰ Por ressonância me baseio na definição de Stephen Greenblatt: “o poder do objeto exibido de alcançar um mundo maior além de seus limites formais, de evocarem quem os vê as forças culturais complexas e dinâmicas das quais emergiu e das quais pode ser considerado pelo espectador como uma metáfora ou simples sinédoque.” GREENBLATT, S. O novo historicismo. *Revista Estudos Históricos*, v. 4, n. 8, 1 dez. 1991, p.250.

¹⁸¹ Semelhante à forma como encaro a colagem como um emotivo, a pesquisadora Elisabeth Wagner-Durand ao trabalhar com a mesopotâmia também articula a teoria de Reddy nas imagens que analisa em sua pesquisa. Minha tradução sobre o que a autora afirma: “Emotivos são, segundo Reddy, a tentativa de sentir o que se afirma ser sentido e de evocar exatamente essas emoções. Os emotivos não são realmente inconscientes; em vez disso, são realizados intencionalmente para criar uma congruência entre expressão e emoção. Portanto, chamo formas de exibição emocional icônica intencional de emotivos visuais e as defino como expressões socialmente convencionalizadas de estados emocionais comunicados por sinais não-verbais na forma de gestos, posturas, roupas, cores, parafernália e muito mais. Emotivos visuais dependem da comunidade emocional e o clima geral em que são realmente realizados e visualizados em imagens. No caso da cultura visual de elite, muitas vezes serão coerentes com o respectivo regime emocional”.

“Emotives are, according to Reddy, the attempt to feel what is claimed to be felt and to evoke exactly these emotions. Emotives are not really unconscious; rather, they are intentionally performed to create a congruence between expression and emotion. Therefore, I call forms of intentional iconic emotional display visual emotives and define them as socially conventionalized expressions of emotional states communicated by non-verbal signs in the form of gestures, postures, clothing, color, paraphernalia, and more. Visual emotives are dependent on the emotional Community and the overall climate in which they are actually performed and visualized in images. In the case of elite visual culture, they will often be coherent with the respective emotional regime.” DURAND, Elisabeth Wagner. *Imaging Emotions: Emotional Communities of Mesopotamia and the Potential of an ‘Emotional Turn’ in the Study of Visual Cultures* In: BRACKER, Jacobus. **Homo Pictor: Image Studies and Archaeology in Dialogue**. Heidelberg: Propylaeum, 2020, p. 252-253.

Uma impressão pode ser simplesmente um efeito sobre os sentimentos do sujeito (“Ela impressionou”). Pode ser uma crença (“estar sob uma impressão”); pode ser uma imitação (“para criar uma impressão”), pode ser uma marca na superfície (“para deixar uma impressão”). Precisamos nos lembrar da “imprensa” em uma impressão. Permite-nos associar a experiência de ter uma emoção à própria “marca” deixada pela pressão de uma superfície sobre outra. Portanto, não apenas tenho uma impressão dos outros, mas eles também me deixam uma impressão; eles me impressionam e impressionam em cima de mim. Com efeito, podemos pensar nas impressões como as marcas deixadas por outros, nas quais os outros podem deixar a sua marca na medida em que já a deixaram. As impressões dos outros surgem como marcas no corpo, em que as marcas se tornam um sinal de ausência, ou um sinal de uma presença que “não é mais”. A impressão é sinal da persistência do outro mesmo diante de sua ausência¹⁸².

Interpreto a colagem com três sentidos de impressões: (1) uma imagem feita a partir de recorte e colagem (impressão) sobre o papel; (2) o corpo feminino sob a mira do avião é moldado pelas impressões que os outros têm sobre ele; (3) assim como também é impressionado (marcado) por aquilo que deixaram sobre ele. Quando Sarah Ahmed discute a impressão, o corpo e as emoções estão entrelaçados na impressão, pois os corpos são marcados por emoções que outros imprimem neles, e essa impressão tem um efeito para aqueles que são marcados.

Um exemplo está nas impressões de um grupo em relação ao outro: para uma coletividade imaginada de “cidadãos brancos”, existe um outro corpo diferente dele que pode ser configurado como uma ameaça; logo, emoções de ódio são imprimidas nesse outro “diferente”. Esse corpo é imprimido (marcado) pelo ódio que deixaram sobre ele. Por isso, Ahmed se aproxima de Reddy quando ela afirma que as emoções são mais do que sentir: elas movem as pessoas e são transformadas em ações. Seguindo a lógica do exemplo supracitado, a violência é uma entre várias ações que o ódio conduz. Determinados corpos são violentados pela impressão que lhe deram enquanto perigosos; adjacente ao ódio, as emoções de medo e ameaça tomam

¹⁸² An impression can simply be an effect on the subject’s feelings (‘She made an impression’). It can be a belief (‘to be under an impression’); it can be an imitation (‘to create an impression’), it can be a mark on the surface (‘to leave an Ahmed – Collective Feelings 29 impression’). We need to remember the ‘press’ in an impression. It allows us to associate the experience of having an emotion with the very ‘mark’ left by the press of one surface upon another. So not only do I have an impression of others, but they also leave me with an impression; they impress me and impress upon me. Indeed, we can think about impressions as the marks left by others, in which the others might leave their mark insofar as they have already left. The impressions of others surface as marks on the body, in which the marks become a sign of absence, or a sign of a presence that ‘is no longer’. The impression is a sign of the persistence of others even in the face of their absence. AHMED, Sara. On Collective Feelings, or the Impressions Left by Others. *Theory, Culture and Society*, v. 21, n. 2, 2004, p. 29-30.

espaço e, com elas, outras ações são tomadas a fim de suprimir o medo/a insegurança que esse outro traz.

Em suma, pensando a colagem pelas perspectivas de Erin Sullivan (*mundo refletido e mundo sendo criado*), Sara Ahmed (*impressão*) e William Reddy (*emotivos e Regimes Emocionais*), o que proponho é ver a colagem como uma tentativa de significação da realidade da Guerra Fria. Esse contexto existe na colagem e é atravessado por uma narrativa imagética: a montagem das imagens é o “mundo sendo criado” a partir da experiência de Sylvia Plath na Guerra Fria. A colagem é um veículo de experiência que convida o observador a imaginar o significado de estar na mira de um míssil atômico. Nesse sentido, as emoções são parte do ato imaginativo do observador. A impressão da mulher sob a mira de um míssil atômico carregado pelo *B-58 Hustler* existe para além da imagem: está posta em um contexto em que a política americana imprimiu na mulher uma série de responsabilidades e deveres. Sendo assim, os próximos capítulos pretendem articular a obra de Sylvia Plath à reflexões aqui apresentadas.

3 “NÃO VEJO COMO ALGUÉM PODE ACREDITAR QUE A BOMBA ATÔMICA NOS CURARIA DOS MALES”: O MEDO DA ENERGIA NUCLEAR NAS ESCRITURAS DE SYLVIA PLATH

Quando os estudiosos da História das Emoções buscam localizar, no tempo e no espaço, o impacto de uma emoção nas relações sociais, uma das afirmações recorrentes é que as emoções estão no palco de toda e qualquer mudança social significativa para a humanidade. Nesse ensejo, a bomba atômica, sem dúvidas, é um artefato que marcou a compreensão de que os avanços científicos têm potências destrutivas.

Pensando a Guerra Fria como um constante embate de ameaças entre soviéticos e americanos, o que era dito sobre o poder destrutivo da bomba atuou nas sensações de alguns corpos, sendo necessário um “manejo emocional”¹⁸³ diante da ansiedade e do medo constante. Esses atos/ações mobilizaram novos hábitos cotidianos, que buscavam contornar as inseguranças e os medos da nuclearidade. Por exemplo, os testes de evacuação em casos de ataques nucleares tinham o objetivo de treinar os corpos para lidarem com as emoções diante de uma situação caótica, a fim que soubessem o que fazer em determinada situação. As emoções, portanto, estão muito além de simples descrições sobre o que é amor, o ódio, a tristeza, a raiva etc. Elas estão naquilo que move as pessoas, naquilo que determinadas tecnologias — no caso, a bomba atômica — fizeram para mobilizar as pessoas a viver de uma determinada maneira.

O título deste capítulo segue a premissa negativa que Sylvia Plath tinha em relação à política que considerava a bomba uma possibilidade de demarcar poderio científico e de guerra. No caso americano, por pior que tenha sido o mundo assistir os ataques a Hiroshima e Nagasaki, existiram justificativas morais para o ato, assim como para a busca por novos dispositivos atômicos que pudessem ser mais potentes e precisos¹⁸⁴. As emoções, portanto, são importantes no entendimento dos contextos históricos, pois bem como afirma Rob Boddice, elas “estão no centro da história da moralidade, pois está se tornando cada vez mais improvável que qualquer descrição da virtude, moral ou ética humana possa ser desprovida de uma análise de seu

¹⁸³ Esse termo está na teoria de Hochschild, é parte da gestão das emoções. HOCHSCHILD, 1983.

¹⁸⁴ IHEONU, Jean Allend Umunns; OKAFOR, Frank Collind Nnamdi. Quest for United States of America's Diplomatic Apology to Japan over Hiroshima and Nagasaki: The Moral Arguments. **Journal of Political Science and Leadership Research**, v. 6, n. 2, 2020.

contexto emocional histórico.”¹⁸⁵ Nesse sentido, o contexto emocional norte-americano na Guerra Fria teve, na bomba atômica, um argumento para a construção de um regime emocional de medo e, por meio desse contexto emocional, atitudes políticas e formas de viver foram moldadas.

A presença do medo atômico na arte de Sylvia Plath não aparece de forma explícita, pois o que ela apresenta em sua arte é uma experiência feminina de morte, a qual interpreto como uma tentativa da artista comunicar o aniquilamento subjetivo em um contexto em que as mulheres estavam sendo exigidas a viver papéis sociais estritos. Em um âmbito político das emoções, o medo nuclear foi uma das formas de estabelecer o lugar social dos norte-americanos, sendo a família um símbolo de resiliência e proteção na identidade norte-americana na Guerra Fria. Em torno dessa identidade, os homens foram retratados como os provedores, responsáveis pela segurança de suas famílias, ao passo que as mulheres foram designadas a serem cuidadoras e responsáveis pela estabilidade do lar em meio à incerteza dos rumos da Guerra Fria.¹⁸⁶ Nesse sentido, as emoções são parte do funcionamento dessas expectativas sociais: às mulheres, especificamente as brancas de classe média, foram estabelecidas emoções de completude pelo casamento, pela maternidade e pelo consumo de novas tecnologias e objetos em geral.

A arte de Sylvia Plath desvela emoções de uma experiência feminina oposta ao que o contexto da Guerra Fria delineava para algumas mulheres. Ela expressa que alguns corpos não são capazes de caber no sistema de emoções do *american dream*. Penso a arte de Sylvia Plath enquanto uma tentativa própria de comunicar as complexas emoções sentidas não somente por questões pessoais, mas também pelo contexto histórico vivido. Dessa forma, acredito que, como categoria de análise na leitura da arte de Sylvia Plath dentro do contexto da Guerra Fria, a emoção precisa ser compreendida a partir de um elemento norteador desse contexto: a bomba nuclear. Esse objeto não deve ser visto de forma isolada, como um artefato em discussão apenas nas relações políticas internacionais ou na corrida armamentista entre Estados Unidos e União Soviética. A bomba atômica precisa ser vista numa perspectiva mais complexa, na sua potência de ter adentrado, emocionalmente, o

¹⁸⁵ “Emotions are at the centre of the history of morality, for it is becoming increasingly unlikely that any account of human virtue, morals or ethics can be devoid of an analysis of its historical emotional context”. BODDICE, Rob. **History of Emotions**. Manchester: Manchester University Press, 2018, p. 10.

¹⁸⁶ MAY, Elaine T. **Homeward Bound: American Families in the Cold War Era**. New York: Basic Books, 2017.

ambiente privado, dando novos contornos às relações de gênero, aos modos de viver, à experimentação do tempo e às sensações.

A presença da energia nuclear de forma ameaçadora fez parte do amadurecimento crítico de Sylvia Plath sobre as relações políticas de seu país com o resto do mundo. Como exposto na introdução deste trabalho, o trânsito de Sylvia Plath entre Estados Unidos e Inglaterra permitiu que ela tivesse diferentes experiências da nuclearidade, em decorrência das distintas formas que os governos desses países lidaram com a energia nuclear. Essa constatação pode ser verificada sob um aspecto intimista e literário nos diários e nas cartas da artista.

No trecho a seguir, Sylvia Plath estava trocando cartas com Hans-Joachim Neupert, um amigo ou “namorado” com quem ela já mantinha contato por algum tempo, e expõe suas sensações sobre os empreendimentos tecnológicos e nucleares. Naquele ano, ela seria admitida no *Smith college*, e o início dos estudos na instituição foi acompanhado por um perfeccionismo que seus colegas acreditavam ter contribuído para a tentativa de suicídio que ocorreu em 1953, após ela ter sido vencedora do *Mademoiselle Fiction Contest* em 1952.

Claro que há bailes e festas nos fins de semana, mas esse susto de guerra me incomoda tanto que nunca consigo me esquecer completamente na alegria artificial. Sempre no fundo fica o medo de nunca conseguir viver em paz e amor pelo resto da minha vida com meus amigos e minha família. Muitos se sentem como eu — e sacrificariam muito pela paz. Mas há aqueles tolos que pensam que a única coisa a fazer é fazer uma guerra para acabar com a ameaça comunista. Não vejo como alguém pode acreditar que a bomba atômica nos curaria dos males. Certamente democracia e liberdade significariam pouco em um mundo de escombros e raios radioativos. Se apenas alguns americanos pudessem ver o que a guerra significaria — e perceber o quão impossível seria para a nossa suculenta terra de milhões de dólares para sobreviver a bombardeios e invasões. Penso em nós como no Império Romano e sinto que esta é a queda, talvez, de nossa nova e brilhante civilização. Em momentos como este, eu gostaria de estar morando na Suécia, ou na África, em qualquer lugar, para que essa ameaça não fosse tão horrível. Eu penso tanto quanto você sobre a guerra. Tenho certeza que muitos outros também. Mas ainda assim os homens são movidos por uma força sem nome para lutar, matar e destruir tudo o que é belo e bom¹⁸⁷

¹⁸⁷ “Of course there are dances and parties on weekends, but this war-scare bothers me so much that I can never completely forget myself in artificial gaiety. Always in the background there is the fear that I will never be able to live in peace and love for the rest of my life with my friends & my family. Many feel the way I do – and would sacrifice much for peace. But then there are those fools who think the only thing to do is to have a war to end the Communist threat. I don’t see how anyone can believe that the A-Bomb would cure us of evils. Surely democracy and freedom would mean little in a world of rubble

De maneira geral, as conversas de Sylvia Plath com Neupert eram bastante reflexivas, envolvendo desabafos sobre a vida, expectativas para o futuro e críticas à atual situação do mundo em torno da guerra. O maior interesse de Sylvia Plath no contato com Neupert esteve no seu apreço pela língua alemã, um aprendizado que instigava sua curiosidade, devido à origem austríaca e germânica de sua família. Para além de uma identificação étnica, nas correspondências, ela revelava que o contato entre os dois era muito agradável, descrevendo seu cotidiano de forma extensa, trazendo para o centro das conversas assuntos referentes às posições políticas de Neupert sobre a guerra, na forma como os alemães lidavam com os soviéticos e os americanos.

Ao longo de dois anos de correspondência, ela revelou, em alguns momentos, seu incômodo com os testes nucleares. No trecho apresentado, nota-se que frequentar ambientes que evocassem emotivos de felicidade, como o ato de dançar, encontrar pessoas novas etc., não seria suficiente para abafar a “realidade” do medo da iminente guerra. Logo, quando afirma “esse susto de guerra me incomoda tanto que nunca consigo me esquecer completamente na alegria artificial”, ela está dizendo que “forçar” uma rotina de emoções de alegria não anestesiava a insegurança sobre o futuro, sobre a perda da paz e da família. Por outro lado, imaginar-se morando em lugares neutros ao conflito (África e Suécia) provavelmente era uma imagem idealizada sobre a situação política desses espaços. Isso porque, o continente africano, por exemplo, não somente foi explorado para a extração de Urânio — para construção das bombas nucleares —, como foi palco de transformações de descolonização, com significativo número de mortos.¹⁸⁸

Ademais, quando ela afirma que “certamente democracia e liberdade significariam pouco em um mundo de escombros e raios radioativos”, está revelando como a nuclearidade americana modulava um regime emocional de medo da energia nuclear. Nesse caso, na visão de Sylvia Plath, a energia nuclear tornou os valores americanos (a democracia) insignificantes diante de uma força “invisível” maior, a

and radioactive rays. If only some Americans could see what war would mean – and realize how impossible it would be for our juicy million-dollar land to survive bombing & invasion. I think of us as of the Roman Empire and feel that this is the fall, perhaps, of our new and Bright civilization. At times like this, I wish I were living in Sweden, or Africa, anywhere so that this threat would not be so horrible. I think so much as you do about war. I'm sure many others do, also. But still men are driven by a nameless force to fight & kill and destroy all that is beautiful and good.” PLATH; KUKIL; STEINBERG, p. 250-251, 2017.

¹⁸⁸ HECHT, 2014.

radioatividade. Em uma perspectiva política, a ideia ameaçadora da energia nuclear foi construída por meio de imagens registradas em Hiroshima e Nagasaki. A carga afetiva dessas imagens e seu impacto foram discutidos por Matthew Grant, Benjamin Ziemann¹⁸⁹, Guy Oakes¹⁹⁰ e Frank Biess¹⁹¹; os autores indicam que as imagens de Hiroshima e Nagasaki serviram como uma espécie de imaginário apocalíptico de uma guerra nuclear. As descrições dos efeitos colaterais no corpo dos sobreviventes e as imagens da cidade destruída serviram como um horizonte de expectativa na hipótese de um ataque soviético. Além disso, as imagens desse acontecimento histórico serviram como referência para ações de sobrevivência em manuais de defesa civil americanos e até mesmo fora dos Estados Unidos, como na Alemanha¹⁹². A referência é similar e as imagens foram base para um discurso de medo e ansiedade em relação à capacidade destrutiva de um ataque. Dessa forma, quando Sylvia Plath comenta notícias das revistas, jornais ou programas de rádio, ela está mostrando a potência emocional que essas imagens têm no seu cotidiano. Na passagem a seguir, ela comenta a presença das imagens da guerra e o medo evocado pelas notícias que anunciavam testes nucleares em Nevada:

Eles vão arrasar o mundo de verdade, desta vez, os idiotas irresponsáveis. Quando li uma descrição das vítimas de Nagasaki, senti náuseas: “E vimos que de início pareciam lagartos arrastando-se pelo chão, morro acima, roncando. Clareou um pouco e percebemos que eram seres humanos com a pele queimada a descascar, com o corpo quebrado nos pontos em que bateram quando foram jogados longe”. Parece uma descrição de uma história de terror. Que Deus nos livre de repetir tal ato. Pois os Estados Unidos fizeram isso. Culpa nossa. Meu país. Não, nunca mais. E depois a gente lê nos jornais “Segunda explosão de bomba em Nevada foi maior do que a primeira”. Que obsessão tem o homem pela destruição e matança? Por que eletrocuta os sujeitos por matar uma pessoa e depois pregamos uma medalha de honra em quem cometeu assassinato em massa contra sujeitos arbitrariamente rotulados de inimigos? Os russos já não eram comunistas quando nos ajudaram a derrotar os alemães? E agora, o que poderíamos fazer com a nação russa se a esmagássemos com bombas? Como podemos “governar” tamanha multidão de estrangeiros — nós, que nem sabemos falar o idioma russo? Como conseguiríamos controlá-los dentro de nosso sistema “democrático”,

¹⁸⁹ GRANT, Matthew; ZIEMANN, Benjamin. (ed.). **Understanding the imaginary war: Culture, thought and nuclear conflict, 1945–90**. Manchester: Manchester University Press, 2016.

¹⁹⁰ OAKES, Guy. **The imaginary war: Civil defense and American Cold War culture**. Oxford: Oxford University Press, 1995.

¹⁹¹ BIESS, Frank. Everybody has a Chance: Nuclear Angst, Civil Defence, and the History of Emotions in Postwar West Germany, **German History**, v.27, n.2, p.215–243, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/gerhis/ghp003>.

¹⁹² BIESS, 2009.

nós, que neste momento estamos perdendo um bem precioso, a liberdade de expressão? (o sr. Crockett, aquele homem tão estimado, foi interrogado pelo comitê municipal. Uma comunidade supostamente “esclarecida”. Ele é pacifista, somente pelo jeito, isso virou crime!). Por que precisamos mandar nossos melhores rapazes atravessarem o oceano e serem massacrados por quatro quilômetros e meio de nada, só terra nua? A Coreia nunca foi dividida em “Norte” “Sul”. Formam um único povo; e nossa democracia de nada serve para quem não foi educado para ela.¹⁹³ A liberdade não ajuda quem não sabe usá-la. Quando penso naquela menininha da fazenda falando sobre o irmão: “E ele disse que todos lá só ficam pensando em matar os malditos coreanos”. O que ela sabe da guerra? Dos lagartos humanos arrastando-se pelo morro? Ela só viu os filmes e ouviu conversas na escola. Ah, os Estados Unidos são um país jovem e forte. A Rússia também. E como eles podem pensar em jogar bombas atômicas uns nos outros eu não sei. O que vai sobrar?¹⁹⁴

O que verificamos no início do trecho se refere à descrição de Sadako Moriyama, uma sobrevivente da explosão de Nagasaki¹⁹⁵. A descrição revela os efeitos da bomba atômica no corpo, e a confusão entre seres humanos e lagartos presente nessa descrição remete a algo que, no cinema, foi bem explorado pelo trauma da nuclearidade: *Gojira*, ou *Godzilla*, no ocidente, é o monstro réptil (tal como a pele queimada dos sobreviventes) representativo dos efeitos da energia nuclear¹⁹⁶. Contudo, o uso dessas imagens na Guerra Fria tinha um teor pedagógico do medo, em que a televisão permitiu transmitir, ao imaginário social, a real natureza destrutiva da bomba: a imagem do cogumelo de ar foi marcante para a conscientização do potencial destrutivo da explosão. Logo, quando Sylvia Plath aponta a manchete do noticiário “Segunda explosão de bomba em Nevada foi maior do que a primeira”, ela está nos indicando o regime emocional da época, no qual a nuclearidade americana nutria emoções de medo da energia nuclear por meio de imagens e relatos de Hiroshima e Nagasaki, além de outros conteúdos.

O medo e a paranoia foram as principais emoções evocadas na Guerra Fria, devido ao gradativo clima de tensão nas relações internacionais. Para os americanos,

¹⁹³ A contestação de Sylvia Plath sobre o real significado do valor democrático se baseia na presença do exército americano na Guerra da Coreia, remetendo-se a um tempo em que em 1945, após a ocupação da União Soviética pelo norte da Coreia, iniciou-se uma divisão do país em função do combate americano à difusão do comunismo. O paralelo 38 é a faixa divisória entre as Coreias, na fala de Sylvia Plath, embora não tenha a nomeação dessa faixa, ela é precisa ao descrevê-la como “quatro quilômetros e meio de nada, só terra nua”.

¹⁹⁴ PLATH; KUKIL, 2017, p. 62-63.

¹⁹⁵ NAGAI, Takashi. **We of Nagasaki**: The Story of Survivors in an Atomic Wasteland. Nova York: Duell, Sloan and Pearce, 1951.

¹⁹⁶ CROWDER, Ryan. J; CHHEM, Rethy Kieth; AZIZ, Azura. Z. *Godzilla Mon Amour: The Origins and Legacy of Nuclear Fear in Japan*. In: SHIGEMURA, Jun; Chhem, Rethy K. (ed.). **Mental Health and Social Issues Following a Nuclear Accident**. Tokyo: Springer, p. 3-14, 2015.

a sustentação dessas emoções foi se alastrando na medida em que o lado soviético apresentava constante interesse por ultrapassar o poderio tecnológico das bombas nucleares americanas. A fala de Sylvia Plath sobre os testes de Nevada desvela sua reação emocional às investidas americanas no desenvolvimento de novas armas nucleares — naquele contexto, a bomba de hidrogênio viria a ser o ápice do medo. A descrição corporal das “náuseas” é uma sensibilidade em relação a uma postura política com a qual ela não concordava.

A indignação que ela sente faz parte de um posicionamento político não hegemônico. O historiador Michael J. Yavenditti confirma que a maioria dos norte-americanos foram a favor do bombardeamento de Hiroshima e Nagasaki, sendo muito tardio o arrependimento do ataque¹⁹⁷. Logo, as náuseas de Sylvia Plath são emotivos, uma descrição emocional e performance da emoção que é manifesta no corpo pela sensação de náuseas. O corpo de Sylvia Plath comunica o descontentamento e o desconforto perante um regime emocional que sustentava, justificava e alimentava atos de agressão e ódio aos japoneses.

Dessa maneira, verifica-se que os testes nucleares de Nevada foram intensificados no período em que Sylvia Plath escreveu esse excerto. Os testes nucleares americanos eram desenvolvidos pelo *United States Atomic Energy Commission* (AEC), órgão responsável pela produção de tecnologia nuclear para fins militares e ecológicos. Nesse período, o AEC indicou que os gastos de dinheiro e tempo para testes nucleares no alto mar, como o teste feito em Atol de Bikini, poderiam ser substituídos por um local fixo e longe das cidades, um lugar inóspito. Dessa forma, o local foi decidido a partir de pesquisas geográficas e de medidas de radiação desenvolvidas por um grupo de cientistas do laboratório *Los Alamos*, onde se avaliou que o deserto de Nevada seria distante o suficiente para esses procedimentos nucleares¹⁹⁸.

Estima-se que, de 1951 até 1992, foram efetuados 928 testes em Nevada; logo, é possível entender a energia nuclear como parte de um cotidiano norte-americano, em que as notícias evidenciavam a constante busca por uma superação tecnológica

¹⁹⁷ YAVENDITTI, Michael J. *The American People and the Use of Atomic Bombs On Japan: The 1940s. The Historian*, v. 36, n.2, p. 224–247, 1974.

¹⁹⁸ FEHNER, T Terrence. R.; GOSLING, F Francis. G. **Origins of the Nevada Test Site**. United States Department of Energy, History Division. 2000.

de armas de alto risco¹⁹⁹. Nesse sentido, a imagem da bomba se tornou uma forma de o governo americano trabalhar os emotivos (atos de fala/ações), que faziam com a vida girando em torno da energia nuclear soasse natural, banalizando a natureza ameaçadora da bomba. A tentativa de normalizar a ameaça nuclear é exposta por Toni Perrine, que, em sua pesquisa, indica que o deserto de Nevada também se tornou um local de turismo, pois os testes nucleares feitos nesse local passaram a ser um espaço de visitação do público. Além disso, as explosões eram transmitidas na televisão, transformando a bomba em um objeto comum da cultura da Guerra Fria. Ademais, Las Vegas, como local de lazer da classe média americana, também tinha relação com a possibilidade de visualizar os testes nucleares devido à proximidade com Nevada:

Os residentes de Las Vegas ficaram inicialmente entusiasmados com o programa de testes, convencidos pela campanha de relações públicas da Comissão de Energia Atômica de que não havia perigo de precipitação. Eles pularam na onda atômica com modas “atômicas”, coquetéis, jogos e coisas do gênero. A imprensa nacional foi convocada para ampliar esse apoio. Os comentários que surgiram enfatizaram o lado espetacular dos testes e ignoraram os perigos potenciais. Em 22 de abril de 1952, uma audiência de televisão ao vivo assistiu a uma bomba lançada de um avião explodir no ar. Os jornalistas ficaram pasmos e entusiasmados em suas descrições de explosões nucleares. Os jornais publicaram os cronogramas dos próximos testes e direcionaram o público para os principais pontos de exibição. Pessoalmente ou pela televisão, milhões de americanos testemunharam detonações atômicas durante a década²⁰⁰.

O pesquisador Robert Jacobs ressalta que os efeitos nocivos da radiação são conhecidos desde 1895, mas foram negligenciados como uma questão de segurança pública e ambiental. O autor pontua que foi apenas a partir de 1954, após alguns testes em Nevada, que a população começou a ter medo dos perigos da radiação.

¹⁹⁹ ANAÏS, Seantel; WALBY, Kevin. Secrecy, publicity, and the bomb: Nuclear publics and objects of the Nevada Test Site, 1951–1992. *Cultural Studies*, v. 30, n. 6, p. 949-968, 2016.

²⁰⁰“The residents of Las Vegas were at first enthusiastic about the testing program, convinced by the Atomic Energy Commission’s public relations campaign that there was no danger from fallout. They jumped on the atomic bandwagon with “atomic” fashions, cocktails, games and the like. The national press was enlisted to broaden this support. ‘The commentary that emerged played up the spectacular side of the tests and ignored potential dangers. On April 22, 1952, a live television audience watched a bomb dropped from an airplane explode in midair.’ Journalists were awestruck and enthusiastic in their descriptions of nuclear explosions. Newspapers published schedules of upcoming tests and directed the public to prime viewing spots. Whether in person or on television, millions of Americans witnessed atomic detonations during the decade” PERRINE, Toni, *The Godzilla Factor: Nuclear Testing and Fear of Fallout*, *Grand Valley Review*, v.16, n.1, 1997, p.22. Disponível em: <https://scholarworks.gvsu.edu/gvr/vol16/iss1/8>.

Isso se deveu à constatação de mortes repentinas de animais e incidência de câncer em pessoas que residiam em cidades próximas aos campos de teste.²⁰¹

Dito isso, em oposição um regime emocional que cultuava as explosões nucleares, tornando a bomba atômica um objeto de consumo, Sylvia Plath tinha críticas a essa política norte-americana e preocupações quanto à radioatividade — sendo este último um medo que já a acompanhava desde muito cedo. Na passagem a seguir, podemos verificar a nuclearidade atuando na imaginação de Sylvia em um momento de pausa do estudo de botânica. Na cena, ela está sentada na janela do quarto enquanto contempla a natureza da neve que cai lá fora; nesse momento, ela imagina aviões que lançam bombas nas casas das famílias, sendo a iminência da guerra um esvaziamento do seu futuro:

Agora há um debruado de branco na beira de tudo e imagino o que aconteceria a todos nós se os aviões chegassem, e as bombas. Uma coisa é olhar a neve de um quarto bem aquecido e iluminado, uma coisa é sair para passar com o rosto erguido e roupas de lã grossa de vários centímetros. Mas viver naquele mundo branco, batalhar pela vida debaixo das árvores desfolhas cor de alfazema, no solo claro congelado é outra. Não, não. Mas os esquilos continuariam ali, e os pássaros. Muito tempo depois, a não ser que a névoa e radioatividade (Ah, Marie Curie, se você pudesse saber!) os liquidassem. Só me resta supor. No fundo da minha mente as bombas caem, mulheres e crianças gritam, mas não posso descrever isso agora. Não sei como será. Mas sei que nada mais importará — quero dizer, se fui ou não ao Baile da Casa ou a uma festa de Ano Novo. Chega a ser curioso pensar se os sonhos farão alguma diferença, ou a “liberdade”, ou a “democracia”. Acho que não; penso que só se pensará em comer, onde dormir e como refazer a vida entre os destroços da humanidade.²⁰²

Esse trecho reafirma o que já foi dito anteriormente sobre o medo da energia nuclear como parte do regime emocional norte-americano. De certa maneira, quando Sylvia Plath diz “no fundo da minha mente as bombas caem, mulheres e crianças gritam”, ela coaduna com a contextualização de Elaine May sobre o constante o medo da aniquilação nuclear. A autora verifica dados que indicam que a maioria dos americanos tinha medo das armas atômicas, a ponto de acreditar que, a qualquer momento, poderia acontecer um ataque nuclear²⁰³. A imaginação de Sylvia Plath foi

²⁰¹ JACOBS, Robert. Radiation as Cultural Talisman: Nuclear Weapons Testing and American Popular Culture in the Early Cold War. *The Asia-Pacific Journal* | Japan Focus, v. 10, 2012.

²⁰² PLATH; KUKIL, 2017, p. 46-47.

²⁰³ MAY 2017.

alimentada por imagens de guerra e desespero, provavelmente provenientes das imagens dos estragos da explosão de Hiroshima e Nagasaki, que, como exposto anteriormente, serviu como instrumento pedagógico do medo a partir do reconhecimento do impacto da explosão no espaço e dos efeitos da radiação no corpo.

Esse trecho também remete ao processo de construção do medo da radiação. Robert Jacobs pontua que, a partir de 1954, iniciou-se um medo intensificado em relação aos riscos da radioatividade. Um exemplo de teste nuclear que elucida esse medo está no teste que ocorreu um tempo após a escrita do excerto trazido: em 1º de março de 1954, a AEC lançou a bomba *Castle Bravo*²⁰⁴, a mais potente já detonada pelos americanos. Sua detonação não era de fissão (urânio e plutônio), mas de fusão nuclear, isto é, fusão de núcleos leves de isótopos de hidrogênio (deutério e trítio).

Em termos de engenharia, o que torna essa bomba mais potente é o processo de detonação, que desencadeia uma potência de energia muito alta. Dentro de uma bomba de fusão, existe uma de fissão que, após detonada, gera altos níveis de calor, fazendo com que o deutério e o trítio se fundam; e foi por meio da fusão desses isótopos que a bomba de hidrogênio se tornou mais perigosa que a atômica (bomba de fissão). No caso da *Castle Bravo*, ela era 700 vezes mais potente que a bomba de Hiroshima, e sua detonação teve impactos não esperados: após a explosão, cinzas nucleares foram espalhadas pelo ar, isto é, radiação, contaminando a região, incluindo o navio pesqueiro japonês *Daigo Fukuryū Maru*²⁰⁵. A força destrutiva da bomba de hidrogênio causou pânico generalizado e intensificou o imaginário apocalíptico na população de vários países. Isso porque, naquele momento, já era de conhecimento da população que a radiação não era algo palpável e que poderia se espalhar facilmente pelo ar por uma distância consideravelmente grande²⁰⁶. Esse medo é novamente sentido por Sylvia Plath em 1957. Em uma carta para sua mãe, ela descreve a Inglaterra como um centro de holocausto, pois acreditava que a fumaça

²⁰⁴ JACOBS, 2012.

²⁰⁵ SMITH, Anita. Colonialism and the Bomb in the Pacific. In: SCHOFIELD, John; COCROFT, Wayne. (org.). **A Fearsome Heritage: Diverse Legacies of the Cold War**. New York: Routledge, 2007, p. 51 – 52.

²⁰⁶ BARNETT, Nicholas. 'No Protection against the H-Bomb': Press and Popular Reactions to the Coventry Civil Defence Controversy, 1954. **Cold War History**, v. 15, n. 3, p. 277 – 300, 2014.

decorrente de um incêndio na floresta teria sido ocasionada pelos testes da bomba de hidrogênio²⁰⁷.

Retomando a passagem anteriormente citada, verificamos que a imaginação de Sylvia Plath não se encerrou no cenário apocalíptico nuclear: no processo de imaginação, ela interrompe o cenário catastrófico lembrando a si mesma quem ela é nessa narrativa:

Talvez por isso eu seja uma moça — assim posso viver com mais segurança que os rapazes que conheci e invejei, ter filhos e instilar neles o desejo intenso de aprender e amar a vida que eu jamais chegarei a sentir plenamente, pois não há tempo, pois não há mais tempo, em vez disso há o medo súbito e desesperado, o relógio que bate e a neve que cai de repente demais após o verão. Certo, sou dramática e meio cínica, indolente e meio sentimental. Mas nos anos fáceis poderei amadurecer e descobrir meu caminho. Agora estou vivendo uma situação crítica. Estamos todos na beira do precipício, isso exige muito vigor, muita energia, seguir pela borda, olhar para baixo, ver a escuridão profunda sem ser capaz de identificar através da névoa amarelada e fétida o que jaz abaixo do lodo, na lama que escorre cheia de vômito; e assim sigo em frente, imersa nos meus pensamentos, escrevendo muito, tentando achar o centro, um significado para mim.²⁰⁸

Como pode ser verificado, a bomba, vista em sua complexidade, alterou as relações de gênero e a percepção do tempo vivido/sentido, compondo uma noção de futuro em ameaça. Quando Sylvia Plath diz “não há tempo, pois não há mais tempo, em vez disso há o medo súbito e desesperado, o relógio que bate e a neve que cai de repente demais após o verão”, ela está informando sua forma de experienciar o tempo em uma condição de aniquilação nuclear. O diálogo entre o medo da iminente guerra nuclear e a mulher como um “porto seguro” ou um pilar de sustentação para o apaziguamento do medo está presente nesse trecho e corresponde ao modo como o medo da bomba nuclear organizou os lugares sociais entre homens e mulheres na sociedade norte-americana.

Sendo uma mulher, é ela quem detém algo que os homens não têm: o desejo de amar a vida. Nesse sentido, Elaine May ressalta o processo de valorização da

²⁰⁷ “After June 4th our address will be care of Ted's folks. New England certainly seems to be the center of holocausts! That terrible fire & just before I left the hurricane. Maybe it's the stupid H-bombs. Hope the paint comes out all right: what a bother to have it done again! Don't work at home though. Just rest & rest. & remember we are counting on helping you fix up things for the party, so just wait till we get there” PLATH; STEINBERG; KUKIL, 2018, p.138.

²⁰⁸ PLATH; KUKIL, 2017, p. 46-47.

maternidade para construção de uma ideia de família suburbana, em que os filhos serviriam como uma forma de “apaziguar” o medo nuclear: “uma casa cheia de crianças criaria uma sensação de calor e segurança contra as forças frias da ruptura e alienação, as crianças também seriam uma conexão com o futuro, um meio de reabastecer um mundo esgotado pelas mortes na guerra”.²⁰⁹

O documentário de teste nuclear *Operation Cue*²¹⁰ exemplifica isso. O conteúdo desse documentário estimula o medo por meio de imagens do cogumelo atômico e seu impacto em um cenário montado com casas que foram construídas com a melhor tecnologia de resistência à bomba. Além disso, manequins vestidos com tecidos específicos (também pensados para proteção de um ataque) foram inseridos nessas casas, com o objetivo era mostrar o impacto da bomba à integridade física. Os alimentos enlatados também foram expostos à explosão para verificar sua qualidade para consumo. Enfim, o documentário apresenta todo processo de construção desse cenário. Ele é guiado por uma figura feminina que narra sua parte nesse processo de observação da destruição nuclear. Seu dever é proteger a família pelos seus atributos femininos “naturais”, isto é, o cuidado com as roupas, com os alimentos e as noções de organização do espaço da casa, a fim de salvar os membros da família em caso de destruição total.

Nessa direção, penso o documentário como uma estratégica articulação entre o poder das imagens na construção do medo nuclear por meio de jogos de cenas (em um sentido cinematográfico) e as consequências da guerra nuclear. Ademais, constrói uma interseção entre gênero, destacando a forma como homens e mulheres devem agir diante do medo, atribuindo uma conscientização de que o sucesso da sobrevivência, em caso de ataque, depende do interesse de as pessoas estarem integralmente dedicadas ao seus papéis enquanto mulheres ou homens.

Na Guerra Fria, o amor se torna uma emoção do regime emocional americano, direcionando-se quase que exclusivamente ao papel feminino. O amor à família, ao lar e ao marido é constantemente construído por trás de outras emoções, como a felicidade. O amor e a felicidade em torno da família são parte integrante de emotivos

²⁰⁹ “A home filled with children would create a feeling of warmth and security against the cold forces of disruption and alienation. Children would also be a connection to the future and a means of replenishing a world depleted by war deaths” MAY, 2017, p. 26.

²¹⁰ NUCLEAR VAULT. **Operation Cue (1955)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u1rKd19lb5o>. Acesso em: 22 out. 2023.

americanos, em detrimento de uma competição ideológica contra a União Soviética. Elaine May pontua, que pelo lado americano, o capitalismo prometia uma sociedade de consumo possível e disponível para todos. Contudo, essa promessa entrava em conflito com o racismo e a má condição econômica de muitas famílias, e todos esses aspectos ameaçavam a propaganda americana nessa disputa ideológica contra os soviéticos. Especialistas e autoridades insistiam que as forças da democracia e da prosperidade, combinadas, trariam os frutos da “vida boa” para todos²¹¹. O governo norte-americano temia que os núcleos marginalizados tivessem contato com a ideologia soviética. Nesse sentido, Elaine May afirma que, diante dessas inseguranças, a ideologia americana apostou na família como

[...] um bastião de segurança em um mundo inseguro, enquanto especialistas, líderes e políticos promoviam códigos de conduta e promulgavam políticas públicas que fortaleceriam o lar americano. Como seus líderes, a maioria dos americanos concordava que a estabilidade familiar parecia ser o melhor baluarte contra os perigos da Guerra Fria.²¹²

As revistas, os romances e os filmes funcionaram como suporte para a manutenção do regime emocional norte-americano de amor e felicidade alcançados por meio do consumo e da formação da família. As casas em subúrbios afastados e a compra de produtos tecnológicos que ajudariam na manutenção da casa e na criação dos filhos são exemplos imagéticos que podem ser identificados na tradicional família americana explorada nos referidos meios de comunicação.

Dessa forma, retomando o trecho anterior de Sylvia Plath e relacionando-o com o documentário (que foi produzido no mesmo contexto), penso que, quando Sylvia Plath associa sua condição de mulher ao desejo de amar a vida, ela estava em concordância com um regime emocional que sustentava emoções moldadas pelo medo nuclear. Nesse regime, a mulher foi posta como alguém que “naturalmente” valoriza a vida e tem o dever de proteger a qualquer custo. Como já foi dito anteriormente, essas emoções de amor materno delegadas às mulheres estão intrinsecamente conectadas à lógica da família como um valor patriótico norte-americano.

²¹¹ MAY, 2017.

²¹² “To alleviate these fears, Americans turned to the family as a bastion of safety in an insecure world, while experts, leaders, and politicians promoted codes of conduct and enacted public policies that would bolster the American home. Like their leaders, most Americans agreed that family stability appeared to be the best bulwark against the dangers of the cold war” MAY, 2017, p.9.

É justamente na constituição desse tipo de feminilidade que Sylvia Plath conta sobre a participação que teve no movimento *Ban the bomb* em 1960, na Inglaterra. Na ocasião, já tinha se tornado mãe de sua primeira filha. O nascimento de Frieda, no mesmo ano, foi uma “resposta” às armas nucleares, quando ela disse para sua mãe no dia do nascimento: “Frieda é minha resposta para a bomba de hidrogênio”²¹³. Na passagem a seguir, temos o relato de Sylvia Plath sobre esse movimento:

No último domingo — outro dia ainda quente e ensolarado —, tive uma experiência imensamente comovente e participei da chegada dos manifestantes do fim de semana da Páscoa da fábrica de bombas atômicas em Aldermaston para Trafalgar Square em Londres. Ted e Dido saíram ao meio-dia para ver Bill Merwin, que estava com os mais de mil manifestantes entrando no Hyde Park e eu saí mais tarde com o bebê para encontrar um poeta amigo de Ted, Peter Redgrove, e ir para Trafalgar Square com ele. Ele trouxe uma alfofa, que está nos emprestando, e nós carregamos o bebê adormecido entre nós, instalamos a cama no gramado da Galeria Nacional com vista para as fontes, pombos e prédios brancos reluzentes. A esquina estava deserta, uma espécie de berçário, mães dando mamadeiras em cobertores e assim por diante. Eu vi o primeiro da coluna de 7 milhas aparecer — faixas vermelhas, laranjas e verdes *Ban the Bomb* etc. brilhando e balançando lentamente. Silêncio absoluto. Eu me peguei chorando ao ver os manifestantes bronzeados e empoeirados, com mochilas nas costas — *quakers* e católicos, africanos e brancos, argelinos e franceses — 40 % eram donas de casa de Londres. Fiquei orgulhosa de que a primeira aventura real do bebê fosse um protesto contra a insanidade da aniquilação do mundo — já uma certa porcentagem de crianças não nascidas está condenada por precipitação e ninguém sabe os efeitos cumulativos do que já está envenenando o ar e o mar. A propósito, espero que nem você nem Warren votem em Nixon. Seu histórico é atroz desde sua campanha na Califórnia — um Maquiavel da pior ordem. Você poderia descobrir se há alguma maneira de eu votar? Nunca tive e me sinto mal por ser privada de uma participação mínima em assuntos políticos. O que você acha de Kennedy?²¹⁴

²¹³ “Frieda is my answer to the H-bomb” PLATH; STEINBERG; KUKIL, 2018, p. 520.

²¹⁴ Last Sunday - another still warm sunny day, I had an immensely moving experience & attended the arrival of the Easter weekend marchers from the atomic bomb plant at Aldermaston to Trafalgar Square in London. Ted & Dido had left at noon to see Bill Merwin, who was with the over to thousand marchers come into Hyde Park & I left later with the baby to meet a poet-friend of Ted's, Peter Redgrove' & go to Trafalgar Square with him. He brought a carry-cot, which he is loaning us, & we carried e baby sleeping casily between us, installed the cot on the lawn of the national Gallery overlooking the fountains, pigeons & glittering white buildings. Out corner was uncrowded, a sort of nursery, mothers giving nes bottles on blankets & so on. I saw the first of the 7-mile-long column appear - red & orange & green banners "Ban the Bomb" etc. shining & swaying slowly. Absolute silence. I found myself weeping to see the tan dusty marchers, knapsacks on their backs - Quakers & Catholics, Africans & whites, Algerians & French - 40 percent were London housewives. I felt proud that the baby's first real adventure should be as a protest against the insanity of world-annihilation - already a certain percentage of unborn children are doomed by fallout & no one knows the cumulative effects of what is already poisoning the air & sea. I hope, by the way, that neither you nor Warren will vote for Nixon.' His record is atrocious from his California

A forte presença das mulheres nos movimentos antinucleares já acontecia desde 1945, e a presença das mães nesse tipo de movimento diz muito sobre o que foi exposto anteriormente: a feminilidade construída a partir do amor das mulheres à vida. A historiografia sobre as campanhas de desarmamento nuclear reconhece que algumas conquistas quanto aos cuidados da energia nuclear foram alcançadas devido à agência das mulheres enquanto figuras importantes nas mobilizações de campanhas de desarmamento nuclear²¹⁵.

Dessa forma, o discurso de cuidado na Guerra Fria era estendido às mulheres como responsáveis pela segurança da família em ataques nucleares. Ademais, essa constatação está presente nos manuais do *Federal Civil Defense Administration*, um órgão destinado a criar campanhas de defesa para a sobrevivência da população em caso de ataques de guerra. De acordo com Sarah A. Lichtman, esse órgão criou uma série de iniciativas de defesa civil, entre as quais estava a ideia do lar como lugar seguro contra os perigos da guerra. Sendo assim, uma campanha ideológica chamada *Do It Yourself*, “Faça você mesmo”, tinha o objetivo de incentivar as famílias a construírem suas próprias defesas em suas casas, como as *Fallout Shelters*, ou “abrigos de precipitação (nucleares)”. Segundo Lichtman, a ideia do *Do It Yourself* “tornou-se cada vez mais focada em tarefas como construção e carpintaria, que foram categorizadas como tarefas para homens”²¹⁶. Sendo assim, se a construção dos *Fallout Shelters* estava designada a uma atividade dos homens, o papel das mulheres estava na segurança do lar e na habilidade de manter a estrutura familiar dentro dos valores americanos, além de manter os suprimentos de emergência em ordem. Em outras palavras, a política oficial do *Do It Yourself* era uma maneira de normatizar relações de gênero e, ao mesmo tempo, incentivar o caráter individualista da sociedade americana — um elemento caro à ideologia capitalista do período, já que se opunha diretamente à coletividade do “espectro comunista” soviético.

campaign on - a Machiavelli of the worst order. Could you find out if there is any way I can vote? I never have & feel badly to be deprived of however minute a participation in political affairs. What do you think of Kennedy? PLATH; STEINBERG; KUKIL, 2018, p.461-462

²¹⁵ WITTNER, Lawrence. S. Gender Roles and Nuclear Disarmament Activism, 1954-1965. **Gender History**, v. 12, n. 1, p. 197–222, abr. 2000.

²¹⁶ “For centuries, women had been creating do-it-yourself projects, from home dressmaking to interior decoration, but during the post-war years, do-it-yourself became increasingly focused on tasks such as construction and carpentry, which were categorized as tasks for men” LICHTMAN, Sarah. A. Do-It-Yourself Security: Safety, Gender, and the Home Fallout Shelter in Cold War America. **Journal of Design History**, vol. 19, n. 1, 2006, p. 39.

Os abrigos de proteção nuclear são um dos pontos de crítica de Sylvia Plath ao modelo de vida americano. Sua morada na Inglaterra mostra o alívio de estar longe da lógica de vida nas casas do subúrbio. Em algumas passagens, ela relata seu consolo ao perceber que, na Inglaterra, não existia essa realidade. Contudo, devido à forte conexão de Sylvia Plath com a situação da política americana, mesmo que os eventos internacionais não estivessem afetando diretamente seu local de moradia, ela ainda sentia uma conexão com as decisões do governo americano diante da guerra nuclear. É importante lembrar que foi durante a virada de 1960 para 1961 que as tensões políticas começaram a ficar mais acirradas entre União Soviética e Estados Unidos — um período que correspondeu a fortes transformações na vida de Sylvia Plath.

Em julho de 1961, a situação começava a ficar tensa entre os dois polos: durante um discurso nacional em que descreveu os planos da União Soviética para isolar Berlim Ocidental, o presidente dos Estados Unidos, John F. Kennedy, reiterou sua determinação por manter a ocupação aliada e apoiar a cidade, mesmo que isso pudesse levar a uma guerra nuclear²¹⁷. Posteriormente, a crise de Berlim levou a União Soviética à construção do Muro de Berlim e à retomada dos testes nucleares, o que foi interpretado pelos cidadãos e pelo governo norte-americano como ameaças graves.

Nesse momento, temos o ápice da propaganda em torno dos abrigos de precipitação. Segundo o historiador David Monteyne, Kennedy anunciou o compromisso do governo com a realização de uma pesquisa nacional acerca dos abrigos. Essa pesquisa foi interpretada como uma manobra retórica e estratégica para transmitir uma imagem de firmeza ao governo soviético²¹⁸. Essa situação é exposta por Sylvia Plath na passagem a seguir, retirada de uma carta escrita em setembro de 1961. Nessa carta, ela diz para sua mãe que o motivo da ausência de cartas foi uma depressão após passar duas semanas lendo notícias sobre o clima tenso nas relações internacionais. Novamente, o corpo de Sylvia Plath “fala”; ela não ficou “neutra” a um momento em que a Guerra Fria estava esquentando:

²¹⁷ Trecho do discurso realizado no 25 de julho de 1961: “Tomorrow, I am requesting of the Congress new funds for the following immediate objectives: To identify and mark space in existing structures, public and private, that could be used for fallout shelters in case of attack; to stock those shelters with food, water, first aid kits, and other minimal essentials for our survival.” FALLOUT FIVE ZERO. **The speech that started it all.** Disponível em: <https://falloutfivezero.com/2021/03/08/the-speech-that-started-it-all/>. Acesso em: 8 nov. 2023.

²¹⁸ MONTEYNE, David. *Fallout Shelter*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011.

Querida mãe,

[...] A razão pela qual não escrevo há tanto tempo é provavelmente muito boba, mas fiquei terrivelmente deprimida duas semanas atrás ao ler duas edições do *Nation* — *Juggernaut*, o *Warfare State*, sobre o terrível casamento das grandes empresas — e o militar na América, e as forças da *John Birch Society* etc., e outro sobre a repulsiva mania de abrigo para precipitação, tudo muito fático e documentado e verdadeiro, que eu simplesmente não conseguia dormir à noite e com toda a conversa de guerra no jornais como Kennedy dizendo que Krushev “não teria onde se esconder”, e os manuais das forças armadas doutrinando soldados sobre a guerra “inevitável” com nosso “inimigo implacável”, comecei a me perguntar se havia algum sentido em tentar criar filhos em um mundo autodestrutivo tão louco²¹⁹.

A indignação de Sylvia Plath com as sucessivas crises internacionais que caracterizaram os primeiros dois anos da presidência de Kennedy provavelmente ocorreu devido seu apoio a Kennedy durante as eleições de 1960. Sylvia Plath era crítica a Richard Nixon, e isso está presente no trecho anterior quando ela pergunta a opinião da mãe sobre Kennedy. Se Sylvia Plath acreditava que Kennedy pudesse ser mais “pacifista”, o que se revelou foi uma atitude de ataques mais diretos contra a União Soviética. Segundo David Monteyne, nesse período, as mudanças ocorreram rapidamente, transformando o perigo hipotético em uma ameaça real²²⁰.

Logo, o regime emocional em torno do terror nuclear foi intensificado e, por meio dos novos discursos da defesa civil nos Estados Unidos, vemos um valor agregado ao “cuidado/amor” à família em referência àqueles que se dedicam a construir seu próprio abrigo. Segundo Thomas Bishop, “o proprietário que comprou um abrigo nuclear não era apenas um cidadão de bem, mas também cumpriu um desejo pessoal de consumir, de tornar o espaço doméstico mais apelativo e de afirmar o seu patriotismo através do ato de salvaguardar a sua família”²²¹. Na passagem a

²¹⁹ “The reason I haven't written for so long is probably quite silly, but I got so awfully depressed two weeks ago by reading two issues of the *Nation-Juggernaut*, the *Warfare State* about the terrifying marriage of big business and the military in America, and the forces of the *John Birch Society* etc., and another about the repulsive shelter craze for fallout, all very factual & documented & true, that I simply couldn't sleep for nights & with all the warlike talk in the papers such as Kennedy saying Krushev would “have no place to hide”, & the armed forces manuals indoctrinating soldiers about the “inevitable” war with our implacable foe”. I began to wonder if there was any point in trying to bring up children in such a mad self-destructive world.” PLATH; STEINBERG; KUKIL, 2018, 696.

²²⁰ MONTEYNE, 2011.

²²¹ “The homeowner who bought a fallout shelter was not just a good citizen but also fulfilled a personal desire to consume, to make the domestic space more appealing, and to affirm his patriotism through the act of safeguarding his family” BISHOP, Thomas. “The Struggle to Sell Survival”: Family Fallout Shelters and the Limits of Consumer Citizenship. **Modern American History**, v. 2, n. 02, 2019, p. 128.

seguir, temos a continuação da carta de Sylvia Plath para sua mãe, em que ela discorre sua crítica ao consumo em torno dos abrigos:

Graças a Deus não existe esse negócio idiota de abrigo na Inglaterra: eu só queria que a Inglaterra tivesse o bom senso de ser neutra, pois é bastante óbvio que ela seria obliterada em qualquer guerra nuclear e por isso estou muito atrás dos desarmadores nucleares aqui. De qualquer forma, acho terrível que o sistema de abrigos na América caia nas mãos dos anunciantes — quanto mais dinheiro você gasta, mais provável é que você sobreviva etc., quando 59% dos impostos vão para gastos militares já. Acho que os escoteiros e a Legião Americana e o resto dessas horríveis organizações anticomunistas deveriam ser forçados a assistir todos os domingos aos filmes das vítimas de Hiroshima, e os generais cada um a viver com uma vítima, como a consciência humana que é tão carente para eles. Bem, já superei o pior de meu furor sobre tudo isso. Cada dia parece duplamente precioso para mim, porque estou muito feliz aqui, com minha adorável casa e meus queridos Ted e Frieda. Eu só queria que todos as pessoas destrutivas pudessem ser enviadas para a lua. Bem, eu não queria escrever nada até me sentir melhor²²².

O texto até aqui exposto teve o objetivo de introduzir alguns aspectos da era nuclear a partir de algumas falas de Sylvia Plath, apresentando o regime emocional da metade da década de 1950: o medo da bomba atômica — fosse a bomba clássica, a de urânio e plutônio ou a de hidrogênio. Ela era um projeto em constante aprimoramento entre a União Soviética e os Estados Unidos, significando o poderio de cada nação e a iminência de um desastre global de contaminação radioativa. Pela perspectiva das emoções, a ameaça da bomba promoveu a família como um valor de dimensão emocional que influenciou as identidades de gênero de homens e mulheres. O medo da bomba atômica não era somente pela aniquilação da vida, mas também porque destrói o núcleo familiar, a representação máxima da identidade nacional americana na Guerra Fria²²³.

²²² Thank goodness there is none of this idiotic shelter business in England: I just wish England had the sense to be neutral, for it is quite obvious that she would be obliterated in any nuclear war & for this reason I am very much behind the nuclear disarmers here. Anyway, think it appalling that the shelter system in America should be allowed to fall into the hands of the advertisers--the more money you spend the likelier you are to survive, etc., when 59% of taxes go for military spending already. I think the boy scouts & the American Legion & the rest of those ghastly anti-communist organizations should be forced to sit every Sunday before the movies of the victims of Hiroshima, & the generals each to live with a victim, like the human conscience which is so lacking to them. Well, I am over the worst of my furore about all this. Each day seems doubly precious to me, because I am so happy here, with my lovely home & dear Ted & Frieda. I just wish all the destructive people could be sent to the moon.

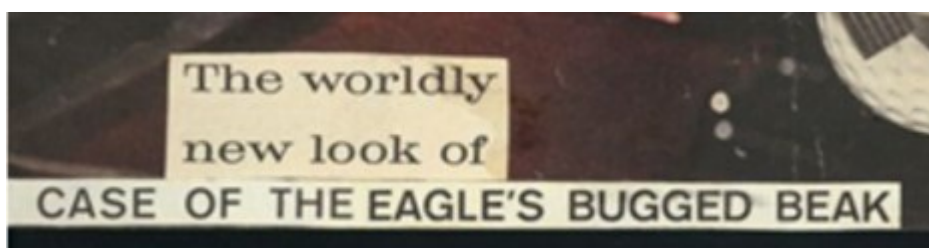
²²³ Well, I didn't want to write anything until I felt in better Spirits" PLATH; STEINBERG; KUKIL, 2018, 697. MAY, 2017.

Dito isso, a próxima seção apresenta um aprofundamento da presença da bomba atômica/energia nuclear e a relação desse artefato com as questões de gênero e de consumo na sociedade norte-americana. Esses pontos serão discutidos a partir da colagem produzida por Sylvia Plath em 1960: a imagem que conduz para outros eventos históricos da Guerra Fria e escrituras de Sylvia Plath sobre sua existência enquanto mulher dentro desse contexto. Nesse sentido, na próxima seção, a bomba atômica não será discutida *per se*, mas enquanto um artefato que organizou as relações de gênero e um novo estilo de vida na Guerra Fria.

3.1 “O NOVO VISUAL MUNDANO DO CASO DO BICO GRAMPEADO DA ÁGUIA”: ESPIONAGEM E A MULHER SOB A MIRA DA ENERGIA NUCLEAR

Na colagem de Sylvia Plath, interpreto que a bomba atômica é representada pelo jato *B-58 Hustler*, e a espionagem está abaixo do presidente Eisenhower, no canto inferior esquerdo, em uma composição com duas frases: *The worldly new look of the case of eagle's bugged beak*, que, traduzindo, significa “O novo visual mundano do caso do bico grampeado da águia” (Figura 4). A primeira parte da frase, que se refere ao “novo visual mundano”, é de uma propaganda de roupas masculinas pertencente à marca *Hart Schaffner Marx*; na Figura 5, está a imagem da propaganda, cujo encarte encontrei à venda em um site de revistas antigas. A segunda parte da frase se refere a um dos mais famosos casos de espionagem soviética: uma escuta desenvolvida por Leon Theremin foi introduzida em uma placa de madeira entalhada com o selo americano e entregue ao embaixador americano que residia na Rússia. A frase foi retirada da revista *Life*, edição de 6 de junho de 1960; a Figura 6 apresenta a página da revista de onde Sylvia Plath recortou as palavras para formar a frase:

Figura 4 Recorte da colagem Anti Militar de Sylvia Plath



Fonte: Recorte produzido pela autora (2024) referente a imagem original em: PEEL, Robin. Body, Word, and Photograph: Sylvia Plath 's Cold War Collage and the Thalidomide scandal. **Journal Of American Studies**, v. 40, n. 1, p. 71-95, abr. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s0021875806000739> (Archive: Mortimer Rare Book Collection, Smith College, Northampton, Massachusetts)

Figura 5 Propaganda Hart Schaffner & Marx



Fonte: **Online Marketplace at eBid United States: Free to Bid | Free to List | Free to Enjoy.**
 Disponivel em: <https://www.ebid.net/us/for-sale/1961-hart-schaffner-marx-fashion-ad-the-worldly-new-look-of-hart-schaffner-172419617.htm>. Acesso em: 6 jun. 2023.

Figura 6 The case of the eagles bugged beak



Fonte: **TIME. LIFE.** Time Inc, 1960. Disponivel em:
<https://books.google.com.br/books?id=AE8EAAAAMBAJ&lpg=PA32&dq=the%20case%20of%20eagle's%20bugged%20beak&pg=PP1#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 6 jun. 2023.

O que percebo sobre a montagem da frase de Sylvia Plath é uma ironia em torno de um dos medos da política americana na Guerra Fria: a espionagem e, conseqüentemente, o compartilhamento das novas tecnologias armamentistas nucleares. Entre 1955 e 1960, as relações entre Estados Unidos e União Soviética estavam na direção de acordos de paz. A partir desse período, iniciaram-se negociações de limitação de armas nucleares e atividades de espionagem; além disso, houve um contato cada vez mais aproximado entre os presidentes. Nos anos de 1956 e 1959, por exemplo, Khrushchev visitou o presidente americano nos Estados Unidos, ao passo que Eisenhower fez o mesmo ao viajar para a União Soviética em 1959. Apesar do aparente desejo de desmilitarização nuclear, na prática, eram desenvolvidas novas tecnologias de armas nucleares devido à constante suspeita das capacidades militares que um tinha sobre o outro.²²⁴

Contudo, a situação mudou quando, no dia 1º de maio de 1960, o *Lockheed U-2*, um avião de espionagem americano, foi abatido na cidade de Sverdlovsk pelos soviéticos. No momento que o avião foi abatido, o piloto Gary Powers acionou o botão de ejeção, mas não foi capaz de acionar, a tempo, o dispositivo que destruiria o avião. O piloto foi encontrado vivo em uma plantação próxima da queda, e o *Lockheed U-2* caiu sem muitos danos, permitindo que a inteligência russa tivesse acesso às peças do avião e à engenharia mecânica que permitia que o *Lockheed U-2* tivesse alta capacidade de amplitude no céu²²⁵.

Após esse evento, foi inaugurada uma nova fase de tensões entre União Soviética e Estados Unidos, já que, com a derrubada do *U-2*, a situação amistosa entre os líderes foi posta em xeque. Dias após o abatimento do avião, o ministro soviético tentou responsabilizar os militares do Pentágono pelo ocorrido. Essa atitude de Khrushchev foi uma tentativa de proteger sua imagem perante as críticas da oposição à sua política de “coexistência pacífica”, caracterizada pela competição

²²⁴ Segundo David Tal, a proposta desarmamentista de Eisenhower foi, contudo, complexa e contraditória, pois “a produção de bombas atômicas deu um salto significativo durante a presidência de Eisenhower: o estoque de 1.430 armas atômicas, em 1953, era de mais de 24.150 em 1961. Esse aumento maciço no arsenal nuclear foi acompanhado por um corte no pessoal militar dos EUA de 3,55 milhões em junho de 1953 para 2,8 milhões três anos depois e para 2,4 milhões em 1960. Os gastos com defesa caíram concomitantemente, de US\$ 49,6 bilhões em 1953 para US\$ 41,7 bilhões em 1956. TAL, David. Eisenhower’s disarmament dilemma: From chance for peace to open skies proposal. *Diplomacy & Statecraft*, v. 12, n. 2, jun. 2001, p. 178-179.

²²⁵ NATHAN, James. A. A FRAGILE DETENTE: The U-2 Incident Re-examined. *Military Affairs*, v. 39, n. 3, p. 97-104, out. 1975.

econômica em vez da agressão militar²²⁶. Caso ele responsabilizasse o presidente americano, os opositores do partido estariam corretos sobre a crítica de seu governo ter sido “inocente” no ato de ter estabelecido acordos com o lado americano.

Porém, a tentativa de proteger sua imagem foi em vão, pois o presidente americano assumiu a responsabilidade pelo programa de espionagem do *U-2*²²⁷. A situação piorou quando Eisenhower recusou o pedido de desculpas solicitado por Khrushchev. A desavença entre os dois antecedia um encontro que deveria acontecer em Paris no dia 13 de maio, no qual se pretendia acordar restrições a testes nucleares e decidir a situação de Berlim.²²⁸

Na presença de diplomatas de vários países, foi discutida a quebra de violação de espionagem anteriormente proposta: o lado soviético apresentava argumentos que incriminavam os americanos, ao mesmo tempo que se discutia o destino de Gary Powers, isto é, sua condenação por espionagem.²²⁹ No quarto dia de reuniões, o embaixador americano Henry Cabot Lodge Jr. apresentou ao público uma réplica de madeira entalhada à mão com o Grande Selo dos Estados Unidos; ao abrir o selo, o embaixador revelava que, na ponta do bico da águia, estava instalada uma escuta soviética:

Eu produzi uma escultura em madeira do Grande Selo dos Estados Unidos que foi dada por alguns russos ao Embaixador dos Estados Unidos na União Soviética e que estava pendurada em seu escritório atrás de sua mesa, e que continha um dispositivo eletrônico que tornava possível para pessoas por fora, possuindo um certo tipo de dispositivo técnico para ouvir tudo o que acontecia. Eu apresentei isso

²²⁶ GEELHOED, E. Bruce. Dwight D. Eisenhower, the Spy Plane, and the Summit: A Quarter-Century Retrospective. **Presidential Studies Quarterly**, v. 17, n. 1, p. 95-108, 1987.

²²⁷ GEELHOED, 1987.

²²⁸ A divisão da Alemanha após a Segunda Guerra Mundial persistia, com Berlim Ocidental sob controle dos Estados Unidos, França e Inglaterra (Alemanha Ocidental) e Berlim Ocidental sob controle da União Soviética (Alemanha Oriental). Em 1958, Khrushchev, pediu a retirada das potências ocidentais de Berlim Ocidental em seis meses, exigindo uma cidade livre, sem qualquer estado, com governo próprio e o direito de preservar seu modo de vida baseado na propriedade capitalista. A resistência ao pedido de Khrushchev, foi impulsionada por Eisenhower, que defendia a presença contínua dos Estados Unidos no local. As negociações foram tensas e pioraram com o abate do U-2. Em 1961, John Kennedy, nomeado presidente dos Estados Unidos naquele ano, tentou novos acordos com Khrushchev, porém tiveram um impasse. Em 13 de agosto de 1961, o Muro de Berlim foi erguido pela Alemanha Oriental para impedir a migração para o Ocidente. SCHWARTZ, Thomas. A. The Berlin Crisis and the Cold War U.S. Department of State. Foreign Relations of the United States, Vol. 9-15. **Diplomatic History**, v. 21, n. 1, p. 139–148, jan. 1997.

²²⁹ WRIGHT, Quincy. Legal Aspects of the U-2 Incident. **The American Journal of International Law**, v. 54, n. 4, p. 836-854, 1960.

como uma prova, e é uma evidência direta, nova e autêntica, para mostrar a eficácia e o rigor da espionagem soviética²³⁰.

Figura 7 Henry Cabot Lodge Jr. Apresentando a escuta soviética



Fonte: SLOTNIK, Daniel; E. Richard F. Pedersen, Cold War Era Diplomat, Dies at 86. **The New York Times**, 1 ago. 2011.

A apresentação da escuta soviética no selo de madeira não correspondia a um caso de espionagem do contexto em questão (1960); na realidade, remontava a algo que o governo americano já conhecia há 7 anos. Tudo começou quando, em 1945, o embaixador dos Estados Unidos na União Soviética, Averell Harriman, recebeu um presente que representava uma cordialidade dos soviéticos para com os americanos em razão de suas relações durante a Segunda Guerra Mundial. O presente era uma réplica de madeira entalhada à mão com o Grande Selo dos Estados Unidos que foi pendurada na biblioteca da residência do embaixador em Moscou. Em 1953, 8 anos após o recebimento do “presente”, foi descoberta uma escuta de radiofrequência na

²³⁰ “I produced a wooden sculpture of the Great Seal of the United States which was given by some Russians to the United States Ambassador to the Soviet Union and which was used in his office behind his desk, and which contained an electronic device which made it possible for people outside, possessing a certain type of technical device to hear everything that happened. I present this as proof, and it is direct, new and authentic evidence, to show the effectiveness and thoroughness of Soviet espionage”. United States. Department of State. Office of Media Services, and United States. Department of State. Office of Public Communication. **The Department of State Bulletin**. Office of Public Communication, Bureau of Public Affairs, v. 50, 1965, p. 959.

ponta do bico da águia. O motivo de a escuta não ter sido detectada por tanto tempo se deve à invenção do cientista Leon Theremin²³¹. Segundo David Easter, o dispositivo inventado pelo referido cientista era

[...] um ressonador de cavidade passiva que poderia ser instalado secretamente em uma embaixada e agiria como um microfone e transmissor quando um feixe de microondas fosse direcionado a ele de fora. O sinal de retorno seria modulado por vozes dentro da sala e essas modulações poderiam ser captadas como palavras em um receptor. Um raio infravermelho ou laser focado nas janelas da embaixada poderia detectar as vibrações sutis no vidro causadas por vozes humanas.²³²

Esse tipo de espionagem por escuta foi comum entre as décadas de 1950 e 1960, mas a inovação de Theremin foi uma sensação para os soviéticos. Apesar de se constatar que, nesse tipo de espionagem, a maioria das conversas e mensagens grampeadas não tinham informações relevantes a ponto de modificar o curso das disputas tecnológicas entre Estados Unidos e União Soviética²³³, na referida reunião, esse caso de espionagem foi utilizado como argumento para dizer que os soviéticos eram tão responsáveis quanto os americanos por práticas de espionagem. Por causa do abatimento do *U-2*, a reunião entre a União soviética, Estados Unidos, Grã-Bretanha e França para discutir a situação de Berlim foi completamente ineficiente, tendo em vista que o foco esteve totalmente voltado ao ato de espionagem americana por meio do *U-2*.²³⁴

Agora, voltemos à tentativa de responder o porquê da formação da frase “o novo visual mundano do caso do bico da águia” e a razão de Sylvia Plath ter esse evento impresso na colagem. Penso que, por meio da colagem, ela apresenta fragmentos do regime emocional da década de 1960 em relação à nuclearidade, isto é, um novo clima de tensão nas relações entre Estados Unidos e União soviética

²³¹ GLINSKY, Albert. **Theremin: Ether Music and Espionage**. Chicago: University of Illinois Press, 2000.

²³² “A passive cavity resonator could be secretly installed in an embassy and would act like a microphone and transmitter when a microwave beam was directed at it from outside. The return signal would be modulated by voices within the room and these modulations could be picked up as words on a receiver. An infrared beam or laser focused on embassy windows could detect the subtle vibrations in the glass caused by human voices”. EASTER, David. Soviet Bloc and Western Bugging of Opponents’ Diplomatic Premises During the Early Cold War. **Intelligence and National Security**, v. 31, n. 1, 2014, p.30.

²³³ O autor comenta que essas escutas serviam para outros propósitos como, por exemplo “listening devices in diplomats’ accommodation revealed people’s potential weaknesses, exposing unhappy marriages, homosexual inclinations, money problems or doubts about their own government.” *Ibid*, p. 31.

²³⁴ SCHWARTZ, 1997.

devido às investidas em programas de espionagem. Esse clima de tensão não é novidade — tal como aprestado no início deste capítulo. Talvez por isso a escolha da palavra mundano signifique algo “que caracteriza o mundo (‘vida em sociedade’) em seus aspectos convencionais e superficiais (formalidades, etiquetas etc.)”.

O uso desse termo pode estar se referindo a um conhecido estado de eminência de guerra e de “paranoia”²³⁵ com a suposta presença do inimigo em espaços importantes, mas que, naquele momento, ganhava uma nova “roupagem”. “O novo visual mundano” pode ser uma ironia de Sylvia Plath ao que não é tão novo, até mesmo em relação aos personagens que atuam nesse teatro de horrores da Guerra Fria. Os homens que estão ao fundo da colagem têm o mesmo traje do modelo da propaganda da marca de roupas masculinas: no âmbito das relações internacionais, esses homens atualizam novas formas de estado de “vigilância” sobre segredos atômicos.

O novo visual mundano de vigilância se baseia em formas de espionagem que contavam com novas tecnologias. Logo, o caso da derrubada do *U-2* expunha ao mundo que os empreendimentos científicos de guerra continuavam em alta, indo de encontro à política pacificadora que ambos os lados propagandeavam. Essas novas tecnologias remetem a dois elementos da colagem: o *B-58 Hustler* e o satélite *Pioneer V*, mas, de forma indireta, também o *U-2*, tendo em vista que este último se apresenta por meio do caso da escuta no bico da águia.

O avião *U-2* tinha sido desenvolvido para espionagem de forma que não pudesse ser identificado pela defesa soviética: ele foi planejado para sobrevoar 70 mil pés, uma altura impossível de ser vista a olho nu é. Ademais, foram instaladas câmeras de alta resolução para que fossem registradas imagens das áreas de produção de armas nucleares soviéticas — as imagens dessas câmeras podem ser vistas na Figura 6²³⁶. Nesse sentido, a tecnologia desenvolvida para o *U-2* tem relação com o *B-58 Hustler*, o avião que está na colagem em direção a mulher no pedestal.

²³⁵ Na tese compreendo “paranoia” a partir do ensaio “The Paranoid Style in American Politics” produzido pelo historiador Richard Hofstadter em 1963. Nesse texto ele aborda a política americana durante a era da Guerra Fria a partir do conceito “o estilo paranoico” caracterizado por “intensa exageração, suspeição e fantasias conspiratórias”. A atuação política do Senador Joseph McCarthy serviu de base para Hofstadter construir o referido conceito. O autor argumenta que na cultura da Guerra Fria o “estilo paranoico” tem conexões com problemas reais da política interna e externa dos Estados Unidos. HOFSTADTER, Richard, **The Paranoid Style in American Politics, and Other Essays**. New York: Knopf, 1964.

²³⁶ HINSMAN, Abby. Undetected Media: Intelligence and the U-2 Spy Plane. **The Velvet Light Trap**, v. 73, n. 73, p. 19–38, 2014.

Figura 8 A mulher sob a mira do B-58



Fonte: Recorte produzido pela autora (2024) referente a imagem original em: PEEL, Robin. Body, Word, and Photograph: Sylvia Plath's Cold War Collage and the Thalidomide scandal. **Journal Of American Studies**, v. 40, n. 1, p. 71-95, abr. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s0021875806000739> (Archive: Mortimer Rare Book Collection, Smith College, Northampton, Massachusetts)

O *B-58 Hustler* tinha o objetivo de ser um avião de ataque. Nesse contexto, ele era o primeiro avião supersônico, isto é, com uma velocidade acima da velocidade do som.²³⁷ Para os norte-americanos, o *B-58 Hustler* representava o poderio tecnológico para possíveis ataques contra as bases da União soviética, e a propaganda em torno do *B-58 Hustler* foi significativa a ponto de ter sido produzido um filme curto chamado *Tall Man 55*²³⁸. No início do filme, é dito “o som das Américas tem mudado” e, com essa frase, exemplificam-se todas as mudanças sonoras que aconteceram devido à tecnologia, incluindo o rompimento da barreira de velocidade do som (no chamado *sonic boom*). O curta de 30 minutos apresenta toda a organização de defesa aérea, assim como o *B-58 Hustler* em sua potência de voo e ataque.

Entretanto, a derrubada do *U-2* colocou essa representação de poder em xeque, pois o *U-2* era um avião de alta altitude, sendo considerado um dos modelos mais difíceis de abater, devido à limitação de alcance dos mísseis-terra soviéticos, ou seja, dos mísseis de defesa que derrubavam alvos que tentassem entrar em terreno

²³⁷CONVERSE, Elliott Vanveltner. **Rearming for the Cold War, 1945-1960**. Washington: Government Printing Office, 2012, p.479.

²³⁸ **Convair B-58 HUSTLER 1960 propaganda film “Tall Man 55”**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hnwZLk7s6PI&t=512s>. Acesso em: 4 jun. 2023.

soviético²³⁹. Porém, o S-75, um míssil de defesa soviética, foi responsável não só por derrubar o U-2, mas também por desvalorizar a capacidade tecnológica que o B-58 *Hustler* prometia, pois sua capacidade de altitude era menor que o U-2.²⁴⁰ É válido lembrar que, apesar de o B-58 *Hustler* ter sido projetado em 1956, foi liberado para uso apenas em março de 1960, ou seja, 2 meses antes de o U-2 ser abatido pelo S-75 soviético.

Outro elemento tecnológico na colagem é um satélite da NASA chamado *Pioneer V*, localizado logo abaixo da mesa do presidente na colagem, perto de uma bola de golfe. O satélite tinha sido desenvolvido para viajar até Vênus; porém, com a reformulação de sua função, foi responsável por produzir o primeiro mapa do campo magnético interplanetário.²⁴¹

Figura 9 O novo visual mundano do caso da escuta no bico da águia



Fonte: Recorte produzido pela autora (2024) referente a imagem original em: PEEL, Robin. Body, Word, and Photograph: Sylvia Plath 's Cold War Collage and the Thalidomide scandal. **Journal Of American Studies**, v. 40, n. 1, p. 71-95, abr. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s0021875806000739> (Archive: Mortimer Rare Book Collection, Smith College, Northampton, Massachusetts)

Todas essas tecnologias são parte de uma política armamentista promovida pelos “homens de visual mundano”, como o presidente Eisenhower e o vice-presidente Richard Nixon. Dessa maneira, percebo a colagem enquanto uma exposição de Sylvia Plath sobre a cultura de guerra promovida por essas figuras masculinas. A colagem conduz o observador a pensar conteúdos de contextos que não estão explícitos, o que significa dizer que esses recortes são carregados de

²³⁹ HINSMAN, 2014.

²⁴⁰ ZALOGA, Steven J. Defending the capitals: The first generation of Soviet strategic air defense systems 1950–1960. **The Journal of Slavic Military Studies**, v. 10, n. 4, 1997, p.40.

²⁴¹ LEPAGE, A. **Exploring the Interplanetary Frontier**. Disponível em: https://www.drewexmachina.com/download-pdf/SV_2000_03_20.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

relações históricas que, entre um fragmento e outro, só podem ser interpretados com uma análise minuciosa das imagens.

Cada colagem tem histórias que se conectam e puxam outras referências, como visto na relação que construí entre a escuta no bico da águia com o *U-2* e o *B-58 Hustler*. Vale lembrar, ainda, que as imagens usadas para compor a colagem foram retiradas de revistas correntes na época, o que denota o nível de contemporaneidade presente na arte de Sylvia Plath, reforçando, então, sua conexão a Guerra Fria.

Isto exposto, retomo a colagem de Sylvia Plath. O corpo feminino está sob a mira do míssil atômico carregado pelo *B-58 Hustler*, que, teoricamente, tinha sido arquitetado para atacar o inimigo (soviéticos), mas está apontado para uma mulher sobre um pedestal acompanhado da frase “*every man wants his woman on a pedestal*” — cuja tradução é “todo homem quer sua mulher num pedestal”. Tanto a frase quanto o pedestal pertencem a uma propaganda de lingerie da marca *Rogers*. Ademais, juntamente sob o pedestal está uma lata de cerveja chamada *Rheingold*:

Figura 10 A mulher ideal sobre o pedestal, e a mulher sensual sobre o pedestal na mira do *B-58 Hustler*.



Fonte: As imagens da extrema direita e extrema esquerda são recortes produzido pela autora (2024) referente a imagem original em: PEEL, Robin. Body, Word, and Photograph: Sylvia Plath 's Cold War Collage and the Thalidomide scandal. **Journal Of American Studies**, v. 40, n. 1, p. 71-95, abr. 2006.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s0021875806000739> (Archive: Mortimer Rare Book

Collection, Smith College, Northampton, Massachusetts). A imagem localizada no centro pode ser encontrada no ebay: **1960 Rogers women's yellow lingerie peignoir gown robe color vintage ad**.

Disponível em: <https://www.ebay.com/itm/312143991340>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Logo, se por um lado a mulher está em um pedestal e os homens desejam colocá-la nesse lugar de adoração, por outro lado esses homens a colocam em risco, sob a mira da bomba atômica. O pedestal é uma metáfora para um imaginário da mulher americana ideal, que seria “adorada por marido e filhos por sua bondade

espiritual e sua devoção inabalável àqueles que ela ama”.²⁴²A propaganda original continha imagens de mulheres consideradas exemplares ou mais recatadas; em oposição a esse ideal feminino, Sylvia Plath escolheu colocar sobre o pedestal a imagem de uma outra mulher, uma que lembra uma *pin-up*, ou seja, uma mulher sensual e erótica, cuja estética esteve presente durante as guerras. As *pin-ups* foram imagens que evocavam desejo sexual nos soldados em campanha, decorando bombas e aviões. Em outras palavras, *pin-ups* eram mulheres cuja estética era propagandística e atuava diretamente para o *male gaze*, isto é, para o olhar e os desejos masculinos.²⁴³

Dessa maneira, como nas imagens da Figura 9, podemos ver um antagonismo na metáfora do pedestal: a mulher americana ideal *versus* a *pin-up*, uma mulher “sensual” e livre. Esse antagonismo dialoga com a complexa relação do lugar da mulher na Guerra Fria. Nos diários de Sylvia Plath, esse antagonismo é conflituoso, pois, ao mesmo tempo que ela expressava aceitação da convenção social da mulher ideal, ela desejava ter liberdade sexual e de escolha profissional.

Esses conflitos expostos por Sylvia Plath são parte de uma realidade em torno do corpo feminino na Guerra Fria. As revistas veiculavam conselhos contraditórios em relação ao lugar da mulher na sociedade, pois incentivam que elas buscassem uma independência financeira ao passo que as alertavam sobre os riscos de focarem as energias no trabalho em detrimento do mais importante: filhos e marido. Sagrada ou profana, a mulher na Guerra Fria viveu numa linha tênue entre a proteção e a condenação de homens que, como apresentados na colagem, são infantilizados ou indiferentes a ela.

No caso da mulher ideal, a responsabilidade pela manutenção da família esteve atrelada à própria noção de segurança nacional contra ataques nucleares ou ideias comunistas. Assim, os discursos domésticos americanos incentivavam que as mulheres fossem fiéis a seus papéis sociais, ou seja, permanecessem em casa. Essa era uma forma de se opor ao tipo de mulher comunista, que era inserida no mercado

²⁴² “The classic image of Southern woman is the pristine aristocratic lady on the pedestal. She is worshipped by husband, children and servants for her spiritual goodness and her unswerving devotion to those she loves” ROGERS, Gayle. J. The Changing Image of the Southern Woman: A Performer on a Pedestal. **The Journal of Popular Culture**, vol. 16, n. 3, 1982, p. 60.

²⁴³ MAY, 2017.

de trabalho²⁴⁴. Nesse sentido, Sylvia Plath demonstra, em seus diários, uma aflição em relação a essa realidade:

De qualquer maneira, admito que não sou forte o bastante, ou suficientemente rica e independente para viver conforme meus padrões ideais. Você pode perguntar: que padrões ideais são esses? Boa pergunta. A única saída (pareço freudiana?) para a situação atual, conforme a vejo, está em levar esta fase da vida separada e isolada da vida de meu futuro companheiro, e de todos os homens com quem eu poderia viver. Não sou só invejosa; sou vã e orgulhosa. Não me submeterei a um marido que comande minha vida, que me tranque no círculo maior de suas atividades, para me nutrir vicariamente dos relatos de suas façanhas reais, preciso ter um campo próprio e legítimo de atuação, separado do dele e que ele respeite.²⁴⁵

O que podemos ver nesse trecho são teorias de Sigmund Freud, uma influência significativa sobre os papéis das mulheres americanas na Guerra Fria. As ideias de Freud sobre a natureza da mente humana e do inconsciente, bem como suas ideias sobre sexualidade e gênero, ajudaram a moldar as atitudes americanas em relação às mulheres e seu lugar na sociedade durante esse período. Segundo Freud, as mulheres eram consideradas inerentemente passivas, emocionais e dependentes dos homens. Essa ideia foi amplamente aceita na sociedade americana durante as décadas de 1950 e 1960, ajudando a reforçar os papéis tradicionais de gênero, com mulheres sendo relegadas à esfera privada do lar e da família, enquanto os homens assumiam os papéis dominantes na vida pública.²⁴⁶

Outra maneira pela qual as ideias de Freud influenciaram a definição do papel das mulheres foi por meio do “complexo de Édipo”. Essa teoria postulava que os meninos desenvolvem um desejo inconsciente de competir com seus pais pelo amor de suas mães, e que essa competição leva ao desenvolvimento da sua masculinidade. Para as meninas, o equivalente era o “complexo de Electra”, segundo o qual as meninas desenvolviam sentimentos inconscientes de ciúme e ressentimento em relação às mães, e esse ressentimento as levava a se tornarem femininas. Essas teorias incutiam na sociedade americana a noção de que as mulheres eram inerentemente passivas e emocionais e que precisavam de homens para guiá-las e sustentá-las. Nessa direção, o trecho apresentado tem como continuidade a angústia

²⁴⁴ MAY, 2017.

²⁴⁵ PLATH; KUKIL, 2017, p.120.

²⁴⁶ HERZOG, Dagmar. **Cold War Freud**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

de Sylvia Plath sobre o que ela seria na ausência do seu papel de ser apenas esposa de alguém. Ser escritora era seu desejo, mas era um desejo acompanhado pelo medo de um bloqueio criativo ou incapacidade de produzir textos:

Portanto, tenho uma ou duas opções! Posso escrever? Conseguirei escrever se me dedicar o suficiente? Quanta coisa preciso sacrificar para poder escrever, de todo modo, até descobrir se sou mesmo boa? Acima de tudo, PODE UMA MULHER SEM IMAGINAÇÃO, EGOÍSTA, EGOCÊNTRICA E INVEJOSA ESCREVER QUALQUER COISA QUE VALHA A PENA? Devo sublimar (minha nossa, como despejamos palavras à toa) meu egoísmo e me dedicar a outras pessoas por meio do trabalho social ou similar? Assim eu me tornaria mais sensível às outras pessoas e seus problemas? Serei capaz de escrever honestamente, então, a respeito de outros seres, além da adolescente alta e introspectiva? Preciso manter contato com uma ampla variedade de vidas, caso não queira ser enterrada pela rotina de minha própria classe e nível econômico. Eu não restringirei meu círculo de amizades aos colegas de profissão de meu marido. Contudo, vejo que isso ocorrerá se eu não encontrar uma saída... de algum tipo.²⁴⁷

Novamente, podemos ver suas questões emocionais atreladas à influência do entendimento freudiano de que a mulher é um ser que sente inveja do falo. A ideia de precisar sacrificar o desejo “egoísta” de ser escritora para ser cuidadora de outras pessoas está dentro do que a Psicologia buscava justificar no contexto da Guerra Fria. Apesar de Sylvia Plath citar atividades como trabalho social, a maternidade era o principal espaço designado à mulher americana branca da classe média. Logo, podemos ver como um regime emocional atua nas decisões de uma pessoa: no caso de Sylvia Plath, seus desejos e suas ambições não são considerados por ela como legítimos, mas como “defeituosos” pela própria natureza da psique feminina. Se pensarmos hipoteticamente nos efeitos dessas emoções na ação das mulheres, podemos imaginar que muitas abandonaram sua arte/profissão em razão dessa lógica.

Dessa forma, é interessante perceber que, desde meados de 1950, Sylvia Plath reconhece que sua arte não deveria ser uma experiência narcísica, tal como a atual academia postula: um retrato de sua vida pessoal enquanto suicida. Na passagem apresentada, ela já deixa indícios da necessidade de sair do seu próprio meio e se atentar ao mundo exterior, indo para fora da sua classe social e, principalmente, da vida dos homens. Enfim, como parte do processo de amadurecimento artístico e

²⁴⁷ PLATH; KUKIL, 2017, p.121.

profissional, esse desejo de expansão se concretizou ao final de sua vida, e a colagem é a expressão de que as decisões políticas e as relações de gênero na era atômica ganharam sua atenção.

Em continuidade, Sylvia Plath conclui que, diante do reconhecimento dos seus desejos, a escolha do parceiro deveria ocorrer nos seguintes termos:

Olhando para mim, nos anos recentes, cheguei à conclusão de que preciso ter um relacionamento físico apaixonado com alguém ou combater a ânsia por sexo que há em mim por meios drásticos. Escolho a primeira opção. Admito também que tenho obrigações com minha família e com a sociedade, até certo ponto (a sociedade que se dane, por outro lado) devo aceitar certos costumes absurdos e tradicionais para minha própria segurança, dizem. Devo, portanto, restringir a maior parte de minha vida a um ser humano do sexo oposto... trata-se de uma necessidade, porque: Escolho o relacionamento físico do intercuro sexual como animal e vivo parte da vida (2) Não posso me satisfazer promiscuamente e obter o respeito e o apoio da sociedade (que é meu demônio favorito) e porque sou mulher: logo: uma base para inveja da liberdade masculina. Sendo mulher, devo ser esperta e obter o máximo de segurança antes dos anos vindouros, quando estarei velha e incapaz para a captura de um novo par — com quase toda a certeza. Portanto, decido: devo me dedicar a arranjar um companheiro usando os meios costumeiros: a saber, casamento.²⁴⁸

A repressão à liberdade sexual é parte integrante do regime emocional do medo nuclear, pois a “libertinagem” foi uma conduta identificada como parte do modelo de vida dos comunistas²⁴⁹. Embora nesse trecho Sylvia Plath não esteja fazendo associação ao que estou me referindo, ao aceitar que precisa seguir algumas regras, ela o faz porque está ciente de que determinados comportamentos podem ser identificados como suspeitos de comunismo. Um exemplo do moralismo americano em relação à sexualidade pode ser verificado nos manuais de Defesa Civil. Nesses manuais, ressaltavam-se os efeitos “imorais” e desagregadores que viriam a partir da radiação de uma bomba atômica. Um exemplo disso foi apresentado por Elaine May na descrição de uma publicação feita em 1951 no *Journal of Social Hygiene*. Nesse periódico, o físico Charles Walker Clarke faz uma descrição dos possíveis efeitos da bomba atômica, e explica que, em uma hipotética explosão,

²⁴⁸ PLATH; KUKIL, 2017, p.121

²⁴⁹ MAY, 2017.

[...] as famílias se separariam e se perderiam em confusão. Os suportes da família normal e da vida comunitária seriam destruídos... Desenvolver-se-ia entre muitas pessoas, especialmente os jovens... o estado psicológico imprudente frequentemente visto após grandes desastres. [...] “Sob tais condições”, os padrões morais relaxariam e a promiscuidade aumentaria.²⁵⁰

A promiscuidade foi descrita pelos norte-americanos como uma subversão que levaria as mulheres à prostituição e os homens à homossexualidade. Na visão dos norte-americanos, a liberdade sexual destruiria a família. Sob uma perspectiva paranoica, essa desintegração do núcleo familiar era um desejo dos comunistas para com a sociedade americana. “A cultura popular americana, frequentemente, explicava a instabilidade política e conseqüente vulnerabilidade à subversão comunista com referência a estruturas familiares fracas ou anormais”²⁵¹.

Sendo assim, “não era apenas a energia nuclear que precisava ser contida, mas as conseqüências sociais e sexuais da própria era atômica”²⁵². Nesse sentido, para o cidadão americano, a moral previa que os homens “não seriam tentados pelas seduções degeneradas do mundo exterior que vinham da pornografia, da prostituição, de mulheres perdidas ou homossexuais”²⁵³, e as mulheres focariam “suas energias para a família de maneiras saudáveis. Enquanto estivessem subordinadas a seus maridos, sexualmente ou não, elas seriam esposas satisfeitas e realizadas, dedicando-se à criação especializada de filhos e ao cuidado doméstico profissionalizado.”²⁵⁴ Assim, fica claro que a moral sexual era importante para o Regimes Emocional do medo nuclear na Guerra Fria.

²⁵⁰ “The preparedness plan that Clarke devised to cope with this possibility centered not on death and destruction or psychological damage, but on the potential for sexual chaos. ‘Under such conditions,’ he continued, ‘moral standards would relax and promiscuity would increase.’ Clarke predicted that postbomb rampant sexual activity would lead to a ‘1,000 percent increase’ in venereal disease unless ‘drastic preventive measures’ were taken. He then called on public health professionals to help ensure that, in the event of an atomic attack, there would be adequate supplies of penicillin in potential target areas and ‘strict policing... vigorous repression of prostitution, and measures to discourage promiscuity, drunkenness, and disorder” MAY, 2017, p. 90.

²⁵¹ “American popular culture frequently explained political instability and consequent vulnerability to communist subversion with reference to weak or abnormal family structures” LAVILLE, Helen. *Gender and Women’s Rights in the Cold War*. In: IMMERMANN, Richard H; GOEDDE, Petra (ed.), **The Oxford Handbook of the Cold War**. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 525.

²⁵² “It was not just nuclear energy that had to be contained, but the social and sexual fall-out of the atomic age itself”. MAY, 2017, p. 91.

²⁵³ “Men in sexually fulfilling marriages would not be tempted by the degenerate seductions of the outside world that came from pornography, prostitution, loose women, or homosexuals.” MAY, 2017, p. 94.

²⁵⁴ “At the same time, women had to turn their energies toward the family in healthy ways. As long as they were subordinate to their husbands, sexually and otherwise, they would be contented and fulfilled wives devoting themselves to expert child rearing and professionalized homemaking” MAY, 2017, 94.

Numa dimensão imagética, essa sexualidade pode ser relacionada à própria bomba atômica. Retomando os testes nucleares de Nevada, uma geografia visual da nuclearidade foi formada nesse espaço a partir das mulheres. Um exemplo está nas fotos de Donald English em um cume chamado *Angel's Peak*, em Nevada. Ao fundo, podemos ver a explosão da bomba atômica *Dixie* e, logo à frente, a dançarina Sally McCloskey:

Figura 11 A dança atômica de Sally McCloskey



Fonte: WELLERSTEIN, Alex. **The DIXIE Showgirl (1953)**. Disponível em: <https://blog.nuclearsecrecy.com/2012/05/18/friday-image-the-dixie-showgirl-1953/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

A sequência de fotos foi publicada na revista *Oakland Tribune* em 28 de junho de 1953. A reportagem traz o seguinte texto:

No alto (6.000 pés) sobre os cânions escancarados do Oeste, uma jovem saltitou recentemente no que poderia ser a Dança do Século. O nome dela: Sally McCloskey, corista do luxuoso Sands Hotel de Las Vegas; O lugar: o cume grave de Angel's Peak; Sua tarefa: interpretar o maior drama de nosso tempo em ritmos de dança. Pois bem, acima

de sua forma sinuosa e saltitante, surgiu um símbolo que nenhum olho poderia perder: a pálida nuvem ascendente de uma bomba atômica explodiu a 40 milhas de distância.²⁵⁵

As legendas das poses explicam a dança da modelo, tendo sido intituladas com a sequência de palavras “apreensão”, “impacto”, “espanto” e, por fim, “clímax”; um movimento de dança que ocorreu ao amanhecer em temperatura pouco acima de zero em uma pose rápida.²⁵⁶ A dança de Sally performa as emoções em torno da bomba, sendo uma dança que estabelece uma complexa relação entre a morte e a sensualidade da mulher. Acredito que a dança e seu registro representam a integração da bomba atômica como um artefato a ser cultuado. A dançarina perto da explosão da bomba *Dixie*, sem qualquer cautela quanto à possibilidade de contaminação pela radiação, simboliza não somente a falta de responsabilidade do governo norte-americano com a segurança pública, como também uma correlação entre a energia nuclear e as mulheres.

Desde a década de 1930, já existia uma associação entre a energia destrutiva das armas e a potência destrutiva da sexualidade feminina²⁵⁷. Naquele contexto, mulheres atraentes e sexualmente potentes eram chamadas de *Bombshells*²⁵⁸, termo que também vinha sendo aplicado à artilharia explosiva usada em guerra.²⁵⁹ Essa analogia entre o corpo feminino e a energia nuclear pode ser vista na foto apresentada na Figura 11.

²⁵⁵ “High (6,000 feet) over the yawning canyons of the West, a young girl cavorted recently in what could be the Dance of the Century. Her name: Sally McCloskey, chorus girl from Las Vegas’ plush Sands Hotel. The place: the gravely summit of Angel’s Peak. Her task: to interpret the greatest drama of our time in dance rhythms. For high over her sinuous, leaping form rose a symbol no eye could miss: the pale, rising cloud of an atomic bomb just exploded 40 miles away” WELLERSTEIN, Alex. **The DIXIE Showgirl (1953)**. Disponível em: <https://blog.nuclearsecrecy.com/2012/05/18/friday-image-the-dixie-showgirl-1953>. Acesso em: 14 fev.2023.

²⁵⁶ “1. ‘Apprehension’ starts dance, 2. which illustrates ‘impact’, 3. goes on to symbol of ‘awe’, 4. ‘Climax of dance’ (which took place at dawn in temperature little above freezing) in brisk pose Sally calls ‘Survival’” WELLERSTEIN, *op. cit.*

²⁵⁷ CAPUTI, Jane. The Metaphors of Radiation. **Women’s Studies International Forum**, v.14, n.5, p. 423-442, 1991.

²⁵⁸ Na década de 1940, uma foto da *sex symbol* Rita Hayworth foi adesivada na bomba atômica *Gilda* em um teste nuclear no atol de Bikini (1946). Dias após o teste, Louis Réard nomeou o design de sua nova roupa de banho como *Bikini* (em referência ao “local atômico” do teste nuclear americano).

²⁵⁹ MAY, 2017.

Figura 12 “Todo homem quer sua mulher no pedestal”: o perigo da sexualidade feminina



Fonte: ZARLENGO, Kristina. *Civilian Threat, the Suburban Citadel, and Atomic Age American Women*. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v.24, n.4, 1999, p. 947.

Deitada à beira de uma piscina, a atriz Linda Christians é nomeada de “*Anatomic Bomb*”, uma espécie de mascote da era atômica. Kristina Zarlengo discute as legendas inseridas nas fotos da atriz que foram publicadas na revista *Life*, em 1945²⁶⁰; na foto em que ela numa pose de descanso, a legenda a descreve como um momento “explosivo”. Em outra fotografia em que ela está sorrindo, é descrita como “não explosiva”²⁶¹. Em suma, a postura corporal passiva de Linda Christian é interpretada como mais perigosa do que posturas com mais movimento corporal ou expressões faciais. Penso que a “passividade explosiva” de Linda Christians é muito semelhante à posição da *pin-up* na colagem de Sylvia Plath.

A passividade da mulher no pedestal sob a mira da bomba pode representar um tipo de mulher a ser “eliminada”. Acredito que a dualidade entre o pedestal ser “ideal” e nele haver uma mulher sensual que, mesmo na sua passividade, pode ser “perigosa” é uma problemática que Sylvia Plath desenvolve em sua arte pela via da saúde mental da mulher²⁶². Dito isto, a colagem apresenta essa conexão desenvolvida

²⁶⁰TIME. LIFE. Time Inc 1945 Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=q0kEAAAAMBAJ&lpg=PP1&pg=PA53#v=onepage&q&f=false>.

²⁶¹ ZARLENGO, Kristina. *Civilian Threat, the Suburban Citadel, and Atomic Age American Women*. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v.24, n.4, p.925–958, 1999.

²⁶² A interpretação de Peel é diferente da minha, o autor entende que a bomba, na colagem, é um símbolo fálico apontado para a vagina da Pin-Up, numa metáfora de sexualidade e violência que Sylvia Plath teria tirado do poema *America*, escrito por Allen Ginsberg em 1956. PEEL, 2002, p. 59.

ao longo deste capítulo: a mulher ideal (no pedestal) está denunciando uma estratégia política que vê a mulher como objeto de consumo. O pedestal sustenta não apenas ela, mas também uma lata de cerveja, ao passo que as figuras masculinas “brincam” com armas nucleares que ameaçam essa mulher.

Nesse íterim, a colagem comunica a marca (impressão)²⁶³, no corpo feminino, de emoções que visualmente são traduzidas na agressão masculina às mulheres. A pulsão entre o que se esperava da mulher e o que ela desejava ser formava uma dualidade que, por vezes, surtiu efeitos nocivos à saúde mental de algumas mulheres naquele contexto. Essa dualidade entre o que se quer ser e o que desejam que você seja é um conflito existente na arte de Sylvia Plath. A colagem é uma entre as várias linguagens que ela expressa esse “ataque” masculino ao corpo feminino. Dessa forma considero a colagem de Sylvia Plath uma tentativa de traduzir as emoções da experiência das mulheres por meio das imagens — especificamente daquelas mulheres pertencentes à mesma classe social e à mesma raça que ela.

Isto posto, os próximos capítulos têm o objetivo de aprofundar o regime emocional norte-americano em torno da dualidade das mulheres na colagem: a mulher no pedestal, que segue as normativas socialmente construídas da época, e a mulher adoecida, que não cabe nesse sistema. A mulher sob a mira *do B-58 Hustler* comunica a confusa relação entre apreciação e a condenação das mulheres nesse contexto, sendo tênue a linha entre o “certo” e o “errado” ou o “suficiente” e o “insuficiente” que poderia resultar em uma condenação dessa feminilidade.

²⁶³ AHMED, 2004.

4 “PERCEBO HORRORIZADA QUE CONTEMPLA O SONHO AMERICANO DE CASA E FILHOS”: AS EMOÇÕES E OS EMOTIVOS DA MULHER IDEAL NORTE-AMERICANA NA GUERRA FRIA

Bem! Entre a minha crise privada e a enorme crise suscitada pelo incrível e insano bombardeamento do Egito pela Grã-Bretanha, o universo está num estado de caos! Você não tem ideia do choque que este bombardeio nos causou aqui — o Manchester Guardian, meu jornal britânico favorito, chamou esta agressão armada da Grã-Bretanha de “um desastre” e não consigo entender o que Eden espera ganhar com isso além de tal perda de face, ajuda e apoio entre as colônias britânicas, aliados e, claro, inimigos crescentes que nunca poderão ser remediados. Os motivos materialistas grosseiros deste ataque ao Suez são tão evidentes que darão à Rússia alimento para propaganda nos próximos anos; estarei ansiosa para ouvir a opinião dos estudantes de Cambridge sobre isso: cartas de horror inundaram o número 10 de Downing Street, vindas de toda a Grã-Bretanha; a eloquência de Gaitskell na Oposição é encorajadora. E pensar que eu literalmente esfreguei os cotovelos com Eden naquela recepção do Claridge! A arrogância britânica — aquele velho e presunçoso colonialismo comercial — ainda viva entre os conservadores parece-me indesculpável; penso que a política britânica em Chipre tem sido suficientemente questionável. Este é o último. Todos os jornais olham para a política externa americana de uma forma que me faz esperar fervorosamente que Washington esteja à altura da ONU e não da sua antiga lealdade à Grã-Bretanha. Que alegria deve estar em Moscow perante este flagrante nacionalismo e capitalismo! Esta agressão pela força, que sempre foi o grito dos Aliados Ocidentais contra os totalitários. A invasão do Egito por Israel, seguida deste bombardeamento, cheira mal aos céus. Até mesmo Budapeste foi empurrada para a última página por causa disso; os russos estão partindo. Que mundo! Lembro-me daquele diplomata persa que me entrevistou sobre o trabalho de ensinar em África, dizendo que as potências ocidentais eram como crianças na sua ignorância sobre a imensa força e mão de obra disponíveis na Arábia e em África. O editorial do Manchester Guardian foi soberbo: este ataque é um desastre sob todos os ângulos: moral, militar, político! A Grã-Bretanha está morta²⁶⁴; (carta para mãe – 1 de novembro de 1956)

²⁶⁴ “Well! Between my private crisis and the huge crisis aroused by Britain's incredible and insane bombing of Egypt, the universe is in a state of chaos! You have no idea what a shock this bombing caused us here. the Manchester Guardian, my favorite British paper, called this armed aggression by Britain “a disaster” and I cannot understand what Eden¹ hopes to gain by it other than such a loss of face, aid and support among Britain's colonies, allies, and, of course, growing enemies as can never be remedied. The crass materialistic motives of this attack on the Suez are so apparent as to give Russia food for propaganda for years to come; I shall be eager to hear Cambridge student opinion about this-- letters of horror have deluged 10 Downing Street from all over Britain; the eloquence of Gaitskell⁹ in the Opposition is heartening. To think I literally rubbed elbows with Eden at that Claridge reception! The British arrogance--- that old smug commercial colonialism---alive still among the Tories, seems inexcusable to me; I think the British policy in Cyprus has been questionable enough. This is the last. All the newspapers look to American foreign policy in a way which makes me hope fervently that Washington lives up to the UN and not its old loyalty to Britain. What joy there must be in Moscow at this flagrant nationalism and capitalism! This aggression by force, which has always been the cry of the Western Allies against totalitarians. The invasion of Egypt by Israel, followed by this bombing, stinks to high heaven. Even Budapest has been thrust to the back page by this; the Russians are leaving. What a world! I remember that Persian diplomat who interviewed me about the job teaching in Africa’ saying

A fala de Sylvia Plath se refere à crise do Canal de Suez em 1956, um episódio crítico das relações internacionais na Guerra Fria. A crise se referia à tentativa de nacionalização do canal de Suez por Gamal Abdel Nasser, presidente do Egito entre 1954 e 1970 — ano de sua morte. A atitude nacionalista de Gamal Abdel Nasser, isto é, a nacionalização do canal, provocou uma série de eventos que envolveram Israel, Reino Unido, França e Estados Unidos²⁶⁵. A fala de Sylvia Plath remete à crítica colonialista sobre uma ofensiva militar britânica dias antes, precisamente no dia 29 de outubro de 1956: Israel, com o apoio do Reino Unido e da França, iniciou ações militares com o objetivo de recuperar a região. O conflito entre as partes culminou no contra-ataque de Nasser por meio do abatimento de 40 navios que transitavam pelo canal de Suez. Em resposta, os britânicos bombardearam a força aérea egípcia e cidades importantes.

No entanto, a operação foi interrompida devido à pressão internacional, e o presidente americano Dwight D. Eisenhower fez um intermédio, propondo acordos de paz para a retirada das forças armadas do local. Em 6 de novembro de 1956, Israel concordou em retirar as forças do local em troca de garantias de livre passagem pelo Estreito de Tiran e pelo Canal de Suez. Quando Sylvia Plath diz “esta agressão pela força, que sempre foi o grito dos Aliados Ocidentais contra os totalitários”, ela remete a uma situação que, pelo viés das emoções, marcou negativamente o governo britânico. Isso porque a atitude política sobre o Canal de Suez demarcava uma atitude colonialista em um contexto em que estava acontecendo o processo de descolonização de vários locais na África.

Em uma perspectiva das emoções, George Roberts aponta a crise de Suez como um marco para os britânicos. O autor afirma que, se antes não existiam muitas manifestações públicas emocionais a respeito da política, após Suez, a situação mudou²⁶⁶. Nessa direção, na perspectiva de Keith Kyle, a crise de Suez também desvela esse evento como um momento traumático para os ingleses²⁶⁷. A autora

that the western powers were like children in their ignorance about the immense force and manpower on tap in Arabia and Africa. The editorial in the Manchester Guardian was superb: this attack is a disaster from every angle: moral, military, political! Britain is dead.” PLATH; STEINBERG; KUKIL, 2018, p. 6-7.

²⁶⁵ NETO, Luiz. S. A crise de Suez: uma sobreposição de três conflitos (1952-1956). **Revista Cantareira**, n. 17, 2012.

²⁶⁶ ROBERTS, George. **Suez, Britain and Europe: historicising, debating and remembering the Suez Crisis, 1956 to the presente**. 2013. Tese (Doutorado em estudos europeus interdisciplinares) – Pós-graduação em Artes, College of Europe, Varsóvia, Polônia, 2013.

²⁶⁷ KYLE, Keith. **Suez: Britain’s end of Empire in the Middle East**. New York: I.B. Tauris, 2011.

descreve esse momento a partir da sua própria percepção a respeito da população inglesa naquele contexto:

Depois de algumas breves semanas, o assunto Suez, tão intensamente e tão freneticamente debatido, desapareceu silenciosamente. O povo britânico foi levado à beira do abismo e recuou. Eles não gostaram do que viram e sentiram. As amargas divisões que separavam marido e mulher, amigo e amiga, parceiros de jantar e colegas de trabalho eram mais características de outras terras menos felizes. Por mútuo consentimento, Suez, como tema de conversa, tornou-se tabu.²⁶⁸

Ao mesmo tempo que o contexto da “enorme crise” política gerada pelo conflito em Suez atinge Sylvia Plath emocionalmente, ela descreve o amor por Ted como um refúgio para lidar com essa crise. Nesse período, Sylvia Plath tinha uma bolsa de estudos *Fulbright* no curso de inglês em Newnham College e estava informando a coordenação do curso que tinha se casado com Ted — um segredo que ela manteve por 6 meses. Na carta do dia 1º de novembro, ela relata à sua mãe que a reação da universidade perante a anúncio do casamento foi positiva, algo que a surpreendeu, já que ela não esperava tal resposta. No mesmo dia da anúncio, Sylvia e Ted alugaram um apartamento para morar juntos em um lugar que ficava a aproximadamente cinco minutos de Newnham College.

Em uma carta para Aurelia, Sylvia Plath relata a aparência da nova casa e demonstra um ímpeto de transformar a cozinha em um modelo americano de anúncio publicitário. Por muito tempo, a vida com Ted é descrita como um relacionamento que abriu espaço para sua criatividade na escrita; contudo, em muitos momentos, esse lado colorido do relacionamento e da vida em casal criou uma dualidade nos desejos de Sylvia Plath. Ela se sentia realizada em seguir o modelo socialmente esperado para uma mulher “tradicional”, mas também tinha seu desejo profissional como escritora.

Na carta para Aurélia do dia 6 de novembro, depois de novamente ter relatado seu desgaste emocional com a crise de Suez e a revolução Húngara, Sylvia Plath retoma a descrição de sua nova fase da vida com Ted e conta uma atitude diferente da universidade:

²⁶⁸ “After a few brief weeks, the subject of Suez, so intensively, so hectically debated, silently departed. The British people had been brought to the edge of an abyss and had drawn back. They had not liked what they had seen and sensed. The bitter divisions separating husband and wife, friend and friend, dinner partners and workmates were more characteristic of other, less happy lands. By mutual consent Suez, as a topic of conversation, had become taboo” KYLE, 2011, p.3.

De qualquer forma, além disso, passei a semana aparecendo perante todos os funcionários necessários da Fulbright & Newnham, o que envolveu tutor, diretor de estudos, diretor de faculdade etc. Com cada um deles, tive que começar tudo de novo; naturalmente, a parte secreta era mais difícil de explicar. Eles me perguntaram se cozinhar não demoraria e por que não esperei um ano, mas no final todos disseram que parecia ser uma coisa boa no meu caso (me senti como um advogado defendendo meu casamento) e o conselho oficial me dará a decisão oficial sobre a continuidade dos estudos neste sábado: não creio que haja problemas; aguentei broncas dia após dia, pensando: só 5 semanas, e me mudo para o apartamento com Ted²⁶⁹.

Existem vários motivos para a universidade ter questionado a permanência de Sylvia Plath no curso enquanto casada e, provavelmente, ela tinha mantido segredo sobre seu casamento porque temia perder a bolsa de estudos após assumir tal compromisso. Contudo, o que me chama atenção nas perguntas da coordenação é a seguinte frase: “eles me perguntaram se cozinhar não demoraria”. Provavelmente, o questionamento era uma atitude comum de um sistema que criava empecilhos para as mulheres que pretendiam constituir uma família e ter uma profissão. No contexto da Guerra Fria, a cozinha como um espaço de responsabilidade das mulheres foi se intensificando com o passar do tempo e, nesse processo, algumas emoções foram associadas a essa atividade.

Inicialmente, nos livros de receitas, foi propagada a ideia de que cozinhar era um ato, uma emoção de manifestação feminina. Na sociedade norte-americana, a manutenção das relações de gênero na cozinha pode ser verificada em livros de receitas. A pesquisadora Jessamyn Neuhaus indica que no livro *The Modern Cook Book*, escrito por K. Camille Den Dooven, é enfatizada a felicidade da mulher que cozinha e a importância de uma alimentação saudável para o desenvolvimento das crianças e do marido. A mulher na cozinha é vista como um sinônimo de segurança. Nas palavras da autora,

[...] a espinha dorsal de uma nação é a boa dona de casa, e o maior trunfo das donas de casa é a capacidade de preparar boa comida. A felicidade futura das crianças depende da sua saúde, e a saúde só é

²⁶⁹ “Anyhow, in addition to this, my week has been spent in appearing before every necessary official at Fulbright & Newnham, which has involved tutor, director of studies, college principal, etc. With each one, I had to begin all over; naturally the secret part was hardest to explain. They fired questions at me ranging from wouldn't cooking take time & why didn't I wait a year but in the end every one said it seemed to be a good thing in my case (I felt like some lawyer defending my marriage) & the official council will give me their official decision about me continuing my studies this Saturday: I don't think there will be any trouble; I put up with scolding day after day, thinking: only 5 weeks, & I move into the apartment with Ted” PLATH; STEINBERG; KUKIL, 2018, p.10.

obtida através de alimentos bem-preparados, ar fresco e exercício. O futuro do seu marido e a sua capacidade de fornecer ao lar aquilo que é necessário na vida dependem de boa saúde e energia, e para ter uma quantidade de reserva de energia e saúde é preciso estar adequadamente alimentado²⁷⁰.

Os livros de receitas da década de 1930 iniciaram um movimento de relacionar o ato de cozinhar à emoção *joy*, que, em português, significa “alegria”. Dessa forma, penso que a satisfação ao cozinhar é um emotivo (um ato/performance) construído historicamente; essas ações acompanhadas de emoções foram apresentadas de diferentes formas ao longo da história.

Na Guerra Fria, as imagens de mulheres extremamente sorridentes ao cozinhar, da fatura de alimentos — muitas vezes representados em modelos enlatados — e das cozinhas esteticamente coloridas e com utensílios tecnológicos informam a política norte-americana de consumo e suas associações emocionais em torno desses objetos. Jessamyn Neuhus afirma que, desde o início do século XX, a satisfação das mulheres na cozinha é uma construção emocional que ocorreu devido à gradual retirada dessa atividade da responsabilidade dos empregados. A alegria de cozinhar foi inaugurada nos livros de receitas com o objetivo de tornar o espaço da cozinha total responsabilidade da mulher de classe média branca.

Na década de 1920, os americanos lamentavam “o problema dos empregados” há mais de um século, e livros de receitas destinados não aos profissionais remunerados, mas às mulheres casadas de classe média “que faziam o seu próprio trabalho” circulavam pelo menos desde o início do século XIX. Mas, a partir da década de 1920, a ênfase dada à culinária para realmente ajudar a definir o papel doméstico da esposa e mãe de classe média aumentou exponencialmente. A ideologia doméstica certamente tinha uma longa história nos Estados Unidos na década de 1920, mas somente na segunda década do século XX os livros de receitas começaram a insistir uniformemente que cozinhar — e o prazer de fornecer boa comida para a família — poderia ser uma atividade divertida e criativa em si.²⁷¹

²⁷⁰ “The backbone of a nation is the good housekeeper, and the homemakers’s greatest asse tis the ability to prepare good food. The future happiness of children depends on their health, and health is obtained Only through well prepared foods, fresh air, and exercise. The future of husband and his ability to provide for the home that which is necessary in life, depend on good health and energy, and in order to have a reserve amount of energy and health one must be properly fed” NEUHUS, Jessamyn. **Manly meals and mom’s home cooking: Cookbooks and Gender in Modern America**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2012, p.63.

²⁷¹ “By the 1920s Americans had been bemoaning “the servant problem” for over a century, and cookbooks aimed not at the paid professional but the married middle-class woman “doing her own work” had circulated since at least the early 1800s. But beginning in the 1920s, the emphasis on cooking in

The Joy of cooking, escrito por Irma Rombauer, representa a crescente inserção da emoção alegria no ato de cozinhar. Esse é um livro recorrentemente mencionado por Sylvia Plath em seus diários durante seus intervalos de escrita.²⁷² Para Sylvia Plath, cozinhar era uma atividade revigorante para retomar o ritmo de escrita, mas também um mecanismo de procrastinação. As variações entre momentos de criatividade e bloqueio perpassam todo o seu diário. No contexto após a viagem de lua de mel para Espanha, Sylvia Plath teve um bom período de criatividade na escrita; porém, 7 meses após a viagem, a situação era totalmente oposta. Na passagem a seguir, ela relata seus sentimentos logo após uma tentativa de se orientar na forma como deveria retomar a escrita:

Estou inquieta. Ansiosa. Mesmo assim, improdutiva. Lá fora o dia azul-claro que dá vontade de cruzar as cercas de espinheiros subindo e descendo os degraus, até Granchester. Mas hoje fui às compras no centro de bicicleta: banco, correio onde despachei dois lotes de poemas de Ted, recém-datilografados, para o SRL & Poetry. Enchi a sacola preta de verniz com xerez, *cream cheese* (para as tortas de damasco da vovó), tomilho, manjericão, folhas de louro (para os ensopados exóticos de Wendy" dos quais um fac-símile borbulha agora no fogão), wafers dourados (um nome mais elegante para biscoitos Ritz), maçãs e peras verdes.

Eu já temia ficar feliz demais em minha vida prática predominante: em vez de estudar Locke, por exemplo, ou escrever, preparo uma torta de maçã, ou estudo o *Joy of Cooking*, lendo o livro como se fosse um romance precioso. Uau, disse a mim mesma. Você se refugiará no doméstico e sufocará enfiando a cabeça numa tigela de massa de biscoito. E bem agora eu pego o bendito diário de Virginia Woolf que comprei junto com vários livros dela no sábado, com Ted. E ela supera a depressão causada pela recusa da Harper's (imagine! — e mal posso acreditar que os Grandes Nomes foram rejeitados, também!) limpando a cozinha. Preparando hadoque e linguiça. Bendita seja. Sinto minha vida ligada à dela, de certo modo. Eu a amo — desde a leitura de Mrs. Dalloway para o sr. Crockett — e ainda posso ouvir a voz de Elizabeth Drew me causando um arrepio na espinha na imensa sala de aula do Smith, quando lia *Ao farol*. Seu suicídio, senti que o reproduzi no negro verão de 1953. Só não consegui me afogar: Cálculo que sempre serei muito sensível, ligeiramente paranoica. Mas também sou muito saudável e resistente aos choques. Feliz como uma torta de maçã. Só que preciso escrever. Sinto-me mal, esta semana,

actually helping to define the domestic role of the middle-class wife and mother increased exponentially. Domestic ideology certainly had a long history in the United States by the 1920s, but only in the second decade of the twentieth century did cookbooks begin to uniformly insist that cooking—and the pleasure of providing good food for one's family—could be a fun and creative task in and of itself." NEUHUS, 2012, p. 55.

²⁷² ROMBAUER, Irma S. **The Joy of Cooking**. St. Louis: A.C. Clayton Printing Co., 1931.

por não ter escrito nada ultimamente. O romance exige uma ideia imponente entro em pânico.²⁷³

A satisfação com o espaço culinário que, potencialmente, a sufocaria em massa de biscoito, mostra a dualidade desse espaço. Sylvia Plath reconhece a cozinha como um local que é capaz de sugar a energia criativa da mulher; esse espaço sufocante da cozinha também remete às expectativas sociais de gênero que, durante a Guerra Fria, foram intensas na fixação da ideia do lar como o único espaço de atuação da mulher.

Na passagem apresentada, Sylvia mostra a contradição de sua grande referência literária, Virginia Wolff, por também ter sido uma mulher que se utilizou da cozinha como um espaço para resolver as sensações ruins em ocasiões de rejeição de produção literária. “Ser feliz como uma torta de maçã” é uma ironia de Sylvia Plath sobre um regime emocional que criou uma associação da comida com a alegria ou a satisfação de viver. Sylvia Plath reconhece a cozinha como um lugar onde ela buscava fugir dos seus afazeres profissionais: “em vez de estudar Locke, por exemplo, ou escrever preparo uma torta de maçã, ou estudo o *Joy of Cooking*, lendo o livro como se fosse um romance precioso”.

Ler esse livro como um romance também é parte de uma visão artística do ato de cozinhar; além disso, as refeições como parte de uma criação artística das mulheres esteve presente nos livros de receitas destinados ao público feminino²⁷⁴. O regime emocional da alegria de cozinhar construiu a ideia de que cozinhar era uma ciência e uma arte; nesse sentido, a mulher deveria ter amor aos resultados dessa prática. Pelo lado da ciência, foi sendo construída a ideia de que as informações nutricionais dos alimentos eram de domínio da mulher: prezar por ingredientes de qualidade e saber a função dos nutrientes para o desenvolvimento das crianças ou para a saúde do marido eram responsabilidade de quem cozinhava. Contudo, o domínio científico dos nutrientes dos alimentos deveria ser acompanhado de um ato criativo/artístico: o prato também deveria ser uma obra de arte para agradar ao olhar e instigar o apetite. Dessa forma, existiu uma fusão entre a cozinha como ciência e a

²⁷³ PLATH; KUKIL, 2017, p.311.

²⁷⁴ Apesar de, nesse contexto, a cozinha ter sido um espaço em grande parte associado ao feminino, existiam livros de receitas para homens. Cf. NEUHUS, 2012, p.63.

prática das mulheres, um espaço que, em seguida, seria perdido para a dominação da cozinha de alta classe pelos homens, os *chefs* de cozinha.²⁷⁵

Retomando a passagem anterior, quando Sylvia Plath comenta sobre os “ensopados exóticos de Wendy”, provavelmente está se referindo à estética que esses alimentos tinham. A comida como um ato artístico teve seu ápice durante a década de 1950, ou seja, na Guerra Fria, isso pode ser verificado a partir das imagens de refeições impressas em revistas e livros de receitas, exagerando na variedade de cores desses alimentos. Os livros de receitas tornaram as receitas cada vez mais complexas²⁷⁶, enquanto as revistas propagandeavam cozinhas modernas que prometiam facilitar a feitura dessas receitas.

Apesar de a celebração da domesticidade (neste caso, a alegria de cozinhar) ser uma armadilha para trancafiar as mulheres em casa e a satisfação do consumo de novos utensílios domésticos ser uma armadilha neoliberal atribuída a uma atitude patriótica de como a nação americana proporcionava uma vida boa às pessoas, Sylvia Plath, em muitos momentos, não foi crítica a esse sistema, especificamente por algum

²⁷⁵ Esse tópico é bem discutido por Jessamyn Neuhus no capítulo “Cooking Is Fun: Women’s Home Cookery as Art, Science, And Necessity”. Porém, a ocupação da cozinha pelos homens tem uma discussão mais aprofundada no artigo de Casey Ryan Kelly. Cf. KELLY, Casey Ryan. *Cooking Without Women: The Rhetoric of the New Culinary Male. Communication and Critical/Cultural Studies*, v. 12, n. 2, p. 200–204, 12 fev. 2015.

²⁷⁶ A Guerra Fria marca um período em que as receitas passaram a ser mais elaboradas em ingredientes, e a estética dos alimentos pode ser vista. Atualmente, essa tendência de misturar alimentos a gelatinas é vista como parte de uma “história de horror alimentar” norte-americano. Jessamyn Neuhus comenta que, durante a década de 1950, crescia no mercado editorial de livros de receitas lançamentos de edições com receitas pensadas para ocasiões especiais: receitas para receber amigos em casa, para festas de família, para festas no trabalho etc. Era uma atitude que considero ser uma obsessão norte-americana com a cozinha e a comida. Segundo Jessamyn Neuhus, esse largo investimento editorial levou a um desgaste emocional das mulheres na cozinha, e a alegria de cozinhar acabou se tornando uma tortura. Os novos livros de receitas criavam refeições com ingredientes de difícil acesso, e o tempo de preparo, em muitos casos, ultrapassava 5 horas. Nesse contexto surgiu o livro *The Hate of Cooking*, que traduzindo significa “O ódio de cozinhar”. O título parece ser uma antítese ao sistema emocional de satisfação na cozinha. Escrito por Peg Bracken e se tornando um sucesso de vendas na década de 1960, o livro tinha uma linguagem que expressava revolta ao mercado editorial que lançava receitas complexas, tornando a rotina da mulher uma prisão na cozinha. A autora menciona que os livros de receitas daquele contexto tornavam odiosa a tarefa de cozinhar não somente pelo tempo de preparo das refeições ou pelos ingredientes inacessíveis, mas também porque as receitas exigiam uma cozinha moderna, tornando-se inviáveis para mulheres que não tinham condições econômicas de adquirir as novidades tecnológicas do mercado. Apesar de o título do livro parecer ser uma crítica direta a *The Joy of Cooking*, Bracken menciona que essa obra serviu como sua referência para formular as novas receitas que inseriu no livro. Jessamyn Neuhus mostra que *The Joy of Cooking* era uma exceção no amplo mercado de livros de receitas da década de 1950 que tornavam a vida da mulher exaustiva na cozinha. *The Joy of Cooking* tinha uma linguagem leve e acessível para o contexto que foi criado e, por causa desse aspecto, permaneceu sendo um *best-seller* durante a Guerra Fria. Sendo assim, penso que *The Hate of Cooking* reflete a frustração de algumas mulheres à narrativa dominante que buscava limitá-las aos papéis domésticos. Ao desafiar a emoção “alegria” com uma emoção “negativa”, a autora desafiava a noção de que a modernização da cozinha, por si só, poderia trazer verdadeira satisfação e alegria. Cf. NEUHUS, 2012, p. 250.

tempo após o casamento com Ted. Nesse período, ela emulava a satisfação da mulher norte-americana de classe média alta que sentia satisfação em se dedicar às atividades domésticas — neste caso, ao ato de cozinhar.

Em seus diários e cartas, ela relata as mudanças de residência com Ted; em cada uma delas, ela se dedicava a celebrar a estética da casa com atenção à cozinha, como pode ser visto na passagem a seguir:

A ampla cozinha e a copa são meus xodós. Jamais uma recém-casada reinou tão majestosamente sobre o freezer, a máquina de lavar, a panela de pressão etc. como eu reino sobre o fogão a querosene de uma só boca, a única frigideira, a pia de onde sai apenas água fria, a palha trançada no lugar da esponja, a despensa que passa por geladeira, onde guardo hortaliças, azeite, vinho e vinagre em garrafas e tudo que é preciso para cozinhar. Ontem li o capítulo sobre vegetais de meu bendito Rombauer, salivando, para escolher as receitas de refogados: temos principalmente batatas, ovos, tomates e cebolas, com os quais consigo, no verão, variar o suficiente para evitar que Ted reclame demais. Adoro cozinhar, mas as receitas deliciosas do livro, com suas combinações perfeitas de temperos e um ingrediente que invariavelmente não tenho à mão, fazem com que eu sinta saudades de poder usar um fogão moderno, uma geladeira e uma variedade maior de ingredientes. Pelo menos, se eu me der bem com opções tão restritas, voltar à mais modesta das cozinhas norte-americanas será voltar ao paraíso.²⁷⁷

Nesse trecho, nota-se que os ingredientes citados por Sylvia Plath, em uma perspectiva nutritiva, são saudáveis. *The joy of cooking*, escrito por Irma Rombauer, era um dos poucos livros que buscava evitar o incentivo ao consumo de produtos industrializados²⁷⁸. Esses produtos eram uma alternativa aderida por várias mulheres que buscavam reduzir o tempo na cozinha para cumprirem todos os outros afazeres do lar. Assim sendo, Sylvia Plath não somente seguia o regime emocional da alegria de cozinhar como também o fazia por uma via alimentar saudável. Dessa forma, penso que ela cumpria as normativas sociais de gênero sem grande criticidade.

Isso pode ser verificado na sua veneração por cozinhas americanas quando ela diz que a falta de ingredientes a fazia sentir saudades “de poder usar um fogão moderno, uma geladeira e uma variedade maior de ingredientes”. De uma forma

²⁷⁷ PLATH; KUKIL, 2017, p.289

²⁷⁸ Também há uma mudança nos hábitos alimentares americanos, já que, cada vez mais, as revistas propagandeavam alimentos industrializados, promovendo a ideia de que cozinhar poderia ser mais fácil e rápido se as mulheres adquirissem tais produtos. Entre as receitas mais famosas desse contexto, estão as refeições feitas à base de gelatina. Ademais, existiam versões de recheados com frutas, servindo como uma sobremesa, ou as versões salgadas, que eram recheadas com peixes ou legumes. Cf. NEUHUS, 2012, p. 165.

visual, isso é transposto em duas colagens presentes em seu caderno de desenhos — o mesmo caderno em que está localizada a colagem antimilitar anteriormente analisada.

Figura 13 Colagem da cozinha - 1



Fonte: BRAIN, Tracy. *The Other Sylvia Plath*. London: Routledge, 2001.

Figura 14 Colagem da cozinha -2



Fonte: BRAIN, Tracy. *The Other Sylvia Plath*. London: Routledge, 2001.

Essas imagens estão reproduzidas no livro de Tracy Brain, intitulado *The Other Sylvia Plath*. Tais colagens estão em um livro de recortes de imagens não datados, localizado no arquivo da *Lily Library*. A sequência de recortes de fotografias de cozinhas está sem cores no livro; contudo, Tracy Brain descreve que, na imagem que tem uma mulher vestida de forma glamorosa, a cozinha é rosa (Figura 12); e na imagem em que mãe e filha estão sorrindo e posicionadas uma de frente para a outra, a cozinha é branca (Figura 13)²⁷⁹.

Além disso, o livro de recortes traz uma outra imagem na sequência: o recorte de uma propaganda de *Electric Refrigerations*, na qual aparece um homem trabalhando na construção de uma geladeira, e a imagem mostra o desconforto do trabalhador em um espaço claustrofóbico. Dessa maneira, Tracy Brain conclui que a intencionalidade dessa disposição das figuras é uma crítica à vida luxuosa que esconde o trabalho árduo dos trabalhadores. Por trás desses produtos que facilitam a vida da classe média, existia um “capitalismo de consumo tão indiferente em relação à produção e aos trabalhadores que os anunciantes nem mesmo hesitam em retratar

²⁷⁹ BRAIN, 2001, p. 92.

o mundo infernal”²⁸⁰. A imagem das cozinhas e os recortes das mulheres em torno desses objetos dizem respeito a uma ideologia capitalista que imprimiu desejos de consumo conectados a estados de completude e felicidade.

Nesse sentido, o consumismo é uma atividade fundamental no regime emocional de alegria/satisfação/felicidade norte-americano na Guerra Fria. Na colagem de Sylvia Plath, a mãe e a filha sorridentes ao redor da cozinha são emotivos, ações do corpo em torno de um objeto que estava no palco das discussões internacionais entre o Richard Nixon e Nikita Khrushchev. Os Estados Unidos e a União Soviética, ao competirem em muitos *fronts* na esfera da cultura e do modo de vida, colocaram a cozinha (e a suposta alegria que esse espaço evocava) em uma discussão de nível internacional.

O modo de vida americano era frequentemente promovido como superior, com foco no consumo e na modernização. A cozinha moderna se tornou um dos símbolos desse modo de vida. A indústria e a publicidade americana promoveram a ideia de que as casas deveriam ser equipadas com os mais recentes eletrodomésticos e que essas modernidades facilitariam e enriqueceriam a vida cotidiana. A cozinha, em particular, foi concebida como o coração do lar americano. O objetivo era duplo: por um lado, promovia a ideia de que o capitalismo e o consumo poderiam trazer felicidade e satisfação; por outro, buscava reconectar as mulheres aos seus tradicionais papéis como donas de casa. A ideia era que, mesmo que as mulheres trabalhassem fora, elas ainda encontrariam alegria e satisfação em tarefas domésticas, especialmente na cozinha²⁸¹. Ao promover essa visão idealizada da cozinha e do papel das mulheres, os norte-americanos estavam apresentando uma imagem de prosperidade, modernidade e felicidade, a fim de contrastar com a percepção que eles tinham do modo de vida soviético. Era uma batalha de narrativas e percepções, em que até mesmo o design da cozinha se tornava uma peça nesse jogo geopolítico maior.

A historiadora Helen Laville apresenta a Guerra Fria enquanto um espaço de disputa de gênero por meio da cozinha. Uma disputa ideológica e de diferenciação de gênero evidenciado no *Kitchen Debate*, um debate entre o vice-presidente americano, Richard Nixon, e o Secretário Geral soviético, Nikita Krushchev, que aconteceu no ano

²⁸⁰ “So indifference, in fact, that advertisers do not even shrink from depicting the hellish scene of factory work”. BRAIN, *loc.cit.*

²⁸¹ MAY, 2017.

de 1959 em Moscou²⁸². Na ocasião, ocorreu a exposição, de um modelo, de cozinha americana, em que “os dois líderes compararam a vida doméstica do trabalhador soviético médio com a de seu homólogo americano”²⁸³. Nesse debate, fica visível que a mulher é colocada no epicentro de uma disputa ideológica e de progresso, e a discussão entre ambos se manifestava de forma acalorada. O clima de tensão entre Nixon e Krushchev foi capturado por câmeras de televisão, mas as gravações existentes não contêm todos os diálogos entre eles. Segundo Shane Hamilton e Sarah Phillips, não existe nenhuma transcrição totalmente confiável dessas discussões²⁸⁴. O jornal americano *New York Times* e o jornal oficial do Partido Comunista Soviético, o *Pravda* (“Verdade”), apresentam versões diferentes da discussão entre Nixon e Khrushchev. Na versão do *New York Times* existe uma passagem que desvela o clima acalorado durante a contemplação da cozinha americana apresentada por Nixon a Khrushchev:

Nixon: “Não pretendemos surpreender o povo russo. Nós esperamos mostrar a nossa diversidade e o nosso direito de escolha. Não queremos que as decisões sejam tomadas no topo por funcionários do governo que dizem que todas as casas deveriam ser construídas da mesma forma. Não seria melhor competir nos méritos relativos das máquinas de lavar do que na força dos foguetes? É esse o tipo de competição que você quer?”. Khrushchev: “Sim, esse é o tipo de competição que queremos. Mas o seu os generais dizem: ‘Vamos competir em foguetes. Somos fortes e podemos vencê-los’. Mas neste aspecto também podemos mostrar-lhes algo”²⁸⁵.

O *Kitchen Debate* seguiu de forma intensa: o lado americano tinha a retórica do avanço tecnológico nas máquinas, com o propósito de mostrar a superioridade americana em relação ao estilo da cozinha soviética. Além disso, a ideia de que a democracia americana permitia a liberdade de escolha e o acesso a bens de consumo era frequentemente comparada à falta de liberdade e à escassez de bens na União

²⁸² LAVILLE, 2016.

²⁸³ “As the competing merits of the USSR and USA bounced back and forth, the debate took inspiration from the surroundings of the American suburban show kitchen, and the two leaders compared the home life of the average Soviet worker with that of his American counterpart” LAVILLE, 2016, p. 523

²⁸⁴ HAMILTON, Shane.; PHILLIPS, Sarah. T. **The Kitchen Debate and Cold War consumer politics: a brief history with documents**. Boston: Bedford/St. Martin’s, 2014.

²⁸⁵ “Nixon: “We do not claim to astonish the Russian people. We hope to show our diversity and our right to choose. We do not wish to have decisions made at the top by government officials who say that all homes should be built in the same way. Would it not be better to compete in the relative merits of washing machines than in the strength of rockets. Is this the kind of competition you want?” Khrushchev: “Yes, that’s the kind of competition we want. But your generals say: ‘Let’s compete in rockets. We are strong and we can beat you.’ But in this respect we can also show you something.” HAMILTON; PHILLIPS, 2014, p. 49.

Soviética. No *Kitchen Debate*, a liberdade de escolha foi um valor que Nixon utilizou para dizer que os norte-americanos se importavam com a qualidade de vida e o bem-estar das mulheres. Por outro lado, Khrushchev rebatia o discurso de Nixon apontando o grande esforço que um americano comum teria para conseguir conquistar a tecnologia apresentada. No que diz respeito às mulheres, Khrushchev afirmou: “Ainda assim, respeitamos as mulheres mais do que os países capitalistas”²⁸⁶. No debate, Khrushchev criticava um estilo de vida em que o consumismo americano garantia um falso cuidado. Muito embora ele reconhecesse que a cozinha em exposição fosse diferente das cozinhas soviéticas, ele realçava a crítica aos materiais pouco duráveis que Nixon apresentava na exposição:

A casa que você está mostrando é atraente, é claro. Mas não vamos construir casas deste tipo. Elas são feitas de madeira compensada e não duram mais de 20 anos. Esta não é apenas a minha opinião. Os próprios porta-vozes das empresas de construção americanas dizem isso. Nós próprios já compramos casas deste tipo na Finlândia, mas parámos agora porque não é rentável. As casas devem ser construídas de forma sólida, em betão armado e tijolo, para que os nossos filhos e netos possam viver nelas.”²⁸⁷

Enfim, como pode ser verificado, a casa teve uma importante função ideológica. A celebração da domesticidade na Guerra Fria trazia estabilidade para a nação americana em níveis políticos, culturais, emocionais, sociais e sexuais por meio do consumismo, com a suposta liberdade de escolha e abundância de opções. De acordo com o historiador Philip Cushman, o estímulo ao consumo estava atrelado a valores patrióticos, como uma forma de atingir o inimigo. Nesse contexto, Cushman destaca que, no curso da evolução da identidade do “ser americano”, o período da Guerra Fria desempenhou um papel significativo na moldagem do conceito de *self*, com base no ato de adquirir bens materiais e objetos de consumo²⁸⁸.

²⁸⁶ “Still, we respect women more than the capitalist countries do,” Comrade Khrushchev answered.” HAMILTON; PHILLIPS, 2014, p.52.

²⁸⁷ “The home you’re showing is attractive, of course. But we won’t build houses of this kind. They are made of plywood and won’t last more than 20 years. This is not my opinion alone. Spokesmen of American building firms say so themselves. We ourselves at one time bought homes of this type from Finland, but we’ve stopped now because it’s not profitable. Houses should be built solidly, out of reinforced concrete and brick, so that our children and grandchildren can live in them.” HAMILTON; PHILLIPS, 2014, p.52.

²⁸⁸ CUSHMAN, Philip. **Constructing the Self, Constructing America: A Cultural History of Psychotherapy**, MA: Addison-Wesley, 1995.

Constantemente atualizados e prometendo novas “facilidades”, os objetos de consumo funcionavam como uma identidade, carregando valores simbólicos de diferenciação de status social. A Figura 14 exemplifica o exposto.

Figura 15 O que uma família norte-americana de classe média consome



Fonte: HAMILTON, Shane.; PHILLIPS, Sarah. T. **The Kitchen Debate and Cold War consumer politics: a brief history with documents**. Boston: Bedford/St. Martin's, 2014, p.77.

A família rodeada de alimentos enlatados representa uma estimativa da dieta anual de uma família norte-americana de classe média.²⁸⁹ A fotografia era acompanhada de um texto que “sugeria que o sonho americano de abundância de consumo e mobilidade ascendente deveu-se ao domínio corporativo da tecnologia industrial que permitiu altos salários aos trabalhadores”.²⁹⁰

²⁸⁹ A revista que contém essa imagem também pode ser encontrada aqui: PUBLISHED COLLECTIONS DEPARTMENT, HAGLEY MUSEUM AND LIBRARY. **Better Living (November/December, 1951) | Hagley Digital Archives**. Disponível em: https://digital.hagley.org/Better_Living_05_06?solr_nav%5Bid%5D=38e32cf6cb878745902f&solr_nav%5Bpage%5D=4&solr_nav%5Boffset%5D=19#page/4/mode/2up. Acesso em: 24 out. 2023.

²⁹⁰ “This picture was taken for a photo-essay in a magazine for employees of the DuPont corporation, a chemical company that was one of the nation’s largest businesses at the time. A DuPont employee and his family are depicted in a cold storage warehouse surrounded by two and a half tons of food, representing the estimated yearly diet of an average middle-class American family. The article accompanying the photograph suggested that the American dream of consumer abundance and upward mobility was due to corporate command of the industrial technology that enabled high worker wages. Additional images showed the same family surrounded by much less impressive piles of food estimated

Como exposto anteriormente, se, por um lado, Sylvia Plath celebra a vida doméstica pela cozinha, por outro, ela tem uma certa repulsa ao sistema norte-americano que coloca em primeiro lugar o dinheiro e a satisfação advinda da estabilidade econômica. Sendo uma artista, Sylvia Plath tinha consciência da fluidez econômica que viveria se escolhesse seguir a carreira de escritora. O relacionamento com Ted também era acompanhado dessa clareza: apesar das diversas dificuldades financeiras que eles passavam quando não tinham aprovação de publicação de poemas ou contos em revistas, para ela, a criatividade advinda da companhia de Ted era maior que o sonho americano de uma cozinha moderna. Por outro lado, a vida despreendida de um ganho econômico estável ia contra algumas de suas ambições. Na passagem a seguir, essa contradição fica evidente em comparação com as passagens apresentadas anteriormente:

O grande defeito dos Estados Unidos — desta parte do país — é a atmosfera de pressão: expectativa de conformismo. Para mim fica difícil perceber que Dot e Frank provavelmente não gostam de Ted apenas porque ele “não tem emprego fixo, carreira firme”. Na verdade, casei-me exatamente com o tipo de homem que mais admiro. Calarei a boca a respeito de futuro por um ano e encararei o serviço e estimularei Ted a trabalhar, pois deposito uma fé enorme nele. Percebo horrorizada que contemplo o sonho americano de casa e filhos; minhas visões domésticas, claro, são adequadas a uma artista, na privacidade perfeita de um vasto terreno na costa do Maine. Indubitavelmente serei uma mãe e esposa preguiçosa, nada prática, vivendo no exílio: preciso buscar a serenidade e a estabilidade internas que me conduzirão pelas duras tempestades externas: uma filosofia calma, otimista, reconfortante, que não dependa de um endereço fixo vitalício a pouca distância de carro de um supermercado norte-americano. E quanta diversão há em passear pela Inglaterra com Ted, morar na Itália, no sul da França. Se eu conseguir trabalhar este ano feito louca e conseguir um conto publicado, além de terminar meu livro de poemas, estarei satisfeita: além disso, recapitular e estudar alemão e francês. Ironicamente, tenho meu próprio sonho, que é meu, e não o sonho americano. Quero escrever contos para mulheres, engraçados e líricos. Também quero ser uma mulher divertida e afetiva, não desesperada, como minha mãe. A segurança está dentro de mim e no carinho de Ted. O perfume e a presença dele valem uma fortuna anual e tenho muita sorte; não há regras para este tipo de casamento — preciso criá-las conforme vou avançando, e é o que farei.²⁹¹

to be consumed by families in England, Belgium, West Germany, Poland, and China, providing a stark visual representation of American food abundance” HAMILTON; PHILLIPS, 2014, p.76.

²⁹¹ PLATH; KUKIL, 2017, p. 478.

Quando Sylvia Plath tem uma percepção emocional negativa ao se identificar como alguém que compactua com o modelo americano estipulado para as mulheres, penso que ela faz isso devido à autopercepção que a escrita de si proporciona. Em seus diários referentes aos anos anteriores, inúmeras vezes ela abominava a perspectiva de uma vida dedicada ao lar. Ao contrário: ela apresentava a constante vontade de se tornar uma poeta, uma profissional reconhecida na área, assim como a procura por relações amorosas que não fossem prendê-la em casa:

A compreensão mais terrível é que muitos milhões no mundo gostariam de estar no meu lugar: não sou feia, nem imbecil, pobre ou aleijada na verdade, vivo num país livre, mimado, paparicado da América, frequentando praticamente de graça uma das melhores faculdades. Ganhei \$1000 nos últimos três anos, escrevendo. Centenas de jovens ambiciosas sonhadoras adorariam ocupar meu lugar. Elas me mandam cartas, pedindo para se corresponderem comigo. Há cinco anos se eu pudesse me ver agora: no Smith (em vez de Wellesley) com sete textos aceitos pela Seventeen & um pela Mile, com algumas roupas adoráveis e um rapaz inteligente e bonito eu teria dito: Mas isso é tudo que eu desejava!

Eis aí a falácia da existência: a ideia de que alguém possa ser feliz para todo o sempre numa dada situação, tendo conseguido se realizar em uma série de aspectos. Por que Virginia Woolf cometeu suicídio? Ou Sara Teasdale ou outras mulheres brilhantes neuróticas? Escrever era para elas uma sublimação (ah que palavra horrível) de desejos profundos, básicos? Se eu soubesse. Se soubesse em que nível posso colocar minhas metas, minhas exigências para a vida! Estou na situação de uma moça cega jogando com uma régua de cálculo de valores. Estou agora no ponto mais baixo de minha capacidade de calcular.

O futuro? Meu Deus, vai ficar pior e pior? Jamais viajarei, jamais terei uma vida completa, jamais atingirei meus objetivos, acharei o sentido? Nunca terei tempo, períodos longos para investigar ideias, filosofia — para articular os desejos vagos que fervem dentro de mim? Serei secretária dona de casa sem inspiração, presa às racionalizações, secretamente invejosa da capacidade de meu marido crescer intelectual e profissionalmente enquanto fico imóvel — serei capaz de afogar meus desejos e aspirações embaraçosos, recusar a me encarar, acabarei louca ou neurótica? Com quem posso conversar? Pedir conselhos? Ninguém. Um psiquiatra é o Deus da nossa era. Mas custa dinheiro. E não aceitarei conselhos, mesmo querendo. Vou me matar. Estou além da ajuda. Ninguém aqui tem tempo para indagar, para me ajudar a compreender minha mente... tantos estão em pior situação que eu²⁹².

A passagem mostra a não adaptação a um regime emocional que via no sucesso econômico e profissional a experimentação da felicidade — ou ao menos um

²⁹²PLATH; KUKIL, 2017, p. 181.

pouco dessa felicidade. O que se verifica é que o sucesso profissional e a perspectiva de uma relação amorosa são “assombrações”, devido ao impacto na criação artística — neste caso, o enclausuramento do lar, que lhe privaria do tempo para suas ideias e desejos. Além disso, ao questionar os suicídios de Virginia Woolf e Sara Teasdale, ela cria uma associação dessas mulheres de sucesso a uma imagem de neuróticas, pois, mesmo diante das realizações artísticas, elas escolheram morrer.

Numa identificação com essas escritoras, Sylvia Plath faz uma projeção de si mesma no futuro enquanto uma neurótica; um futuro pior devido à falta de tempo, criatividade, desejos ou pensamentos em consequência do casamento. Sua visão negativa sobre o casamento vai na contramão de um regime emocional que via na união heteroafetiva um importante passo para a felicidade. A frustração com o sucesso profissional do marido ocasionaria uma imobilidade criativa, intelectual ou profissional. Essa “inveja” da mulher em relação ao homem e as afirmações “serei capaz de afogar meus desejos e aspirações embaraçosos, recusar a me encarar, acabarei louca ou neurótica? Com quem posso conversar? Pedir conselhos? Ninguém. Um psiquiatra é o Deus da nossa era” evidenciam um aspecto próprio do contexto americano na Guerra Fria: a patologização das mulheres que não “sentiam” a completude/felicidade propagada por um regime emocional que atribuía, à família, o alcance dessa satisfação. A expressão “o psiquiatra é o Deus da nossa era” tem ressonância não por uma leitura/opinião de Sylvia Plath, mas porque as instituições psiquiátricas cresceram no período da Guerra Fria.

Tendo em vista que a arte é um meio de exploração dos emotivos, isto é, um meio de evidenciar/fazer tangível determinadas emoções, no conto *The Wishing Box* (em português, “A Caixinha de desejos”), Sylvia Plath simboliza um questionamento a um regime emocional de felicidade no casamento e completude no lar, bem como discutido anteriormente sobre a “alegria” de cozinhar e a dedicação das mulheres ao casamento.

O conto apresenta a relação amorosa de Agnes Higgins e Harold de uma maneira corriqueira: por meio das conversas que o casal tinha sobre sonhos. “Quando eram recém-casados, os sonhos vívidos de Harold divertiam Agnes. Toda manhã ela perguntava a Harold o que ele tinha sonhado durante a noite, e ele lhe contava em detalhes, como se descrevesse um acontecimento significativo e real”²⁹³. Durante o

²⁹³ PLATH, 2020, p.60.

almoço, Agnes ouvia os detalhes dos sonhos de Harold, sempre repletos de cores e pessoas importantes. Até que um dia Agnes se percebe com inveja dos sonhos de Harold: “ela ardia em silêncio, bebendo o café, lutando contra o estranho ciúme que vinha crescendo por dentro como um câncer perigoso e maligno desde a noite de seu casamento, havia apenas três meses, quando descobrira sobre os sonhos de Harold”²⁹⁴.

Na medida em que Harold foi contando a complexidade dos seus sonhos, cheios de detalhes e bastante vívidos, Agnes foi mudando a maneira como encarava essas situações: “ela se sentia excluída. Era como se Harold passasse um terço de sua vida entre celebridades e criaturas lendárias e fabulosas num mundo vertiginoso do qual Agnes se via perpetuamente exilada, a não ser pelo que ele lhe contava”.²⁹⁵ Após um tempo, Agnes revelou ao marido que ela não sonhava:

Ela já tinha passado havia muito tempo da fase em que pensava a sério em esconder no armário uma cópia das teorias de Freud sobre os sonhos e em se preparar com a narrativa do sonho de outra pessoa para conseguir manter o interesse de Harold pela manhã. Agora, em desespero e mandando a discrição às favas, ela decidiu confessar seu problema²⁹⁶.

Nota-se a menção de Agnes ao livro *A Interpretação dos sonhos*, de Freud²⁹⁷, uma das obras mais importantes da introdução à psicanálise no início do século XX. Segundo Freud, os sonhos eram a realização disfarçada de desejos reprimidos e, muitas vezes, inaceitáveis. Ele argumentava que os desejos e impulsos sexuais e agressivos considerados inaceitáveis pela sociedade eram suprimidos para o inconsciente. No entanto, esses desejos não desapareciam: eles encontravam nos sonhos um meio para existir. Nesse sentido, a razão para incapacidade de Agnes sonhar é sua própria rigidez: para Freud, a alta supressão dos desejos produz a incapacidade de recordar o sonho, e a ausência de sonhos ou a dificuldade em lembrar dos sonhos é a manifestação da luta entre o consciente e o inconsciente. Dessa forma, conteúdos emocionais e desejos considerados inaceitáveis para

²⁹⁴ PLATH, 2020, p. 59-60.

²⁹⁵ *Ibid.*, p.61.

²⁹⁶ *Ibid.*, p.63-64.

²⁹⁷ SIGMUND, Freud. **A interpretação dos sonhos**. Tradução: Walderedo Ismael de Oliveira. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

sociedade, quando reprimidos, têm impacto na saúde mental — e a história de Agnes desvela seu adoecimento mental.

Após Harold tomar conhecimento sobre a situação de Agnes, ele cria uma rotina de exercícios para o desenvolvimento da criatividade de Agnes, tendo como objetivo fazê-la sonhar. Harold pediu para que ela imaginasse um objeto; porém, diante do exercício, ela se sentiu esvaziada. Na tentativa de evitar que Harold percebesse o fracasso do exercício, ela mente sobre a visualização do objeto, sentindo-se uma impostora. Contudo, na tentativa resolver o problema, Agnes inicia uma rotina de leituras de conteúdos que poderiam estimular sua criatividade e, conseqüentemente, a produção de sonhos:

Acometida por uma espécie de voracidade histérica, ela lia romances, revistas femininas, jornais e até as anedotas de sua edição de *Joy of Cooking* [O prazer de cozinhar]; lia guias de viagem, anúncios de eletrodomésticos, o *Sears Roebuck Catalogue*, as instruções das caixas de sabão, as informações do verso das capas de disco — tudo para não encarar o vasto vazio de sua própria cabeça, do qual Harold a tornara tão consciente. Mas, assim que tirava os olhos do impresso que tinha em mãos, era como se uma dimensão protetora se desfizesse. A realidade extremamente autossuficiente e inalterável das coisas que a cercavam começou a deprimir Agnes. Com uma reverência invejosa, seu olhar assustado e quase paralisado se voltou ao tapete persa, ao papel de parede azul-marinho, ao dragão pintado de ouro no vaso chinês sobre a lareira, à estampa azul e dourada do sofá estofado em que estava sentada. Ela se sentiu sufocada, asfixiada por esses objetos cuja existência volumosa e pragmática de certa forma ameaçava as raízes mais profundas e secretas de seu próprio ser efêmero²⁹⁸.

Em consonância com o exposto sobre o regime emocional de felicidade/satisfação por meio do consumo, o conto apresenta a falha de um sistema emocional em que a abundância seria suficiente para uma vida boa para todos. O tapete persa, o papel de parede azul-marinho e o dragão pintado de ouro no vaso chinês deixam Agnes consciente de seu vazio interior em um ambiente que simboliza a propaganda americana de uma vida boa. Esses objetos são o único meio que ela encontra para recuperar sua capacidade de sonhar; são esses produtos que a tornam consciente de que ela não está vivendo o confortável *american way of life*. Agnes tenta ultrapassar o lar ao ler romances e frequentar o cinema, mas ela perde a capacidade de leitura dessas coisas. A desconexão de Agnes é descrita a seguinte maneira: um

²⁹⁸ PLATH, 2020, p.65.

“caleidoscópio fluido de formas diante de seus olhos a embalava num transe rítmico; as vozes, que falavam algum código calmante e ininteligível, exorcizavam o silêncio mortal de sua mente.”²⁹⁹

Nesse sentido, a natureza criativa de Agnes é engolida pela casa suburbana. Agnes não consegue sonhar e muito menos ter uma leitura do mundo ao seu redor; ela apenas recorda que a última vez que sonhou foi antes do casamento. Sem desistir de recuperar sua mente, Agnes pede para que Harold compre uma televisão. Após a instalação, ela passa o dia assistindo televisão e bebendo xerez, uma bebida alcoólica. Os sonhos não ressurgem, e agora ela também sofre com a insônia. Para lidar com isso, Agnes procura o médico da família; na consulta, ele diz que seu problema era uma tensão nervosa e entrega a Agnes cápsulas para dormir (50 pílulas):

Dois dias depois, na última sexta-feira de setembro, quando Harold voltou do trabalho (ele havia passado toda a viagem de uma hora para casa de olhos fechados, fingindo estar dormindo, mas na verdade navegava num veleiro cor de cereja num rio luminoso em que elefantes brancos se aglomeravam e andavam pela superfície cristalina da água, à sombra de torres de estilo mouro construídas com vidro multicolorido), encontrou Agnes deitada no sofá da sala de estar, usando seu vestido social preferido, de tafetá esmeralda e saia estilo princesa, pálida e linda como um lírio aberto, de olhos fechados, com um frasco de remédios vazio e um copo de água virado no tapete ao seu lado. Sua expressão serena tinha se endurecido num sutil e secreto sorriso vitorioso, como se, em alguma terra distante que os homens mortais não alcançam, ela estivesse, enfim, dançando uma valsa com o príncipe moreno de capa vermelha daqueles seus primeiros sonhos.³⁰⁰

Esse trecho mostra um corpo que não foi capaz de fazer um manejo emocional para caber no regime emocional vigente. Dessa forma, seguindo o pressuposto teórico de Reddy, penso que Sylvia Plath está denunciando um sofrimento emocional de mulheres que não conseguem sentir o que é socialmente solicitado. Quando Reddy afirma que um sistema emocional estrito gera uma “epidemia”, acredito a Guerra Fria foi um contexto de forte controle do lugar social e da maneira como as mulheres deveriam se sentir ao executar esses papéis. O “problema sem nome” que Betty

²⁹⁹ PLATH, 2020, p.66.

³⁰⁰ PLATH, *loc.cit.*

Friedan expõe no livro *A mística feminina* ³⁰¹ apresenta mulheres que não cabiam no sistema de emoções da Guerra fria.

Interpreto que, no conto “A Caixinha de desejos”, Sylvia Plath simboliza a morte como único meio de libertação feminina. Isso se repete em *A Redoma de Vidro* (que será melhor apresentado mais adiante): mesmo que Esther Greenwood não tenha sucesso no suicídio, ambas as histórias mostram uma simbolização do adoecimento como a perda da capacidade de comunicação ou compreensão da linguagem e da vida criativa. Na colagem objeto de estudo desta tese, o adoecimento psíquico está no canto oposto, retratado em uma mulher usando roupas e sapatos formais com uma postura cansada e acompanhada da frase “*Fatigue Build-up... America’s Growing Health Hazard...*” cuja tradução é “Fadiga aumenta... o crescente perigo para a saúde na América”.

Figura 16 Fadiga aumenta... o crescente perigo para a saúde na América



Fonte: Recorte produzido pela autora (2024) referente a imagem original em: PEEL, Robin. Body, Word, and Photograph: Sylvia Plath 's Cold War Collage and the Thalidomide scandal. **Journal Of American Studies**, v. 40, n. 1, p. 71-95, abr. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s0021875806000739> (Archive: Mortimer Rare Book Collection, Smith College, Northampton, Massachusetts)

Tanto na colagem quanto no conto, o adoecimento psíquico é assistido pelos “homens de visual mundano” que atuam em uma política de consumo e aprisionamento do lar. Em ambos os casos, eles parecem se beneficiar do sistema proposto: no conto, Harold parece evoluir na sua capacidade criativa, enquanto Agnes apenas se encontra serena em seus sonhos depois de morta; na colagem, são

³⁰¹ FRIEDAN, 2020.

indiferentes ou brincam com as armas, tal como os homens brincando com o Scalextric e direcionando o *B-58 Hustler* contra a mulher no pedestal.

4.1 “COMO PODERIA MANTER TED PRESO A UMA MULHER ESTÉRIL?” MATERNIDADE, NUCLEARIDADE E AMERICAN WAY OF LIFE

Se na seção anterior, evidenciei o regime emocional norte-americano em torno do consumo e da “alegria de cozinhar”. Na presente seção, a maternidade é o tema central. Anteriormente, ficou evidente o ânimo de Sylvia Plath em certas estruturas vigentes do regime emocional americano. Contudo, a família no estilo *american way of life* passa a ser vivida por ela de forma confusa a partir de 1957, ou seja, após 1 ano de casamento com Ted. Nos diários, ela apresenta uma confusa relação com a maternidade. Nos períodos entre 1957 até o início de 1959, existe uma variação entre o terror de estar grávida e o desejo de ser mãe. Na passagem a seguir, de 9 de agosto de 1957, ela demonstra os motivos do medo de estar grávida:

Nunca na minha vida, exceto naquele verão e outono terríveis de 1953, passei por uma quinzena tão sombriamente letal. Não conseguiria escrever uma palavra sequer a respeito, embora o fizesse mentalmente. O pavor, confirmado dia a dia, de estar grávida. Repasso mentalmente os seguidos descuidos relativos à contracepção, como se isso não pudesse acontecer comigo: bang, bang, uma porta após a outra fechada com estrondo para isolar o terror que pairava no ar. Isso, agora tenho certeza, acabaria comigo, provavelmente com Ted também, e nossa escrita e nossa suposta união inexpugnável.³⁰²

De forma extensa, Sylvia Plath escreve as consequências econômicas e profissionais da suposta gravidez e caracteriza a criança como um intruso, “um filho desamado que involuntariamente, por nossa culpa, arruinaria nossos lados espirituais e psíquicos, paralisando-os num êxtase derivado da necessidade de sacrificar tudo para ganharmos dinheiro”³⁰³. Praticamente 2 anos após essa afirmação, em março de 1959, ela iniciou o processo de tentar engravidar. Sofrendo de fortes cólicas, ela tomou consciência de que as dores provavelmente eram sintomas de infertilidade:

Tudo ficou estéril. Faço parte da cinza do mundo, de onde nada pode vicejar, nada pode florescer ou frutificar. Nas adoráveis palavras da medicina do século 20, não consigo ovular. Ou não posso. Não ovulei

³⁰² PLATH; KUKIL, 2017, p. 340.

³⁰³ PLATH; KUKIL, p.340.

este mês, nem no mês anterior. Por dez anos senti cólicas à toa. Trabalhei, sangrei, bati a cabeça na parede para chegar onde estou agora. Com o único homem do mundo perfeito para mim, o único homem a quem eu poderia amar. Eu teria filhos até o fim da vida, se fosse possível. Quero uma casa para nossos filhos, animais de estimação, flores, frutas e verduras. Quero ser a Mãe Terra no sentido mais profundo e rico. Desisti de ser intelectual, uma mulher que trabalha; isso tudo passou para mim. E o que encontro em mim? Cinzas. Apenas cinzas e mais cinzas.

Penetrarei no terrível ciclo clínico de programar relações sexuais, correr para fazer exames quando ficar menstruada, quando mantiver relações. Tomar injeções e dose daquilo, hormônios, tireoide, tornar-me outra que não eu, tomar-me sintética. Meu corpo, o tubo de ensaio. “Pessoas que não ficam grávidas em seis meses têm um problema, minha cara”, disse o médico, tirando o bastão algodão na ponta do colo do útero, entregou-o a enfermeira que o assistia. “Preto como carvão”. Se eu tivesse ovulado, seria verde. Mesmo teste. Ironicamente, usado para diagnosticar diabetes. Verde, a cor da vida e dos ovos e da glicose. “Ele descobriu o dia exato em que ovulei”, contou-me a enfermeira. “Um teste sensacional, e não é muito caro, sabia?” Ah. De repente, as profundezas do meu ser foram perturbadas. Cheguei, com muito sofrimento e esforço no ponto em que meus desejos e minhas emoções passaram a girar em torno de ponto em que as mulheres normais giram, e com que me deparo? Esterilidade.

Tudo subitamente se torna pavoroso, irônico, mortal. Se eu não puder ter filhos — e, sem ovular, como poderia? — como eles poderão me completar? Eu morreria. Estaria morta para meu corpo de mulher. Sexo seriamente, um beco sem saída. Meu prazer sem prazer, um escárnio. Minha escrita um simulacro vazio e inútil como substituto da vida real, em vez de um prazer extra, um bônus a florescer e frutificar. Ted precisa ser um patriarca. E eu. Mãe. Meu amor a ele, a expressão do nosso amor, através de meu corpo, pelas portas de meu corpo, completamente frustrados. Dizer que estou exageradamente pessimista implica insinuar que toda mulher deveria encarar ausência da ovulação com estoicismo ou “senso de humor”. Ora, não vejo o carteiro. Uma manhã linda, translúcida: chorei sem parar. Na noite passada e hoje. Como poderia manter Ted preso a uma mulher estéril? Infértil, infértil. Seu último poema, o poema que dá nome ao livro, é um ritual para tornar fértil uma mulher estéril: “Derrubada da corrente da vida, o Passado morto dentro dela, o Futuro arrancado”. “Tateie tanta frieza”. Meu deus. E seu livro infantil, no mesmo dia em que fui ao médico, ontem, recebeu uma carta longa e elogiosa de TS Eliot “Meet My Folks!”. E nenhum filho, nem mesmo a esperança de ter um ao qual dedicá-lo. E meu “Livro das camas”: ainda não foi aceito, mas o será, mesmo que a sombria Mcleod o recuse, e terei de dedicado aos gêmeos que Marty adotou. Meu deus. Esta é uma coisa no mundo que não consigo encarar. Pior que uma doença terrível. Esther tem esclerose múltipla, mas tem filhos. Jane louca, mas tem filhos. Carol é solteira, doente, mas tem um filho. E eu, quando chega a hora, o momento supremo do amor no qual um filho é a coroação e a glória, estou aqui sentada roendo unha. Simplesmente não sei o que fazer. Toda a alegria e esperança se foram.³⁰⁴

³⁰⁴PLATH; KUKIL, 2017, p. 577-578.

O que se verifica nessa passagem é a identificação de Sylvia Plath enquanto um ser humano incompleto por não cumprir sua função “natural” de tornar Ted Hughes um patriarca. No contexto de Guerra Fria, a maternidade acontecia de forma compulsória. Entre as diversas razões que, ao longo da História, a maternidade foi posta dessa forma, os norte-americanos imprimiam uma responsabilidade de “futuro da nação” às mães. Nessa visão, as mães, além de serem consideradas cuidadoras dos males da humanidade, eram responsabilizadas quando qualquer indivíduo tinha comportamentos/atitudes que colocavam em risco a segurança nacional. Muito embora Sylvia Plath tenha passado um longo período de tristeza pela infertilidade, quando ela descobriu a gravidez de sua primeira filha, Frieda, ela embarcou em leituras sobre maternidade que se encaixavam no trecho exposto.

A preocupação com a constituição das personalidades — principalmente no que tange à formação do “cidadão americano” — foi delineada pelas crescentes pesquisas em Psicologia. Nesse ínterim, o papel da mãe se tornou fundamental nas conclusões às quais os psicólogos chegaram sobre a formação das personalidades a partir dos comportamentos aprendidos na infância na relação com a mãe. Marga Vicedo, em sua pesquisa sobre amor materno na Guerra Fria, indica que alguns teóricos da Psicologia entendiam a maturidade emocional da criança enquanto um pilar importante para manutenção da democracia³⁰⁵. Sob uma perspectiva de projeção das crianças enquanto futuro da nação, as mães eram vistas como as principais responsáveis pela educação emocional das crianças. Dessa forma, numa perspectiva psicológica, a superproteção ou a privação emocional potencializava a formação de um adulto que teria atitudes antidemocráticas.

Nas pesquisas científicas sobre a educação infantil, a confiança era uma necessidade básica das crianças, e era no relacionamento com a mãe que essa confiança deveria ser construída. Dessa forma, a partir da confiança, a maturidade emocional desenvolveria na criança a capacidade de ter autoconfiança, autonomia nas escolhas, independência financeira e uma sociabilidade em equilíbrio — saber se proteger da doutrinação ou da manipulação que surge pelo contato com grandes

³⁰⁵ VICEDO, Marga. Cold War Emotions: Mother Love and the War over Human Nature. *In*: SOLOVEY, Mark.; CRAVENS, Hamilton. **Cold War Social Science**. New York: Palgrave Macmillan, p. 233–249, 2012.

grupos³⁰⁶. Segundo Vicedo, esses aspectos são resultado de teóricos da Psicologia que se dedicaram a apontar os impactos do amor materno no desenvolvimento emocional infantil³⁰⁷. Nesse sentido, foi o Dr. Benjamin Spock o responsável por transformar essa produção científica em uma linguagem popular: seu livro e *best-seller Baby and Child Care* é a materialização do discurso de gênero da Guerra Fria em torno do papel da mãe no desenvolvimento das crianças.³⁰⁸ Existem diversos momentos que Sylvia Plath comenta a leitura do *Baby and Child Care* com sua mãe; por certo, em momento algum ela traz à tona a discussão que estou desenvolvendo aqui, mas a perspectiva de Spock sobre a responsabilidade materna está presente nas constantes observações que Sylvia Plath fazia sobre o desenvolvimento de Frieda:

Temos um quarto com uma janela com vista para a praça e o bebê dormirá conosco, independentemente do que Freud, Spock *et al.* tenham a dizer sobre o assunto, uma sala de estar iluminada pelo norte (Ted acabou de pintar as paredes de branco sobre um papel de revestimento de seixos e colocou enormes estantes gêmeas nas pequenas alcovas) com duas grandes janelas também com vista para a praça — muito parecida com Utrillo, casas de gesso creme, cinza e branco com cerca de 3 andares de altura em frente, cheias de pássaros e crianças³⁰⁹

O bebê fica acordado por muito mais tempo, faz um esforço muito bem-sucedido para manter a cabeça erguida quando o carregamos nos ombros, vira o rosto para uma voz e parece nos olhar com inteligência crescente. Ela também parece estar aprendendo a dormir mais à noite. Eu a alimentei um pouco mais tarde na noite passada, por volta das 23h em vez das 22h: ela dormiu até depois das 5h (o que contei como uma alimentação das 6h) e depois até quase 10h, então ela realmente pulou a alimentação noturna no que diz respeito à contagem vai. Seu horário de choro inquieto é entre 18h e 22h, como o Dr. Spock diz ser o mais comum. Fora isso ela é um anjinho. As duas

³⁰⁶ “Upon that foundation, the child develops in a natural way into an emotionally mature individual, which basically means self-reliant, independent, sociable enough to be part of a community, but not so much so as to be susceptible to indoctrination or manipulation” VICEDO, 2012, p. 238.

³⁰⁷ VICEDO, 2012.

³⁰⁸ SPOCK, Benjamin. **Baby and Child Care**. London: The Bodley Head, 1961.

³⁰⁹ “We have a bedroom with one window looking over the square & the baby will sleep with us regardless of what Freud, Spock’ et. al. have to say about the matter, a north-light livingroom (Ted’s just finished painting the walls white over a pebbled liner-paper & put up twin huge bookcases in the little alcoves) with two big windows also overlooking the square---very like a Utrillo, cream, grey & white plaster houses about 3 stories high opposite, full of birds & children” PLATH; STEINBERG; KUKIL, 2018, p. 410.

vezes em que duas babás diferentes vieram na semana passada me tranquilizaram.³¹⁰

Warren e eu choramos quando, bebês? Frieda Rebecca não chora mais durante a noite, mas das 18h às 22h ela grita um assassinato sangrento e não se consola com nada. Spock chama isso de “choro irritável” muito comum ou cólica periódica, e ela tem dificuldade em soltar os gases após as mamadas, mas acho difícil ouvi-la gritar, gritar de verdade, sem poder fazer nada para fazê-la se sentir melhor. Ela é muito regular em seu período de choro: no resto do dia ela fica plácida e quieta como um molusco.³¹¹

A propósito, quando você citar o Dr. Spock, cite seus títulos de índice, não números de páginas ou parágrafos, pois devemos ter edições diferentes. Minha cópia em brochura já está caindo aos pedaços. Provavelmente terá se desintegrado no seu primeiro aniversário. Com que idade comecei o Lalaing? FR está começando a fazer grasnidos e uofings estranhos, mas ainda não arrulhou ou riu. E nada de cantar.³¹²

Estou pensando em procurar um cercadinho dobrável para Frieda. Seu último truque é manter a cabeça erguida quando está deitada de bruços e olhar ao redor. Ela se contorce no berço e grita por socorro quando passa uma perna ou um braço pelas ripas. Seu Spock deve ser muito diferente do meu (que é a edição de bolso revisada e ampliada): “Pacifier” começa a seção P no índice e ele dedica 4 páginas para elogiá-lo. Frieda não olha mais para o dela (isso a ajudou muito durante o período de cólicas), mas se acomoda no polegar. Seus olhos ainda são azuis brilhantes e ela está com um humor maravilhoso, rindo, gostando de ser jogada na cama, apoiada sentada e conversando. Ela tem uma gama totalmente nova de ruídos de voz.³¹³

³¹⁰ The baby is staying awake much more, makes a really successful effort to hold her head up straight when we carry her on our shoulders, turns her face to a voice & seems to regard us with increasing intelligence. She seems also to be on the way to learning to sleep longer at night. I fed her a little later last night, about 11 pm instead of 10: she slept till after 5 am (which I counted as a 6 am feeding) & then till almost 10 am, so she actually skipped the night feeding as far as count goes. Her time of fretful crying is between 6 pm & 10 pm as Dr. Spock says is most common. Other than that she is a little angel. The two times I had two different baby-minders come last week reassured me” PLATH; STEINBERG; KUKIL, 2018, p. 463.

³¹¹ Did Warren & I cry at all as babies? Frieda Rebecca no longer cries during the night, but from about 6 pm to 10 pm she yells bloody murder & won't be consoled by anything. Dr. Spock calls this very common "irritable crying" or periodic colic, & she does have a hard time getting up her bubble after feedings, but I find it difficult to listen to her yell, really scream, without being able to do anything to make her feel better. She is very regular about her period of crying: the rest of the day she is placid & quiet as a clam” PLATH; STEINBERG; KUKIL, 2018, p. 465.

³¹² By the way, when you quote Dr. Spock, quote his Index heads, not page or paragraph numbers as we must have different editions. Already my paperback copy is falling apart. Probably it will have disintegrated by her 1st birthday. At what age did I start Lalaing? FR is beginning to make odd little croaks & oofings, but no coo or laugh yet. And no singing” PLATH; STEINBERG; KUKIL, 2018, p. 472.

³¹³ I'm thinking of looking for a folding playpen for Frieda. Her latest trick is holding her head up when lying on her stomach and looking all around. She squirms all over her crib & will yell for help when she gets a leg or an arm through the slats. Your Spock must be very different from mine (which is the revised, enlarged pocket edition): “Pacifier” begins section P in the index & he devotes 4 pages to praising it. Frieda won't look at hers anymore (it helped her over the colicky period very well) but settles on her

Existem outras cartas em que Sylvia Plath descreve à sua mãe os horários de sono e alimentação das crianças. Esse aspecto é identificado por Nancy Pottishman Weiss como uma rotina advinda da influência de Dr. Spock às mães durante o período da Guerra Fria.³¹⁴ A autora demonstra isso partir de uma pesquisa em que estuda as diferenças entre as formas de ser mãe no início do século XX e na década de 1950. Weiss utiliza como fonte de pesquisa cartas de mulheres mães escritas aos autores dos livros *Infant Care*, de Ms. West, e *Baby and Child care*, de Dr Benjamin Spock. Por meio das cartas com as dúvidas das leitoras, Weiss apresenta como o papel da mãe foi delineado nesses guias.

No *Infant care*, o estilo de vida das mães agregava à realidade das famílias de classe média e das mães trabalhadoras. Weiss pontua que era indicada uma alimentação que tinha “um agendamento rigoroso, interrompendo o choro de um bebê sem justa causa, ignorando os lamentos”³¹⁵. Além disso, incentivava-se o desfralde de forma rápida, por meio de um treinamento precoce no banheiro³¹⁶. Ms. West também desaconselhava “balançar, fazer cócegas ou brincar com bebês”³¹⁷. Em suma, esse guia tinha a proposta de um cuidado com as crianças sem o sacrifício da mãe, e criar um “sistema” de cuidado diário era uma técnica pensada para facilitar a vida da mãe, uma necessidade que, segundo a autora, era explícito no guia da Ms. West:

O cuidado de um bebê é facilmente reduzido a um sistema, a menos que ele esteja doente. Tal sistema não é apenas um dos maiores fatores para manter o bebê bem e para treiná-lo de uma forma que será de valor para ele durante toda a vida, mas também reduz ao mínimo o trabalho da mãe e proporciona-lhe certos períodos garantidos de descanso e recreação.³¹⁸

thumb. Her eyes are still bright blue & she is in wonderful humor, laughing, enjoying being bounced on the bed, propped up sitting & talked to. She has a whole new range of voice noises” PLATH; STEINBERG; KUKIL, 2018, p. 496.

³¹⁴ WEISS, Nancy. Pottishman. The Mother-Child Dyad Revisited: Perceptions of Mothers and Children in Twentieth Century Child-Rearing Manuals. **Journal of Social Issues**, v. 34, n. 2, p. 29–45, abr. 1978.

³¹⁵ “Infant Care touted strict scheduling, stopping an infant's crying without cause by ignoring the wails, advocated early toilet training, and advised against rocking, tickling, or playing with infants” WEISS, Nancy. Pottishman. Mother, the Invention of Necessity: Dr. Benjamin Spock's Baby and Child Care. **American Quarterly**, v. 29, n. 5, 1977, p.524.

³¹⁶ WEISS, 1978, p.31-32.

³¹⁷ “[...] and advised against rocking, tickling, or playing with infants” WEISS, 1977, p.524.

³¹⁸ “The care of a baby is readily reduced to a system,” *Infant Care* read, “unless he is sick. Such a system is not only one of the greatest factors in keeping the baby well and in training him in a way which will be of value to him all through life, but it also reduces the work of the mother to the minimum and

Em oposição a um cuidado planejado, o livro do Dr. Spock era mais flexível na questão alimentar. Amparado na teoria psicanalítica de Freud, as sensações da boca (fase oral) eram consideradas um período importante no desenvolvimento infantil. Nesse sentido, a mãe deveria se dedicar a fazer desse momento um ato prazeroso para a criança. Na visão de Weiss, o livro de Spock é bastante desgastante para a mãe, pois propõe uma rotina em que a mãe deveria, constantemente, incentivar, elogiar e enriquecer intelectual e emocionalmente a criança. De acordo com Weiss, “a cuidadora em Spock é um monitor do desenvolvimento de seu filho, bem como um *auto-scanner*, obrigado a ter ‘uma confiança natural e fácil’, às vezes ‘encorajada a ser firme’”.³¹⁹ Spock delineava as atitudes da mãe como um espelho do desenvolvimento do filho. Um exemplo disso é exposto pela autora quando ela verifica que, nas cartas enviadas à Spock, as mães tinham uma preocupação quando aos problemas pessoais do cotidiano refletirem na criança, ocasionando algum desajuste psíquico ou intelectual.

A partir desses apontamentos, penso que Dr. Spock estava alinhado a uma política norte-americana de manutenção da nação por meio de papéis sociais de gênero demarcados a partir da supervalorização do núcleo familiar. Dessa forma, Vicedo considera as crianças uma “arma da Guerra Fria”. A autora vê, a partir das crianças, uma política de gênero que, através de um discurso científico, delegava ao nutrimento afetivo materno o sucesso ou a destruição da nação³²⁰. Na presente tese, entro em concordância com Vicedo quando encontro, nos diários e nas cartas de Sylvia Plath, vários elementos emocionais destrutivos atrelados às responsabilidades que ela carregava na maternidade quando Ted Hughes decidiu abandonar a família para viver com Assia Wevill — sendo tal abandono afetivo e econômico.

Por meio do conto “Docinho de coco e os homens das calhas”, Sylvia Plath explora as questões discutidas sobre a formação das personalidades das crianças e as autoridades científicas em torno do corpo da mulher. A história começa com Myra

provides for her certain assured periods of rest and recreation." This "system" was an eminently useful technique for easing a mother's life, a necessity Mrs. West emphatically repeated." WEISS, 1977, p. 525.

³¹⁹ “The caregiver in Spock is a monitor of her child's development as well as a self-scanner, obliged to have a natural, easy confidence, encouraged to be firm at times, but always readily available for a baby-mother interchange” WEISS, 1977, p.531.

³²⁰ “Given the importance of this specific conception of the child during this period, I do not think it is an exaggeration to speak of the child as “a Cold War weapon,” as Nicolas Sammond does. This becomes clearer in the context of domestic concerns about family structure and, specifically, about the impact mothers of young children who worked outside the home had.” VICEDO, 2012, p. 238.

Wardle indo visitar Cicely Franklin, uma antiga colega de faculdade com quem ela não tinha muito contato. Myra recebeu um cartão de Cicely convidando-a para conhecer sua nova casa e suas filhas. Ao chegar na casa descuidada de Cicely, conhece as duas filhas: a bebê Millicent e a mais velha, Alison. Cicely e Myra conversam enquanto as crianças brincam numa piscina de plástico. Cicely comenta que Alison fala muito bem para a idade, enquanto Millicent tem atrasos na fala. Myra tenta tranquilizá-la dizendo que isso é normal. Enquanto isso, Myra observa que Alison empurra Millicent na piscina, que começa a chorar. Cicely repreende Alison e troca a roupa molhada de Millicent. Depois, elas entram para Cicely preparar limonada.

De volta ao quintal, Alison empurra Millicent no chão, que chora novamente.

À vista de todos, Alison tinha empurrado Millicent de forma brusca e repentina, derrubando-a no chão. Houve um segundo de um silêncio cheio de expectativa, como o breve intervalo entre o clarão do relâmpago e o estrondo do trovão, e então Millicent, ainda na grama, começou a berrar. Cicely apoiou a jarra e o copo que estava enchendo no chão, ao lado da cadeira, se levantou e pegou a chorosa Millicent no colo.

— Alison, você agiu errado. — Myra pensou que era impressionante que Cicely conseguisse manter uma voz tão calma. — Você sabe que nesta casa nós não batemos em ninguém.

Alison, uma criaturinha astuta e desconfiada, se mostrou impassível ao se ver acuada, olhando ora para Myra, ora para Cicely com seus olhos tremeluzentes.

— Ela queria sentar na minha cadeira.

— Não batemos em ninguém, seja qual for a situação. — Cicely alisou o cabelo de Millicent. Quando a criança parou de soluçar, ela a colocou numa das cadeiras de vime menores e serviu-lhe um copo de limonada. Alison, sem dizer nenhuma palavra, ficou observando Myra enquanto esperava sua vez, pegou o copo de limonada que Cicely lhe entregou e voltou a sua cadeira. Seu olhar fixo deixou Myra inquieta. Sentiu que a criança esperava alguma coisa dela, algum sinal, alguma promessa³²¹

Depois de um silêncio desconfortável devido à situação, Myra pergunta sobre o trabalho do marido de Cicely, Hiram, que é obstetra. Cicely conta que ele já havia feito quatro partos naquele mês trabalhando no hospital. Nesse momento, Myra se desconecta da conversa:

— Quatro! — Uma visão de vários bebês em berços cor-de-rosa e azuis se avultou nos pensamentos de Myra, trezentos e sessenta e cinco bebês em trezentos e sessenta e cinco berços, e todos os bebês

³²¹ PLATH, 2020, p. 455- 456.

eram réplicas perfeitas dos outros, todos enfileirados num beco fantasmagórico de perspectiva diminuída entre dois espelhos. — Nossa, é quase um parto por dia!

— Essa é mais ou menos a média da cidade. Na verdade, o Hiram ainda não tem nenhum paciente só dele, nenhum paciente particular. Mas ontem uma mulher entrou no consultório sem mais nem menos. Marcou uma consulta para hoje. Não sei como ela ficou sabendo do Hiram, talvez pelo anúncio no jornal.

— Que tipo de anestesia o Hiram usa? — Myra perguntou de repente.

— Bom, depende muito... — A franqueza de Cicely a impelia a responder, mas Myra percebeu que ela começava a se esconder atrás daquele bom humor evasivo que tantas mães adotavam quando mulheres sem filhos a questionavam diretamente sobre o parto.

— O que quero dizer — Myra se apressou para acrescentar — é que me parece que há diferentes escolas de pensamento. Já ouvi algumas mães falando sobre anestesia caudal. Uma coisa que alivia a dor, mas permite que você ainda veja o bebê nascer...?

— Anestesia caudal. — Cicely souu levemente desdenhosa. — É o que o dr. Richter usa em todos os pacientes. Por isso ele é tão famoso. Myra começou a rir, mas, por trás do brilho das lentes, a expressão de Cicely lhe pareceu suspeita.

— É que é muito curioso — Myra explicou — que alguém fique famoso pelo tipo de anestesia que usa. — Mesmo assim, Cicely pareceu não ver graça.³²²

A conversa entre as duas segue em direção a experiências de parto. Myra relata que assistiu a um parto na época da faculdade quando namorava um estudante de Medicina; enquanto falava da experiência, ela foi novamente tomada por pensamentos. Dessa vez, ela lembrou dos embriões cegos e com cor de cogumelo nos vidros cheios de formal e dos cadáveres dissecados. Cicely comenta sobre como as substâncias da anestesia³²³ agem no corpo e Myra questiona mentalmente a

³²² PLATH, 2020, p. 457.

³²³ A questão da anestesia no parto é abordada no supracitado conto e nos diários de Sylvia durante as gestações de Frieda e Nicholas. Plath desejava ter os filhos longe dos hospitais e em casa, sem anestesia. Nos diários e cartas, ela menciona a leitura do livro *Childbirth without Fear: The Principles and Practice of Natural Childbirth*, de autoria de Grantly Dick-Read. Durante a leitura, ela menciona que Grantly Dick-Read afirma que a dor do parto é psicológica, algo com o qual ela discordou após o nascimento de Nicholas. O retorno do parto natural e das parteiras nos Estados Unidos pode ser verificado como um movimento localizado no contexto da década de 1950. Parte desse retorno ao parto natural veio do exagero das anestésias aplicadas nas gestantes nos hospitais norte-americanos. Além disso, os maus-tratos às gestantes durante os partos hospitalares também foram decisivos para o movimento do retorno ao parto natural. No âmbito da Guerra Fria, as técnicas de partos foram parte das disputas ideológicas, uma disputa similar ao Kitchen Debate. O médico Grantly Dick-Read representava a autoridade científica do lado americano, enquanto no lado soviético era o médico francês Fernand Lamaze. Cf. BECK, N. C.; GEDEN, E. A.; BROUDER, G. T. Preparation for Labor: A Historical Perspective. *Psychosomatic Medicine*, v. 41, n. 3, mai 1979. Em relação à colagem, essa discussão caberia aos 'homens de visual mundano', que, para além das armas nucleares, também detinham poder científico sobre o corpo das mulheres. Em "A Redoma de Vidro", também podemos verificar esse tópico quando Buddy Willard (o namorado de Esther) participa de um parto na faculdade de medicina. Na cena descrita por Esther, é possível verificar o desrespeito dos médicos à mulher que estava em trabalho de parto.

naturalidade com que Cicely fala sobre isso³²⁴. A conversa é interrompida pela presença de Alisson, que começa a falar sozinha com uma boneca. Cicely repreende em Alison a atitude de bater e pede para que ela fique calada. Contudo, Myra fica curiosa com a boneca de Alison, que lhe conta que o nome da boneca é Docinho de Coco:

— E o que mais a Docinho de Coco faz? — Myra perguntou, contrariando os esforços de Cicely para fazer a menina se calar. — Eu também tinha uma boneca quando era criança.

— Ela sobe no telhado. — Alison pulou em sua cadeira de vime e ficou de cócoras no assento, como um sapo. — Ela derruba os homens das calhas.

— Homens das calhas?

— Os pintores arrancaram as calhas do telhado da varanda hoje de manhã — Cicely explicou. — Conta para a senhora Wardle — ela pediu a Alison no tom claro e construtivo de uma professora de religião da igreja unitarista — como você ajudou os pintores hoje de manhã.³²⁵

Em seguida, Harim, marido de Cicely chega em casa e é abordado com alegria pelas crianças. Myra imediatamente toma atitude de ir embora. Cicely não questiona a súbita despedida de Myra e não a acompanha até a porta, focando sua atenção apenas em Harim. Myra se dirige à saída da casa até que Alisson pergunta onde estava seu carro. Myra responde dizendo que não tinha carro. Aproveitando a oportunidade de que estava sozinha com Alison, Myra se aproxima da criança e fala sussurrando:

— Alison — ela disse —, o que você faz com a Docinho de Coco quando ela faz muita malcriação? Alison esfregou os pés descalços na grama cheia de ervas daninhas e olhou para Myra com um sorrisinho estranho, quase tímido.

— Eu bato nela. — Ela hesitou, esperando a resposta de Myra.

— Ótimo — Myra disse. — Você bate nela. E o que mais? — Eu jogo ela no céu — Alison disse, começando a falar mais rápido. — Jogo ela no chão. E bato nela sem parar. Afundo o olho dela de tanto bater. Myra se endireitou. Uma dor aguda surgiu na base da coluna, como se um osso que um dia se quebrara voltasse a latejar

— Ótimo — ela disse, se perguntando por que se sentia tão atordoada.

³²⁴“Myra se perguntou como Cicely conseguia falar com tanta calma sobre formas de esquecer a dor. Mesmo que a apagassem da superfície da mente, a dor continuava lá, em algum lugar, indelével, cravada em carne viva — um corredor de dor vazio, sem porta nem janela. E depois ser persuadida pelas águas do Letes a voltar, na mais pura inocência, e dar à luz filho após filho! Era uma brutalidade. Uma fraude idealizada pelos homens para perpetuar a raça humana; motivo de sobra para que uma mulher resolvesse nunca conceber uma criança”. PLATH, 2020, p. 458.

³²⁵ PLATH, 2020, p. 459.

— Ótimo — ela repetiu, sem muita convicção. — Continue assim.³²⁶

O que interpreto do conto “Docinho de coco e os homens das calhas” é a crítica de Sylvia Plath à imagem ideal de família. Cicely, ao enviar o convite para Myra, não o faz por uma questão de amizade, pois a introdução do conto deixa explícito que ambas estavam distantes por muitos anos e que a amizade construída durante o tempo da faculdade era inconsistente. Cicely manda o convite para Myra numa tentativa de exibir que alcançou algo socialmente valorizado: a constituição de uma família e o casamento com um homem de status social e econômico elevado. Myra vivia o oposto de Cicely:

Myra Wardle, depois de cinco anos de casamento, não tinha filhos. Não era, conforme ela respondia às delicadas indagações dos parentes e amigos, que não pudesse tê-los, nem que não os quisesse. Era simplesmente porque seu marido, Timothy, que era escultor, insistia que as pessoas que tinham filhos perdiam a liberdade. E os parentes e amigos dos Wardle, sobrecarregados com os filhos, os empregos estáveis, as hipotecas das casas e os furgões e máquinas de lavar compradas a prestações, elementos tão inevitáveis da criação de filhos nos subúrbios, não poderiam concordar mais com aquela afirmação³²⁷.

Dessa forma, Myra representa a oposição ao regime emocional norte-americano, que valoriza a maternidade e o casamento com uma pessoa financeiramente estável. Contudo, é no contato de Myra com a vida tradicional de Cicely que a “família perfeita” americana é desmontada. Isso se dá pela observação de Myra aos comportamentos de Alisson e Millicent. Sob a perspectiva da formação das personalidades, Dr. Spock estipula que a agressividade nas crianças ocorre pela falta de segurança — conforme citado anteriormente. Segundo William Graebner, Dr. Spock foi influenciado por outros teóricos do desenvolvimento infantil que pensavam a formação das personalidades por um viés político, como um espelho das nações³²⁸. Essa influência é percebida em Spock quando ele pensa que crianças inseguras e frustradas se tornam agressivas ou submissas, tornando-se iscas fáceis para a demagogia e o totalitarismo.

³²⁶ PLATH, 2020, p. 462.

³²⁷ PLATH, 2020, p. 448.

³²⁸ GRAEBNER, William. The Unstable World of Benjamin Spock: Social Engineering in a Democratic Culture, 1917-1950. *The Journal of American History*, v. 67, n. 3, p. 612-629 dez. 1980.

No conto “Docinho de coco e os homens das calhas”, o que se percebe são as atitudes agressivas de Alisson e uma certa indiferença dela para com a mãe quando esta repreende sua atitude violenta. A mãe, Cicely, parece controlar a si mesma na forma como repreende a filha. Isso fica evidente quando é descrito o autocontrole de Cicely em não agredir Alisson quando ela interrompeu a conversa com Myra. A questão de punir os filhos pela violência era repudiada por Dr. Spock. No contexto da Guerra Fria, havia uma discussão sobre a formação das personalidades autoritárias, e a teoria de educação de Dr. Spock tem respaldo nessa questão. Dessa maneira, ele acreditava em um modelo de educação infantil democrático, em que os pais deveriam ser líderes, não chefes. Segundo Graebner, Dr. Spock acreditava que

[...] a disciplina deve ser internalizada. Uma criança bem conduzida, argumenta Spock, desejará ir para a cama na hora certa, sentar-se para uma refeição quando ela estiver pronta e comer alimentos nutritivos. O que Spock espera do relacionamento entre pais e filhos é o que espera de uma escolaridade adequada. “Uma boa professora”, escreve ele em *Baby and Child Care*, “sabe que não pode ensinar democracia através de um livro se estiver agindo pessoalmente como um ditador”. Encorajados a participar na escolha e no planejamento de projetos e a trabalhar em conjunto na sua execução, os alunos desenvolvem a capacidade de trabalhar produtivamente mesmo na ausência do professor. “Cada um quer fazer a sua parte, porque tem orgulho de ser um membro respeitado do grupo e tem sentido de responsabilidade para com os outros”. “Este”, afirma Spock, “é o tipo mais elevado de disciplina.”³²⁹

No conto, a decisão comunitária aparece quando Millicent é agredida e Cicely diz para Alisson “Você sabe que nesta casa nós não batemos em ninguém” e “Não batemos em ninguém, seja qual for a situação”³³⁰. O conto é encerrado de forma inesperada, tendo em vista que a curiosidade de Myra sobre a interação de Alisson com a boneca Docinho de Coco é construída a partir da pergunta: “O que você faz com a Docinho de Coco quando ela faz muita malcriação?”³³¹. A resposta

³²⁹ “Discipline must be internalized. A properly led child, argues Spock, will want to go to bed on time, to sit down at a meal when it is ready, and to eat nutritious food. 34 What Spock expects from the parent-child relationship is what he expects from proper schooling. “A good teacher,” he writes in *Baby and Child Care*, “knows that she can’t teach democracy out of a book if she’s acting like a dictator in person.” Encouraged to participate in choosing and planning projects and to work together in carrying them out, students develop the ability to work productively even in the absence of the teacher. “Each one wants to do his share, because he is proud to be a respected member of the group and feels a sense of responsibility to the others.” “This,” claims Spock, “is the very highest kind of discipline”. GRAEBNER, William. *The Unstable World of Benjamin Spock: Social Engineering in a Democratic Culture, 1917-1950*. *The Journal of American History*, v. 67, n. 3, dez. 1980, p. 623.

³³⁰ PLATH, 2020, p. 455- 456.

³³¹ PLATH, 2020, p. 462.

exageradamente agressiva de Alisson, que diz bater no rosto da boneca até afundar, pode significar a falha que a família tradicional americana tem em esconder as verdadeiras atitudes em relação às crianças.

Na Guerra Fria, Dr. Spock era considerado uma autoridade científica na formação educacional e psicológica das crianças. Seu livro parecia ser uma “bíblia” para as mães daquela época, mas o conto de Sylvia Plath parece denunciar que as aparências em torno desses cuidados exagerados da maternidade nem sempre eram tão efetivos quanto os manuais indicavam ser.

5 “ERA UM VERÃO ESTRANHO, SUFOCANTE, O VERÃO QUE ELETROCUTARAM OS ROSENBERG”: A CLAUSTROFÓBICA EXPERIÊNCIA DA MULHER NA POLÍTICA DOS “HOMENS DE VISUAL MUNDANO”

No romance *The Bell Jar*, traduzido para o português como *A Redoma de Vidro*, a história narrada em primeira pessoa pela voz da personagem principal, Esther Greenwood, é uma retrospectiva de um passado recente. A personagem se localiza no enredo a partir de um caso de espionagem. Com isso, vemos Sylvia Plath agindo metaforicamente (conduzindo o leitor ao clima emocional do contexto) e literalmente por meio da *eletricidade*:

Era um verão estranho, sufocante, o verão em que eletrocutaram os Rosenberg, e eu não sabia o que estava fazendo em Nova York. Tenho um problema com execuções. A ideia de ser eletrocutada me deixa doente, e os jornais falavam no assunto sem parar — manchetes feito olhos arregalados me espiando em cada esquina, na entrada de cada estação de metrô, com seu bafo bolorento de amendoim. Eu não tinha nada a ver com aquilo, mas não conseguia parar de pensar em como seria acabar queimada viva até os nervos. Eu achava que devia ser a pior coisa do mundo.³³²

O que pode ser percebido nesse excerto é a presença de um importante evento histórico usado como demarcação para o início da jornada da personagem principal: O casal Julius Rosenberg e Ethel Rosenberg foi executado na cadeira elétrica pelo crime de espionagem em 1953. Ambos foram acusados de terem sido os responsáveis por entregar o segredo do protótipo da bomba atômica para os soviéticos. O caso Rosenberg é um dos casos de espionagem mais famosos da história americana, porque remonta os efeitos do Macarthismo; logo, penso que a menção a esse caso é condutora (metafórica), tal como a própria (literal) eletricidade, para situar o leitor no clima emocional do ano de 1953.

O caso Rosenberg teve início com o principal informante sobre o segredo da bomba atômica para a URSS, o físico alemão Klaus Fuchs, um importante cientista do Laboratório Nacional Los Alamos. Sua função era fabricar as armas nucleares idealizadas pelo projeto *Manhattan*. O material que Fuchs entregou à URSS ajudou não somente na construção do primeiro modelo de bomba atômica, de fissão nuclear, em que ocorre a divisão dos átomos de urânio e plutônio, como também na construção

³³² PLATH, 2014, p. 7.

da bomba de hidrogênio, de fusão nuclear, na qual ocorre a fusão dos isótopos de hidrogênio, resultando no hélio. O processo de fusão nuclear representa a produção de milhões de quilotons a mais que a bomba atômica; logo, essa arma se tornou a mais temida, porque sua energia vem de um processo semelhante à produção de energia que ocorre no Sol.

Em fevereiro de 1950, Klaus Fuchs confessou ao FBI o compartilhamento de informações sobre o projeto *Manhattan* com a inteligência soviética (KGB), entregando aos americanos, inclusive, a identificação de outras pessoas envolvidas no crime, como Harry Gold³³³. Em 1951, após o interrogatório de Harry Gold, foi concluído que ele havia sido mensageiro direto de Fuchs. Em seu interrogatório, Harry Gold continuou a entrega de informações ao FBI, e falou sobre outro espião envolvido no crime, David Greenglass, que, assim como Fuchs, trabalhava no Laboratório Nacional Los Alamos.

David Greenglass era casado com Ruth Greenglass, além de ser o irmão mais novo de Ethel Rosenberg. O envolvimento do marido de Ethel, Julius Rosenberg, no roubo do segredo atômico foi confirmado após o depoimento de Greenglass, quando este revelou que o segredo foi passado por Julius por meio palavras criptografadas em caixas de gelatina³³⁴.

O depoimento de Ruth Greenglass também confirmou o envolvimento de seu cunhado quando ela relata que, no início do ano de 1945,

[...] Julius a levou para a cozinha de seu apartamento e cortou a lateral de uma caixa de gelatina em dois pedaços de formato estranho, dando um para Ruth e mantendo o outro para si. “Esta metade”, ela disse que ele lhe disse, “será trazida a você por outra parte e ele receberá as minhas saudações e você saberá que eu o envie!”³³⁵

Na manhã de 17 de junho de 1950, agentes do FBI e policiais locais cercaram a residência de Rosenberg na cidade de Nova York para executar o mandado de prisão. A notícia da prisão de Julius foi imediatamente recebida por Ethel de forma preocupante. Na ocasião,

³³³ GARBER, Marjorie; WALKOWITZ, Rebecca. **Secret Agents: The Rosenberg Case, McCarthyism and Fifties America**. New York: Routledge, 2013.

³³⁴ NATIONAL ARCHIVES CATALOG. **Jell-O Box Exhibit Used in the Espionage Trial of Julius and Ethel Rosenberg and Morton Sobell**. Disponível em: <https://catalog.archives.gov/id/278774>.

³³⁵ GARBER; WALKOWITZ, 2013, p.12.

[...] eles vasculharam armários e gavetas, pegaram a máquina de escrever de Ethel e, quando Ethel mostrou presença de espírito pedindo o mandado e insistiu em chamar um advogado, eles disseram para ela ir para outra sala, mais tarde, chamando seu pedido de “típica manifestação comunista”³³⁶.

Na tentativa de lidar com a situação, Ethel agiu rapidamente na direção de emular os emotivos da feminilidade: no dia seguinte à prisão de Julius, ela se preparou para construir uma imagem de mãe e mulher americana, convocando a imprensa para que fossem até seu apartamento para uma sessão de fotos. Ethel posou com um vestido e um avental em frente à pia de sua cozinha, como se estivesse secando os pratos; “ela até apontou em um estágio para uma pilha das revistas *Parents* com página após página de conselhos e orientações para mães jovens, esperando que isso transmitisse uma indicação silenciosa de sua devoção à maternidade”.³³⁷

O que se nota é que, desde o princípio, Ethel buscou se proteger com as armas que tinha. A partir dos emotivos que permeiam a feminilidade americana, ela buscou reduzir os danos sobre o que ela era: uma mulher de origem judia. É provável que Ethel soubesse que precisava reafirmar sua identidade americana com o propósito de se proteger da atitude macarthista de caça aos comunistas, pois tanto Ethel quanto Julius tinham sido filiados ao partido comunista anos atrás. Ainda que, a partir da fotografia, Ethel tenha acionado os emotivos de “mãe” e “dona de casa” tipicamente americana no intuito de evitar uma associação de sua imagem às atividades de espionagem do marido, o amor é o emotivo em questão; ela procurou caber na expectativa de amor de uma mulher americana.

³³⁶ “They rifled through cupboards and drawers, took Ethel’s typewriter and, when Ethel showed presence of mind by asking for their warrant and insisted on calling a lawyer, they told her to go into another room, later calling her request a ‘typical Communist remonstrance’” SEBBA, Anne. **Ethel Rosenberg: An American Tragedy**. New York: St. Martin’s Publishing Group, 2021, p.100.

³³⁷ “She even pointed at one stage to a stack of *Parents* magazines with page after page of advice and guidance for young mothers, hoping this would convey a silent indication of her devotion to motherhood” SEBBA, 2021, p. 101.

Figura 17 Ethel Rosenberg em sua cozinha



Fonte: ROSENBERG FUND FOR CHILDREN. **Ethel at 100 (part 1): Ethel in the Kitchen**. Disponível em: <https://www.rfc.org/blog/2015-03/ethel-100-part-1-ethel-kitchen>. Acesso em: 27 out. 2023.

O amor, nesse caso, refere-se ao cuidado materno. A presença da revista *Parents* na sessão de fotos já demonstra esse aspecto de Ethel evocar atenção à qualidade de vida dos seus filhos. Contudo, o contraditório nesse cenário era a outra emoção esperada da mulher americana: o amor à pátria. Esse emotivo esteve conectado à ideia de que a mulher era responsável pela segurança nacional, tal como exposto no capítulo anterior. Nesse caso, para o público, era improvável que Ethel não soubesse das atividades do marido.

Dessa forma, no dia 11 de agosto de 1950, nas escadas do *Foley Square Courthouse*, após testemunhar no Grande Júri Federal, Ethel foi presa. Na ocasião, o FBI a prendeu imediatamente sem um mandado físico, negando seu pedido de liberdade condicional de fim de semana para cuidar dos filhos. As manchetes dos jornais relataram que Ethel estava sob investigação por recrutar seu irmão, David Greenglass, para “obter informações secretas e classificadas sobre a bomba

atômica”³³⁸ do laboratório Los Alamos para a inteligência soviética. Dessa forma, o ato de prender Ethel Rosenberg em plena luz do dia e solicitar uma fiança de U\$ 100.000 foi uma demonstração, ao público, do controle americano contra os comunistas. Sendo assim, considero esse ato um emotivo em torno dos valores da democracia; acredito que, quando a atitude abrupta de prender Ethel Rosenberg foi tomada, a pretensão era causar um efeito emocional no público americano e no mundo. Sem provas consistentes contra ela³³⁹, a mensagem a ser passada era de que os americanos estariam protegidos mesmo que a ameaça fosse “uma dona de casa judia de aparência mansa, 1,50 metro de altura e 40 quilos”³⁴⁰.

A documentação comprova que, na época, a ação em torno da prisão de Ethel não foi decorrente de provas que a colocavam como participante do crime, mas uma estratégia para conseguir a confissão de Julius. Ao que tudo indica, foi Ruth Greenglass que inicialmente colocou Ethel como participante do crime, uma afirmação que, em um primeiro momento, foi negada por David Greenglass.

A saúde mental de Ethel piorou à medida que a mídia reagia mal à sua tentativa de atenuar a associação de espionagem com a sessão de fotos em sua casa. Ethel havia parado a terapia com Dr. Saul Miller e precisou procurar ajuda psiquiátrica. Isso ocorreu porque ela era excessivamente preocupada com a maternidade, bem como pode ser visto pelas suas leituras da revista *Parents* e dos livros do já mencionado Dr. Benjamin Spock:

Sua própria angústia profunda sobre suas deficiências percebidas como mãe, que a levaram a procurar a ajuda de psiquiatras, pode explicar alguns de seus erros durante as semanas entre Julius e suas prisões, não menos importante, sua coletiva de imprensa mal avaliada no apartamento da família. É provável, também, que o relacionamento tenso de Ethel com David e Ruth, combinado com a hostilidade de sua mãe Tessie em relação a ela, a tenha deixado mental e emocionalmente frágil quando ela mais precisava ter seu juízo sobre ela³⁴¹.

³³⁸ TIMES, The New York. Plot to Have G.I. Give Bomb Data To Soviet Is Laid to His Sister Here; HELD BY F.B.I. IN RUSSIAN SPY CASE. **The New York Times**, 12 ago. 1950b. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1950/08/12/archives/plot-to-have-gi-give-bomb-data-to-soviet-is-laid-to-his-sister-here.html>.

³³⁹ SEBBA, 2021, p. 116-117

³⁴⁰ TIMES, The New York. Plot to Have G.I. Give Bomb Data To Soviet Is Laid to His Sister Here; HELD BY F.B.I. IN RUSSIAN SPY CASE. **The New York Times**, 12 ago. 1950b. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1950/08/12/archives/plot-to-have-gi-give-bomb-data-to-soviet-is-laid-to-his-sister-here.html>.

³⁴¹ “Her own deep distress about her perceived shortcomings as a mother, which had led her to seek the help of psychiatrists, may explain some of her missteps during the weeks between Julius’s and her

Foi a partir desse contexto de fragilidade que tiveram início as hostilidades por meio dos marcadores de gênero. À medida que o júri não conseguia tirar de Ethel qualquer tipo de informação contraditória após repetir mais de 30 vezes a mesma pergunta, as investidas em cima de sua feminilidade começaram a ser o ponto central de ataque — não somente pelo júri, mas também pela mídia: “em 12 de agosto, Myles Lane, o procurador-chefe adjunto do Distrito Sul de Nova York, disse à imprensa: ‘Se o crime pelo qual ela, Ethel, é acusada não tivesse ocorrido, talvez não tivéssemos a atual situação na Coreia’”³⁴².

A partir desse momento, o que a historiografia revela é uma constante responsabilização do casal Rosenberg por eventos externos e inerentes à própria Guerra Fria. Como exposto anteriormente, era uma questão de tempo para que os soviéticos construíssem sua própria versão da bomba; por isso, a atribuição do protótipo da bomba atômica aos soviéticos por meio dos Rosenberg é sumariamente considerada uma manipulação midiática. O mesmo deve ser visto na Guerra da Coreia: o contexto em questão era que, desde 25 de junho de 1950, a situação se tornava tensa devido à invasão da Coreia do Norte (Soviética) à Coreia do Sul (Estados Unidos). A preocupação entre o conflito contra os soviéticos se devia ao fato de que, naquele momento, eles tinham armas nucleares, gerando um clima de tensão de uma possível Terceira Guerra Mundial. Nesse período, a mídia propagava o terror sobre a possibilidade de um ataque nuclear, e a cidade de Nova York era considerada um alvo central de um possível ataque.³⁴³ Nessa direção, o juiz Kaufman reforçou os terrores em torno do suposto ato de espionagem:

Na verdade, os réus Julius e Ethel Rosenberg colocaram a sua devoção à sua causa acima da sua própria segurança pessoal e

arrests, not least her misjudged press conference in the family’s apartment. It is likely, too, that Ethel’s fraught relationship with David and Ruth, combined with her mother Tessie’s hostility toward her, had left her mentally and emotionally fragile when she most needed to have her wits about her” SEBBA, 2021, p. 110.

³⁴² “On August 12 Myles Lane, the chief assistant attorney for the Southern District of New York, told the press: “If the crime with which she, Ethel, is charged had not occurred perhaps we would not have the present situation in Korea.” SEBBA, 2021, p.112.

³⁴³ Não obstante a isso, retomando as personas de Esther Greenwood e Sylvia Plath, na ficção ou na vida real, ambas viveram em Nova York nesse período. Dessa forma, pode-se considerar que a sensação abafada de Nova York na visão de Esther tenha alguma relação não somente com o clima emocional tenso em torno do acontecimento sobre os Rosenberg, mas também o perigo iminente de um ataque nuclear na cidade. Algo semelhante pode ser encontrado nos arquivos pessoais de Sylvia Plath, nos quais ela tinha um livro chamado *Living in The atomic age: a resource unit for teachers in secondary schools*. HAND, Harold C. **Living in the Atomic Age: A Resource Unit for Teachers in Secondary Schools**. Urbana: The University of Illinois Urbana, 1946.

estavam conscientes de que estavam a sacrificar os seus próprios filhos, caso os seus crimes fossem detectados — o que não os impediu de prosseguir o seu caminho. O amor pela sua causa dominou as suas vidas — foi ainda maior do que o amor pelos seus filhos.³⁴⁴

“O amor pela causa” pode ser compreendido a partir de Sara Ahmed. A autora postula que o amor de um determinado grupo ou nação também perpassa questões de raça e gênero. Como exemplo, menciona o caso da princesa Diana como “uma mulher de tal beleza e pureza racial”³⁴⁵ que foi condenada por suas relações com “homens não arianos”³⁴⁶. Nesse caso, a mestiçagem foi um signo de ódio, uma contaminação: “fazer a nação está atrelado ao fazer amor na escolha de um outro ideal (sexo diferente/mesma raça), que pode permitir a reprodução da nação como ideal na forma da geração futura (a criança branca ariana).”³⁴⁷

É por causa do “amor à causa” que Ethel foi considerada a maior inimiga da nação nesse julgamento. Uma nova pesquisa em torno de Ethel Rosenberg, produzida por Anne Sebba, desvela um processo violento do início ao fim. Ela era uma mulher artista, cantora profissional e excessivamente preocupada com a maternidade. Era leitora da revista *Parents* e dos livros do Dr. Benjamin Spock, sendo um deles *Baby and Child Care*. Apesar da performance de feminilidade nesse quesito, Ethel foi odiada por sua aparência física e pela falta de expressões emocionais. Anne Sebba cita relatos orais e menções em jornais sobre a falta de expressão emocional de desespero diante do seu julgamento: o olhar penetrante de Ethel em direção ao júri e seu sorriso “monalisa” lhe fez parecer ser uma mulher manipuladora e dominadora dos homens que ali estavam sendo condenados juntos a ela (marido e irmão)³⁴⁸.

³⁴⁴ “Indeed the defendants Julius and Ethel Rosenberg placed their devotion to their cause above their own personal safety and were conscious that they were sacrificing their own children, should their misdeeds be detected--all of which did not deter them from pursuing their course. Love for their cause dominated their lives--it was even greater than their love for their children” BURNETT, Betty. **The trial of Julius and Ethel Rosenberg: a primary source account**. New York: Rosen Pub. Group, 2004, p. 49.

³⁴⁵ “a woman of such racial beauty and purity” AHMED, Sara. **The Cultural Politics of Emotion**. New York: Routledge, 2013.p.62.

³⁴⁶ “non-Aryan men” AHMED, *loc.cit.*

³⁴⁷ “Making the nation is tied to making love in the choice of an ideal other (different sex/same race), who can allow the reproduction of the nation as ideal in the form of the future generation (the white Aryan child)” AHMED, *loc.cit.*

³⁴⁸ Anne Sebba cita as menções públicas sobre a falta de expressão emocional de Ethel: “Ethel, according to The New York Times, ‘Took the verdict stoically without changing expression.’ The eyes of reporters and spectators were all focused on her, as if waiting for some sign of weakness, but she remained utterly still, her face mask like. ‘I never saw any two people so devoid of any emotion,’ Lebonitte told Morgan. ‘I don’t think they changed their expression once during the entire length of the trial.’ SEBBA, 2021, p.173.

Apesar de Anne Sebba interpretar essa falta de expressão emocional como nervosismo³⁴⁹, penso que talvez Ethel não fosse uma mulher adaptada aos emotivos do “ser feminino” americano da Guerra fria. Com isso, quero dizer que a postura de Ethel não precisa ser considerada apenas uma “falha” emocional diante de uma situação difícil. Uma das razões para essa interpretação está na aparência física, no estilo de moda e na postura forte de Ethel. Ela não se dobrou às ofensas que recebia. Ela sabia que poderia se salvar da pena de morte caso respondesse aquilo que o júri queria ouvir, tal como ocorreu com Ruth Greenglass, a cunhada que acabou envolvendo o nome de Ethel no esquema de espionagem e que, por conta de sua contribuição, foi protegida de ser condenada à prisão, tal como ocorreu com David Greenglass, seu marido e irmão de Ethel.³⁵⁰

Anne Sebba indica as menções que a mídia fazia ao corpo de Ethel por ela não ser uma mulher magra e por suas roupas serem referentes a uma outra época, sendo de aparência desgastada e baixa qualidade. Nos júris, inclusive, Ethel utilizava os chapéus que as mulheres que estavam presas na mesma unidade lhe mandavam como presente³⁵¹. Os chapéus eram simples, e seu uso era um ato respeitoso de Ethel para com o carinho das companheiras de prisão. Porém, para a visão do público, eram um adorno estranho e condenável de acordo com o ideal de mulher feminina americana.

Apesar da desvantagem nessas questões, Ethel tentou se proteger da maneira que podia. Para isso, utilizava de sua capacidade argumentativa em cartas ao presidente e ao seu marido, e tais cartas estavam sendo publicadas nos jornais. Ethel sabia que esse ato poderia comover a população se ela conseguisse transparecer não somente o amor por Julius, mas também o sofrimento por estar perdendo o amor dos filhos pela distância por mais de um ano. Nesse caso, por maior que fosse o esforço

³⁴⁹ Nas palavras da autora: “Although she appeared calm as she sat in the high-backed chair in a booth to the left of the judge, she must have been nervous as she took the oath and prepared to answer Alexander Bloch’s questions. She had spent the past two weeks sitting silently in court, looking away as she endured her brother’s accusations” SEBBA, 2021, p.160.

³⁵⁰ Sobre Ruth, Anne Sebba afirma: “She made the case that she and David had been gullible victims, sympathetic at first but led astray by the older couple, Julius and Ethel, who were ideological Communists. Ruth also pointedly described Ethel as the “dominant person” in the marriage, but in the wider family too. According to Ruth, Ethel was so blinkered that she would not “buy from a butcher or grocer unless he were an open sympathizer toward Soviet Russia. She considered everyone who was against Communism her personal enemy.” SEBBA, 2021, p.103.

³⁵¹ Nas palavras da autora: “There were no uniforms in the House of Detention and Miriam recalled how some of the women made crochet hats for Ethel, which were far from stylish but she wore anyway: “The women liked her, they accepted her and they gave her their endorsement. Ethel was not a fashion plate. She was not concerned with what she wore as long as it was clean and in style.” SEBBA, 2021, p. 121.

de Ethel em comunicar publicamente o seu amor, a união de Julius e Ethel não configurava o “ser americano”, pelo fato de serem judeus, bem como afirma Sara Ahmed:

O amor torna-se sinal de feminilidade respeitável e de qualidades maternas narradas como a capacidade de tocar e ser tocada pelos outros. A reprodução da feminilidade está ligada à reprodução do ideal nacional através da obra do amor. É importante, então, que os relacionamentos amorosos sejam aqui sobre “reproduzir” a raça; a escolha do objeto de amor é um sinal do amor pela nação³⁵².

A partir da prisão de Ethel, diversas atribuições de valor moral foram impingidas a ela. A primeira foi dita logo após sua prisão, quando o promotor Kaufman atribuiu a ela e a Julius a autoria de um dos piores crimes que poderiam ser cometidos. Desse modo, nessa mensagem, os artifícios emocionais que evocam a gravidade sobre seu crime se estendem a uma noção de perigo coletivo. É possível afirmar que um dos elementos que tornam o crime de Ethel o “pior já cometido” está na contradição em que relação ao que era esperado de uma mãe e mulher: amor e foco nos cuidados do lar, da família e da nação. A primeira acusação contra Ethel na sua “falha” enquanto guardiã da família está na sua falta de ação sobre o ato desviante do seu marido. Junto a isso, ser mais velha que Julius e seu irmão David também presumia sua responsabilidade no caso:

Em vez de dissuadi-lo de sua conduta ignóbil, ela encorajou e ajudou a causa. Ela era uma mulher madura, quase três anos mais velha que seu marido e quase sete anos mais velha que seu irmão mais novo. Ela era uma parceira de pleno direito no crime³⁵³.

De forma similar a essa fala de Irving Kaufman, o presidente Eisenhower faz a mesma observação sobre a responsabilidade de Ethel como mulher. Na sequência, apresento duas falas distintas do presidente sobre isso, uma carta para Clyde Miller e outro para seu filho.

³⁵² “Love becomes a sign of respectable femininity, and of maternal qualities narrated as the capacity to touch and be touched by others. The reproduction of femininity is tied up with the reproduction of the national ideal through the work of love. Here, love relationships are about 'reproducing' the race; the choice of love-object is a sign of the love for the nation” AHMED, 2013, p.62.

³⁵³ “Instead of deterring him from his ignoble course, she encouraged and assisted the cause. She was a mature woman, almost three years older than her husband and almost seven years older than her younger brother. She was a full-fledged partner in the crime.” GARBBER; WALKOWITZ, 2013, p.186.

A ação destas pessoas expôs a um alto perigo de morte literalmente milhões dos nossos cidadãos. A verdadeira questão é até que ponto isto pode ser permitido por um governo que, independentemente de todas as considerações de misericórdia e compaixão, também é obrigado a ser um governo justo ao servir os interesses de todos os seus cidadãos. Que o seu crime seja muito real e que os seus resultados potenciais sejam tão definitivos como acabo de afirmar, são fatos que me parecem acima de qualquer contestação.

Outro fator que atrai, naturalmente, os americanos é que um desses criminosos — na verdade o **mais obstinado e o aparente líder dos dois — é uma mulher**. Mas a questão se apresenta — se o Executivo interferisse por causa desse fato, estaríamos justificados em encorajar os comunistas a usar apenas mulheres em seu processo de espionagem?³⁵⁴

É a mulher que tem o caráter forte e recalcitrante, o homem quem é o fraco. Ela obviamente tem sido a líder em tudo que eles fizeram no círculo de espionagem.³⁵⁵

Essas falas dizem respeito a motivos que atribuem a Ethel a maior culpa do ocorrido. Como exposto anteriormente, essas falas se tornam relevantes quando, no tempo presente, tem-se a confirmação de que não existia qualquer prova de participação de Ethel no crime. Após 3 anos presos e distante dos filhos, Julius e Ethel Rosenberg foram condenados à morte por meio de eletrocussão às 20 h e 31 min do dia 19 de junho de 1953, dia em que comemorariam o aniversário de 14 anos de casamento. A execução teve seu horário modificado em 3 horas devido à religião do casal: ambos eram judeus, e o sábado é um dia especial, o *shabat*. Antes da descarga elétrica, ambos foram questionados mais uma vez se pretendiam confessar o crime, o que permitiria uma possível reconsideração da punição. O silêncio do casal permaneceu.

³⁵⁴ “The action of these people has exposed to greater danger of death literally millions of our citizens. The very real question become how far can this be permitted by a government that, regardless of every consideration of mercy and compassion, is also required to be a just government in serving the interests of all its citizens. That their crime is a very real one and that its potential results are as definite as I have just stated, are facts that seem to me to be above contention.

Another factor that appeals, quite naturally, to Americans is that one of these criminals -- indeed the more strong-minded and the apparent leader of the two is a woman. But the question presents itself if the Executive should interfere because of this fact, would we be justified in encouraging the Communists to use only women in their spying process?” EISENHOWER FOUNDATION. DWIGHT D. EISENHOWER: PRESIDENTIAL LIBRARY, MUSEUM & BODYHOOD. **Letter, President Eisenhower’s response to Clyde Miller, June 10, 1953.** Disponível em: https://www.eisenhowerlibrary.gov/sites/default/files/file/rosenbergs_Binder12.pdf

³⁵⁵ “To address myself... to the Rosenberg case.. in this instance it is the woman who is the strong and recalcitrant character, the man is the weak one. She has obviously been the leader in everything they did in the spy ring.... if there would be any commuting of the woman's sentence without the man's then from here on the Soviets would simply recruit their spies from among women.” SCHNEIR, Walter. Final Verdict: What Really Happened in the Rosenberg Case. New York: Melville house publishing, 2010, p.157.

Atualmente, é um consenso entre os historiadores considerar a condenação dos Rosenberg à morte como um ato político que envolvia uma imagem combativa dos americanos em relação à União Soviética e qualquer cidadão americano que com ela simpatizasse politicamente³⁵⁶. De maneira geral, todo o processo contra os Rosenberg foi construído em cima de poucas provas contra o casal, além da própria manipulação da lei para que ambos fossem condenados à morte pelo crime de espionagem³⁵⁷. A pesquisa de Justice Douglas pontua que os elementos marcantes no processo dos Rosenberg foram: i) a forte confiança do governo no testemunho de espíões confessos que tinham fortes motivos para mentir e estavam suscetíveis a uma grande influência do governo; ii) o exagero das informações transmitidas, como “o segredo” da bomba atômica; iii) as fracas provas contra Ethel Rosenberg; iv) o governo se utilizar da prisão e da execução de Ethel como alavanca para induzir Julius a confessar; v) as sentenças desproporcionais proferidas (especialmente em relação a Ethel); vi) o acelerado processo de apelação; e vii) a repetida recusa da Suprema Corte em revisar o caso.³⁵⁸

Esse choque ou indignação em relação à condenação do casal é transposto nos diários de Sylvia Plath de forma similar ao relato de Esther Greenwood em *A Redoma de Vidro*. Os emotivos de desconforto com a execução são identificados, conforme em Esther Greenwood e Sylvia Plath, conforme apresentado no Quadro 2:

Quadro 2 Excertos de *A Redoma de vidro* e dos diários sobre a condenação dos Rosenberg

<i>A Redoma de vidro</i>	Diário
Nova York em si já era bem desagradável. Às nove da manhã a falsa e fresca umidade campestre que de alguma maneira se infiltrava durante a noite evaporava como o final de um sonho bom. As ruas quentes cintilavam sob o sol, com sua cor cinza-miragem ao fundo	Certo, as manchetes anunciam que dois deles serão executados as onze horas de hoje. E eu sinto um embrulho no estômago. Recordo-me dos relatos dos jornalistas, revoltantemente factuais, da eletrocussão de um condenado, do indisfarçável fascínio na fisionomia dos observadores, dos

³⁵⁶ CLUNE, Lori. **Executing the Rosenbergs: Death and Diplomacy in a Cold War World**. New York: Oxford University Press, 2016.

³⁵⁷ Na hipótese de atividades de espionagem, o período em questão era em uma época em que União Soviética e Estados Unidos ainda eram aliados; logo, a lei de condenação só se aplicaria dessa forma se as atividades tivessem ocorrido após a quebra entre os dois polos econômicos.

³⁵⁸ ALAVI, Atossa. Government against Two: Ethel and Julius Rosenberg's Trial. **Case Western Reserve Law Review**, v. 53, n. 4, p.2003, p. 1058.

<p>dos desfiladeiros de granito, os capôs dos carros fritando e brilhando, a poeira seca e fina soprando para dentro dos meus olhos e da minha garganta.</p> <p>Passei tanto tempo ouvindo falar dos Rosenberg no rádio e no escritório que não conseguia mais tirá-los da cabeça. Foi como a primeira vez em que vi um cadáver. Passei as semanas seguintes com a cabeça do cadáver — ou o que tinha restado dela — flutuando entre os ovos e o bacon do café da manhã e atrás da cara de Buddy Willard, o responsável por me fazer vê-la, e logo senti que estava levando a cabeça do cadáver por aí, presa por uma cordinha como um balão preto e sem nariz fedendo a vinagre.</p> <p>(Eu sabia que havia alguma coisa errada comigo naquele verão, porque não conseguia deixar de pensar nos Rosenberg e em como tinha sido burra em comprar todas aquelas roupas caras e desconfortáveis, penduradas no meu armário feito peixes na feira, e como todas as pequenas vitórias que eu acumulara alegremente na universidade não significavam nada do lado de fora do mármore liso e dos vidros das fachadas da Madison Avenue.)³⁵⁹</p>	<p>detalhes, dos fatos objetivos, chocantes relativos à morte, do grito da fumaça, da reportagem direta, seca, desprovido de emoção que pega visceralmente em função das coisas que não eram ditas.</p> <p>[...]</p> <p>Os telefones tocam como de costume, as pessoas pretendem viajar para o interior no fim de semana prolongado, todos estão entusiasmados e contentes, ninguém pensa muito no quanto uma vida humana é importante, com seus nervos e tendões e reações e respostas que levaram séculos e séculos para se aperfeiçoar.</p> <p>Eles vão matar as pessoas que têm aqueles segredos atômicos. E bom para elas morrer. Assim podemos dar prioridade à matança de outras pessoas, usando os segredos atômicos guardados com tanto zelo, de tão especiais e desumanamente nossos.</p> <p>Não há protestos, nem horror nem muita revolta. Essa é a parte apavorante. A execução será realizada esta noite; uma pena que não pode ser televisada de muito mais realista e exemplar do que os programas comuns sobre crime. Duas pessoas de verdade sendo executadas. Não importa. A reação emocional mais forte nos Estados Unidos será um bocejo infinitamente amplo, democrático, entediado, doméstico e complacente.³⁶⁰</p>
--	---

Fonte: elaborado pela autora (2024)

³⁵⁹ PLATH, 2014, p. 7-8.

³⁶⁰ PLATH; KUKIL, 2017, p. 626.

Em *A Redoma de Vidro*, é recorrente as tensões sentidas por Esther se manifestarem por visões, momentos em que algumas imagens interferem no seu cotidiano como pensamentos intrusivos. Nesse caso, como pode ser observado no Quadro 2, a morte dos Rosenberg persegue sua rotina, uma espécie de assombração quando ela afirma “levando a cabeça do cadáver por aí, presa por uma cordinha como um balão preto”. Numa perspectiva literária, essa é a primeira menção, ao leitor, dos vários momentos que Esther será assombrada por alguma imagem; são situações que vão piorando à medida que sua saúde mental vai se degradando. Logo, nesses momentos, temos os emotivos de Esther relacionados ao medo. Temos uma atitude em relação ao medo que não é de enfrentamento, pois, quanto mais ela nega esses medos, maiores eles se tornam, chegando ao ponto de a perseguirem em seus pensamentos.

Isto exposto, outro ponto importante a ser considerado na passagem apresentada no Quadro 2 é a presença de Buddy Willard, o responsável por ter introduzido a Esther imagens de morte. Na ocasião, essa morte se referia a fetos de partos malsucedidos com que Willard tinha contato na graduação em Medicina. Nesse sentido, Buddy Willard não é apenas a pessoa por quem Esther nutria sentimentos e com quem pretendia construir uma relação; ele, enquanto estudante de Medicina, estava em semelhança com os homens na colagem que vimos antes: homens de visual mundano. Mesmo que ele não tenha o mesmo trabalho que os homens da colagem, Willard se assemelha na vestimenta da autoridade científica da Medicina, especialmente em relação ao corpo feminino.

Tomando agora o enfoque em direção aos diários e considerando que também os interpreto enquanto uma produção literária, os emotivos de Sylvia Plath funcionam por outra perspectiva. Nesse relato, existe um desacordo quanto algumas informações históricas sobre a execução. A começar pela passagem “Não há protestos, nem horror nem muita revolta. Essa é a parte apavorante”. Embora ela tenha mencionado a indiferença da população para com o ocorrido, o que encontrei na consulta em jornais e na bibliografia do contexto é que, em junho de 1953, os jornais de vários países

anunciavam a condenação em escala global³⁶¹, havendo inúmeras manifestações populares direcionadas ao presidente americano Dwight Eisenhower.

O pedido das manifestações era pela anulação da condenação à morte na cadeira elétrica. No dia 20 de junho, no jornal *The evening Star*, de Washinton D.C, uma das páginas expõe uma situação contrária ao que Sylvia Plath indica sobre o ocorrido: uma multidão de 7.000 pessoas na principal avenida da cidade protestando a favor e contra a morte do casal. O jornal evidencia a cisão do público em emotivos de tristeza e alegria. De um lado, as motivações políticas dessa multidão dizem respeito àqueles que, assim como Sylvia Plath, não concordavam com a postura do governo americano. Neste caso, a expressão do emotivo esteve em torno da ideia de família e maternidade, sendo exposta no título da notícia: “Mães são afligidas pelo luto”. O título evidencia a maternidade como argumentação para que a execução fosse impedida; nesse caso, a família como unidade desempenhava um papel fundamental, sensibilizando aqueles que estavam preocupados com o futuro dos filhos do casal: Michael, de 10 anos, e Robert, de 6 anos. Por meio de uma fotografia, podem ser vistos os emotivos de grande comoção de uma mulher contrária à condenação; essa imagem, se vinculada a outros atos de fala, com atos corporais de desespero, reafirma a sensibilidade em relação à condenação:

Quando a hora anunciada da execução chegou, a multidão beirava o histérico. Gritos encheram o ar. Uma mulher caiu a calçada batendo com os punhos. Outra mulher desmaiou e foi levada. Às 11 horas, outra cena dramática foi encenada na sala vigiada do juiz federal Irving R. Kaufman. Um advogado compareceu perante o juiz que presidiu o julgamento de Rosenberg e pronunciou sentença, e pediu um mandado de habeas corpus. E o juiz, minutos antes da execução, rejeitou o pedido. A execução trouxe comentários amargos do “Comitê Nacional para Garantir a Justiça no Caso Rosenberg”, um grupo que pediu um novo julgamento para o casal condenado ou, na falta disso, uma redução da sentença de morte.³⁶²

³⁶¹ A pesquisa de Lori Clune utilizando documentos do *National Archives* em *College Park* revela que a pesquisadora localizou acidentalmente caixas que continham documentos enviados por vários países para a embaixada americana. No total foi identificado documentos gerados por 80 cidades de 48 países. Nesses documentos a pesquisadora identificou que foi solicitado a anulação da pena de morte ao presidente dos Estados Unidos. Se tratando do Brasil, foram encontradas cartas de grupos influenciados pelo pedido de clemência do papa Pio XII, sendo os católicos com maior relevância no pedido de clemência ao presidente Eisenhower. Cf. CLUNE, Lori. **Executing the Rosenbergs: Death and Diplomacy in a Cold War World**. New York: Oxford University Press, 2016.

³⁶² “As the announced hour of the execution arrived, the crowd verged on the hysterical. Screams filled the air. A woman fell to the pavement beating it with her fists. Another woman fainted and was carried away. At the 11th hour, another dramatic scene was enacted in guarded chamber of Federal Judge Irving R. Kaufman. A lawyer, like so many before the judge who had presided over the Rosenberg trial and

Figura 18 Manifestação popular sobre a pena de morte do casal Rosenberg



Fonte: The evening Star, Washington, D.ce, june 20, 1953.

Por outro lado, como visto na foto da mulher chorando, o próprio título da reportagem fala dos contrastes de reação: também havia aqueles que demonstraram emotivos de alegria quando a morte do casal foi noticiada. Nesse caso, o contraste é exposto a partir de uma confusão que aconteceu entre os lados, em que a polícia precisou intervir com gás lacrimogênio. Na descrição desse embate, os insultos eram variados: do lado a favor da condenação, as pessoas gritavam para queimar o corpo dos Rosenberg e mandá-los para a Rússia; do outro, os gritos eram de pedido de liberdade. Sendo assim, é improvável que Sylvia Plath não tenha visto notícias sobre

pronounced sentence and asked for writ of *habeas corpus*” **The evening Star**, Washington, D.ce, june 20, 1953.

essas manifestações, até porque Lori Clune informa que as manifestações foram constantes, iniciando em 1953, ou seja, um ano antes do ocorrido.³⁶³

Sendo o diário um tipo de literatura que não somente permite uma construção de si, mas também funciona como um suporte de criação e maturação de outras ficções, é possível que, ao afirmar a falta de protestos e seu próprio horror, Sylvia Plath esteja querendo dar ênfase à postura dominante da política americana na Guerra Fria. Nesse cenário, a indiferença ou a apatia da população se sobressai, em um período histórico em que qualquer opinião em favor dos Rosenberg poderia ser identificada como um ato comunista — independentemente se esse posicionamento em nada tivesse relação ou simpatia com o comunismo.

Dessa forma, retomando a ideia da ficcionalidade de Sylvia Plath sobre a ausência de manifestações, essa ênfase é compreensível, visto que a grande maioria da sociedade estava a favor das ideias do Senador Joseph McCarthy: ele propagava discursos de que a democracia, a família e a abundância econômica estavam ameaçadas pelos comunistas. Nas palavras de Clune, a atitude americana contra os comunistas era atribuída a um ato de masculinidade, em que era preciso não ser “leve” ou “macio” na luta contra esse sistema:

Representantes como o Senador Joseph McCarthy criticaram a política externa que era “fraca” e “suave” porque deixava os americanos vulneráveis no exterior. A retórica anticomunista agressiva cresceu para incluir também acusações de infiltração comunista nos Estados Unidos, quando a Guerra Fria passou a influenciar a política doméstica. Os críticos rotularam os liberais simpatizantes dos comunistas vermelhos de “rosa” e os acusaram cada vez mais de serem brandos com o comunismo e efeminarem os New Deals. As pressões domésticas e o suposto declínio moral dos Estados Unidos nos anos do pós-guerra levaram muitos americanos a temer que o país estivesse maduro para uma revolução comunista.³⁶⁴

Segundo Clune, a maior parte dos países desaprovaram a condenação dos Rosenberg e, em razão disso, a imagem americana para o cenário internacional era

³⁶³ CLUNE, Lori. **Executing the Rosenbergs**: Death and Diplomacy in a Cold War World. New York: Oxford University Press, 2016, p. 10.

³⁶⁴“Representatives such as Senator Joseph McCarthy criticized foreign policy that was “weak” and “soft” because it left Americans vulnerable overseas. Aggressive anti-Communist rhetoric grew to also include accusations of Communist infiltration within the United States, as the Cold War came to influence domestic politics. Critics labeled liberals who were sympathetic to Red Communists as “pink” and increasingly accused them of being soft on Communism and effeminate New Dealers.11 Domestic pressures and the alleged moral decline of the United States in the postwar years prompted many Americans to fear the country was ripe for a Communist revolution” CLUNE, 2016, p.2.

preocupante. Se Eisenhower não ouviu o que o Conselho de Estratégia Psicológica Americano — PSB, uma agência governamental criada especificamente para administrar a propaganda da Guerra Fria —, comunicava sobre a possível interpretação internacional a respeito da execução, as tentativas do governo americano em persuadir a população global com propagandas ofensivas ao casal Rosenberg falharam³⁶⁵. A pesquisa de Clune também expõe um vasto material referente às cartas de muitos países que faziam um pedido de clemência ao presidente. Dessa forma, em diferentes partes do mundo, ocorreram diversas manifestações públicas a favor da libertação do casal; os protestos foram organizados tanto por comunistas quanto por anticomunistas, motivados por mensagens relacionadas à moralidade, ao martírio, à justiça, ao antissemitismo e à pena de morte.³⁶⁶

O desenrolar político em torno da execução, a postura do júri e do presidente norte-americano foram construindo conotações de que o casal representava a violação dos valores nacionais. Essa foi uma das justificativas para a decisão de continuar a execução sem ouvir os apelos públicos e internacionais referentes ao pedido de revisão da pena. Segundo Clune, duas semanas antes da execução, o PSB mantinha uma comunicação preocupante com o presidente Eisenhower. Para o PSB, a execução traria à figura do casal a ideia de martírio e, em razão disso, o PSB aconselhava o presidente a aceitar o pedido de clemência. Por outro lado, por parte de alguns membros do governo, era muito importante manter a respeitabilidade da atitude americana em relação às atividades de espionagem soviética. Ainda assim, o PSB afirmava que “o risco de que uma medida de clemência seja tomada como uma demonstração de fraqueza é muito improvável atualmente”³⁶⁷. A atitude do presidente norte-americano em conceder uma decisão favorável à vida de Julius e Ethel não ocorreu, e ele proferiu as seguintes palavras perante a recusa de clemência:

Estou convencido de que a única conclusão a ser tirada da história deste caso é que os Rosenbergs receberam o benefício de todas as salvaguardas que a justiça americana pode fornecer. Não há dúvida

³⁶⁵ Clune relata as diversas formas que o PSB tentou persuadir a população global com imagens negativas sobre o casal, entre elas esteve uma declaração presidencial que recusava clemência alegando que o casal cometeu uma “traição deliberada de toda a nação”. Em paralelo a isso, outra forma de propaganda negativa contra o casal foi a responsabilização pela Guerra na Coreia. CLUNE, 2016, p. 64.

³⁶⁶ CLUNE, 2016.

³⁶⁷ “The risk that a measure of clemency will be taken as a show of weakness is very farfetched at the present time”. CLUNE, 2016, p. 102.

em minha mente de que seu julgamento original e a longa série de apelações constituem a medida mais completa da justiça e do devido processo legal. Ao longo das inúmeras complicações e tecnicismos deste caso, nenhum juiz jamais expressou qualquer dúvida de que eles cometeram os mais graves atos de espionagem.

Assim, apenas as circunstâncias mais extraordinárias justificariam a intervenção executiva no caso.

Não ignoro o fato de que este caso suscitou grande preocupação aqui e no exterior nas mentes de pessoas sérias, além das considerações de direito. A este respeito, posso apenas dizer que, aumentando imensamente as chances de uma guerra atômica, os Rosenbergs podem ter condenado à morte dezenas de milhões de pessoas inocentes em todo o mundo. A execução de dois seres humanos é um assunto grave. Mas ainda mais grave é o pensamento dos milhões de mortos cujas mortes podem ser atribuídas diretamente ao que esses espões fizeram.

Quando os inimigos da democracia forem julgados culpados de um crime tão horrível quanto aquele pelo qual os Rosenbergs foram condenados; quando os processos legais da democracia forem conduzidos com força máxima para proteger a vida dos espões condenados; quando em seu julgamento mais solene os tribunais dos Estados Unidos os julgaram culpados e a sentença justa, não vou intervir neste assunto.³⁶⁸

Eisenhower, por meio dos emotivos do medo de uma guerra nuclear, suscita, em sua fala, a responsabilidade do casal por ter dado o segredo da bomba atômica aos russos. Desse modo, existe um teor exagerado ao expor esse ato como responsável não por uma realidade em si, mas pela possibilidade de ceifar a vida de “dezenas de milhões de pessoas inocentes em todo o mundo”. Essa afirmação por si só é um ato de fala que atinge um imaginário social em torno daquilo que o mundo viu

³⁶⁸ “I am convinced that the only conclusion to be drawn from the history of this case is that the Rosenbergs have received the benefit of every safeguard which American justice can provide. There is no question in my mind that their original trial and the long series of appeals constitute the fullest measure of justice and due process of law. Throughout the innumerable complications and technicalities of this case, no judge has ever expressed any doubt that they committed most serious acts of espionage. Accordingly, only most extraordinary circumstances would warrant executive intervention in the case. I am not unmindful of the fact that this case has aroused grave concern both here and abroad in the minds of serious people, aside from the considerations of law. In this connection, I can only say that, by immeasurably increasing the chances of atomic war the Rosenbergs may have condemned to death tens of millions of innocent people all over the world. The execution of two human beings is a grave matter. But even graver is the thought of the millions of dead whose deaths may be directly attributable to what these spies have done. When democracy's enemies have been judged guilty of a crime as horrible as that of which the Rosenbergs were convicted;-when the legal processes of democracy have been marshalled to their maximum strength to protect the lives of convicted spies;-when in their most solemn judgment the tribunals of the United States have adjudged them guilty and the sentence just, I will not intervene in this matter” THE AMERICAN PRESIDENCY PROJECT. **Statement by the President Declining To Intervene on Behalf of Julius and Ethel Rosenberg.** | **The American Presidency Project.** Disponível em: <https://www.presidency.ucsb.edu/documents/statement-the-president-declining-intervene-behalf-julius-and-ethel-rosenberg>.

acontecer em Hiroshima e Nagasaki — ironicamente, uma barbárie que os próprios americanos executaram. Se, por um lado, podemos verificar na fala de Eisenhower expressões de terror que enfatizam o medo atômico, por outro, também temos os emotivos em torno do que seria o sistema político americano: a democracia.

Aqui, a democracia é mais do que um sistema político nacional e internacional; ela se vincula a outros valores, como família, religião e liberdade. Embora cada um desses conceitos possa ser lido de forma fechada, o que mobiliza essas palavras são os atos de fala, isto é, todo um cotidiano americano que gira em torno de uma economia que demanda, da população, apreço pela sua forma de viver e ver o mundo. Uma forma de vida em que a família se torna o principal alicerce da sociedade, uma família que é acompanhada de felicidade e abundância econômica. Nesse sentido, o zelo em torno da democracia garante essa vida.

Isto exposto, quando Esther Greenwood expressa o quanto aquele verão de 1953 — época em que os Rosenberg foram executados — já se mostrava um ano estranho e com um clima “abafado”, acredito que Sylvia Plath utiliza o caso dos Rosenberg como uma figura de linguagem que remonta um contexto tenso para aqueles que levavam um estilo de vida oposto ao norte-americano. Dessa forma, penso que o clima quente remete a uma sensação claustrofóbica que figura o momento político em questão. A execução dos Rosenberg foi um choque para o imaginário cultural sobre a espionagem da época, pois não existia uma associação entre tal atividade e a figura de duas pessoas aparentemente “comuns”, como eram Julius e Ethel Rosenberg. Além disso, como bem discutido por Clune, existiu, em nível global, uma comoção pública sobre a condenação por pena de morte, algo que, no lado norte-americano, a grande maioria compactuava com a decisão do júri e atitude de Eisenhower não intervir na condenação.

Contudo, o que tentei evidenciar é que, apesar de o processo-crime indicar Julius como espião, a condenação de Ethel Rosenberg mostrou que, para além de ela ter sido sacrificada com o objetivo de pressionar Julius a entregar informações, as falas do júri e do presidente norte-americano evidenciam um aspecto da Guerra Fria que está explícito na colagem de Sylvia Plath: a condenação da feminilidade. Ethel foi considerada a maior culpada, a mente pensante do grupo e a manipuladora dos homens da sua família (Julius e David). Mesmo que Ethel tenha se esforçado para agir de acordo com emotivos da mulher dona de casa e cuidadora do lar, sua rígida postura política em não compactuar com a pressão psicológica do júri e se portar de

forma séria foi lida como uma afronta, dificultando sua “sobrevivência” e criando maiores “punições” devido à sua discordância emocional para o que era socialmente esperado de uma mãe.

Isto exposto, penso que Sylvia Plath utiliza dos Rosenberg como uma maneira de ilustrar o regime político desse contexto. Ela usa uma característica climática que remete a algo claustrofóbico, tal como foram os efeitos do Macarthismo. Mesmo que Sylvia Plath não soubesse os detalhes apresentados sobre os Rosenberg, ela tinha consciência política da perseguição que pessoas como eles poderiam sofrer. Isso também é posto por Clark:

A própria Plath provavelmente não tinha conhecimento detalhado do caso além do que leu nos jornais, mas sabia que os Rosenberg eram judeus e pertenciam a organizações comunistas. Sua mente já estava sintonizada com as maneiras em que os estrangeiros e os não conformistas foram empurrados para as margens da América de Eisenhower, e ela via os Rosenberg como inocentes que pagavam o preço final pelo seu “antiamericanismo”.³⁶⁹

Dessa forma, vejo, em *A Redoma de Vidro*, uma semelhança entre Esther Greenwood e Ethel Rosenberg; interpreto que até o nome da personagem principal, Esther Greenwood, é similar ao nome de solteira de Ethel Rosenberg (Esther Ethel Greenglass³⁷⁰). Não apenas isso, mas seria possível até fazer um paralelismo com o sobrenome de casada de Ethel: Rosenberg, “montanha vermelha” em alemão, e Greenwood, “bosque verde” em inglês — sendo que verde e vermelho são cores complementares. Embora exista a possibilidade de o nome da personagem estar relacionado ao sobrenome da avó materna de Sylvia Plath³⁷¹, na presente tese interpreto como uma conexão a Ethel Rosenberg. A sessão a seguir tenta apresentar essa semelhança. Assim como Ethel Rosenberg não se enquadrou em alguns aspectos que socialmente esperavam dela (o sorriso no rosto, as roupas ou a

³⁶⁹ Plath herself probably did not have detailed knowledge of the case beyond what she read in the papers, but she knew the Rosenbergs were Jewish and that they had belonged to communist organizations. Her mind was already attuned to the ways in which outsiders and nonconformists were pushed to the margins of Eisenhower’s America, and she saw the Rosenbergs as innocents paying the ultimate price for their “un-Americanism. CLARK, 2020, p. 255.

³⁷⁰ “It was here, three years after marrying Barney, on September 28, 1915, that Tessie gave birth to their first child together, a girl whom they decided to call Esther Ethel, always known as Ethel, or sometimes “Ettie” as a young child. From the start of her life she was not universally loved within the Greenglass Family” SEBBA, 2021.

³⁷¹ PEEL, Robin. *The Bell Jar, the Rosenbergs and the Problem of the Enemy Within*. In: BRAIN, Tracy (org.). **Sylvia Plath in Context**, Cambridge: Cambridge University Press, 2019. p. 206.

contribuição forçada da culpa), Esther Greenwood também apresenta posturas que são deslocadas das expectativas da sociedade norte-americana em relação às mulheres brancas de classe média.

5.1 “ERA PARA EU ESTAR APROVEITANDO AQUELA EXPERIÊNCIA AO MÁXIMO”: O DESAJUSTE DE ESTHER GREENWOOD SOBRE AS NORMATIVAS SOCIAIS DE GÊNERO

Eu sabia que havia algo errado comigo naquele verão, porque tudo o que eu podia pensar era sobre os Rosenbergs e como estúpida eu fui em ter comprado todas aquelas desconfortáveis roupas caras, penduradas frouxas como peixes em meu closet, e como todos os pequenos sucessos que eu acumulei tão alegremente na faculdade se degradavam, reduzidos a nada ante o mármore sofisticado e as fachadas de vidro laminado ao longo da Avenida Madison.

Era para eu estar aproveitando aquela experiência ao máximo.

Era para eu ser a inveja de milhares de outras universitárias como eu, ao redor da América, que não queriam nada mais que viajar nesses mesmos sapatos de couro envernizado, tamanho trinta e cinco, que comprei na Bloomingdal's no horário de almoço, com um cinto de couro envernizado preto e uma bolsinha de couro envernizado preta para combinar.³⁷²

Nessa passagem, está explicitado que Esther Greenwood estava em oposição ao regime emocional norte-americano de satisfação por meio do consumo. Como já discutido anteriormente por via da cozinha, o mesmo consumo também se aplicava às roupas. Elaine May afirma que o consumo era uma contribuição para o sucesso final do modo de vida americano, no qual o estilo de vida de gastos excessivos estava atrelado a um sistema baseado na escassez e na necessidade, para um sistema baseado na abundância e no desejo.³⁷³

As inúmeras roupas caras de Esther Greenwood correspondem a esse modo de vida incentivado pela econômica capitalista americana. Apesar disso, Esther compreende que seu sucesso profissional/acadêmico e a estadia em Nova York eram uma realidade incomum para alguém da idade dela. Ela transmite um sentimento de culpa por não ter aproveitado uma oportunidade que muitas outras mulheres gostariam de ter experimentado. Existe uma consciência política em Esther que a faz, ainda que com culpa, considerar estúpida a atitude de ter comprado tantas roupas.

³⁷² PLATH, 2014, p.8

³⁷³ MAY, 2017.

Ademais, seu questionamento sobre a condenação dos Rosenberg evidencia uma postura política, mas também emocional, na qual ela se compreende como participante do ocorrido quando diz “Eu não tinha nada a ver com aquilo”.

Dessa forma, retomando a discussão em torno dos Rosenberg, Ethel se mostra na contramão do regime emocional americano quando seu posicionamento político em relação à execução entra em conflito com aqueles que eram a favor da morte do casal. As duas posições políticas expostas no confronto ocorrido em Washinton D.C são retratados nos diários de Sylvia Plath e em *A Redoma de Vidro* por meio de uma conversa com a personagem Hilda. Enquanto nos diários ela é descrita como uma “moça alta felina”, no romance, Esther menciona Hilda pela primeira vez descrevendo-a como alguém incompreensível em relação às outras moças. Hilda tinha uma expressão vaga e sabia fazer chapéus, um atributo inexistente nas moças que trabalhavam na escritura de colunas sobre moda e beleza.³⁷⁴ No Quadro 3, podemos verificar isso:

Quadro 3 Excertos de *A Redoma de Vidro* e dos diários sobre Hilda e moça felina

<i>A Redoma de Vidro</i>	Diário
<p>“Eu estou tão feliz que eles vão ser mortos”.</p> <p>Hilda arqueou seus membros felinos com um bocejo, enterrando sua cabeça em seus braços na mesa de reunião e voltando a dormir. Um punhado de palha verde bile se empoleirava em sua testa como um pássaro tropical. Verde bile. Estavam promovendo para o outono, e somente Hilda, como de costume, levava um semestre adiante. Verde bile com preto, verde bile com branco, verde bile com verde nilo, seu consanguíneo.</p>	<p>A moça alta felina linda que usava um chapéu original para trabalhar diariamente se levantou e se apoiou sobre o cotovelo no divã em que cochilava na sala de reuniões, bocejou e disse com fascinante maldade entediada: “Fico contente em saber que eles vão morrer” Ela olhou vaga e presunçosamente em volta da sala, fechou os olhos verdes enormes e voltou a dormir.³⁷⁵</p>

³⁷⁴ “Eu nunca entendi Hilda, de verdade. Ela tinha um metro e oitenta de altura, com grandes olhos verdes e fundos, lábios vermelhos espessos e uma eslava expressão vaga. Ela fazia chapéus. Ela era aprendiz da editora de Moda, o que a separava das demais letradas, como Doreen, Betsy e também eu, que escrevíamos colunas para a revista, mesmo que fossem coisas sobre saúde e beleza. Eu não sei se Hilda sabia ler, mas ela fazia chapéus surpreendentes” PLATH, 2014, p.35-36.

³⁷⁵ PLATH; KUKIL, 2017, p. 626.

Sinopses de moda, prateadas e cheias de nada, enviavam suas bolhas suspeitas para meu cérebro. Elas vinham à superfície com um estouro surdo.

“Eu estou tão feliz que eles vão ser mortos”.

Praguejei a sorte de ter coincidido a hora de chegar ao refeitório do hotel junto de Hilda. Depois de dormir tarde a noite passada eu me senti muito desanimada para elaborar uma desculpa para poder voltar ao meu quarto para pegar a luva, o lenço, o guarda-chuva, o caderno que eu esqueci. Minha pena era a caminhada larga e morta das portas de vidro fosco do Amazon até os blocos de mármore rosados de nosso acesso à Avenida Madison.

Hilda se moveu como um manequim por todo o percurso.

“É um chapéu adorável, foi você que fez?”

Eu meio que esperei que Hilda se virasse para mim e dissesse, “Você parece doente”, mas ela somente prosseguiu e retraiu seu pescoço de cisne.

“Sim”.

Na noite anterior eu havia visto uma peça em que a heroína era possuída por um dybbuk*, e quando o dybbuk falava com a boca dela, sua voz soava muito cavernosa e grave, que não se podia se dizer se era de um homem ou de uma mulher. Bom, a voz de Hilda soava exatamente como a voz daquele dybbuk.

Ela olhava seu próprio reflexo nas vitrines lustrosas das lojas como se fizesse isso, momento a momento, para ter certeza de que continuava existindo. O silêncio entre nós era tão

<p>profundo que pensei que devia ser em parte minha culpa.</p> <p>Então eu disse, “Não é horrível tudo isso sobre os Rosenbergs?”</p> <p>Os Rosenbergs estavam para ser eletrocutados mais tarde naquela noite.</p> <p>“Sim!”, Hilda disse, e ao menos eu senti ter tocado num ponto humano em seu coração difícil. Foi somente quando nós duas esperávamos pelos outros na manhã sepulcral da escura sala de reunião que Hilda ampliou o seu Sim.</p> <p>“É horrível que tais pessoas estejam vivas”.</p> <p>Então ela bocejou, e sua boca alaranjada abriu-se numa grande escuridão.</p> <p>Fascinada, eu encarei a caverna cega por trás de seu rosto até que os dois lábios se encontraram e se mexeram e o dybbuk falou de seu esconderijo, “Eu estou tão feliz que eles vão ser mortos”.</p>	
--	--

Fonte: produzido pela autora (2024)

Como pode ser visto no Quadro 3, os diários e a *A Redoma de Vidro* trazem à tona essa relação de diferentes posições políticas sobre a condenação dos Rosenberg. Se no diário, Sylvia Plath apenas menciona o desejo de uma “moça felina” em ver o casal morto, no romance temos uma visão sobrenatural de Esther sobre Hilda quando ela fala “que bom que eles vão morrer” ou “é horrível que tais pessoas

estejam vivas”. O *dybbuk*³⁷⁶, espírito que possui o corpo de Hilda, “refere-se à alma de uma pessoa morta (geralmente um pecador) que, tendo sido recusada a entrada na *Gehenna*, entra no corpo vivo de uma pessoa que pode ou não ser culpada de uma leve má conduta religiosa, buscando assim a redenção.”³⁷⁷

Esther identifica o *dybbuk* em Hilda após ver “uma peça em que a heroína era possuída por um *dybbuk*”; a tradição literária judaica em torno dessa possessão desvela que a mudança da voz é uma das características do demônio. Agnieszka Legutko afirma que grande parte da narrativa em torno da possessão do *dybbuk* esteve associada à linguagem de um idioma de ligação transgressiva (*devekut*), em que um espírito toma conta do corpo por meio do “estupro ou a penetração forçada de um corpo vivo pelo espírito de uma pessoa morta que frequentemente ocorre através da genitália. O comportamento violento, convulsivo, obsceno, agressivo ou subversivo das pessoas possuídas geralmente tem conotações sexuais.”³⁷⁸ Uma das justificativas para a possessão ocorrer dessa forma está conectada a uma narrativa majoritariamente masculina sobre *dybbuk*, algo que, então, diz respeito ao medo da sexualidade das mulheres.

Os registros sobre a possessão do *dybbuk* são caracterizados por uma questão de gênero: a maior parte dos casos registrados são de espíritos masculinos que adentram o corpo vivo feminino. Agnieszka Legutko indica que, após um longo

³⁷⁶ O surgimento do fenômeno da possessão *dybbuk* é identificado pela historiografia com os primeiros registros no século XII. Naquele contexto, a possessão recebia o conceito cabalístico *de gilgul neshamot*, que significava a transmigração de almas para animais e corpos humanos como meio de purificação da alma. Ao longo do tempo, esse conceito teve seu significado modificado para uma punição; nesse caso, as almas dos pecadores deveriam passar repetidamente pelo processo de reencarnação para expiar suas transgressões e obter pleno acesso ao mundo dos mortos. Já no final do século XIII, outra transformação no conceito ocorreu por meio do que se passou a chamar por *ibbur*, que correspondia a “impregnação”. O *ibbur* era uma entrada temporária de outra alma em uma pessoa durante sua vida, sendo a possessão *dybbuk* o *ibbur* de uma alma maligna em outro ser humano. Nesse sentido, esse conceito permeia o primeiro caso documentado de possessão por *dibbuk*, que remonta ao início da década de 1540. A autora identifica que o maior número de registro de possessões foi nos séculos XVI e XVII, com desaparecimento na primeira metade do século XX em razão da “desintegração dos centros tradicionais judaicos na Europa e no Oriente Médio devido à modernização, emigração e extermínio físico”. Contudo, a autora argumenta que esse desaparecimento não é totalmente correto, pois ela identificou a presença de *dybbuk* ressurgindo em muitas obras literárias; entre elas, o seu objeto de pesquisa em ficções de mulheres judias.

Cf. LEGUTKO, Agnieszka. *Feminist Dybbuks: Spirit Possession Motif in Post-Second Wave Jewish Women’s Fiction*. **Bridges: A Jewish Feminist Journal**, v. 15, n. 1, p. 6–26, 2010.

³⁷⁷ “who, having been refused entrance to Gehenna, enters a living body of a person who may or may not be guilty of a slight religious misconduct, thus seeking redemption” LEGUTKO, 2010, p. 9.

³⁷⁸ “The *dybbuk* possession narratives repeatedly use the idiom of transgressive bonding (*devekut*)—rape or the forced penetration of a living body by the spirit of a dead person which frequently takes place via the genitalia.²⁰ The violent, convulsive, lewd, aggressive or subversive behaviour of the possessed persons often has sexual overtones”. LEGUTKO, 2010 p.9.

período de esquecimento desse demônio, ele foi retomado em obras de ficção de autoria feminina judaica no século XX. Nessas narrativas, a forma como a possessão é descrita foge da majoritária forma masculina. Nesse sentido, embora a obra de Sylvia não tenha o foco revisar a possessão tal como em obras de autoras feministas judaicas, acredito que o uso do demônio coaduna com as propostas narrativas que essas autoras utilizaram em torno do *dybbuk*:

As escritoras colocam a ênfase na pessoa possuída e não apenas no *dybbuk*, enquanto o exorcista — o signo foco significativo das narrativas masculinas — é relegado a um papel secundário. Os *dybbuks* feministas abordam questões como casamento arranjado, diferença sexual, violência doméstica ou relacionamentos mãe-filha, enquanto os aspectos religiosos da posse não são mais a principal preocupação. (Curiosamente, a maioria dos autores discutidos aqui são seculares). Finalmente, as escritoras judias fazem um grande uso do humor na narrativa *dybbuk*, que raramente foi empregado nas histórias anteriores.³⁷⁹

O enfoque na personalidade de Hilda se assemelha à proposta de ênfase na pessoa possuída, e isso pode ser verificado quando Esther descreve Hilda como alguém incompreensível: “Eu nunca entendi Hilda, de verdade. Ela tinha um metro e oitenta de altura, com grandes olhos verdes e fundos, lábios vermelhos espessos e uma eslava expressão vaga. Ela fazia chapéus. Ela era aprendiz da editora de Moda, o que a separava das demais letradas”.³⁸⁰

É nesse ponto que Sylvia Plath se aproxima do “*dybbuk* feminista” proposto por Agnieszka Legutko, pois o enfoque não está na possessão, mas no contraste que existe entre a posição política de Esther e a posição política de Hilda. O *dybbuk* enquanto uma escolha de possessão é muito específica, visto que, como mencionei anteriormente, é um demônio que geralmente adentra o corpo feminino; contudo, a especificidade não se encerra nesse ponto. A possessão de Hilda acontece em desejo de morte de duas pessoas judias, como exposto anteriormente, quando mencionei que a execução do casal teve horário modificado por questões religiosas — sabe-se

³⁷⁹ “The women writers place the emp phasis on the possessed person and not only on the dybbuk, while the exorcist—the significant focus of the male narratives—is relegated to a secondary role. Feminist dybbuks address issues such as arranged marriage, sexual difference, domestic violence, or mother-daughter relationships, while the religious aspects of possession are no longer of primary concern. (Interestingly, most of the authors discussed here are secular). Finally, Jewish women writers make a great use of humor in the dybbuk narrative that has been rarely employed in the preceding stories.” LEGUTKO, 2010, p.7.

³⁸⁰ PLATH, 2014, p.35-36.

que, até na escolha do dia da morte do casal (sábado, *shabat*), as autoridades americanas tiveram um propósito ofensivo, não apenas ao casal, mas à toda comunidade judaica.

Assim sendo, penso que a possessão em Hilda representa a dominância política do novo visual mundano da espionagem: Esther não vê Hilda em sua essência, mas sob a voz do *dybbuk*, uma violação do masculino sobre o feminino, uma violência que, no contexto da Guerra Fria e na colagem de Sylvia Plath, partia dos homens de visual mundano em relação às minorias ou aos opositores do sistema. O caso Rosenberg foi um ato político de perseguição aos comunistas, atribuindo a duas pessoas comuns a culpa de algo que era inevitável: a capacidade de a União Soviética construir sua própria bomba. Atualmente, sabe-se que era uma questão de tempo para que os soviéticos tivessem sua própria versão da bomba; mesmo que, hipoteticamente, o segredo atômico tivesse sido entregue aos soviéticos pelos Rosenberg, a documentação que deveria ser redigida para uma efetiva construção do protótipo seria em torno de 100 páginas, mas as evidências contra os Rosenberg eram apenas 3 desenhos de peças da bomba.³⁸¹

Nessa direção, existem outras características de Esther Greenwood que situam seu desajuste com o regime emocional norte-americano: sua negação em ser mãe e uma mulher casada dedicada ao lar. O ponto sobre ser mãe é desenvolvido a partir do romance com Buddy Willard, um estudante de Medicina. Ele fez Esther assistir a um parto, um episódio que a marcou negativamente pela forma como ela observou a dor da parturiente e a atitude dos estudantes de Medicina no trato com a mulher. A partir desse evento, são inúmeros momentos que Esther olha para bebês ou grávidas com repulsa. Contudo, existe uma passagem específica em que Esther vê um bebê com cara de Eisenhower, uma imagem que automaticamente me remeteu à colagem de Sylvia Plath, na qual Eisenhower é o plano de fundo da colagem e representante dos homens de visual mundano (já bastante mencionados na presente tese). Essa visão acontece quando Esther procura assistência médica para prescrição de um

³⁸¹NATIONAL ARCHIVES CATALOG. **U.S. vs. Julius & Ethel Rosenberg and Martin Sobell, Government Exhibit 7, Sketch of Setup to Implode Tubular materials. the Drawing Was Delivered to Harry Gold.** New York. Disponível em: <https://catalog.archives.gov/id/278752>; NATIONAL ARCHIVES CATALOG, **Cross-section Sketch of Atomic Bomb.** New York. Disponível em: <https://catalog.archives.gov/id/278753>; NATIONAL ARCHIVES CATALOG. **U.S. vs. Julius & Ethel Rosenberg and Martin Sobell, Government Exhibit 6, Lens Mold Sketch.** New York. Disponível em: <https://catalog.archives.gov/id/278751>.

contraceptivo. Na sequência, apresento o trecho e o rosto de Eisenhower presente na colagem de Sylvia Plath:

— Odeio a ideia de ficar sob a tutela de um homem — eu havia dito à Dra. Nolan. — Um homem não tem preocupação nenhuma no mundo, enquanto a possibilidade de ter um bebê paira sobre a minha cabeça como uma espada, me fazendo andar na linha.

— Você agiria diferente se não tivesse que se preocupar com um bebê?

— Sim — eu disse —, mas... — E contei à Dra. Nolan sobre a advogada casada e sua defesa da castidade.

A Dra. Nolan esperou que eu terminasse, então explodiu numa gargalhada. — Propaganda! — ela disse, e rabiscou o nome e o endereço do médico num papel.

Folheei nervosamente um exemplar de Baby Talk. Rostos gordos e brilhantes dos bebês sorriam para mim, página após página — bebês carecas, bebês cor de chocolate, bebês com a cara do Eisenhower, bebês rolando pela primeira vez, bebês procurando por chocalhos, bebês comendo a primeira colherada de alimento sólido, bebês fazendo todas as coisas necessárias para amadurecer, passo a passo, e encarar um mundo agitado e instável.³⁸²

Figura 19 Rosto do presidente Eisenhower



Fonte: Recorte produzido pela autora (2024) referente a imagem original em: PEEL, Robin. Body, Word, and Photograph: Sylvia Plath 's Cold War Collage and the Thalidomide scandal. **Journal Of American Studies**, v. 40, n. 1, p. 71-95, abr. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s0021875806000739> (Archive: Mortimer Rare Book Collection, Smith College, Northampton, Massachusetts)

A promoção do contraceptivo no governo Eisenhower não é um campo historiograficamente muito explorado. Contudo, alguns historiadores comentam que, nas cartas do presidente, existia interesse pela criação de programas públicos de

³⁸²PLATH, 2014, p.248.

contracepção devido ao aumento populacional de pessoas de baixa renda e ao aumento de filhos ilegítimos³⁸³. Porém, ao ser questionado pela mídia sobre sua posição ao controle de natalidade ele disse:

Não consigo imaginar algo mais enfaticamente que um assunto que não é uma atividade, função ou responsabilidade política ou governamental apropriada... Este governo terá, enquanto estou aqui, uma doutrina política positiva em seu programa que lida com o problema do controle de natalidade. Isso não é da nossa conta.³⁸⁴

A postura em diferenciar a esfera pública da privada é característica do seu governo; uma atitude semelhante à condenação dos Rosenberg quando ele poderia ter interferido na pena de morte ou no destino de Ethel Rosenberg, já que não existiam provas do envolvimento de Ethel no esquema de espionagem da bomba atômica. A indiferença de Eisenhower é evidenciada também no dia da morte do casal, em que ele planejava jogar uma partida de golfe; contudo, foi-lhe sugerido o cancelamento do evento por uma preservação da sua imagem³⁸⁵. É importante reiterar que, enquanto Eisenhower ansiava pelo retorno das partidas do seu esporte preferido, em um nível global, aconteciam manifestações direcionadas a ele pedindo clemência; manifestantes tinham a esperança de que ele impedisse a condenação do casal à cadeira elétrica. Na colagem, Sylvia Plath inseriu uma bola de golfe atrás do *Pionner V*, um objeto que, assim como o *B-58 hustler*, representa um dos maiores interesses de investimento público do governo de Eisenhower: os empreendimentos científicos armamentistas.

³⁸³ "He wrote privately to H. J. Porter of Planned Parenthood that the "alarming increase in illegitimate children" in this country by mothers seeking to increase their welfare benefits called for legislation to "take cognizance of this practice sooner or later. I agree with you that someday we might have to propose practical limitations through political channels" CRITCHLOW, D. T. Birth Control, Population Control, and Family Planning: An Overview. **Journal of Policy History**, v. 7, n. 1, jan. 1995, p.10.

³⁸⁴ "I cannot imagine anything more emphatically a subject that is not a proper political or governmental activity or function or responsibility.... This government willt, as long as I am here, have a positive political doctrine in its program that has to do with the problem of birth control. That's not our business" REED, James. Public Policy on Human Reproduction and the Historian. **Journal of Social History**, v. 18, n. 3, 1985, p.383.

³⁸⁵ Nas palavras de Clune: "Late on Friday, June 19, 1953—as word of the Rosenberg executions spread around the world—Eisenhower awaited Saturday on the golf course. The president had only been able to fit in four days of golf that June and he was eager to take advantage of the agreeable summer weather. Ike's public embrace of the game prompted golfing fever, which seized the country as Americans welcomed the distraction.¹ On this particular Friday, however, Sherman Adams consulted C. D. Jackson to see if Eisenhower should play. Jackson, worried how it would look to have the president enjoying eighteen holes so soon after the executions, replied "absolutely no." It would be five more days before White House staffers permitted the president to tee off again" CLUNE, 2016, p.129.

Figura 20 Pioneer V e a bola de golf



Fonte: Recorte produzido pela autora (2024) referente a imagem original em: PEEL, Robin. Body, Word, and Photograph: Sylvia Plath 's Cold War Collage and the Thalidomide scandal. **Journal Of American Studies**, v. 40, n. 1, p. 71-95, abr. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s0021875806000739> (Archive: Mortimer Rare Book Collection, Smith College, Northampton, Massachusetts)

Por fim, retomando o outro aspecto que coloca Esther Greenwood na contramão do regime emocional norte-americano, a negação à dedicação ao lar também é manifestada pelo ato de cozinhar. Isso não é introduzido diretamente, mas pela própria relação de Esther com a comida. Como discutido nos capítulos anteriores, a comida esteve na sociedade americana associada a emoções de satisfação. Isso pode ser verificado na relação exagerada que Esther tem com a comida durante toda a sua temporada de trabalho na revista. Ao descrever suas intensas refeições em eventos promovidos pela revista, Esther comenta: “Eu não sei o porquê, mas eu amo comida mais do que tudo. Não importa o quanto eu coma, eu nunca engordo. Com a observação de que tive o mesmo peso por dez anos”.³⁸⁶

Apesar disso, Esther não demonstrava apreço pela ideia de dedicar seu tempo no preparo das refeições. Ela comenta o desinteresse que tinha em aprender a cozinhar com sua mãe e sua avó. Na trama, essa constatação segue na descrição de um fluxo de pensamentos de Esther sobre suas inabilidades. Ela lembra que também não sabia datilografar, uma outra atividade que sua mãe insistia para que ela aprendesse. A mãe de Esther afirmava que a datilografia seria importante para que

³⁸⁶ PLATH, 2014, p.31.

ela pudesse ser solicitada a transcrever “centenas de cartas arrebatadoras” dos rapazes”³⁸⁷. Esther demonstra aversão à ideia de aprender a datilografia para ser submissa aos homens: “o problema é que eu odiava a ideia de ter de trabalhar para homens. Eu queria ditar minhas próprias cartas arrebatadoras.”³⁸⁸

No romance, esse é um momento em que os “fracassos” de Esther são intensificados. Todas essas constatações acontecem no momento em que Esther está conhecendo Constantin, um russo por meio da senhora Willard, mãe de Buddy Willard, seu possível pretendente. Nesse encontro com Constantin, ela repara a alta habilidade linguística do rapaz e de uma moça russa nas traduções simultâneas que ambos faziam. Nesse momento, ocorre a autodepreciação de Esther por se reconhecer boa em nada: “A única coisa que eu me destacava era ganhar bolsas de estudo e prêmios, e aquele tempo estava chegando ao fim”.³⁸⁹

Constantin convida Esther para jantar em um restaurante que tinha a comida preferida de Esther. Após o jantar, Constantin a convida para ir ao apartamento dele. Ela aceita o convite na intenção de ter relações sexuais com Constantin como “vingança” a Buddy Willard, já que, naquele momento, Esther se via decepcionada com Buddy Willard: ele havia omitido que teve relações sexuais com outra pessoa. A virgindade da mulher era algo que Esther questionava desde então: ela acreditava ser injusta a cobrança da virgindade da mulher, tendo em vista que Buddy Willard não se preservou a ela da mesma forma que a sociedade esperava essa atitude dela para com ele. A chegada ao apartamento de Constantin não resultou no ato sexual; eles apenas dormiram juntos:

Fiquei inclinada por alguns minutos, estudando-o. Tentei imaginar como seria se Constantin fosse meu marido.

Eu acordaria às sete, faria ovos, bacon, torradas e café, vaga riria pela casa de camisola e bobes na cabeça depois que ele saísse para o trabalho, lavaria os pratos, faria a cama, e quando ele voltasse depois de um dia fascinante e cheio de emoções, a comida estaria na mesa e eu passaria a noite lavando ainda mais pratos sujos até desabar na cama, completamente exausta. Parecia uma vida melancólica e desperdiçada para uma garota com quinze anos seguidos de notas A, mas eu sabia que os casamentos eram assim, porque cozinhar, limpar e lavar era tudo o que a mãe de Buddy Willard fazia, e olha que ela era casada com um professor universitário e tinha dado aulas numa escola particular.³⁹⁰

³⁸⁷ PLATH, 2014, p.87.

³⁸⁸ *Ibid*, p.87.

³⁸⁹ *Ibid*, p.88.

³⁹⁰ PLATH, 2014, p.96.

As imagens das revistas que mostravam mulheres felizes preparando refeições em cozinhas modernas e esteticamente coloridas não foram capazes de moldar Esther Greenwood no regime emocional da “alegria de cozinhar”. Ao contrário de Ethel Rosenberg, que, pela fotografia na cozinha, buscou se enquadrar no regime emocional norte-americano para tentar salvar a si mesma das acusações de espionagem, Esther Greenwood não tenta se encaixar no sistema emocional da “alegria de cozinhar”. O que pode ser concluído desta seção é que Esther tinha uma ambição profissional que seria completamente abafada pelos afazeres domésticos ou pelos “bebês carecas, bebês cor de chocolate, bebês com a cara do Eisenhower, bebês rolando pela primeira vez, bebês procurando por chocalhos, bebês comendo a primeira colherada de alimento sólido”³⁹¹. A perspectiva que Esther tem de viver em exaustão por se imaginar preparando refeições para um marido está conectada aos capítulos anteriores desta tese, em que falei sobre quando Sylvia Plath menciona o medo da perda de energia criativa devido à dedicação ao homem.

Dito isso, apesar de Esther não ter a maternidade e o casamento entre seus desejos de consumo, isto é, desejos que são parte do regime emocional norte-americano da Guerra Fria, existe um “custo” emocional para aqueles que vão na contramão de um sistema emocional. No capítulo teórico em que apresentei os conceitos de Reddy, foi mencionado que existe um manejo emocional que os indivíduos fazem para se adaptar às emoções dos Regimes Emocionais. Quando um regime emocional é intenso em cobrar a adesão a essas emoções, cria-se o sofrimento emocional. Dessa forma, os historiadores, ao verificarem o sofrimento emocional em um sistema político, precisam perguntar “quem sofre?”. Diante das várias formas artísticas pelas quais Sylvia Plath trouxe problemas do contexto da Guerra Fria e de um passado recente, como o Holocausto, em *A Redoma de Vidro* o que percebo é sua tentativa de denunciar não somente um sistema emocional “vazio” em torno do consumismo ou da dedicação das mulheres ao casamento, mas também o adoecimento psíquico que algumas mulheres sofreram ao não se enquadrarem no *status quo*. Esse adoecimento mental das mulheres está presente na colagem de Sylvia Plath no canto inferior direito.

Isto exposto, na última sessão deste capítulo, busco falar situar o tratamento (ou punição) dos transtornos psicológicos experienciados por Esther Greenwood. A

³⁹¹ PLATH, 2014, p.248.

depressão de Esther Greenwood, que também foi uma vivência de Sylvia Plath, foi tratada pela eletrochoqueterapia (ECT), uma experiência considerada traumática para ambas.

5.2 “FIQUEI ME PERGUNTANDO O QUE É QUE EU TINHA FEITO DE TÃO TERRÍVEL”: O TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO POR ELETROCHOQUE TERAPIA NA REDOMA DE VIDRO E NA REVISTA COSMOPOLITAN

A história de Esther Greenwood apresenta uma progressiva falta de habilidade para realizar atividades corriqueiras. Nos últimos dias de trabalho na revista, Esther já se via em um completo esgotamento mental. Ela já não lavava as roupas e tinha perdido a capacidade de escrever:

Estava ficando cada vez mais difícil decidir fazer as coisas naqueles últimos dias. E quando eu finalmente decidia fazer algo, como arrumar minhas malas, eu só conseguia arrancar minhas roupas caras e encardidas das cômodas e dos armários, espalhá-las sobre a cama, as cadeiras e o chão, sentar e ficar olhando para elas, absolutamente perplexa. As roupas pareciam ter uma identidade própria, independente e obstinada, que se recusava a ser lavada, dobrada e guardada.³⁹²

Esse trecho se refere à última noite de Esther em Nova York. Na ocasião Dooren, sua melhor amiga, tinha convidado Esther para ir a uma festa. Após quase ter sido estuprada por Marco, um amigo do homem com quem Dooren estava se relacionando, Esther retorna para o hotel e joga todas suas roupas pela janela. No dia seguinte, ela estava preparada para voltar para casa com as malas vazias e no aguardo para ver sua mãe. O retorno de Esther à casa da mãe evidencia cada dia mais sua depressão, tornando-se pior após a recusa de inscrição em um curso de ficção. Depois de um tempo, Esther já não conseguia mais trocar de roupas nem ler os livros da faculdade; então, ela procura ajuda psiquiátrica para tentar recuperar o que era antes. Na consulta com Dr. Gordon, ela relata que não conseguia mais dormir, ler e escrever. O valor da consulta de Dr. Gordon preocupa a mãe de Esther logo após ela relatar que o Dr. Gordon gostaria de vê-la novamente na semana seguinte. É nesse novo encontro que Esther é apresentada à terapia de choque:

O Dr. Gordon colocou duas placas de metal nas minhas têmporas, prendeu-as com uma tira que apertava a minha testa, e me deu um fio para morder.
Fechei os olhos.

³⁹² PLATH, 2014, p.118.

Houve um breve silêncio, como uma respiração suspensa. Então alguma coisa dobrou-se sobre mim e me dominou e me sacudiu como se o mundo estivesse acabando. Ouvi um guincho, iii-ii-ii-ii, o ar tomado por uma cintilação azulada, e a cada clarão algo me agitava e moía e eu achava que meus ossos se quebrariam e a seiva jorraria de mim como uma planta partida ao meio. Fiquei me perguntando o que é que eu tinha feito de tão terrível.³⁹³

Nessa passagem, há uma dualidade: o eletrochoque como tratamento para uma “cura” ou o eletrochoque como uma punição? Para Esther, era uma punição. “Fiquei me perguntando o que é que eu tinha feito de tão terrível” é uma dúvida que se aproxima à identificação inicial aos Rosenberg. Dito isso, penso que a personagem se vê semelhante aos Rosenbergs, especialmente à Ethel Rosenberg, a partir da experiência de ser “queimada viva até os nervos”; talvez, Esther se perceba como uma mulher que caminha do lado oposto dos trilhos da ideologia americana, que, por meio dos Rosenberg, mostrou ao mundo como seriam tratados aqueles que estão politicamente do lado oposto. Aqui, a eletricidade e a nuclearidade se conectam, pois, embora a eletrocussão de Esther não tenha ocorrido por uma condição criminal, funcionou, para ela, como um “castigo” por não se enquadrar enquanto uma pessoa “normal” na sociedade. Além disso, foi nesse contexto que o eletrochoque teve seu ápice de aplicação em pacientes internados em clínicas psiquiátricas, sendo o maior índice de aplicações em mulheres que não obedeciam às normas de gênero.³⁹⁴

Dessa forma, penso que a sensibilização de Esther com a execução dos Rosenberg acontece por uma identificação. Quando me refiro à identificação, não significa a identidade do casal em si, mas um fato que, no início do romance, não está explícito e que só é revelado adiante na narrativa: a experiência de ser eletrocutada. O laço que Esther estabeleceu com os Rosenberg só é plenamente compreendido pelo leitor mais à frente, quando a personagem é submetida ao tratamento de eletrochoque. Sendo a narrativa de Esther uma retrospectiva, existe a possibilidade de que a identificação com os Rosenberg tenha sido uma associação feita após a experiência do tratamento. Penso que, na rememoração do passado, buscam-se associações com elementos históricos importantes e marcantes e, talvez por isso, Esther tenha procurado elementos que, naquele período, lembravam sua experiência traumática com o seu próprio “eletrocutador”, Dr. Gordon.

³⁹³ PLATH, 2014, p.161.

³⁹⁴ KNEELAND, Timothy W; WARREN, Carol A.B. **Pushbutton Psychiatry**. Walnut Creek: Left Coast Press, 2008.

Embora essa visão punitiva dos tratamentos psiquiátricos seja um assunto muito bem debatido — especialmente na visão de Foucault sobre o controle dos corpos³⁹⁵ —, em *A Redoma de Vidro*, Sylvia Plath nos apresenta o sucesso desse controle. Se, no princípio, Esther Greenwood não queria se submeter à vida de ser mãe e casada com Buddy Willard para viver seu sonho de ser uma escritora, após o tratamento psiquiátrico, ela se entrega a esse destino³⁹⁶. Embora o tratamento não tenha sido concluído por Dr. Gordon e sim pela Dra. Nolan, em ambos os casos temos uma vitória do patriarcado sobre a recuperação de Esther. Nesse ponto, o que o romance denuncia são as diferentes formas de tratamento psiquiátrico pela administração do eletrochoque. O Dr. Gordon, em nenhum momento, buscou ouvi-la com atenção para, então, traçar um diagnóstico; ele sequer se preocupa com a queixa de Esther, que é a repentina incapacidade de escrever e dormir. A única preocupação do Dr. Gordon era que ela voltasse a cuidar da sua aparência visual e higiene íntima. A preocupação do Dr. Gordon pode ser novamente conduzida à colagem: os homens de visual mundano estão mirando uma mulher que deveria servir como vitrine da nação, sendo o consumo em torno do embelezamento feminino a lógica de que essa feminilidade deve agradar ao olhar do outro — tal como mencionado sobre a *pin-up* no pedestal. Já Dra. Nolan tem um cuidado diferente com Esther: é um cuidado um pouco mais humanizado, mas ainda utiliza o eletrochoque como via de recuperação do estado mental de Esther.

A presença do eletrochoque nas escrituras de Sylvia Plath vai para além de *A Redoma de Vidro*. No conto “Johnny Panic e a bíblia dos sonhos”, ela traz a mesma caracterização da máquina de eletrochoque presente no romance. Ainda que seja de conhecimento dos biógrafos que Sylvia Plath teve uma experiência traumática com o eletrochoque, transpondo a experiência real para a ficção, acredito que ela foi além dessa intenção. Penso que ela estava evidenciando alguns aspectos, tais como: i) um específico tipo de tratamento de eletrochoque que foi concebido apenas no período da Guerra Fria, o eletrochoque sem anestesia; ii) o fascínio americano com a eletricidade, sendo não apenas materializado no tratamento psiquiátrico, mas também

³⁹⁵ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1997.

³⁹⁶ No romance não existe indício de que Esther casou-se com alguém, apenas existe a menção a maternidade. Isto fica evidente quando ao iniciar o relato de sua história, ela diz que ainda usa os kits de maquiagem que ganhou e empresta a estrela-do-mar da caixinha de óculos para o bebê brincar: “Uso os batons de vez em quando, e na semana passada tirei a estrela-do-mar da caixa de óculos e dei para o bebê brincar.” PLATH, 2014, p.8.

na forma de condenação à morte (como no caso dos Rosenberg); e iii) uma crítica a uma propaganda positiva do tratamento de eletrochoque.

A materialização da eletricidade por meio de uma máquina de eletrochoque é explicada pelos historiadores como um fascínio americano. Esse entusiasmo em torno da eletricidade foi transposto para o campo da Medicina e para a cultura popular após a Revolução Industrial na Europa e, posteriormente, na América do Norte. Segundo Timothy Kneeland e Carol Warren, no século XIX, o termo “eletroterapêutica” era a terminologia médica que refletia o deslumbre em torno da eletricidade. Dois médicos naquela época exclamaram as seguintes frases: “Estamos vivendo em uma era elétrica!”³⁹⁷ e “A era em que vivemos pode, com certa propriedade, ser chamada de era da eletricidade!”³⁹⁸. Embora a Guerra Fria corresponda à Era Nuclear, sendo a bomba atômica a “obsessão” do imaginário popular norte-americano, a eletricidade permaneceu presente nessa cultura.

A eletrochoqueterapia foi adotada mesmo sendo um tratamento sem embasamentos científicos consistentes sobre o resultado de melhora das pessoas. Seu ápice de aplicação foi entre 1940 e 1960 nos Estados Unidos, passando por diversas reformulações de voltagem e frequência de aplicações nos pacientes em internação psiquiátrica. Essas diferentes formas de aplicação correspondiam às decisões individuais de cada médico sobre o entendimento dos resultados do eletrochoque³⁹⁹. Entre os diferentes métodos⁴⁰⁰, o mais comum era o eletrochoque regressivo, o qual envolvia tratamentos diários e intensivos: “a terapia baseava-se na teoria ingênua de que, se um paciente neurótico regredisse a um estado infantil, sua personalidade poderia ser reestruturada por meio de técnicas psicanalíticas à medida que ele voltasse gradualmente ao normal”.

O tratamento regressivo requeria um relacionamento entre paciente e médico, em que o eletrochoque seria capaz de facilitar a transferência do paciente para o médico. É a partir dessa abertura de transferência que aconteceria a atuação

³⁹⁷ “We are living in an electrical age” KNEELAND; WARREN, 2008, p.18.

³⁹⁸ “The age in which we are living may, with a certain propriety, be called the age of electricity” KNEELAND; WARREN, *loc.cit.*

³⁹⁹ KNEELAND; WARREN, 2008.

⁴⁰⁰ Segundo Paulo Guedes e Enio Arnt, as formas de aplicação variavam entre técnica “glissando” que correspondia a “corrente progressivamente aumentada num tempo de 6 a 8/10 de segundo, até atingir a energia completa da corrente selecionada” e a Múltipla monitorada, “na qual múltiplas convulsões em vez de uma única convulsão são induzidas durante o coma”. GUEDES, Paulo; ARNT, Enio. Eletrochoqueterapia. *In: ANAIS DA FACULDADE DE MEDICINA DE PORTO ALEGRE*, Porto Alegre, 1958, p. 94.

terapêutica do psiquiatra em reestruturar o quadro emocional da pessoa. Essa atuação acontecia por meio da construção de um relacionamento entre o analista e analisando. A construção afetiva desse relacionamento não se estendia apenas ao psicanalista ou psiquiatra: todo ambiente deveria ser modulado para reconstrução da pessoa em tratamento. Por essa razão, recomendava-se, nas clínicas psiquiátricas, a presença de enfermeiras com seios grandes, pois “quando o paciente saísse de seu coma semelhante à morte”⁴⁰¹, isto é, da experiência sensorial que o eletrochoque provoca, os pacientes seriam recebidos no “renascimento” com uma visão “convidativamente maternal” evocada pelos seios grandes das enfermeiras.⁴⁰²

Em *A Redoma de Vidro*, algo semelhante acontece com Esther Greenwood logo após a primeira sessão de eletrochoque com Dr. Gordon: “cada clarão algo me agitava e moía e eu achava que meus ossos se quebrariam e a seiva jorraria de mim como uma planta partida ao meio.”⁴⁰³ Como dito anteriormente, no contexto da Guerra Fria, o eletrochoque era uma experiência dolorosa, pois não havia administração de sedativos. A aplicação dos sedativos não só evitava a experiência dolorosa do choque como também protegia o corpo de lesões, e há muitos casos de pessoas que morreram porque as lesões no corpo foram múltiplas. Apesar disso, o eletrochoque se tornou o tratamento de preferência em relação a outras terapias, pois as outras terapias eram administradas em injeções intravenosas, algo que, repetidas vezes, tornava-se mais doloroso que o eletrochoque.

Apesar disso, o eletrochoque não eliminava a decisão dos médicos de combiná-lo com outros tratamentos. Cada médico tinha um estudo e uma interpretação sobre a efetividade das diferentes técnicas e da intensidade das técnicas a serem aplicadas. Nesse caso, era comum ocorrer sessões de eletrochoque combinadas com sub-choque elétrico e choque de insulina. Na visão científica da época, as pessoas diagnosticadas com “esquizofrenia involutiva, depressiva, maníaco-depressiva, psiconeurótica, paranoica [*sic*], pós-parto, alcoólica e arteriosclerótica⁴⁰⁴” tinham uma melhora após as sessões de eletrochoque. Por outro lado, existiam administrações de eletrochoque punitivas, geralmente voltadas a mulheres lésbicas, mulheres casadas

⁴⁰¹ “when the patient came out of his death-like coma”. KNEELAND; WARREN, 2008, p. 56.

⁴⁰² Frase completa, em inglês: “One unit went so far as to recommend nurses with big breasts so that when the patient came out of his death-like coma, he or she was greeted on rebirth with this invitingly maternal sight” KNEELAND; WARREN, *loc.cit.*

⁴⁰³ PLATH, 2014, p.161.

⁴⁰⁴ “schizophrenia, involutinal, depressive, manic-depressive, psychoneurotic, paranoic [*sic*], postpartum, alcoholic, and arteriosclerotic” KNEELAND; WARREN, 2008, p.55.

que tinham problemas no relacionamento, mulheres que não cumpriam as funções do lar e mulheres que não conseguiam viver a maternidade.⁴⁰⁵

Nessa direção, ao transpor sua experiência traumática para a ficção, Sylvia Plath o fez sob a luz de uma discussão contemporânea sobre os usos do eletrochoque. Nos diários de Sylvia Plath, está presente o momento em que ela decidiu escrever o romance a partir da perspectiva da saúde mental das mulheres:

Li COSMOPOLITAN de ponta a ponta. Dois artigos sobre saúde mental. Preciso escrever a respeito do suicídio da universitária. THE DAY I DIED. E um conto, talvez um romance. Preciso sair do ATOLEIRO. Há um mercado cada vez maior para temas ligados a hospícios. Seria tola se não revivesse, recriasse meu caso.⁴⁰⁶

Na versão dos diários em inglês⁴⁰⁷, “atoleiro” significa *Snake Pit*; provavelmente, Sylvia Plath está se referindo ao livro que leva esse nome. Tanto o livro⁴⁰⁸ quanto o filme retratam o terror das internações psiquiátricas. No filme *Snake Pit*⁴⁰⁹, a personagem principal, Virginia Cunningham, passa por uma internação psiquiátrica que foi autorizada pelo marido. Na clínica, ela é submetida a sessões de eletrochoque com Dr. Kik. Na Figura 19, é possível verificar a ênfase da cena à máquina do eletrochoque, algo muito semelhante a como Sylvia Plath descreve a máquina no conto “Johnny panic e a bíblia dos sonhos”. Acredito que é a descrição desesperada de Esther Greenwood que se assemelha à descrição de Virginia Cunningham:

Figura 21 Cena da sessão de eletrochoque no filme *Snake Pit*

⁴⁰⁵ KNEELAND; WARREN, 2008.

⁴⁰⁶ PLATH; KUKIL, 2017 p. 571.

⁴⁰⁷ “Read COSMOPOLITAN from cover to cover. Two mental-health articles. I must write one about a college girl suicide. THE DAY I DIED. And a story, a novel even. Must get out SNAKE PIT. There is an increasing market for mental-hospital stuff. I am a fool if I don’t relive, recreate it.” PLATH, Sylvia; KUKIL, Karen V. (org.). **The Journals of Sylvia Plath 1950-1962**. London: Faber & Faber, 2000, p. 495.

⁴⁰⁸ WARD, Mary Jane. **Snake Pit**. New York: Library Of America, 2021.

⁴⁰⁹ The Snake Pit [feature film] Dir. Anatole Litvak. Twentieth Century Fox, USA, 1948. 108mins.



Fonte: MOVIES ALA MARK. **The Snake Pit**. Disponível em: <https://moviesalamark.com/2018/02/15/the-snake-pit/>. Acesso em: 27 out. 2023.

Como já mencionado na introdução da presente tese, a aquisição da revista *Cosmopolitan* mencionada por Sylvia Plath permitiu que ela conhecesse os conteúdos de artigos sobre saúde mental. Os artigos são *Psychiatry and beauty*⁴¹⁰, de Eugene D. Fleming, e *I Was Afraid to Be a Woman*, de Patrícia Blake.

O segundo artigo, que em português é “Eu estava com medo de ser uma mulher”, desvela, em seis páginas, a história de Patrícia Blake após sua recuperação da depressão por meio da psicoterapia. A chamada para o texto inicia assim: “Aos trinta e dois anos, ‘felizmente’ casada, com quatro filhos lindos, por que uma mulher sentiria uma compulsão de se matar? Aqui está a história da perplexidade e angústia oculta que atinge incontáveis maridos e esposas”.

⁴¹⁰ O artigo que em português é “Psiquiatria e beleza” fala sobre a manutenção da beleza para cura da depressão. No artigo os psiquiatras falam sobre a importância do cuidado interno (emoções) e cuidado externo (beleza). Dessa forma, o artigo incentiva o consumo de roupas novas e idas aos salões de beleza para melhora da saúde mental das mulheres com depressão.

Blake relata que, durante a juventude, idealizava o casamento, época que iniciou um namoro durante o Ensino Médio e, após ingressar na universidade, decidiu se casar com seu namorado. Esse período foi cheio de “imaturidades” em relação à educação econômica e um período difícil do relacionamento. Nessa época, seu marido tinha retornado com comportamentos de uso excessivo de bebida e violência sexual contra ela. Em um esforço para mudar a situação, Blake buscou agradá-lo na expectativa fazê-lo ser o que era antes da guerra. Sem sucesso e insistindo em resgatar o seu marido, Blake foi acometida por uma exaustão física e emocional: ela não conseguia mais cuidar da casa nem dos filhos, além de ter comprometido sua profissão como escritora de revistas.

Diante dessa situação, Blake procura um psiquiatra e marca sessões 2 vezes na semana. Blake considera os primeiros encontros um fracasso, porque ela não foi “sincera” sobre seus problemas. Blake desiste do tratamento e busca o médico da família. Novamente, ela não encontra uma cura para seu estado mental e é desvalidada pelo médico após ele considerar seu sofrimento menor em comparação a pessoas com problemas de saúde considerados graves. Nas palavras do médico: “Tenho pacientes sem motivos para viver e com uma doença incurável que estão lutando – lutando por uma chance de viver. Vá para casa e se recomponha”.⁴¹¹

Após isso, Blake pensa em se matar e a família busca outro psiquiatra. Na consulta com o novo médico e dessa vez acompanhada do marido, o psiquiatra concluiu que seria aconselhável a internação de Blake em uma clínica psiquiátrica. Durante o tratamento na clínica, o médico buscou saber detalhes sobre como Blake estava planejando cometer suicídio. Blake diz não ter refletido sobre isso porque ela desejava a morte sem pensar na forma de execução do suicídio. Além disso, os sonhos de Blake foram questionados pelo médico: “ele tinha um grande livro nas mãos e tive a impressão de que ele iria olhar dentro dele. Encontrar o capítulo sobre qualquer que seja o meu sonho e basear seu diagnóstico nisso”.⁴¹²

A atitude do médico fez Blake julgá-lo como um impostor e, no dia seguinte, ela disse: “Você nunca poderia me fazer bem”⁴¹³. Blake solicitou sua retirada da

⁴¹¹“You,” he boomed. “With four beautiful children and abundant health. Oh, sweetie, don't make me sick. Why I've got patients with nothing to live for and an incurable disease who are fighting for a chance to live. You go on home and pull yourself together”. BLAKE, Patricia. *I was afraid to be a woman. Cosmopolitan*, June, 1959, p.58.

⁴¹² “He had a big book in his hands, and I had an idea that he was going to look inside it, find the chapter on whatever my dream was and base his diagnosis on this.” BLAKE, *loc.cit.*

⁴¹³ “You could never make me well,” BLAKE, *loc.cit.*

internação psiquiátrica e buscou um novo profissional. Com o novo psiquiatra, o processo terapêutico lhe deu uma sensação de acolhimento, como se o médico a estivesse escutando de verdade. Após três sessões, ela perguntou ao médico: “É possível que a causa da minha doença seja um dilema filosófico?”. “Claro”, disse ele, “Qual é o seu dilema?”. Blake respondeu: “Não consigo ver sentido na vida. Eu costumava pensar que o amor dava sentido à vida, mas isso foi há muito tempo. Você acha que a vida tem algum sentido?”⁴¹⁴. O conteúdo dessa conversa resultou em uma nova internação psiquiátrica que durou 2 meses. Durante a estadia na nova clínica, Blake concluiu que as sessões com o psiquiatra não seriam suficientes para sua melhora:

Minhas tensões eram tão grandes e minhas dificuldades reais tão inacessíveis à minha mente consciente que, após algumas semanas de discussões infrutíferas limitadas aos meus sintomas desconfortáveis, foi decidido que eu receberia uma série de tratamentos de choque. Essas experiências, embora não sejam as mais agradáveis, não foram tão horríveis quanto eu imaginara, e o alívio que elas me proporcionaram foi quase inacreditável. Eu me senti relaxada pela primeira vez em anos. Depois que a série terminou, lembro-me de ter dito à minha enfermeira favorita, uma ex-oficial do Exército reservada e sábia: “Eu me sinto tão bem. Não consigo imaginar o que me trouxe aqui”.⁴¹⁵

O tratamento psiquiátrico buscou reduzir a excessiva “performance” da mulher perfeita de Blake. Na clínica, o psiquiatra pede para que Blake abandone a posição de boa paciente no convívio com as enfermeiras, enfatizando que, naquele espaço, ela estava segura para ser autêntica. Enquanto Blake estava internada, seu marido iniciou um relacionamento extraconjugal com uma amiga de ambos. Blake teve conhecimento do ocorrido após o retorno para casa. Na psicoterapia, o médico propôs buscar quebrar a mulher “boa demais” de Blake no convívio com o marido, pois Blake

⁴¹⁴ “When I spoke to the doctor again said, “Is it possible that the cause of my illness is a philosophical dilemma?” “Of course,” he said. “What is your dilemma?” I told him, “I can see no meaning in life. I used to think that love gave life meaning, but that was a long time ago. Do you think that life has any meaning?” BLAKE, 1959, p.59.

⁴¹⁵ “My tensions were so great and my real difficulties so inaccessible to my conscious mind that-after a few weeks of fruitless discussions limited to my uncomfortable symptoms-it was decided that I be given a series of shock treatments. These, while not the pleasantest experiences, were not nearly as gruesome as I had imagined, and the relief they gave me was almost unbelievable. I felt relaxed for the first time in years. After the series was finished I remember saying to my favorite nurse, a spare, wise ex-Army officer, “I feel so well. I can’t imagine what brought me here.” BLAKE, *loc.cit*

não reagiu de forma negativa à descoberta do relacionamento extraconjugal do marido. Após um longo período de reflexão, Blake se decidiu pela separação.

Sozinha, Blake começou a retomar a rotina, já conseguia cuidar do lar e das crianças e retomou a escrita na revista que trabalhava anteriormente. A história de Blake é concluída com o reconhecimento de que a recuperação de sua saúde mental ocorreu por meio do eletrochoque e da psicoterapia com psiquiatra. Após um tempo de melhora, Blake recebeu um telefonema do seu ex-marido pedindo para reatar o casamento. Após conversarem, eles retomaram o relacionamento com maior qualidade de vida. A história de Blake na revista *Cosmopolitan* conclui que ela era a única responsável pela sua saúde mental.

O que identifico nessa reportagem é a responsabilização da mulher pelo cuidado de si mesma, ainda que sofra abusos sexuais e seja afetivamente abandonada pelo marido em um momento que precisava ser cuidada. Ainda que o regime emocional da completude e da felicidade por meio da manutenção da família tenha resultado em um esgotamento mental de Blake, ela era a única responsável por se deixar ser “sugada” por esse ambiente.

No caso de Blake, temos uma mulher que acreditou que viver no subúrbio, ser casada e ter filhos seria a fórmula para uma vida ser perfeita. Nas conversas com o último psiquiatra, Blake diz que não estava sendo uma pessoa autêntica com suas próprias emoções: ela passou muito tempo fingindo ter um casamento perfeito porque queria provar para sua família que ela tinha alcançado o sucesso. Foi fingindo para si mesma que tinha o “amor perfeito” ao lado de um “homem perfeito” que Blake ignorou os problemas do relacionamento.

Na teoria das emoções que apresento nesta tese, os emotivos são atos de fala, descrições “amor perfeito” ou “marido perfeito” que são acompanhadas de ações. Blake agiu a partir dessas descrições pela constante tentativa de agradar o marido, sempre estar disposta a fazer todos os serviços domésticos sozinha, vestir-se de uma determinada maneira para agradá-lo e não questionar qualquer atitude errada do marido. Como mencionado anteriormente, existe um custo emocional quando se quer viver dentro do regime emocional vigente — ainda que seja uma experiência dolorosa e fira algum aspecto individual.

O adoecimento psíquico das mulheres foi foco da edição especial da revista *Cosmopolitan* de 1959, provavelmente porque os casos de mulheres depressivas e infelizes com suas vidas dedicadas ao lar estivessem aumentando. Elaine May indica

que a década de 1950 teve o maior índice de separações entre casais; uma realidade que a autora diz ser contraditória para um sistema que via a família como algo a ser preservado acima de tudo. Acredito que o artigo de Patrícia Blake mostra que o regime emocional norte-americano baseado na felicidade pelo casamento foi insuficiente, sendo necessária a valorização da individualidade ou a busca do próprio *self* para manutenção dos relacionamentos. Identifico que, a partir dessa valorização do *self*, está explícita na história de Blake uma “propaganda” da psicoterapia e do eletrochoque. Acredito que, em *A Redoma de Vidro*, Sylvia Plath tenha buscado mostrar que essa propaganda positiva sobre o eletrochoque não se aplica como uma “cura” total. *A Redoma de Vidro* não informa o final de Esther: a história se encerra com ela encontrando os médicos para ser avaliada sobre a possibilidade de sair da clínica. Apesar do sucesso do tratamento, para Esther, o futuro era incerto: “Sempre imaginei que no dia da minha saída eu estaria segura e consciente de tudo o que viria pela frente — afinal de contas, eu havia sido ‘analisada’. Tudo o que eu via diante de mim, no entanto, eram pontos de interrogação.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Duas problemáticas foram lançadas na presente tese: I) De que forma a arte de Sylvia Plath pode ser lida numa perspectiva histórica da Guerra Fria? II) Como as emoções desenvolvidas na arte de Sylvia Plath podem ser lidas dentro da Guerra Fria?

Para responder a essas questões, primeiramente, situei quem é Sylvia Plath. Logo, no capítulo “O mito de Sylvia Plath: construção da pesquisa”, construí uma breve trajetória da vida da artista. O título do capítulo evidencia a construção do “mito de Sylvia Plath” em razão da complexa construção biográfica da artista. A morte por suicídio foi um aspecto determinante nas pesquisas desenvolvidas em torno de sua obra. Dessa forma, a discussão em torno da manipulação arquivística e artística da obra de Sylvia Plath teve como objetivo reiterar a necessidade de ultrapassar leituras psicologizantes que a definem como “depressiva” ou suicida. Também procurei evidenciar que interpretar a arte de Sylvia Plath como um espelho dos acontecimentos da vida é diminuir a capacidade artística que ela construiu em sua trajetória como graduada e mestre em Letras.

Isso exposto, a fim de sustentar a importância de desenvolver uma leitura contextual e histórica sobre a obra de Sylvia Plath, a revisão bibliográfica de teses, dissertações e monografias foram apresentadas a partir de palavras-chaves que tinham alguma correlação com minha proposta. Acredito que a revisão bibliográfica apresentada não somente sustenta a relevância da tese devido à falta de pesquisas sobre a Guerra Fria na obra de Sylvia Plath como poderá ser útil para futuros pesquisadores em suas respectivas revisões bibliográficas nas abordagens escolhidas. Nessa direção, a revisão dos artigos científicos que buscaram ler Sylvia Plath pelo aspecto histórico da Guerra Fria teve o intuito de reforçar ainda mais a tese desenvolvida. A apresentação desses textos mostra minha contribuição para compreender o diálogo artístico de Sylvia Plath com seu próprio tempo.

A partir do enfoque da Guerra Fria na obra de Sylvia Plath, busquei apresentar o arcabouço teórico para feitura da tese. As emoções como categoria de análise da obra de Sylvia Plath na Guerra Fria foi, sem dúvidas, o maior desafio para construção desta tese. Como exposto no subcapítulo teórico, os historiadores não são capazes de capturar as emoções, pois a emoção é algo que acontece em um tempo curto e foge de nossa capacidade de leitura no momento que foi sentido. O que conseguimos

acessar é apenas o que foi descrito sobre as emoções sentidas. Assim sendo, amparada na teoria de William Reddy, concordei com o autor nas proposições de que os historiadores têm acesso apenas às tentativas de tradução das emoções materializadas na linguagem. Essas tentativas podem ser bem-sucedidas ou mal sucedidas, porque é no complexo uso de palavras, imagens, expressões corporais, cores e sons que exploramos as diferentes formas de comunicar a emoção sentida.

Penso, portanto, que a arte é uma das linguagens capazes de traduzir as emoções de maneiras muito distintas. Por meio de cores, sons, movimentos do corpo e texturas explora-se a capacidade de traduzir o que é sentido e se fazer sentir pela arte. Dessa forma, Sylvia Plath utiliza muitos artifícios literários e imagéticos em seus contos, poesias e em *A Redoma de Vidro* para comunicar não somente suas experiências emocionais, mas também as vividas por outras pessoas. Seus textos julgados como perturbadoras e pesados não eram somente dela, mas também dos problemas maiores da sociedade.

Sendo assim, na tese, busquei explorar a arte de Sylvia Plath para além do aspecto biográfico. A ressonância das emoções normativas dos sistemas políticos vigentes (Regimes Emocionais) foi delineada ao longo da tese. Com isso, quero dizer que as emoções e os Regimes Emocionais da Guerra Fria na obra de Sylvia Plath foram visualizados por meio de escrituras (cartas, diários, contos e romance) juntamente com a colagem antimilitar, fonte escolhida como fio condutor para desenvolvimento da tese.

No capítulo “Não vejo como alguém pode acreditar que a bomba atômica nos curaria dos males: o medo da energia nuclear nas escrituras de Sylvia Plath”, foi apresentado o panorama político da Guerra Fria em torno da energia nuclear, algo que, imagetivamente, está representado nas armas nucleares e nos homens ao fundo da imagem. A nuclearidade — forma como a presença da energia nuclear é lida pelos sistemas políticos e experienciada em cada nação, grupos sociais e gênero — é compreendida por meio de trechos dos diários e das cartas de Sylvia Plath. Dessa forma, nas escrituras de Sylvia Plath, as expressões emocionais de medo da energia nuclear são a forma como ela experienciou a energia nuclear quando residia nos Estados Unidos.

A partir disso, amparada pela bibliografia, situo os aspectos históricos dos investimentos tecnológicos americanos em testes nucleares, as atitudes políticas que engendraram o medo da aniquilação pela explosão da bomba atômica e a fascinação

refletida no turismo aos testes nucleares de Nevada. O subtítulo “O novo visual mundano do caso do bico grampeado da águia: espionagem e a mulher sob a mira da energia nuclear” teve o propósito de prosseguir na contextualização das emoções de Sylvia Plath sobre os empreendimentos tecnológicos nucleares. Amarrando os elementos anteriormente apresentados à frase da colagem “O novo visual mundano do caso do bico grampeado da águia”, evidencio o vazamento de informações confidenciais das inovações nucleares.

Dessa forma, interpretei que, na colagem, a tecnologia está representada pelo *B-58 Hustler* e pelo *Pioneer V*, ao passo que a espionagem está no “caso do bico grampeado da águia”. Nesse sentido, essa seção foi uma das partes mais desafiadoras da tese, pois fiz uma intensa pesquisa em torno desses objetos tecnológicos. Me debruçar sobre esses objetos foi de suma importância para compreender a relação entre o *B-58 Hustler* e o caso de espionagem soviética do “bico grampeado da águia”. A relação entre ambas está no medo existente de Estados Unidos e União Soviética quanto ao vazamento de importantes informações sobre as tecnologias nucleares que estavam sendo desenvolvidas em ambos os lados. Sendo assim, na colagem, o *B-58 Hustler* representa o símbolo da corrida armamentista tecnológica americana que foi desbancada pelos soviéticos quando eles derrubaram o *U-2*. Esses elementos discutidos no capítulo reforçam meus apontamentos sobre a forma como a energia nuclear afetou o contexto: nisso, é possível enxergar a construção do medo americano sobre a energia nuclear.

Por fim, esse aspecto tecnológico é estendido a outro ponto da colagem: a mulher sobre a mira do *B-58 Hustler*. Interpreto que existe uma contradição no fato de a mulher estar sob a mira do avião. Ela sobre o pedestal significa um ser venerado, contemplado como uma obra de arte, mas ao mesmo tempo está sob o risco de ser destruída pela energia nuclear. A estética da mulher escolhida por Sylvia Plath é oposta à estética original das propagandas de lingerie Rogers (referência onde ela recortou o pedestal). Interpretei a escolha de uma mulher sensual como uma tentativa de comunicar a dupla atitude política americana sobre o tratamento das mulheres na Guerra fria.

Essa dualidade é explorada nos capítulos seguintes por duas perspectivas: 1) a veneração representada pelo pedestal, correspondendo às normativas sociais de gênero que inculcavam às mulheres um estilo de vida e emoções que sustentavam as argumentações sobre o lugar social das mulheres de classe média branca; 2) a

aniquilação representada pela posição da mulher sob a mira do *B-58 hustler*, correspondendo às mulheres que não se adaptaram às expectativas sociais. Isto exposto, os capítulos seguintes tiveram a proposta de mostrar trechos de diários, cartas, contos e do romance de Sylvia Plath que exprimissem esses pontos levantados.

No capítulo “Percebo horrorizada que contemplo o sonho americano de casa e filhos: as emoções e os Emotivos da mulher ideal norte americana na Guerra Fria”, me aprofundo em trechos de diários e cartas que falam sobre as expectativas de gênero na mulher branca e de classe média. Nessa direção, o casamento de Sylvia Plath com Ted Hughes é mencionado como um acontecimento que lhe conscientiza do sonho “tradicional” de ser esposa e mãe, tal como está explicitado no título do capítulo. A performatividade de Sylvia Plath nos moldes tradicionais socialmente esperados são aprofundados a partir de trechos em que ela demonstrava satisfação no ato de cozinhar e saudosismo da cozinha moderna americana para o preparo das refeições.

O livro *The joy of cooking* é citado como leitura recorrente de Sylvia Plath, e identifiquei o conteúdo desse livro como parte das emoções socialmente esperadas das mulheres que cumpriam seu lugar social na Guerra Fria. Interpreto a “alegria” ou “prazer” de cozinhar como uma emoção construída para ratificar o espaço da mulher no lar, juntamente com as emoções de satisfação pelo consumo de cozinhas modernas norte-americanas. Na disputa ideológica contra a União Soviética, o discurso americano enfatizava um estilo de vida que prezava a facilidade das atividades das mulheres na cozinha. Dessa forma, a cozinha se tornou um produto de desejo de mulheres que performavam alegria/prazer de cozinhar. O conto intitulado “Caixinha de desejos” foi relacionado a esse capítulo devido à perspicácia de Sylvia Plath em criticar o regime emocional de satisfação da mulher dedicada ao lar. O adoecimento psíquico de Agnes e seu suicídio é uma denúncia sobre a insatisfação do *american way of life*, isto é, da promessa de satisfação e felicidade advinda do sucesso econômico e do casamento.

Por fim, no subtítulo “Como poderia manter Ted preso a uma mulher estéril? maternidade, nuclearidade e o *american way of life*”, levanto outros aspectos relacionados às normativas sociais de gênero das mulheres brancas de classe média. A maternidade era um elemento de repulsa nos diários de Sylvia Plath quando mais nova, tornando-se também indesejado durante os primeiros meses de casamento com

Ted. Contudo, a situação mudou com o diagnóstico de infertilidade. Nesse momento, existe um esvaziamento de si, pois ela se sente uma mulher insuficiente para Ted. Apesar disso, a reversão da infertilidade trouxe o nascimento de Frieda e uma rotina dedicada ao desenvolvimento da criança. Nesse ínterim, contextualizo o cuidado materno a partir do livro *Baby and Child Care*, de Dr. Benjamin Spock, um livro referência para o cuidado dos bebês recém-nascidos desde o início do século XX. Por meio de trechos das cartas de Sylvia Plath, identifiquei alguns elementos de cuidado materno proposto por Dr. Spock.

Sendo assim, o capítulo seguiu uma discussão bibliográfica sobre a educação das crianças e os valores da democracia. Explicito a responsabilidade emocional da família sobre a formação dos americanos: os desvios de conduta e caráter seriam consequência de uma má educação emocional proporcionada pelos pais. Os norte-americanos identificavam desvios de conduta numa perspectiva patologizante, em grande medida com denominações similares à visão patológica que tinham dos soviéticos (personalidades autoritárias e com condutas sexuais consideradas desviantes). Esse último aspecto não foi aprofundado na tese, mas está presente no livro *Madness in Cold War America*, de Alexander Dunst, cuja resenha é de minha autoria.⁴¹⁶

O conto “Docinho de coco e os homens da calha” encerra o capítulo com o objetivo de mostrar a interação entre uma mulher que seguiu as normativas sociais de gênero e outra que fugiu dessas expectativas. No conto, Myra Wardle representa a mulher que não seguiu as expectativas sociais de gênero, pois não é casada com um homem economicamente de “sucesso” e não tem filhos, ao passo que Cicely Franklin representa a mulher que seguiu as expectativas sociais por ser casada com um médico obstetra e ser mãe de duas filhas. O conto mostra a perspectiva interpretativa de Myra sobre as aparências mantidas por Cicely no tratamento com as crianças e a falta de criticidade à profissão do marido. O conto desvela que, apesar de famílias economicamente bem estruturadas, a conduta das crianças reflete a enganação nas aparências das famílias tradicionalmente formadas.

⁴¹⁶ MILAN, Leticia. P. Perspectivas histórico culturais da loucura na Guerra Fria (1945-1989). **Revista de História**, n. 180, p. 1-10, 2021. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2021.167449. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/167449>. Acesso em: 3 jan. 2024.

O supracitado capítulo teve o objetivo de discutir os aspectos emocionais da mulher ideal representada na colagem que apresentei na introdução da tese referente à mulher sob o pedestal. Dessa forma, o capítulo discute um apanhado de temas, como o casamento, o ato de cozinhar, a paixão pela cozinha moderna americana e a maternidade, a fim de delinear o regime emocional norte-americano exigido das mulheres de classe média branca. Os contos “Caixinha de desejos” e “Docinho de coco e os homens da calha” foram considerados na análise a fim mostrar que, por meio da Literatura, Sylvia Plath buscou colocar em “xeque” questões emocionais referentes ao sucesso e à satisfação pelo consumo, pelo casamento e pela maternidade. Embora o capítulo esteja inicialmente organizado pela aceitação de Sylvia Plath das emoções vigentes sobre maternidade, casamento e cozinha, o capítulo termina com sua crítica a esse sistema por meio dos contos. A satisfação de Sylvia Plath com o casamento, a maternidade e o amor pelas cozinhas não significa falta de criticidade ao sistema político e às relações de gênero do seu tempo. Acredito que os contos evidenciam o comprometimento artístico de Sylvia Plath em falar sobre questões maiores, considerando experiências que vão além de sua própria experiência pessoal.

De forma oposta, o capítulo “Era um verão estranho, sufocante, o verão que electrocutaram os Rosenberg: a claustrofóbica experiência da mulher na política dos ‘homens de visual mundano’” buscou explorar mulheres reais e fictícias que estavam em desacordo com o regime emocional vigente e com as expectativas sociais de gênero. O romance *A Redoma de Vidro* é discutido a partir da menção à condenação dos Rosenberg, julgados por terem sido os responsáveis pelo compartilhamento do protótipo da bomba atômica americana aos soviéticos.

Nesse sentido, foram expostas as diversas acusações ao casal referentes a Ethel Rosenberg, julgada pelos “homens de visual mundano” como a principal responsável pelo esquema de espionagem. O governo americano utilizou da imagem de Ethel Rosenberg não somente para denunciá-la como uma feminilidade desviante, mas também para incriminar esse modelo feminino. Dentro da perspectiva das emoções, Ethel era uma mulher que tinha uma postura oposta ao modelo americano de mulher ideal.

Interpreto os desajustes femininos identificados pelos “homens de visual mundano” em Ethel Rosenberg como semelhante aos desajustes de Esther Greenwood em *A Redoma de Vidro*. A personagem vive em conflito com uma

cobrança social dos papéis femininos da década de 1950. Dessa forma, penso que o romance explicita elementos do regime emocional da Guerra Fria em torno da feminilidade e o adoecimento mental de Esther Greenwood por não atingir as expectativas socialmente esperadas.

Dito isso, para tornar inteligível minha proposição sobre a identificação de Esther Greenwood com Ethel Rosenberg, acredito que obtive êxito em transpor a maneira como o regime emocional em torno do medo atômico se utilizou dos Rosenberg para condenar e reafirmar estruturas de gênero vigentes. Os “homens de visual mundano”, a por exemplo do presidente Eisenhower, foram decisivos não somente na condenação do casal Rosenberg, mas também na identificação de um culpado maior pelo acontecimento do crime: Ethel Rosenberg. Nisso, busquei destacar a correlação entre a realidade e ficção operadas por Esther Greenwood e Ethel Rosenberg: a condenação da feminilidade desviante. De forma figurativa, elas são a mulher no pedestal na mira do *B-58 hustler*.

Nesse sentido, inspirada na metáfora da eletricidade, penso que a colagem conduz e ilumina questões políticas da Guerra Fria em torno da consciência do ser mulher nesse regime emocional. Em *A Redoma de Vidro* e outras produções escritas de Sylvia Plath, essa consciência se manifesta de diversas maneiras, e o contexto histórico da Guerra Fria é basilar para compreender essas questões.

Na tese, busquei evidenciar que as relações políticas do início da década de 1950 corresponderam a um momento de tensão diante dos testes nucleares da União Soviética e da tentativa americana de aplacar o avanço do concorrente. A consciência dos americanos de que o poderio nuclear havia sido perdido foi acompanhada não somente pelo medo de um possível ataque soviético, mas de uma paranoia sobre a presença dos comunistas em espaços confidenciais. Os anos que sucederam a identificação dos testes nucleares soviéticos inauguraram uma política americana de caça aos comunistas, e o senador Joseph McCarthy foi a personificação do clima emocional de perseguição a qualquer pessoa que pudesse ser considerada “perigosa” pelo governo. Nesse sentido, mulheres, homossexuais, afro-americanos e judeus foram os mais afetados na privação da liberdade, e a constante busca por espões resultou na condenação de inúmeros inocentes.

O conflito de expectativas de gênero e emotivos em Ethel Rosenberg terminaram quando a eletricidade percorreu seu corpo, sendo a cadeira elétrica a punição pela sua suposta espionagem. A execução de Ethel Rosenberg representaria

uma condenação político-ideológica, enquanto Esther Greenwood, mesmo em contradição com os padrões vigentes, tem uma segunda chance. Se a eletricidade mata Ethel, para Esther, ela se apresenta como possibilidade de cura, ainda que destruindo facetas de sua subjetividade.

Dessa forma, a tentativa de suicídio pelo seu desajuste emocional é solucionado com tratamentos psiquiátricos por meio da eletricidade. A história da Blake (artigo da revista *Cosmopolitan* que inspirou escrita de *A Redoma de Vidro*) teve uma importante relevância de análise na tese, pois é uma contraposição ao sofrimento do eletrochoque na vida Sylvia Plath e foi transposto em *A Redoma de Vidro*. A recuperação psicológica de Blake é uma propaganda da efetividade do eletrochoque, mais do que a própria psicoterapia.

Em síntese, esta tese se propôs a analisar a obra de Sylvia Plath na interface com seu contexto histórico, lançando luz sobre como Regimes Emocionais da Guerra Fria moldavam subjetividades e eram contestados ou reapropriados artisticamente pela escritora. A análise pretendeu articular diferentes produções de Plath, cruzando diários, cartas, ficção e artes para atingir esse objetivo.

No que diz respeito às perspectivas futuras de pesquisa, penso em construir artigos a partir de em alguns tópicos discutidos na tese e outros tangentes à pesquisa. A revista *Cosmopolitan* de 1959 contém o artigo “Psiquiatria e beleza”, que foi discutido na tese. Sendo assim, a partir desse artigo e em conjunto a obra de Sylvia Plath, penso em discutir o regime emocional norte-americano em torno do consumismo, da beleza e da saúde mental das mulheres. Também acredito que existem outros conteúdos da revista que estão em diálogo com a obra de Sylvia Plath e merecem devida atenção em pesquisas futuras.

Além disso, durante o doutorado, adquiri algumas edições de livros lidos por Sylvia Plath. O livro *Childbirth without fear: the principals and practice of natural childbirth*, de Grantly Dick Read, e *Baby and Child Care*, de Dr. Benjamin Spock, foram adquiridos fisicamente e correspondem às versões lidas por ela. Penso em me aprofundar nesses livros para ter uma informação direta sobre os tópicos relacionados à dor do parto e à educação das crianças.

Outra perspectiva de pesquisa é em compreender com maior profundidade os elementos do gótico na obra de Sylvia Plath e suas conexões com o contexto histórico em questão. Acredito ser promissor pensar o “Gótico da Guerra Fria” a partir das emoções do contexto. Sobre o gótico, penso em explorar as emoções de aversão de

Sylvia Plath à sua mãe (Aurélia) algo que, na literatura, pode ser definido como “matrofobia”⁴¹⁷. Penso em pesquisar com maior aprofundamento as emoções entre mãe e filha na Guerra Fria para saber se é possível fazer associações entre “matrofobia”, “gótico” e “Guerra Fria” na obra de Sylvia Plath. Essa relação conflituosa entre mãe e filha, tão presente nas escrituras de Sylvia Plath, precisa ser examinada considerando o contexto da Guerra Fria em conjunto com a literatura gótica. Como exposto na tese, a Guerra Fria apresenta uma complexa relação em torno das mulheres; sendo assim, talvez seja possível fazer um aprofundamento sobre relações entre mães e filhas.

⁴¹⁷ Segundo Níncia Cecília ribas Borges Teixeira: “A literatura de autoria feminina escrita em sua primeira fase denominou-se de matrofobia e consistia, em narrativas, numa representação de filhas mulheres que rejeitavam veementemente suas mães como modelos identitários. No Brasil, alguns contos de Tânia Faillace, nos anos 70, e alguns romances de Lya Luft, mesmo que sejam dos anos 80, são ainda representativos desta tendência que relata uma total incomunicabilidade entre mães e filhas, em que esta relação é desastrosa para as duas e é libertadora quando o vínculo se desfaz ou arrefece. Esgotado este primeiro momento, em que a revolta ou a raiva, as frustrações, os sentimentos de impotência e desvalorização são expressos pelas personagens das filhas em relação a suas mães, a literatura de autoria feminina toma outros rumos no que se refere ao tema das genealogias e à representação do par mãe e filha. TEIXEIRA, Níncia. Cecília. R. B. Mãe e monstro: a desconstrução da figura materna na escrita de autoria feminina. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**, v. 20, p. 46–55. 2010. DOI: 10.5433/1678-2054.2010v20p46. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/24941>. Acesso em: 4 jan. 2024.

REFERÊNCIAS

1960 Rogers women's yellow lingerie peignoir gown robe color vintage ad. Disponível em: <https://www.ebay.com/itm/312143991340>. Acesso em: 16 out. 2023. Acesso em: 10 jul. 2020.

AHMED, Sara. Collective Feelings: Or, the Impressions Left by Others. **Theory, Culture & Society**, v. 21, n.2, p. 25-42, 2004.

AHMED, Sara. **La política cultural de las emociones** México: PUEG, 2015.

AHMED, Sara. **The Cultural Politics of Emotion**. New York: Routledge, 2013.

ALAVI, Atossa. Government against Two: Ethel and Julius Rosenberg's Trial. **Case Western Reserve Law Review**, v. 53, n. 4, p.1057-1090, 2003.

ALCOFF, Linda Martín. **Real Knowing: New Versions of the Coherence Theory**. Nova York: Cornell University Press, 1996.

ALEXANDER, Paul. **Rough Magic: A biography of Sylvia Plath**. New York: Viking, 1991.

ALVAREZ, Al. A Poet's Epitaph. **The Observer**, p. 23, 17 fev. 1963. Disponível em: <https://www.newspapers.com/article/the-observer-a-poets-epitaph-sylvia-pl/28202446/>. Acesso em: 2 set.2022.

ANAÏS, Seantel; WALBY, Kevin. Secrecy, publicity, and the bomb: Nuclear publics and objects of the Nevada Test Site, 1951–1992. **Cultural Studies**, v. 30, n. 6, p. 949-968, 2016.

AUSTIN, John. L. **How to Do Things with Words**, 2nd ed. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1962.

BADIA, Janet L. **Private detail, public spectacle: Sylvia Plath's and Anne Sexton's confessional poetics and the politics of reception**. 2000. Dissertation (Doctor of Philosophy) – School of Ohio State University, Ohio, 2000. Disponível em: <https://www.proquest.com/dissertations-theses/private-detail-public-spectacle-sylvia-plaths/docview/304611421/se-2>. Acesso em: 10 out.2022.

BANASH, David. **Collage Culture: Readymades, Meaning, and the Age of Consumption**. Nova York: Rodopi, 2013.

BARBALET, Jack. **Weber, passion and profits: The Protestant ethic and the spirit of capitalism in context**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2008.

BARNETT, Douglas.; RATNER, Hilary. H. The Organization and Integration of Cognition and Emotion in Development. **Journal of Experimental Child Psychology**, v. 67, n. 3, p. 303–316, dez. 1997.

BARNETT, Nicholas. 'No Protection against the H-Bomb': Press and Popular Reactions to the Coventry Civil Defence Controversy, 1954. **Cold War History**, v. 15, n. 3, p. 277 – 300, 2014.

BAYLEY, Sally. 'Is it for this you widen your eye rings?' Looking, Overlooking and Cold War Paranoia: the art of the voyeur in the poetry of Sylvia Plath and the films of Alfred Hitchcock. **Women's History Review**, v. 18, n. 4, p. 547-558, set. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09612020903112182> Acesso em: 10 set.2020.

BAYLEY, Sally. I have your head on my wall: Sylvia Plath and The Rhetoric of Cold War America. **European Journal Of American Culture**, v. 25, n. 3, p. 155-171, 8 fev. 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1386/ejac.25.3.155_1. Acesso em: 10 set.2020.

BECK, N. C.; GEDEN, E. A.; BROUDER, G. T. Preparation for Labor: A Historical Perspective. **Psychosomatic Medicine**, v. 41, n. 3, mai 1979.

BIESS, Frank. Everybody has a Chance: Nuclear Angst, Civil Defence, and the History of Emotions in Postwar West Germany, **German History**, v.27, n.2, p.215–243, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/gerhis/ghp003>.

BISHOP, Thomas. "The Struggle to Sell Survival": Family Fallout Shelters and the Limits of Consumer Citizenship. **Modern American History**, v. 2, n. 02, p. 117–138, 11 jun. 2019.

BODDICE, Rob. **A History of Feelings**. London: Reaktion, 2018.

BODDICE, Rob. **History of Emotions**. Manchester: Manchester University Press, 2018.

BODDICE, Rob. **Pain: A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

BODDICE, Rob. **The History of Emotions**. Manchester: Manchester University Press, 2017.

BODDICE, Rob. **The Science of Sympathy: Morality, Evolution and Victorian Civilization**. Urbana-Champaign: University of Illinois Press, 2016.

BODDICE, Rob; SMITH, Mark. **Emotion, Sense, Experience (Elements in Histories of Emotions and the Senses)**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

BODDICE, Rob; SMITH, Mark. **Emotion, sense, experience**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

BOQUET, Damien; NAGY, Piroska, Nagy (org.). **Dans Politiques des émotions au Moyen-âge**. Florence: Sismel, 2010.

BOQUET, Damien; NAGY, Piroska. **Medieval sensibilities: A History of Emotions in the Middle Ages**. Medford: Policy press, 2018,

BRAIN, Tracy. Dangerous Confessions: The Problem of Reading Sylvia Plath biographically. *In*: GILL, Jo. (ed.). **Modern Confessional Writing: New Critical Essays**. New York: Routledge, 2009.

BRAIN, Tracy. **The Other Sylvia Plath**. London: Routledge, 2001.

BRAIN, Tracy. Unstable Manuscripts: The Indeterminacy of the Plath Canon. *In*: HELLE, Anita. (ed.). **The Unraveling Archive: Essays on Sylvia Plath**. Michigan: University of Michigan Press, p. 17-38, 2007.

BRITZOLAKIS, Christina. Dreamwork: Sylvia Plath's Cold War modernism. **Women: A Cultural Review**, v. 24, n. 4, p. 263-273, dez. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09574042.2013.863521>. Acesso em: 25 out. 2020.

BURNETT, Betty. **The trial of Julius and Ethel Rosenberg: a primary source account**. New York: Rosen Pub. Group, 2004.

BUTSCHER, Edward. **Sylvia Plath: Method and Madness**. New York: Seabury Press, 1976.

CAMPOS, Daniela Queiroz. A Ninfa como personagem teórica de Aby Warburg. **MODOS**. Revista de História da Arte. Campinas, v. 4, n.3, p. 225–245, set. 2020.

CAPUTI, Jane. The Metaphors of Radiation. **Women's Studies International Forum**, v.14, n.5, p. 423-442, 1991.

CARRUTHERS, Mary. **The Experience of Beauty in Ages**. Oxford: Oxford UP, 2013.

CATTEL, Megan. How does the use of the Holocaust as a metaphor in “Daddy” and “Lady Lazarus” by Sylvia Plath compare in her development of the definition of self-identity?. **Plath Profiles: An Interdisciplinary Journal for Sylvia Plath Studies**, v. 5, n. 5, p. 406–413, 21 jun. 2012.

CLARK, Heather. **Red Comet: The Short life and blazing art of Sylvia Plath**. New York: Knopf, 2020.

CLINTON, Alan Ramón. Sylvia Plath and Electracy. **Iowa Journal of Cultural Studies**, v. 8, n. 1, 2006.

CLUNE, Lori. **Executing the Rosenbergs: Death and Diplomacy in a Cold War World**. New York: Oxford University Press, 2016.

CONNORS, Katleen; BAYLEY, Sally. **Eye rhymes: Sylvia Plath's art of the visual**. New York: Oxford University Press, 2007.

Convair B-58 HUSTLER 1960 propaganda film “Tail Man 55”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hnwZLk7s6PI&t=512s>. Acesso em: 4 jun. 2023.

CONVERSE, Elliott Vanveltner. **Rearming for the Cold War, 1945-1960**. Washington: Government Printing Office, 2012.

CORREIA, Susana. A Guerra Fria e a dissolução dos conceitos público-privado em *The Bell Jar* e poesia selecionada de Sylvia Plath. **Via Panoramica: Revista de Estudos Anglo-Americanos / A Journal of Anglo-American Studies**, v. 7, n. 2, p. 70-84, 2018.

CRITCHLOW, D. T. Birth Control, Population Control, and Family Planning: An Overview. **Journal of Policy History**, v. 7, n. 1, p. 1-21, jan. 1995.

CROWDER, Ryan. J; CHHEM, Rethy Kieth; AZIZ, Azura. Z. Godzilla Mon Amour: The Origins and Legacy of Nuclear Fear in Japan. *In: SHIGEMURA, Jun; Chhem, Rethy K. (ed.). Mental Health and Social Issues Following a Nuclear Accident*. Tokyo: Springer, p. 3-14, 2015.

DARWIN, Charles; LORENZ, Konrad. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DAVID VAN BIEMA. **The Way People Experience Emotion Evolves Over Time. Recognizing That Fact Has Changed Our Understanding of the Past**. 2020. Disponível em: <https://time.com/5203763/emotions-history-lent/>

DAVIDSON, Donald. **Inquiries into Truth and Interpretation**. Oxford: Oxford University Press, 1984.

DELGADO, Luisa Elena; FERNÁNDEZ, Pura; LABANYI, Jo (ed.). **La cultura de las emociones y las emociones en la cultura española contemporánea** (siglos XVIII-XXI), Madrid: Ediciones Cátedra, 2018.

DEMAUSE, Lloyd. **A bibliography of psychohistory**. New York: Garland Pub, 1975.

DEMAUSE, Lloyd. **Foundations of psychohistory**. New York: Creative Roots, 1982.

DEMAUSE, Lloyd. **Reagan's America**. New York: Creative Roots, 1984.

DEMAUSE, Lloyd. **The Emotional Life of Nations**. New York: Karnac, 2002.

DEMAUSE, Lloyd. **The history of childhood**. New York: Harper and Row, 1974.

DEMAUSE, Lloyd. **The History of Childhood**. Northvale, New Jersey: Jason Aronson, 1995.

DEMAUSE, Lloyd. **The New psychohistory**. New York: Psychohistory Press, 1975.

DEMAUSE, Lloyd. **The Origins of War in Child Abuse**. The Institute for Psychohistory, 2010.

DILTHEY, Wilhelm. **Introduction to the human sciences**. Princeton: Princeton University Press, 1989.

DOUGLAS, Jennifer Lynn. Archiving authors: rethinking the analysis and representation of personal archives. 2013. 304 p. Thesis (Doctor of Philodophy) –

Faculty of Information, University of Toronto, Toronto, 2013. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=bf8ad76ada0f26eca06c63dcbe49ec3fd02c231d>. Acesso em: 20 set.2022.

DUNNING, Eric; GOUDSBLOM, Johan; MENNELL, Stephen; JEPHCOTT, Edmund. (ed.). **The civilizing process**: sociogenetic and psychogenetic investigations. Oxford: Blackwell Publishers, 2000.

DURAND, Elisabeth Wagner. Imaging Emotions: Emotional Communities of Mesopotamia and the Potential of an 'Emotional Turn' in the Study of Visual Cultures. *In*: BRACKER, Jacobus. **Homo Pictor**: Image Studies and Archaeology in Dialogue. Heidelberg: Propylaeum, p. 235- 279, 2020.

EASTER, David. Soviet Bloc and Western Bugging of Opponents' Diplomatic Premises During the Early Cold War. **Intelligence and National Security**, v. 31, n. 1, p. 28 -48, 2014.

EBEL, Henry; DEMAUSE, Lloyd. **Jimmy Carter and American fantasy**: psychohistorical explorations. New York: Two Continents, 1977.

EISENHOWER FOUNDATION. **Dwight D. Eisenhower**: Presidential Library, Museum & Bodyhood Home. Abilene, 2022. Disponível em: <https://www.eisenhowerlibrary.gov/>. Acesso em: 06 abril.2022.

EISENHOWER FOUNDATION. DWIGHT D. EISENHOWER: PRESIDENTIAL LIBRARY, MUSEUM & BODYHOOD. **Letter, President Eisenhower's response to Clyde Miller, June 10, 1953.** Disponível em: https://www.eisenhowerlibrary.gov/sites/default/files/file/rosenbergs_Binder12.pdf.

EISENHOWER FOUNDATION. DWIGHT D. EISENHOWER: PRESIDENTIAL LIBRARY, MUSEUM & BODYHOOD. **Letter, President Eisenhower's response to Clyde Miller, June 10, 1953.** Disponível em: https://www.eisenhowerlibrary.gov/sites/default/files/file/rosenbergs_Binder12.pdf.

ELIAS, Norbert. **O Processo civilizador 2**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FALLOUT FIVE ZERO. **The speech that started it all**. Disponível em: <https://falloutfivezero.com/2021/03/08/the-speech-that-started-it-all/>. Acesso em: 8 nov. 2023.

FEBVRE, Lucien. La Sensibilité Et L'histoire: Comment Reconstituer La Vie Affective D'autrefois? **Annales D'histoire Sociale** (1939-1941), v. 3, n. 1/2, p. 5–20, 1941.

FEHNER, T Terrence. R.; GOSLING, F Francis. G. **Origins of the Nevada Test Site**. United States Department of Energy, History Division. 2000.

FLORIDA STATE UNIVERSITY. **Emotions in History**: An Introduction, H-France, Salon 6, n. 1, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zFdDKOYDrps>.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1997.

FREVERT, Ute. **Emotions in History – Lost and Found**. Budapest: Central European University Press, 2011.

FREVERT, Ute. **Learning How to Feel. Children's Literature and Emotional Socialization, 1870–1970**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

FREVERT, Ute. **The Politics of Humiliation: A Modern History**. Oxford: Oxford University Press, 2020.

FREVERT, Ute; SCHEER, Monique; SCHMIDT, Anne. **Emotional lexicons: continuity and change in the vocabulary of feeling 1700-2000**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

FRIEDAN, Betty. **A Mística Feminina**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

GARBER, Marjorie; WALKOWITZ, Rebecca. **Secret Agents: The Rosenberg Case, McCarthyism and Fifties America**. New York: Routledge, 2013.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: guerras do prazer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitoria a Freud: O cultivo do ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: o coração desvelado**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GAY, Peter. **O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

GAY, Peter. *Psychoanalysis in History*. **Poetics Today**, v. 9, n. 1, 1988.

GAY, Peter. **Um judeu sem deus: Freud, ateísmo e a construção da psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

GEELHOED, E. Bruce. Dwight D. Eisenhower, the Spy Plane, and the Summit: A Quarter-Century Retrospective. **Presidential Studies Quarterly**, v. 17, n. 1, p. 95-108, 1987.

GLOBO. **Merkel pede mais restrições ao parlamento alemão e diz que número de mortos pela Covid é 'inaceitável'**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/12/09/merkel-pede-mais-restricoes-na-alemanha-no-de-mortos-por-covid-e-inaceitavel.ghtml>.

GRAEBNER, William. The Unstable World of Benjamin Spock: Social Engineering in a Democratic Culture, 1917-1950. **The Journal of American History**, v. 67, n. 3, p. 612-629 dez. 1980.

GRANT, Matthew; ZIEMANN, Benjamin. (ed.). **Understanding the imaginary war: Culture, thought and nuclear conflict, 1945–90**. Manchester: Manchester University Press, 2016.

GRUZINSKI, Serge. Por uma história das sensibilidades. *In*: PESAVENTO, Sandra; LANGUE, Frédérique. **Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p.7-8, 2007.

GUEDES, Paulo; ARNT, Enio. Eletrochoqueterapia. *In*: **ANAIS DA FACULDADE DE MEDICINA DE PORTO ALEGRE**, Porto Alegre, 1958.

HAMILTON, Shane.; PHILLIPS, Sarah. T. **The Kitchen Debate and Cold War consumer politics: a brief history with documents**. Boston: Bedford/St. Martin's, 2014.

HAND, Harold C. **Living in the Atomic Age: A Resource Unit for Teachers in Secondary Schools**. Urbana: The University of Illinois Urbana, 1946.

HECHT, Gabrielle. **Being nuclear: Africans and the global uranium trade**. Cambridge: MIT press, 2014.

HEMMINGS, Clare. INVOKING AFFECT. **Cultural Studies**, v. 19, n. 5, p. 548-567, set. 2005.

HERZOG, Dagmar. **Cold War Freud**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

HINSMAN, Abby. Undetected Media: Intelligence and the U-2 Spy Plane. **The Velvet Light Trap**, v. 73, n. 73, p.19–38, 2014.

HOCHSCHILD, Arlie R. **The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling**. Berkeley: University of California Press, 1983.

HOFSTADTER, Richard, **The Paranoid Style in American Politics, and Other Essays**. New York: Knopf, 1964.

HOGG, Jonathan. **British Nuclear Culture: Official and Unofficial Narratives in the Long 20th Century**. London: Bloomsbury Academic, 2016.

HUIZINGA, Johan. **The Waning of the Middle Ages**, London: Penguin Book, 1990.

IHEONU, Jean Allend Umunns; OKAFOR, Frank Collind Nnamdi. Quest for United States of America's Diplomatic Apology to Japan over Hiroshima and Nagasaki: The Moral Arguments. **Journal of Political Science and Leadership Research**, v. 6, n. 2, 2020.

JACKSON, Anna. **Diary poetics: Form and style in writers' diaries, 1915-1962**. New York: Routledge, 2020.

JACOBS, Robert. Radiation as Cultural Talisman: Nuclear Weapons Testing and American Popular Culture in the Early Cold War. **The Asia-Pacific Journal | Japan Focus**, v. 10, 2012.

KAUFMAN, James. C. The Sylvia Plath Effect: Mental Illness in Eminent Creative Writers. **The Journal of Creative Behavior**, v. 35, n. 1, p. 37–50, mar. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/j.2162-6057.2001.tb01220.x>. Acesso em: 14 abril.2023.

KELLY, Casey Ryan. Cooking Without Women: The Rhetoric of the New Culinary Male. **Communication and Critical/Cultural Studies**, v. 12, n. 2, p. 200–204, 12 fev. 2015.

KIMURA, Keiko. The Nuclear Holocaust: Sylvia Plath as a Mother Poet. **Jednak Książki. Gdańskie Czasopismo Humanistyczne**, n. 6, p. 141-150, 2016.

KNEELAND, Timothy W; WARREN, Carol A.B. **Pushbutton Psychiatry**. Walnut Creek: Left Coast Press, 2008.

KYLE, Keith. **Suez: Britain's end of Empire in the Middle East**. New York: I.B. Tauris, 2011.

LAVILLE, Helen. Gender and Women's Rights in the Cold War. *In*: IMMERMANN, Richard H; GOEDDE, Petra (ed.), **The Oxford Handbook of the Cold War**. Oxford: Oxford University Press, p. 523-539, 2016.

LEGUTKO, Agnieszka. Feminist Dybbuks: Spirit Possession Motif in Post-Second Wave Jewish Women's Fiction. **Bridges: A Jewish Feminist Journal**, v. 15, n. 1, p. 6–26, 2010.

LEPAGE, A. **Exploring the Interplanetary Frontier**. Disponível em: https://www.drewexmachina.com/download-pdf/SV_2000_03_20.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

LIBRARY OF CONGRESS. **Chronicling America: Historic American Newspapers**. 2022. Disponível em: <https://chroniclingamerica.loc.gov/> Acesso em: 06 abril.2022.

LICHTMAN, Sarah. A. Do-It-Yourself Security: Safety, Gender, and the Home Fallout Shelter in Cold War America. **Journal of Design History**, vol. 19, n. 1, p. 39-55, 2006.

LIFE. **Time** Inc, 1945. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=q0kEAAAAMBAJ&lpg=PP1&pg=PA53#v=one_page&q&f=false

LOEWENBERG, Peter. **Decoding the Past: The Psychohistorical Approach**. New York: Alfred A. Knopf, 1983.

LOEWENBERG, Peter. **Fantasy and Reality in History**. New York: Oxford University Press, 1995.

MALCOLM, Janet. **The Silent Woman: Sylvia Plath and Ted Hughes**. New York: Vintage, 1995.

MARKENDORF, Marcio. **A Invenção da Fama em Sylvia Plath**. 2009. 229 p. Tese (Doutorado em Literatura) – Pós-Graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MAX PLANCK INSTITUTE. **History of emotions**. Berlin, 2021. Disponível em: <https://www.mpib-berlin.mpg.de/research/research-centers/history-of-emotions/feeling-news>.

MAY, Elaine T. **Homeward Bound: American Families in the Cold War Era**. New York: Basic Books, 2017.

MAZA, Sarah. "Stories in History: Cultural Narratives in Recent Works in European History." **The American Historical Review**, v. 101, n. 5, , p. 1493–1515, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2170180>. Acesso em: 4 abril. 2022.

MCKEMMISH, Sue. Evidence of me. **The Australian Library Journal**, v. 45, n. 3, p. 174-187, jan. 1996. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00049670.1996.10755757>.

MIDDLEBROOK, Diane. **Her Husband: Hughes and Sylvia Plath – A marriage**. New York: Viking, 2003.

MILAN, Leticia Portella. Lembra que o diário era alimento cotidiano? Que importa a má fama depois que estamos mortos? Vida, morte, literatura e arquivos em Ana Cristina Cesar e Sylvia Plath. In: OLIVEIRA, Marcelo França de; CHICO, Márcia Tavares; OGAWA, Milena Rosa Araújo. (org.). **Imagens, trajetórias e poder: pesquisa, escrita e ensino de História**. 1ed. Porto Alegre: Editora Methodus, p. 607-619, 2021.

MILAN, Leticia Portella. Perspectivas histórico culturais da loucura na Guerra Fria (1945-1989). **Revista de História**, n. 180, p. 1-10, 2021. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.2021.167449. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/167449>. Acesso em: 3 jan. 2024.

MILAN, Leticia Portella. The Anti-Military Collage of Sylvia Plath: Gender and North American Emotional Regime during the Cold War. **História Unisinos**, v. 26, n. 1, p. 165–174, 2022.

MONTEYNE, David. **Fallout Shelter**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011.

MOVIES ALA MARK. **The Snake Pit**. Disponível em: <https://moviesalamark.com/2018/02/15/the-snake-pit/>. Acesso em: 27 out. 2023.

NAGAI, Takashi. **We of Nagasaki: The Story of Survivors in an Atomic Wasteland**. Nova York: Duell, Sloan and Pearce, 1951.

NAGY, Pirooska. **L'historien médiéviste et les mots de l'émotion**. Paris: Institut Historique Allemand de Paris, 2009.

NATHAN, James. A. A FRAGILE DETENTE: The U-2 Incident Re-examined. **Military Affairs**, v. 39, n. 3, p.97- 104, out. 1975.

NATIONAL ARCHIVES CATALOG, **Cross-section Sketch of Atomic Bomb**. New York. Disponível em: <https://catalog.archives.gov/id/278753>.

NATIONAL ARCHIVES CATALOG. **Jell-O Box Exhibit Used in the Espionage Trial of Julius and Ethel Rosenberg and Morton Sobell**. Disponível em: <https://catalog.archives.gov/id/278774>.

NATIONAL ARCHIVES CATALOG. **U.S. vs. Julius & Ethel Rosenberg and Martin Sobell, Government Exhibit 7, Sketch of Setup to Implode Tubular materials. the Drawing Was Delivered to Harry Gold**. New York. Disponível em: <https://catalog.archives.gov/id/278752>.

NATIONAL ARCHIVES CATALOG. **U.S. vs. Julius & Ethel Rosenberg and Martin Sobell, Government Exhibit 6, Lens Mold Sketch**. New York. Disponível em: <https://catalog.archives.gov/id/278751>.

NETO, L. S. A crise de Suez: uma sobreposição de três conflitos (1952-1956). *Revista Cantareira*, n. 17, 2012.

NEUHUS, Jessamyn. **Manly meals and mom's home cooking: Cookbooks and Gender in Modern America**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2012.

NICHOLS, Kathleen L; The Cold War Gothic Poetry of Sylvia Plath. *In*: Charles L. Crow. (ed.). **A Companion to American Gothic**. Oxford: Wiley Blackwell, p. 328-340, 2014.

NUCLEAR VAULT. **Operation Cue (1955)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u1rKd19lb5o>. Acesso em: 22 out. 2023.

OAKES, Guy. **The imaginary war: Civil defense and American Cold War culture**. Oxford: Oxford University Press, 1995.

Online Marketplace at eBid United States: Free to Bid | Free to List | Free to Enjoy. Disponível em: <https://www.ebid.net/us/for-sale/1961-hart-schaffner-marx-fashion-ad-the-worldly-new-look-of-hart-schaffner-172419617.htm>. Acesso em: 6 jun. 2023.

ORR, Peter. (ed.). **The Poet Speaks: Interviews with Contemporary Poets Conducted by Hilary Morrish, Peter Orr, John Press, and Ian Scott-Kilvery**. London: Routledge and Kegan Paul, 1966.

PEEL, Robin. Body, Word, and Photograph: Sylvia Plath 's Cold War Collage and the Thalidomide scandal. **Journal Of American Studies**, v. 40, n. 1, p. 71-95, abr. 2006.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/s0021875806000739> .Archive: Mortimer Rare Book Collection, Smith College, Northampton, Massachusetts.

PEEL, Robin. The Bell Jar, the Rosenbergs and the Problem of the Enemy Within. *In*: BRAIN, Tracy (org.). **Sylvia Plath in Context**, Cambridge: Cambridge University Press, p. 202-211, 2019.

PEEL, Robin. The Ideological Apprenticeship of Sylvia Plath. **Journal Of Modern Literature**, v. 27, n. 4, p. 59-72, jun. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2979/jml.2004.27.4.59>. Acesso em: 5 ago.2020.

PEEL, Robin. **Writing Back: Sylvia Plath and Cold War Politics**. Madison: Fairleigh Dickinson Univ Press, 2002.

PERNAU, Margrit et al. **Civilizing Emotions: Concepts in Nineteenth Century Asia and Europe**. Oxford: OUP Oxford, 2015.

PERRINE, Toni, The Godzilla Factor: Nuclear Testing and Fear of Fallout, **Grand Valley Review**, v. 16, n. 1, p. 19–40, 1997. Disponível em: <https://scholarworks.gvsu.edu/qvr/vol16/iss1/8>.

PESAVENTO, Sandra. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. *In*: PESAVENTO, Sandra; LANGUE, Frédérique. **Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 13-14, 2007.

PETCHATNOV, Vladimir. Soviet-American Relations Through the Cold War. *In*: IMMERMANN, Richard H; GOEDDE, Petra. (org.). **The Oxford Handbook of the Cold War**. Oxford: Oxford University Press, p. 107 – 124, 2016.

PINKE, Caroline. The Problem Sylvia Plath Has Left Unnamed: Understanding the Complexity of Female Disenchantment in the Cold War Era. **Valley Humanities Review**, p.1-18, 2011.

PLAMPER, Jan. **The history of emotions: An introduction**. Oxford: OUP Oxford, 2015.

PLAMPER, Jan. **The History of emotions: An introduction**. Tradução: Keith Tribe. United Kingdom: Oxford University Press, 2015.

PLATH, Sylvia. **A Redoma de Vidro**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

PLATH, Sylvia. **Ariel**: Edição restaurada e bilíngue, com os manuscritos originais. Tradução: Rodrigo Garcia Lopes e Maria Cristina Lenz de Macedo. 4. ed. Campinas: Verus Editora, 2018.

PLATH, Sylvia. **Collected poems**. London: Faber & Faber, 1981.

PLATH, Sylvia. **Crossing the water**. New York: Haper & Row, 1971.

PLATH, Sylvia. **Johnny Panic and the Bible of Dreams and Other Prose Writings**. London: Faber & Faber, 1977.

PLATH, Sylvia. **Johnny Panic e a bíblia dos sonhos e outros textos em prosa**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2020.

PLATH, Sylvia. **The Bed Book**. London: Faber & Faber, 1976.

PLATH, Sylvia. **The Colossus & Other poems**. New York: Vinatage International, 1998.

PLATH, Sylvia. **The it-doesn't-matter Suit**. London: Faber & Faber, 1996.

PLATH, Sylvia. **Winter Trees**. London: Faber & Faber, 1971.

PLATH, Sylvia; HUGHES, Ted; MCCULLOUGH, Frances. (ed.). **The Journals of Sylvia Plath**. New York: Ballantine Books, 1982.

PLATH, Sylvia; KUKIL, Karen V. (org.) **Os diários de Sylvia Plath: 1950-1962**. Tradução: Celso Nogueira. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

PLATH, Sylvia; KUKIL, Karen V. (org.). **The Journals of Sylvia Plath 1950-1962**. London: Faber & Faber, 2000.

PLATH, Sylvia; KUKIL, Karen V; STEINBERG, Peter. (ed.). **Letters of Sylvia Plath Volume I: 1940–1956**. New York: HarperCollins, 2017.

PLATH, Sylvia; SCHOBBER, Aurelia. (ed.). **Letters Home**. London: Faber and Faber, 1975.

PLATH, Sylvia; STEINBERG, Peter; KUKIL, Karen. V. (ed.). **The Letters of Sylvia Plath. Volume II, 1956-1963**. New York: Harpercollins Publishers, 2018.

PUBLISHED COLLECTIONS DEPARTMENT, HAGLEY MUSEUM AND LIBRARY. **Better Living (November/December, 1951) | Hagley Digital Archives**. Disponível em: https://digital.hagley.org/Better_Living_05_06?solr_nav%5Bid%5D=38e32cf6cb878745902f&solr_nav%5Bpage%5D=4&solr_nav%5Boffset%5D=19#page/4/mode/2up. Acesso em: 24 out. 2023.

QUEEN MARY UNIVERSITY OF LONDON. **Centre of the History of emotions**. Londres, 2021. Disponível em: <https://projects.history.qmul.ac.uk/emotions/>.

QUINE, Willard V. O. **Ontological Relativity and Other Essays**. New York: Columbia University Press, 1969.

REDDY, William. **The Invisible Code: Honor and Sentiment in Postrevolutionary France, 1815-1848**. Berkeley, Calif.: University of California Press, 1997.

REDDY, William. **The Making of Romantic Love: Longing and Sexuality in Europe, South Asia, and Japan, 900-1200 CE**. Chicago: University of Chicago Press, 2012.

REDDY, William. **The Navigation of Feeling: A Framework for the History of Emotions**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

REDDY, William. **The Navigation of Feeling: A Framework for the History of Emotions**. New York: Cambridge University Press, 2001.

REED, James. Public Policy on Human Reproduction and the Historian. **Journal of Social History**, v. 18, n. 3, p. 383–398, 1985.

Revista Cosmopolitan, june 1959.

ROBERTS, George. **Suez, Britain and Europe: historicising, debating and remembering the Suez Crisis, 1956 to the presente**. 2013. Tese (Doutorado em estudos europeus interdisciplinares) – Pós graduação em Artes, College of Europe, Varsóvia, Polônia, 2013.

ROGERS, Gayle. J. The Changing Image of the Southern Woman: A Performer on a Pedestal. **The Journal of Popular Culture**, vol. 16, n. 3, p.60-67, 1982.

ROLIM, Aline. P. et al. Termos de Literatura Confessional em discussão. **Guavira Letras**, v. 1, n. 01, 1 dez. 2015.

ROLLYSON, Carl. **Ísis Americana: a Vida e a Arte de Sylvia Plath**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

ROMBAUER, Irma S. **The Joy of Cooking**. St. Louis: A.C. Clayton Printing Co., 1931.

ROSE, Jacqueline. **The Haunting of Sylvia Plath**. London: Virago, 1991.

ROSENBERG FUND FOR CHILDREN. **Ethel at 100 (part 1): Ethel in the Kitchen**. Disponível em: <https://www.rfc.org/blog/2015-03/ethel-100-part-1-ethel-kitchen>. Acesso em: 27 out. 2023.

ROSENWEIN, Barbara H. **Anger: The Conflicted History of an Emotion**. Yale University Press, 2020.

ROSENWEIN, Barbara H. **Emotional Communities in the Early Middle Ages**. Ithaca: Cornell University Press, 2006.

ROSENWEIN, Barbara H. **Emotional Communities in the Early Middle Ages**. Ithaca: Cornell University Press, 2006.

ROSENWEIN, Barbara H. **Generations of feeling: A History of Emotions, 600-1700**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

ROSENWEIN, Barbara H. **História das emoções: problemas e métodos**. Tradução: Ricardo Santhiago, São Paulo: Letra e Voz, 2011.

ROSENWEIN, Barbara H. **Love: A History in Five Fantasies**. Cambridge: Polity Press, 2022.

ROSENWEIN, Barbara H; CRISTIANI, Riccardo. **What Is the History of Emotions?** Cambridge: Polity Press, 2017.

SCHNEIR, Walter. **Final Verdict: What Really Happened in the Rosenberg Case**. New York: Melville house publishing, 2010.

SCHWARTZ, Thomas. A. The Berlin Crisis and the Cold War U.S. Department of State. Foreign Relations of the United States, Vol. 9-15. **Diplomatic History**, v. 21, n. 1, p. 139–148, jan. 1997.

SEBBA, Anne. **Ethel Rosenberg: An American Tragedy**. New York: St. Martin's Publishing Group, 2021.

SIGMUND, Freud. **A interpretação dos sonhos**. Tradução: Walderedo Ismael de Oliveira. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

SLOTNIK, Daniel; E. Richard F. Pedersen, Cold War Era Diplomat, Dies at 86. **The New York Times**, 1 ago. 2011.

SMITH, Anita. Colonialism and the Bomb in the Pacific. *In*: SCHOFIELD, John; COCROFT, Wayne. (org.). **A Fearsome Heritage: Diverse Legacies of the Cold War**. New York: Routledge, p. 51-72, 2007.

SMITH, Rosi. Seeing Through the Bell Jar: Distorted Female Identity in Cold War America. **aspeers**, n.1, p.33-55, 2008.

SPOCK, Benjamin. **Baby and Child Care**. London: The Bodley Head, 1961.

STEARNS, Peter N. **American Cool: Constructing a Twentieth-Century Emotional Style**. New York; London: New York University Press, 1994.

STEARNS, Peter N; STEARNS, Carol Z. Emotionology: Clarifying the History of Emotions and Emotional Standards. **The American Historical Review**, v. 90, n. 4, 1985.

STEINBERG, PETER. **Sylvia Plath Info, a celebration, this is**. Boston, 2022. Disponível em: <https://www.sylviaplath.info>. Acesso em: 02 abril.2021.

STEVENSON, Anne. **Amarga Fama: uma Biografia de Sylvia Plath**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

STEVENSON, Anne. **Bitter Fame: A life of Sylvia Plath**. Boston: Houghton Mifflin, 1989.

SULLIVAN, Erin. The Role of the Arts in the History of Emotions: Aesthetic Experience and Emotion as Method. **History, Culture, Society**, v.2, n.1, p.113-131, 2018.

TAL, David. Eisenhower's disarmament dilemma: From chance for peace to open skies proposal. *Diplomacy & Statecraft*, v. 12, n. 2, p. 175–196, jun. 2001.

TAYSOM, Joe. **The Lana Del Rey song inspired by Sylvia Plath**. Disponível em: <https://faroutmagazine.co.uk/the-lana-del-rey-song-inspired-by-sylvia-plath/>. Acesso em: 02 abril.2022.

TEIXEIRA, Níncia. Cecília. R. B. Mãe e monstro: a desconstrução da figura materna na escrita de autoria feminina. **Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários**, v. 20, p. 46–55. 2010. DOI: 10.5433/1678-2054.2010v20p46. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/24941>. Acesso em: 4 jan. 2024.

THE AMERICAN PRESIDENCY PROJECT. **Statement by the President Declining To Intervene on Behalf of Julius and Ethel Rosenberg.** | **The American Presidency Project**. Disponível em: <https://www.presidency.ucsb.edu/documents/statement-the-president-declining-intervene-behalf-julius-and-ethel-rosenberg>.

The evening Star, Washington, D.ce, june 20, 1953.

The Snake Pit [feature film] Dir. Anatole Litvak. Twentieth Century Fox, USA, 1948. 108mins.

THE U.S. NATIONAL ARCHIVES AND RECORDS ADMINISTRATION. **National Archives**. 2022. Disponível em: <https://www.archives.gov/>. Acesso em: 06 abril.2022.

THE UNIVERSITY OF WESTERN AUSTRALIA. **The Australian Research Council Centre of Excellence for the History of Emotions**. Perth, 2022. Disponível em: <https://www.historyofemotions.org.au/>.

TIME. **LIFE**. Time Inc, 1960. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=AE8EAAAAMBAJ&lpg=PA32&dq=the%20case%20of%20eagle's%20bugged%20beak&pg=PP1#v=onepage&q&f=false> Acesso em: 6 jun. 2023.

TIMES, The New York. Plot to Have G.I. Give Bomb Data To Soviet Is Laid to His Sister Here; HELD BY F.B.I. IN RUSSIAN SPY CASE. **The New York Times**, 12 ago. 1950b. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1950/08/12/archives/plot-to-have-gi-give-bomb-data-to-soviet-is-laid-to-his-sister-here.html>.

United States. Department of State, United States. Department of State. Office of Media Services, and United States. Department of State. Office of Public Communication. **The Department of State Bulletin**. Vol. 50. Office of Public Communication, Bureau of Public Affairs, 1965.

UOL. **Bolsonaro diz que homem do campo trabalhou e não foi 'frouxo' na pandemia**. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/carros/videos/videos.htm?id=bolsonaro-diz-que-homem-do->

campo-trabalhou-e-nao-foi-frouxo-na-pandemia-0402CD1B366ADCC16326. Acesso em: 04 abril.2022.

VAN DYNE, Susan. The problem of biography. *In*: GILL, Jo. (org.). **The Cambridge Companion to Sylvia Plath**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 03 – 20, 2006.

VICEDO, Marga. Cold War Emotions: Mother Love and the War over Human Nature. *In*: SOLOVEY, Mark.; CRAVENS, Hamilton. **Cold War Social Science**. New York: Palgrave Macmillan, p. 233–249, 2012.

WAGNER MARTIN, Linda. **Sylvia Plath: A biography**. New York: Simon & Schuster, 1987.

WARBURG, Abby. **Atlas Mnemosyne**. Madrid: AKAL, 2010.

WARD, Mary Jane. **Snake Pit**. New York: Library Of America, 2021.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEISS, Nancy. Pottishman. Mother, the Invention of Necessity: Dr. Benjamin Spock's Baby and Child Care. **American Quarterly**, v. 29, n. 5, p. 519-546, 1977.

WEISS, Nancy. Pottishman. The Mother-Child Dyad Revisited: Perceptions of Mothers and Children in Twentieth Century Child-Rearing Manuals. **Journal of Social Issues**, v. 34, n. 2, p. 29–45, abr. 1978.

WELLERSTEIN, Alex. **The DIXIE Showgirl (1953)**. Disponível em: <https://blog.nuclearsecrecy.com/2012/05/18/friday-image-the-dixie-showgirl-1953/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophical investigations = Philosophische Untersuchungen**. Tradução: Gertrude Elizabeth Margaret Anscombe, Peter Hacker e Joachim Schulte. Malden: Wiley-Blackwell, 2009.

WITTNER, Lawrence. S. Gender Roles and Nuclear Disarmament Activism, 1954-1965. **Gender History**, v. 12, n. 1, p. 197–222, abr. 2000.

WOLFF, Cristina Scheibe (org.) **Políticas da emoção e do gênero no Cone Sul**. Curitiba: Brazil Publishing, 2021.

WOOTEN, William. "That Alchemical Power": The Literary Relationship of A. Alvarez and Sylvia Plath. **The Cambridge Quarterly**, v. 39, n. 3, p. 217–236, 1 set. 2010.

WRIGHT, Quincy. Legal Aspects of the U-2 Incident. **The American Journal of International Law**, v.54, n.4, p. 836-854, 1960.

YAVENDITTI, Michael J. The American People and the Use of Atomic Bombs On Japan: The 1940s. **The Historian**, v. 36, n.2, p. 224–247, 1974.

ZALOGA, Steven J. Defending the capitals: The first generation of Soviet strategic air defense systems 1950–1960. **The Journal of Slavic Military Studies**, v. 10, n. 4, p. 30–43, dez. 1997.

ZARLENGO, Kristina. Civilian Threat, the Suburban Citadel, and Atomic Age American Women. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v.24, n.4, p.925–958, 1999.

APÊNDICE A

Tabela de textos acadêmicos não identificados

	PUBLICAÇÕES	PALAVRAS-CHAVE
1	Bachl, Andrea E. Sylvia Plath's hospital poems. Honors essay: Dept. of English, University of North Carolina at Chapel Hill, 1997	POESIA
2	Dygart, Betty M. Sylvia Plath a study of the images of wife and mother. Whitewater: University of Wisconsin, 1976.	IMAGEM
3	Friess, Debra K. The shattering of literary families a Lacanian psychoanalysis of the absent male: Tennessee Williams's The glass menagerie, Marsha Norman's 'Night, Mother, and selected poetry of Sylvia Plath. Westminster College, 1998.	POESIA, PSICANÁLISE

Tabela das monografias

	PUBLICAÇÕES	PALAVRAS-CHAVE
1	Amos, Nathaniel Scott. The blood jet of poetry: muse myths, poetic influence, and the common text of Sylvia Plath and Ted Hughes. Thesis (Honors)--College of William and Mary, 2008.	POESIA
2	Bercovitch, Zoe. Sylvia Plath the search for the perfect myth. Thesis (A.B., Honors) --Harvard University, 1987.	MITO
3	Bettman, Gilbert. Some continuities in Sylvia Plath's poetry. Thesis (A.B., Honors) --Harvard University, 1970.	POESIA
4	Bong, Emily Yann Fang. Ted Hughes' recent work as a prism for re-reading Sylvia Plath. Academic exercise (B.A. Hons.) --National Institute of Education, Nanyang Technological University, 2001.	BIOGRAFIA
5	Bonnell, Paula. Much madness the pre-feminism of Sylvia Plath. Thesis (Senior Honors Program) --University of Houston, 1972.	LOUCURA, FEMINISMO
6	Breen, Ellie. "Powerful, Colorful, White Woman": A Feminist Comparison of Colour in Sylvia Plath's 1952 and 1962 Short Stories. Dissertation (B.A.) --Northumbria University at Newcastle, 2020.	PROSA, FEMINISMO
7	Burgess, Lisa María. Writing in the liminal space Emily Dickinson, Elizabeth Bishop, Sylvia Plath. Senior honors Thesis--Brandeis University Brandeis University, 1987.	LITERATURA/ TRABALHO
8	Cobb, Le Anne. Sylvia Plath the struggling selves in life and art. Thesis (B.A.) --California Polytechnic State University, 1992.	ARTE, SELF
9	Cromer, Mary. Esther Greenwood's struggle for control in Sylvia Plath's The Bell Jar. Honors essay: Dept. of English, University of North Carolina at Chapel Hill, 1991.	REDOMA DE VIDRO

10	Dinquel, Amber Christine. I am, I am, I am gender and identity in the works of Sylvia Plath. Thesis (B.A.) --James Madison University, 2009.	GÊNERO, IDENTIDADE, LITERATURA/ TRABALHO
11	Douglas, Emily Stucken. "I lean to you" self, subject, and intersubjectivity in the writings of Sylvia Plath and James Baldwin. Thesis (A.B., Honors in Literature) --Harvard University, 2004.	LITERATURA/ TRABALHO, SELF
12	Downie, Emmeline. "The wet dawn inks are doing their blue dissolve": Reframing Sylvia Plath as an Interdisciplinary Artist. Thesis--University of Cambridge, 2020.	ARTISTA
13	England, Amy. Sylvia Plath's beekeeping sequence. Senior honors Thesis--Brandeis University, 1985.	POESIA
14	Fehr, Ashley M. The dialogue between my writing and my life: The "Mother-writer I" tension in the work of Sylvia Plath and Anne Bradstreet. Thesis (B.A.) --Pennsylvania State University, 2008.	SELF, PERSONA
15	Foster, Olivia. Writing to Confess: Exposing the Suburban Myth in the Works of Sylvia Plath and Anne Sexton. B.A. diss., Nottingham University, 2019.	CONFESSIONAL, LITERATURA/ TRABALHO
16	Funderburk, Ann. A complexion of the mind the confessional poetry of Sylvia Plath. Thesis (Undergraduate)--Maryville College, 1973.	POESIA, CONFESSIONAL
17	Girardot, Cosette Elizabeth Therese. Sylvia Plath, Buffy the Vampire Slayer, and the 'She-Hero' in fairy tales. Honors Thesis--Eastern Michigan University, 2016.	LITERATURA/ TRABALHO
18	Gibbs, Victoria M. The exercise of influence in 20th century literary marriages: Sylvia Plath and Ted Hughes. Thesis--Sarah Lawrence College, 2013.	
19	Gilbert, Kenneth J. A ride with "Our boy, death." exploring the death themes in the works of Sylvia Plath and Anne Sexton. Research paper (M.A.) -- Southern Illinois University at Carbondale, Dept. of English, 1990.	LITERATURA/ TRABALHO, MORTE
20	Gopinath, Sheila. Sylvia Plath's Ariel three poems in the face of adversity. Research paper (M.A.) --Southern Illinois University at Carbondale, Dept. of English, 1987.	POESIA
21	Granato, Laura Ann. Sylvia Plath, the individual and society a power issue. Thesis (B.S.) --California Polytechnic State University, 1992.	
22	Heglin, Jeffrey. Sylvia Plath; a biographical approach. Thesis (B.A.) --California State University, Northridge, 1974.	BIOGRAFIA
23	Heidrich, Susan. J.D. Salinger and Sylvia Plath: A comparison Thesis (B.A.) --Konstanz University, 2007.	
24	Henderson, Kathlyn Berkeley. Inspiration, initiation and identity in Sylvia Plath's Colossus. [S.I.]: University of Essex, 1981.	
25	Hickox, Jessica M. Beyond the myths the voices of Sylvia Plath. Honors thesis--Linfield College, 1998.	MITO

26	Huffstetler, Ashley. Betty Friedan, Anne Moody, and Sylvia Plath extraordinary women in a conventional time. Honors essay: Curriculum in American Studies, University of North Carolina at Chapel Hill, 1999.	
27	Kennelly, Lisa J. The search for Sylvia Plath. Thesis (A.B., Honors in History and Literature) --Harvard University, 2006.	
28	Kirylo, Ariell. Sylvia Plath: Between her demon and Eve. Thesis (B.A.) --John Cabot University, 2005.	POESIA
29	Klemarczyk, Molly. The Man Married to the Myth: Ted Hughes and the Posthumous Life of Sylvia Plath. Thesis--University of North Carolina Wilmington, 2015.	MITO
30	Lewis, Elizabeth. The other selves a study of Sylvia Plath's poetry. Thesis (B.A. Honors--English) --Bucknell University, 1986.	POESIA, SELF
31	Lippett, Robyn. Reading bodies imprinted by history: Subversion in the gender poetics, suicidal poetics, and suicides of Anne Sexton and Sylvia Plath. Thesis (B.A.) --Acadia University, 2007.	POESIA, GÊNERO, SUICIDIO
32	Mattsson, M. Michele. Blossoming death, wilting beauty flower imagery in Sylvia Plath's poetry. Honors degree--Dept. of English, University of Utah, 1985.	POESIA, IMAGEM, MORTE
33	McCobin, Julianne. Burrowing inward--and outward identity, materiality, and the body in the journals of Sylvia Plath and Susan Sontag. Thesis (B.A.) --Pennsylvania State University, 2014.	DIÁRIOS, IDENTIDADE, CORPO
34	McKee, Deborah Leah. Turning the exhausted well inside out Elizabeth Bishop, Sylvia Plath, Adrienne Rich. Thesis (B.A.) Magna Cum Laude-- Butler University, 1999.	
35	Megna, Jerome F. The two-world division in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (D. Ed.) --Ball State University, 1972.	POESIA
36	Millsaps, Peggy. I am the arrow voice and vision in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (Undergraduate)--Maryville College, 1984.	POESIA
37	Munger, Margot Rose. The fractured myth: mythology and narrative in the poetry of Sylvia Plath, Louise Glück, and Jorie Graham. Thesis (Honors)--Wellesley College, 2008.	POESIA
38	Nadazdin, Sandra. Hunters in the snow a collection of poems. Thesis (M.F.A.) --Warren Wilson College, 2005.	
39	Noble, Ronda. The rise to consciousness of Sylvia Plath's death wish. Thesis (M. Eng.) --Cleveland State University, 1977.	MORTE
40	Pasch, Susy Lee. Sylvia Plath woman as "hero". Thesis (B.A.) -- Tulane University, 1973.	
41	Pasifull, Hannah Christina. Sylvia Plath: From "The Death of the Author" to "The Birth of the Reader". Dissertation (B.A.) -- University of Liverpool, 2004.	
42	Plasencia, Arianne. "'This is no time for the private point of view': Vexing the confessional in the poetry of Sylvia Plath and Anne Sexton." Thesis (A.B., Honors in History and Literature and	POESIA, CONFESSIONAL

	Studies of Women, Gender and Sexuality) --Harvard University, 2006.	
43	Quinn, Corina Susan. Trapped in a bell jar the relationship between Sylvia Plath and Ted Hughes. Thesis (B.A.) --James Madison University, 2001.	
44	Rodriguez, James L. The woman is perfected the feminist movement's debate over Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Central Michigan University, 1999.	FEMINISMO
45	Sand, Kendall Michele. Writing the shadow subversive language in the works of Sylvia Plath and Alejandra Pizarnik. Thesis (Honors)--University of Oregon, 2004.	LITERATURA/ TRABALHO
46	Schaffer, Amanda Bess. Patients and poets the use of psychiatric treatment in poetry and artistic self-fashioning: Robert Lowell, Sylvia Plath and Anne Sexton. Thesis (A.B., Honors in History and Science) --Harvard University, 1995.	POESIA, SELF, PATOLOGIA, POETA
47	Shaffer, Amy Marie. The woman is perfected representations of women in Sylvia Plath's prose. Honors essay: Dept. of English, University of North Carolina at Chapel Hill, 1999.	PROSA
48	Sokol, Chelsea. Questioning the feminine elegy with Virginia Woolf and Sylvia Plath. Honors paper--University of Tennessee at Chattanooga, 2013.	
49	Stenskär, Eva. I Think I Am Going Up, I Think I May Rise - Death and Rebirth in the Poetry of Sylvia Plath. Thesis--Lund University, 2014.	POESIA, MORTE
50	Storey, Jill. The influence of Aurelia Plath on Sylvia Plath an interpretative biography. A Division III examination in the School of Humanities and Arts, Hampshire College, 1977.	BIOGRAFIA
51	Strauss, Lauren. Sylvia Plath the sounds of silence. Senior honors Thesis--Brandeis University, 1987.	
52	Tenney, Glory A. Modern woman through poetry as seen through the eyes of Sylvia Plath, Anne Sexton and Adrienne Rich. Thesis--University of North Dakota, 1979.	POESIA
53	Trupia, Lillian. The poetry of Sylvia Plath, a foreshadowing of what was to come? Thesis (B.A.) --St. Francis College, 1998.	POESIA
54	Turro, Elizabeth. Sylvia Plath an exploration in negative vitalism. Thesis (B.A.) --St. Francis College, 2003.	
55	Valvo, Carolann. The struggle within the "lives" and "deaths" of Sylvia Plath. Thesis (B.A.) --St. Francis College, 1994.	
56	Volpp, Solphie Ann Justina. Women's space, women's time the confessional poetry of Robert Lowell and Sylvia Plath. Thesis (A.B., Honors) -- Harvard University, 1985.	POESIA, CONFESSIONAL
57	Work, K. L. "Neither a woman ... nor a man" the conflict between nature and intellect in Sylvia Plath's "Three Women". Thesis (Honors)--College of William and Mary, 1984.	POESIA

Tabela das Dissertações

	PUBLICAÇÕES	PALAVRAS-CHAVE
1	Adcock, Gail Rowland. Recurring images in selected literature of Sylvia Plath. A thesis presented to the faculty of the Graduate School, Tennessee Technological University. Cookeville, Tenn: [s.n.], 1983.	IMAGEM, LITERATURA/ TRABALHO
2	Aldred, Ann. Sylvia Plath and existentialism. Thesis (M.A.) -- University of Calgary, 1983.	
3	Allen, Sylvia Carol. Sylvia Plath, a study of confessional poetry. Thesis (M.A.) --University of Texas at El Paso, 1967.	POESIA, CONFESSIONAL
4	Arab, Ronda Ann. "Perfection is terrible": The completed self in the poetry of Sylvia Plath. M.A. diss., Dalhousie University (Canada), 1993.	POESIA, SELF
5	Artrip, Shanon R. The girl in the mirror a Lacanian/Kristevian study of Sylvia Plath's The bell jar. Thesis (M.A.) --Radford University, 1993.	REDOMA DE VIDRO
6	Aube, Cory Michelle. Through the waves: images of the self in the confessional poetry of Sylvia Plath, Anne Sexton, Sharon Olds, and Kim Addonizio. Thesis (M.A.) --Emporia State University, 2010.	POESIA, CONFESSIONAL, IMAGEM, SELF
7	Auger Vega, Olga M. Body image and the pathology of eating disorders in Sylvia Plath's The Bell Jar. Thesis (M.A.) -- Universidad de Puerto Rico, 2005.	REDOMA DE VIDRO, IMAGEM, PATOLOGIA
8	Bærevar, Elise. Esther Greenwood's panopticon: Female identity through self-policing in The Bell Jar by Sylvia Plath. Thesis-- University Of Oslo, 2007.	REDOMA DE VIDRO, IDENTIDADE, SELF
9	Bain-Creed, Benjamin. The production of the surreal an evaluation of nature, consciousness, and creation in Sylvia Plath's poetry. Thesis (M.A.) -- University of Florida, 2002.	POESIA
10	Baric, Neda Rose. Of mothers and mentors, Sylvia Plath and Olive Higgins Prouty. Thesis (M.A.) --University of California, Los Angeles, 1991.	LITERATURA/ TRABALHO
11	Belk, Dianne Phillips. An interpretation of the symbolism in Sylvia Plath's Three women, a poem for three voices. Thesis (M.A.) -- University of South Carolina, 1973.	POESIA
12	Betz, Phyllis M. In time, out of time Sylvia Plath and her critical environment. Thesis (M.A.) in English--University of Maine, 1980.	LITERATURA/ TRABALHO
13	Blackburn, Shilo R. A great mind is androgynous a look at the late poetry of Sylvia Plath through Virginia Woolf's theory of the androgynous consciousness. Thesis (M.A.) --Florida Atlantic University, 2004.	POESIA
14	Blanken, David L. Sylvia Plath biography in and as criticism. Thesis (M.A.) --California State University, Dominguez Hills, 1995.	BIOGRAFIA

15	Blumenshein, Mary Jodan. Monograph for Sylvia Plath in R.L. Goldemberg's Letters home. Thesis (M.A.) --Washington State University, 1984.	CARTAS
16	Bradish, Marion Roberts. The archetypal image of the goddess Persephone in the lives and poetry of Emily Dickinson and Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --California State University, Dominguez Hills, 2001.	POESIA, IMAGEM
17	Brönn, Johanna Aletta. A testimony of the misbegotten tension and discord in the poems of Sylvia Plath with special reference to 'Poem for a birthday'. Potchefstroom: s.n.], 1985.	POESIA
18	Brooks, Anna-Maria. Moon imagery in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Clark University, 1983.	POESIA, IMAGEM
19	Brown, Margaret. Museum-Making in Women's Poetry: How Sylvia Plath and Emily Dickinson Confront the Time of History. Thesis (M.A.)—Western Kentucky University, 2007.	POESIA, HISTÓRIA
20	Bulgaris, Laura. "What ceremony of words can patch the havoc?": A critical study of Sylvia Plath's poems. M.A. diss., Morgan honors—State University, 2003.	POESIA
21	Cannon, Mercy. Approved for the road the subjection of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Radford University, 1999.	CORPO
22	Carney, Christopher James. Dying to write reinventing the elegiac in the confessional poetry of John Berryman, Anne Sexton, and Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --California State University, Long Beach, 1997.	POESIA, CONFESSIONAL, MORTE
23	Carter, Michaela. This other fiction a collection of poems. Thesis (M.F.A.) --Warren Wilson College, 1994.	POESIA, FICÇÃO
24	Chalmers, Catherine F. Sylvia Plath a selected annotated bibliography. Thesis (M.A.) --Western State College of Colorado, 1989.	LITERATURA/ TRABALHO
25	Clayton, Sylvia Jane. Women in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --University of Texas at Arlington, 1981.	POESIA
26	Connolly, Patty Barnhill. Universal values in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Florida Atlantic University, 1982.	POESIA
27	Cooper, C. Camille. Varieties of be(e)ing in Sylvia Plath's bee poems. Thesis (M.A.) --University of Georgia, 1992.	POESIA
28	Cousins, Krystal Gail. The graveyard experience examining graveyard verse with theme and chronology in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Texas Southern University, 2009.	POESIA, MORTE
29	Coyne, Kelly M. "The Magic Mirror": Uncanny Suicides, from Sylvia Plath to Chantal Akerman. Thesis (M.A.) --Georgetown University, 2017.	SUICIDIO
30	Crowther, Gail. An authentic self?: Towards an ethics of reading Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Lancaster University, 1999.	SELF

31	Curry, Renée R. Sexuality in the poetry of modern American women a study of H.D., Elizabeth Bishop, Sylvia Plath and Marge Piercy. Thesis (M.A.) in English--University of Maine, 1984.	POESIA
32	Dabydeen, Cyril. The vision of distinguished worlds a study of the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Queen's University, 1974.	POESIA
33	Devereux, Janice. 'Delighting the heart like wishes': The last poems of Sylvia Plath. Thesis--University of Otago, 1991.	POESIA
34	Dixon, Sarah Alice. A thematic approach to the study of Sylvia Plath's poems. Thesis (M.S.) --Texas A & I University, 1974.	POESIA
35	Eden, Marilyn J. The inverted gospel of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Southwest Missouri State University, 1976.	LITERATURA/ TRABALHO
36	Eik, Katrine. The problem of maturation in The Catcher in the Rye by J.D. Salinger and The Bell Jar by Sylvia Plath. Thesis--University Of Oslo, 2007.	REDOMA DE VIDRO
37	Elingburg, Beverly Hartsell. "Toward the forbidding prison" a study of Sylvia Plath's separateness. Thesis (M.A.) --North Carolina State University, 1992.	LITERATURA/ TRABALHO
38	Ellsworth, Joyce Rowley. Exorcising the emptiness a study of Julia Kristeva's psychoanalytic and linguistic theories as applied to the prose and poetry of Adrienne Rich and Sylvia Plath. Thesis (M.A.L.S.) --North Central College, 1998.	POESIA, PROSA, PSICANÁLISE
39	English, Todd Michael, and Walter A. Davis. Shedding the self's skin on the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Ohio State University, 1991.	POESIA, SELF
40	Fendley, Gail. A kaleidoscope of truth Sylvia Plath's legacy. Thesis (M.A.) --University of Charleston, S.C. and The Citadel, 1996.	LITERATURA/ TRABALHO
41	Fetherolf, Suanne B. Confession and metaphor in the poetry of Robert Lowell, Anne Sexton, and Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Drew University, 2012.	POESIA, CONFESSIONAL
42	Fix, Michael. Deaths and Entrances: The Influence of Spectrality and Death in Sylvia Plath and Dylan Thomas. Thesis (M.A.) --State University of New York at Buffalo, 2010.	MORTE
43	Fleeman, Linda Sharon Elizabeth Henson. Image, sound, and self: the persona of Sylvia Plath. Thesis (M.A. in English) --Vanderbilt University, 1972.	IMAGEM, SELF, PERSONA
44	Fletcher, Alison Laura. A critical application of Anti-Oedipus to the literature of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --University of South Florida, 1996.	LITERATURA/ TRABALHO, PSICANÁLISE
45	Foord, Isabelle. The illusion of Greek necessity a developmental study of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --University of Alberta, 1971.	LITERATURA/ TRABALHO
46	Foster, Suzanne M. Sylvia Plath's bee cycle of poetry a movement toward maturity. Paper (M.A.) --North Dakota State University, 1984.	POESIA

47	Frank, Lauren Irene. Plath's animals: Representations of gender and identity in the writing of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --University of Canterbury, 2007.	GÊNERO, IDENTIDADE, LITERATURA/ TRABALHO
48	Fritzsche, Vincent J. The new Ariel a new edition of Sylvia Plath's greatest poetic work. Thesis (M.A.) --San Francisco State University, 2000.	POESIA
49	Geffner, Andrea B. A passive transport through death submission in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --City College of New York, 1975.	
50	George, Louise D. A word index to the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Edinboro State College, 1974.	POESIA
51	Gereighty, Andrea Saunders. Stasis in the Ariel poems of Sylvia Plath. Thesis (Master of Arts) --University of New Orleans, 1978.	POESIA
52	Golden, Amanda. "Her novels make mine possible" Virginia Woolf's influence on Sylvia Plath's abandoned novel, Falcon Yard. Thesis (M.A.) -- University of Massachusetts at Amherst, 2003.	PROSA
53	Gómez, Tatiana. Motherhood, sexuality, and feminine writing in selected poems of Sylvia Plath and Rosario Ferré. Thesis (M.A.) --University of North Carolina at Chapel Hill, 2001.	POESIA
54	Gottler, Mara. Otherness beyond the self an analysis of water imagery in the woods of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --University of Windsor, 1975.	IMAGEM, SELF
55	Graeber, Amanda Lynn. A question of sanity women and in/sanity in Bessie Head's A question of power and Sylvia Plath's The bell jar. Thesis (M.A.) --University of Northern Iowa, 2003.	REDOMA DE VIDRO
56	Graham, Jessica Renee. Patriarchal circumvention in the autobiographical fiction of Charlotte Bronte and Sylvia Plath. Mississippi College thesis. Thesis (M.A.) --Mississippi College, 2002.	AUTOBIOGRAFIA, FICÇÃO
57	Gregoris, Steven. Poetic process and absence a critical perspective on the poetry of Sylvia Plath. M.A. diss., Dalhousie University (Canada), 1983.	POESIA
58	Hall, Lawren Lydian. Sylvia Plath and ECT: Controlling herself and her treatment. M.A. diss., University of Houston, 1991.	PATOLOGIA
59	Hamblin, Laura. Images of meaning in the poetry and prose of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Brigham Young University. Dept. of English, 1989.	POESIA, PROSA, IMAGEM
60	Hammond, Patricia B. The controlled versus the hysterical voices in Sylvia Plath's poetry. Thesis (M.A.) --San Francisco State University, 1979.	POESIA, PATOLOGIA
61	Harlow, James. Dueling Plaths: Analyzing the literary double in Sylvia Plath's short stories. Thesis (M.A.) --Central Connecticut State University, 2021.	PROSA

62	Harris, Jan Renee. <i>Sylvia Plath and Anne Sexton: Passion, perfection, and death through poetic confession</i> . M.A. diss., University of Houston Clear Lake, 1999.	POESIA, CONFESSIONAL, MORTE
63	Hazzard, Kim Ryne. <i>Sylvia Plath "the girl who wanted to be God"</i> . Thesis (M.A.) --Samford University, 1976.	
64	Hebert, Laurel Ann. <i>The red eye, the cauldron of morning a study of the later poetry of Sylvia Plath</i> . Thesis (M.A.) --University of Montana, 1968.	POESIA
65	Hoffer, Mark. <i>The coming and going of the Sphinx a reading of Sylvia Plath's unpublished Ariel</i> . Thesis (M.A.) --California State University, Northridge, 1996.	POESIA
66	Hooper, Carolyn B. <i>"The mirror floats us" beyond the surface of Sylvia Plath's mirrors</i> . Thesis (M.A.) --Wake Forest University. Dept. of English, 1990.	PATOLOGIA
67	Houston, Jenna. <i>"I am more myself in letters": The Influence of the Epistolary on Sylvia Plath's Art, Life, and Poetry</i> . Dissertation (M.A.)—University of Sheffield, 2020.	POESIA, CARTAS, ARTE
68	Huang, Ching-Yu G. <i>A comparative study of silence in the poetry of Emily Dickinson and Sylvia Plath</i> . Thesis (M.A.) --Oklahoma State University, 1990.	POESIA
69	Hubbard, Marilyn Rae. <i>Transcending technique Sylvia Plath's Ariel</i> . Thesis (M.A.) --Wichita State University, Department of English, 1978.	POESIA
70	Hubble, Judy K. <i>Sylvia Plath woman as artist</i> . Thesis (M.A.) --Arkansas State University, 1973.	ARTISTA
71	Hurt, Natalie Jane. <i>"The Girl That Things Happen To": Reading Sylvia Plath's letters to Ruth Beuscher</i> . Dissertation--University of Sheffield, 2020.	CARTAS
72	Huth, Ronald Patrick. <i>Invasion and isolation in Sylvia Plath's short fiction</i> . Thesis (M.A.) --Ohio State University, 1987.	PROSA
73	Iglesias, Raquel Garcia. <i>"The magic mirror" reading Sylvia Plath's early poems as poetry of the fantastic</i> . Thesis (M.A.) --Indiana University, 2004.	POESIA
74	Jamieson, Anna. <i>"Is It so Difficult / for the Spirit to Conceive a Face, a Mouth?" Sylvia Plath, "Three Women," and the Female Creative Experience</i> . Thesis (M.A.) --Universiteit Antwerpen, 2015.	POESIA
75	James, Sarah Ann. <i>Creativity and control: A comparative study of Sylvia Plath and Manuel Puig</i> . M.A. diss., Wayne State University, 2005.	
76	Jenkins, Victoria Krista. <i>Illusion of a Greek necessity: Greek tragedy withing the poetics of Sylvia Plath</i> . Thesis (M.A.) --Northwestern State University of Louisiana, 2007.	POESIA
77	Jewell, James C. <i>Analysis and adaptation of the life and selected works of Sylvia Plath for Readers Theatre</i> . Contribution to the	

	School of Graduate Studies, Indiana State University, no. 918. Thesis (M.A.) --Indiana State University, 1968.	
78	Johnson, Craig D. Visualising and Vocalising the Ecosphere: Sylvia Plath's (Non-) Human Identity Formation. M.A. diss., Lancaster University, 2016.	
79	Johnson, Mark. Sylvia Plath Yeat's influence and Bloom's Theory of Poetic Anxiety. Thesis (M.A.) --Winona State University, 2004.	POESIA
80	Karcher, Joy Halcomb. A rhetorical situation analysis of the suicide poems of Sylvia Plath and Anne Sexton. Thesis (M.A.) --Miami University, Department of Communication and Theatre, 1980.	POESIA, SUICIDIO
81	Kendig, Diane. "The moon is my mother" a study of moon imagery in the work of Sylvia Plath. [Cleveland]: Kendig, 1977.	IMAGEM
82	Knobel, Paul Ernest. The theme of death in "The Waste Land" and in the poetry of Robert Lowell, Sylvia Plath, John Berryman, and Ted Hughes, 1957-1973. M.A. diss., University of Sydney, 1977.	POESIA, MORTE
83	Kramer, Roberta. The poetry is its own proof the achievement of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) Queens College. Department of English, 1975.	POESIA
84	Kriel, Johanet Alice. Imagining the mad woman: applying concepts of the narrative imagination, psychoanalytic and feminist theory to "The Bell Jar" and selected poems by Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --University of the Free State, 2011.	POESIA, REDOMA DE VIDRO, FEMINISMO, PSICANÁLISE
85	La Mattery, Mary. The knowledge of madness in the poetry of Emily Dickinson and Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --San Francisco State University, 1974.	POESIA, LOUCURA
86	Last, Amy Denise. Masks of refusal para-femininity and the mythopoesis of Sylvia Plath and Cindy Sherman. Thesis (M.A.) --California State University, Dominguez Hills, 1998.	
87	Lattam, Martha W. Sylvia Plath her major themes and images. Thesis (M.A.) --Winthrop College, 1973.	IMAGEM
88	Lay, Joan Marion. Sylvia Plath and resurrection. Thesis (M.A.) --University of Houston, 1976.	
89	LeJeune, Alice Kristine. From contradiction to convergence Feminist expression in the life and writing of Sylvia Plath. Thesis (M.A.)--Northwestern State University of Louisiana, 2013.	FEMINISMO, LITERATURA/ TRABALHO
90	Leshko-Kaschak, Michelle. "Dancing the dark turmoil" Ted Hughes and the myth of Sylvia Plath in Birthday letters. Shippensburg, Pa: Shippensburg University of Pennsylvania, 2001.	CARTAS, MITO
91	Linton, Ruth McClendon. Sylvia Plath and Ted Hughes the myth and the mirror. Thesis (M.A.) --Southwest Texas State University, 1992.	MITO
92	Malmberg, Carole. "The wall of my skin" a reading of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --University of Denver, 1978.	

93	Mansbridge, Pamela. Metaphor, male/female theorists, and the "birth rites" of women the reclamation projects of Sylvia Plath, Anais Nin and Maya Deren. Thesis (M.A) University of Manitoba, 2000.	
94	Maple, Jeni. Sylvia Plaths "The Bell Jar" as disability narrative. Thesis (M.A.) -- Oklahoma State University, 2009.	REDOMA DE VIDRO
95	Martin Castillejos, Ana Maria. A struggle for an identity doubleness in the life and work of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) -- Michigan State University. Dept. of American Studies, 1994.	IDENTIDADE, LITERATURA/ TRABALHO
96	Martins, Savannah. Sylvia Plath: Journey to The Colossus. Thesis (M.A. in English) --Mississippi College, 2020.	POESIA
97	McClintock, Ellery. A study of the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --University of Wyoming, 1973.	POESIA
98	McCollum, Nancy Annette. Images of encapsulation and the persona in the poems of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) - Georgia State University, 1972.	POESIA, IMAGEM, PERSONA
99	McCormick, Marjorie J. A structuralist analysis of the artistic development of Sylvia Plath. Thesis (M.A. in English) --Vanderbilt University, 1982.	ARTISTA
100	McGlynn, Mary Kay. Two Esthers, two Plaths, one discourse using madness to unmask conformity in Sylvia Plath's The bell jar. Paper (M.A.) -- North Dakota State University, 2000.	REDOMA DE VIDRO, LOUCURA
101	McNay, Richard D. Sylvia Plath's The bell jar and the problem of critical response. Thesis (M.A) Simon Fraser University, 1984.	REDOMA DE VIDRO
102	Mikuta, Deborah. The connection between reading and writing in the works of Sylvia Plath. Thesis (Master of Liberal Studies) -- Rollins College, 1996.	LITERATURA/ TRABALHO
103	Miller, Danielle M. "Dawn poems written in blood" Sylvia Plath's redefining and search of the self- breaking through societal roles. Thesis (M.A.) -- Western Illinois University, 1998.	SELF
104	Mitchell, Susan Elizabeth. Psychological structure in poems by Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Washington State University, 1974.	POESIA, PSICOLOGIA
105	Mitchell, Susan K. "The hanging [wo]man" the reader in Sylvia Plath's "Ariel". Thesis (M.A.) --Texas Tech University, 1989.	POESIA
106	Moore, Jayme E. The significance of mouth imagery in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Ball State University, 1989.	POESIA, IMAGEM
107	Morrissey, Jill S. Defiance and punishment Sylvia Plath vs. patriarchal culture. Thesis (M.A.--English) --Bucknell University, 1992.	FEMINISMO
108	Morse, Sarah E. Sylvia Plath at Yaddo: A Poet Finds Her Voice. Thesis (M.A.) --State University of New York at Albany, 2012.	POETA
109	Mosesso, Angela Mary. The shedding of old skin Virginia Woolf's influence on Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --San Francisco State University, 1984.	

110	Muir, C. Ann. The poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Dalhousie University, 1972.	POESIA
111	Nebistinsky, Morgan. The Branches of a Fig Tree: Crafting an Original Identity in "The Bell Jar". Thesis (M.A.) --Southern New Hampshire University, 2017.	REDOMA DE VIDRO, IDENTIDADE
112	Nguyen, Thanh Binh. A stylistic analysis of Sylvia Plath's poetic semantics. Thesis (M.A.) --University of California, Davis, 1974.	POESIA
113	Norby, KrisAnn. Exploring the double duality in narration and character in Sylvia Plath's The bell jar. Paper (M.A.) --North Dakota State University, 2005.	REDOMA DE VIDRO
114	Northouse, Cameron G. Patterns in the poetry of Sylvia Plath, Denise Levertov and Howard Nemerov. Thesis (M.A.) --University of Nebraska at Omaha, 1972.	POESIA
115	Orbaugh, Tonya Wertz. Trouble with Daddy confronting the fathers in the poetry of Anne Sexton and Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --University of North Carolina at Charlotte, 1994.	POESIA
116	Owen, Beverly. The art of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --City College of New York, 1969.	ARTE
117	Pavlova de Odorico, Irena. Between Autobiography and Fiction or the Road from Autobiographical to Psychobiographical on Examples from the Works of Sylvia Plath, Radmila Trifunovska and Danica Rucigaj. Thesis (M.A.) -- Ss Cyril and Methodius University in Skopje, Macedonia, 2009.	AUTOBIOGRAFIA, FICÇÃO, LITERATURA/ TRABALHO, PSICOLOGIA
118	Payne, Susanne S. Sylvia Plath's Ariel poems: the persona's search for control and security. Thesis (M.A.) --Mississippi State University. Department of English, 1991.	POESIA, PERSONA
119	Peontek, Louana L. Stone imagery in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Eastern Illinois University, 1974.	POESIA, IMAGEM
120	Perry, Michelle Louise. Mastery and manipulation Sylvia Plath's prose revision of her life. M.A. -- Acadia University, 1996	PROSA
121	Peterson, Raileen L. An examination of the twelve poems deleted from Sylvia Plath's original design for the Ariel collection. Thesis (M.A.)—Ball State University, 1982.	POESIA
122	Petzak, Nick. How they met themselves Elizabeth Bishop, Sylvia Plath, and Heather McHugh writing the mirror. Thesis (M.A.) -- Arizona State University, 1996.	
123	Pioter, Jill M. (False) portrait of the artist as a woman: Editorial strategy in the diaries of Virginia Woolf and Sylvia Plath. M.A. diss., The University of Arizona, 2002.	DIÁRIOS, ARTISTA
124	Polito, Carmella Marie. "Her Final Takeoff": The artistic purpose of rose imagery in Sylvia Plath's poetry. California, Pa: [California State College], 1983.	
125	Poust, Jenny. Creative minds erased by suicide; examining the lives and works of Sylvia Plath and Kurt Cobain. Academic Thesis (M.A.)—Penn State Harrisburg, 2005.	SUICIDIO, LITERATURA/ TRABALHO

126	Powers, Gail. The functions of humor in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Cleveland State University, 1973.	POESIA
127	Pragatwutisarn, Chutima. The mystical journey in Sylvia Plath's poetry. Thesis (M.A.) --Iowa State University, 1993.	POESIA
128	Queenan, Deborah Clark. Sylvia Plath's poetry as artifact two-dimensionality and effects. Thesis (M.A.) --Florida Atlantic University, 1980.	POESIA
129	Reeves, Catherine Leigh. Plathmares: Sylvia Plath's poetics and the American gothic. Thesis (M.A.) --University of Wyoming, 2012.	POESIA
130	Richards-Winkler, Michelle. Sylvia Plath the cauldron of mourning. Thesis (M.A.) --Florida Atlantic University, 2003.	
131	Robitaille Bédard, Hélène. Colour imagery in a selection of Sylvia Plath's poems. M.A. -- Université Laval, 1991	IMAGEM
132	Rocha, Melissa. The most hopeless case Sylvia Plath and the self-erasure of the female hysteric. Thesis (M.A.) --California State University, Stanislaus, 2003.	SELF, PATOLOGIA, PSICANÁLISE
133	Rodriguez, Anadelia. An investigation of Sylvia Plath's patterns of paradox in Ariel. Thesis (M.A.) --Pan American University, 1978.	POESIA
134	Roe, Christopher Wayne. The tree of life and the tree of life--Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Ball State University, 1988.	
135	Roodhouse, Elizabeth Anne. Re-writing the Plath myth Sylvia Plath and the cult of celebrity in print publication. Thesis (M.A.) --University of Virginia, 2006.	MITO
136	Rudder, Randy Wayne. Birth imagery in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Tennessee State University, 1989.	POESIA, IMAGEM
137	Russman, Christel C. Imprisonment and escape in Sylvia Plath's poetry. Thesis (M.A.) --Central Connecticut State University, 2004.	POESIA
138	Ryan, Sabeth T. Female corporeality and the development of poetic subjectivity in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.--English)—Bucknell University, 1997.	POESIA, CORPO
139	Salop, Lynne. Creativity and suicide: a study of Sylvia Plath. Thesis (MA - Communication) - Fairfield University, 1973.	SUICIDIO
140	Sanazaro, Leonard R. A disturbance in the mirror a study of the religious perspective in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) - -University of Nevada, Reno, 1979.	POESIA
141	Santos, Melissa. The "great I am I": identifying the self in Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Bridgewater State University, 2012.	SELF
142	Schroeder, Kathleen Herrick. The woman is perfected a reader-response approach to Sylvia Plath's Ariel. Thesis (M.A.) --California State University, San Bernardino, 1987.	POESIA

143	Sims, Mary Jane. The sacred and the profane in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A. in English) --University of California, Berkeley, 1984.	POESIA
144	Sit, Wai-ye, Agnes. The poetic quests of Emily Dickinson and Sylvia Plath. Thesis--University of Hong Kong, 2007.	POESIA
145	Sivan, Sanju. A setting of Sylvia Plath's "Crossing the Water" for wind quintet and mezzo soprano. M.Mus. diss., The University of Western Ontario (Canada), 1997.	POESIA
146	Slutsker, Irina. Teaching Plath the instruction of poetry by Sylvia Plath within the Israeli bagrut framework. Thesis (M.A.) --Hebrew University of Jerusalem, 2013.	POESIA
147	Soha, Laurie. The doubled "I" in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Arizona State University, 1995.	POESIA
148	SoJourney, Holly Mims. Violence and vulnerability in the poetry of Sylvia Plath and Ted Hughes. Thesis (M.A.) --University of South Carolina, 1976.	POESIA
149	Spillane, Pat. Inhabited by a cry a thematic study of Sylvia Plath's Ariel. Thesis (M.A.) --Massey University, 1971.	POESIA
150	St. Germain, Sheryl Ann. Death and the self fear imagery in the poetry of Pablo Neruda, Sylvia Plath and Galway Kinnell. Thesis (M.A.)—University of Texas at Dallas, 1981.	POESIA, IMAGEM, SELF, MORTE
151	Stringham, Margaret J. From Red Hoods to Blue Beards: Fairy-tale Intertexts in Alejandra Pizarnik and Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --University of Utah, 2014.	LITERATURA/ TRABALHO
152	Stromme, Mary Sydney. Re-presentations of motherhood in the writings of Tillie Olsen and Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Iowa State University, 2003.	LITERATURA/ TRABALHO
153	Svensson, Anna Kye. Negotiating lands and languages a reading of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --California State University, Northridge, 2000.	LITERATURA/ TRABALHO
154	Swaney, Deborah. True confessions: the absolution of Sylvia Plath's Poetry. Thesis (M.A.) --California University of Pennsylvania, 1990.	POESIA, CONFESSIONAL
155	Tama, Mary Carrol. R.D. Laing's patterns of anxiety in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --California State College, 1972.	POESIA, PATOLOGIA
156	Thomas, Darlene M. Ariel and the Wodwo a study of Sylvia Plath and Ted Hughes. Thesis (M.A.) --Radford College, 1973.	POESIA
157	Thomas, Jane C. Lloyd. Feminism in the writings of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --York University, 1977.	FEMINISMO, LITERATURA/ TRABALHO
158	Thomas, Maria M. A Close Reading and Comparison of Selected Poems by Ingrid Jonker and Sylvia Plath. Dissertation (MA)--University of Pretoria, 2013.	POESIA

159	Thompson, Cherie A. "I am your opus" constructions of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --University of Maryland at College Park, 1993.	
160	Veljanoska, Ana. The Viewpoints of Female Protagonists in the Novels of Margaret Atwood, Sylvia Plath and Irena Jordanova. Thesis (M.A.)—SsCyril and Methodius University, Skopje, 2012.	LITERATURA/ TRABALHO
161	Verrone, Rosalia. The search for self stylistic development in Sylvia Plath's poetry. Thesis (M.A.--English) --Catholic University of America, 1969.	POESIA, SELF
162	Waite, Cheralea A. A developmental study of the art of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --McMaster University, 1974.	ARTE
163	Walsh, Aimée Anne. Sylvia Plath the masks and mirrors of a woman poet. Thesis (M.A. in English) --University of San Diego, 1993.	POETA
164	Waters, Shannon. "I am, I am, I am.": The Exploitation of Sylvia Plath's long-lasting Literary Legacy. Dissertation (M.A.) --Oxford Brookes University, 2018.	LITERATURA/ TRABALHO
165	Wheeler, Sharon Marie. Self, other and nothingness color in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A. in English) --University of California, Berkeley, 1977.	POESIA, SELF
166	Willcockson, Sharon Godbey. Sylvia Plath a study of the Journals and the poetry in Ariel in relation to three specific themes found throughout. Thesis (M.A.) --Angelo State University, 1990.	POESIA, DIÁRIOS
167	Williams, Autumn. Love, violence, and creation modernist mediums of transcendence in Sylvia Plath's poetry and prose. Thesis (M.A.), Eastern Illinois University, 2003.	POESIA, PROSA
168	Willis, Mary. Control of confession in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --University of New Brunswick, 1972.	POESIA, CONFESSIONAL
169	Wilson, Kathryn Gayle. Madness, anger and rebirth in the poetry of Adrienne Rich and Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Clark University, 1992.	POESIA, LOUCURA
170	Wong, Hiu-wing. The representation of feminine fear in Sylvia Plath's poetry. Thesis (M. Phil.) --Chinese University of Hong Kong, 2001.	POESIA
171	Woolf, Caroline M. The subversion of Emily Dickinson's and Sylvia Plath's poetry through posthumous editing. Thesis (M.A.) --New Mexico State University, 2002.	POESIA
172	Wright, Nina Wood. Struggling with God the late poetry of Sylvia Plath. Thesis (M.A.) --Angelo State University, 1991.	POESIA
173	Micarakis, Tihana. The Evolution of the Female Lyric 'I' in Sylvia Plath's Poetry. Thesis (M.A) - University of Zadar, 2020.	POESIA
174	Feuerstein, Jessica J. The Dark Is Melting: Narrative Persona, Trauma and Communication in Sylvia Plath's Poetry. Thesis (M.A) - Cleveland State University, 2012.	PERSONA, PSICOLOGIA

175	Winkler, Michelle Richards. Sylvia Plath: The Cauldron of Mourning. Thesis (M.A). Florida Atlantic University,2003.	POESIA
176	Imbuído, Ivy Alvarez. 'I Could Hardly Speak': Dialogues in the Poetry of Sylvia Plath and Ted Hughes. Thesis (M.A)- University of Tasmania, 2002.	POESIA
177	Junglas, Gretchen Therese. Heteronormative Recovery in The Bell Jar. Thesis (M.A) - North Dakota State University, 2012.	REDOMA DE VIDRO
178	Goh Kwee Hwa, Sheri Kristen. "What Ceremony of Words Can Patch The Havoc?"\nManic-Depression and\nThe Writings of Sylvia Plath. Thesis (M.A) - National University of Singapore, 2004.	LITERATURA/ TRABALHO, PATOLOGIA
179	Kircher, Theresa. "This Unique Empire": Sylvia Plath and Anne Sexton's Embodied Poetry as L'écriture Feminine. Thesis (M.A) - Montclair State University, 2019.	POESIA
180	CARVALHO, Taisa Aparecida. RASTROS E VOZES DE SYLVIA PLATH: REMINISCÊNCIAS E MEMÓRIA' 143 f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA, Cascavel, 2013.	
181	GALVAO, Raissa Varandas. A escrita de si nos diários de Sylvia Plath' 124 f. Mestrado em LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 2015.	DIÁRIOS
182	TEIXEIRA, DERICK DAVIDSON SANTOS. Uma cerimônia de palavras: a poética biografemática de Sylvia Plath' 136 f. Mestrado em ESTUDOS LITERÁRIOS, UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte, UFMG,2017.	
183	PETERSEN, MARIANA CHAVES. The Loss of Language in Sylvia Plath's Narrative: Woman's Experience and Trauma in The Bell Jar, "Tongues of Stone", and "Mothers" 117 f. Mestrado em LETRAS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL,2017.	POESIA, REDOMA DE VIDRO
184	SASKA, JENIFER EVELYN. Escrita e morte na poética de Sylvia Plath'. Mestrado em Estudos de literatura UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, 2016.	POESIA, MORTE
185	CASAGRANDE, SARAH. A POESIA DE SYLVIA PLATH: TRADUÇÃO E RECEPÇÃO DE LADY LAZARUS E WORDS POR GRADUANDOS DE CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS' 204 f. Mestrado em LETRAS, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, MARINGÁ, 2008.	POESIA
186	SALTARELLI, BEATRIZ VIANA LOPES. Sylvia Plath, entre a escrita e o sangue: O trágico como potência do inefável da vida' 142 f. Mestrado em ESTUDOS LITERÁRIOS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte UFMG, 2017.	DIÁRIOS
187	Júnior, José Mariano Tavares. A performance do suicídio em "Ariel" de Sylvia Plath' 130 f. Mestrado em ESTUDOS DA LINGUAGEM, UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, NATAL, 2011.	POESIA, SUICIDIO

188	Puff, Sandra Bernardes. Dentro da Redoma de Vidro: O Duplo no romance de Sylvia Plath' 176 f. Mestrado em LITERATURA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS, 2010.	REDOMA DE VIDRO
189	BERTACINI, VANESSA CEZARIM. A DESINTEGRAÇÃO DO SUJEITO FEMININO EM A REDOMA DE VIDRO, DE SYLVIA PLATH' 180 f. Mestrado em ESTUDOS LITERÁRIOS, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO, 2018	REDOMA DE VIDRO
190	NOGUEZ, SHARON MARTINS VIEIRA. REFLEXÕES SOBRE A ARTE DE MORRER E RENASCER EM ARIEL, DE SYLVIA PLATH' 171 f. Mestrado em TEORIA LITERÁRIA, CENTRO UNIVERSITÁRIO CAMPOS DE ANDRADE, Curitiba, 2018	POESIA, MORTE
191	AMARAL, LARA LUIZA DE OLIVEIRA. DA REDOMA À FIGUEIRA: SYLVIA PLATH E O ABISMO DO EU' 258 f. Mestrado em LETRAS UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, UEM, 2019	REDOMA DE VIDRO, SELF
192	SILVA, FERNANDA MOREIRA DA. Breakdown and Recovery: Female Madness in Sylvia Plath's The Bell Jar and Susanna Kaysen's Girl, Interrupted.' 86 f. Mestrado em Inglês:Estudos Lingüísticos e Literários UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2013.	REDOMA DE VIDRO, LOUCURA
193	TAVARES JÚNIOR, José Mariano. A performance do suicídio em Ariel, de Sylvia Plath. 2011. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.	POESIA, SUICÍDIO
194	Caspon, Vanessa. A intimidade era teatro: tensões entre autobiografia e ficção nas poéticas de Ana Cristina Cesar e Sylvia Plath. 91F. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de São Paulo, 2019.	POESIA, AUTOBIOGRAFIA, FICÇÃO
195	OLIVEIRA, Matheus Torres de. The Wishing Box e The Fifty-Ninth Bear: a rasura do casamento em Sylvia Plath. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.	PROSA
196	Balbi, Alita Fonseca. "The Less Deceived": Subjectivity, Gender, Sex and Love in Sylvia Plath's and Philip Larkin's Poetry. 138f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários), Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.	GÊNERO
197	Kmita, Andréia. O rigor e a sensibilidade poética da prática tradutória de Ana Cristina Cesar. 2018. 170 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.	POESIA
198	PINHO, Davi Ferreira de. Of angels and demons: Virginia Woolf s homicidal legacy in Sylvia Plath s: The bell jar. 2011. 76 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas de Língua Inglesa; Literatura Brasileira; Literatura Portuguesa; Língua Portuguesa; Ling) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.	REDOMA DE VIDRO

199	FRANÇOSO, Marcia Elis de Lima. A presença do corpo na cena da morte: uma análise da escritura nos poemas de Ariel. 2008. 101 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008.	POESIA, CORPO, MORTE
-----	--	----------------------

Tabela das Teses

	PUBLICAÇÕES	PALAVRAS-CHAVE
1	Al-Ghafari, Iman. The Quest for Identity in the Poetry of Sylvia Plath: A Feminist Approach. Thesis (Ph. D) --Cairo University, English Department, 1995-1999.	POESIA, IDENTIDADE, FEMINISMO
2	Allen, Elyse Poore. An oral performance of selected works of Sylvia Plath. Thesis-- Southwest Texas State University, 1974.	LITERATURA/ TRABALHO
3	Annas, Pamela J. A disturbance in mirrors the poetry of Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) --Indiana University, 1981.	POESIA
4	Badia, Janet. Private detail, public spectacle Sylvia Plath's and Anne Sexton's confessional poetics and the politics of reception. Thesis (Ph. D.) -- Ohio State University, 2000.	POESIA, CONFSSIONAL
5	Badt, Karin Luisa. The Ethics of the body in American and Italian women's fiction a study of Sylvia Plath, Natalia Ginzburg, Dacia Maraini, Milena Milani and Toni Morrison. Thesis (Ph. D.) -- University of Chicago, Committee on Comparative Studies in Literature, 1994.	FICÇÃO, CORPO
6	Baker, Mary Smith. The light of the mind the composition of Sylvia Plath's poems. Thesis (Ph. D.) --University of Washington, 1991.	POESIA
7	Balitas, Vincent D. Sylvia Plath, poet. Thesis (Ph. D.) --Indiana University of Pennsylvania, 1981.	POESIA
8	Becker, Carol C. A Rilke tradition in American poetry Theodore Roethke, Delmore Schwartz, Randall Jarrell, John Berryman, Anne Sexton, and Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) --Rutgers University, 1979.	POESIA
9	Bell, Ronald John. My selves dissolving an exploration of the narcissistic personality in the work of two American poets, Weldon Kees and Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) --University of California, Davis, 1999.	LITERATURA/ TRABALHO, PATOLOGIA
10	Berkenkotter, Carol. Sylvia Plath poet and persona. Thesis (Ph.D.) --University of Iowa, 1977.	POESIA, PERSONA, POETA
11	Boswell, Matthew James. The Holocaust poetry of John Berryman, Sylvia Plath and W.D. Snodgrass. Thesis (Ph. D.) -- University of Sheffield, 2005.	POESIA, HISTÓRIA
12	Bradshaw, Melissa. Elizabeth Bishop and Sylvia Plath through psychoanalysis. Thesis (Ph.D.) --Birkbeck (University of London), 2011.	PSICANÁLISE
13	Brain, Tracy Eileen. The female body in women's writing from Sylvia Plath to Margaret Atwood. Thesis (Ph. D.) --University of Sussex, 1992.	LITERATURA/ TRABALHO, CORPO

14	Bridgford, Kim Suzanne. Discoverers of the not-known Louise Bogan, Muriel Rukeyser, Sylvia Plath, Mary Swenson, and Adrienne Rich. Thesis (Ph. D.) --University of Illinois at Urbana-Champaign, 1988.	LITERATURA/ TRABALHO
15	Broadwell, Elizabeth Pell. Male authority and female identity in the poetry of Sylvia Plath, Anne Sexton, and Adrienne Rich. Thesis (Ph. D.) -- University of North Carolina at Chapel Hill, 1981.	POESIA, IDENTIDADE
16	Broe, Mary Lynn. Persona and poetic the poetry of Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) --University of Connecticut, 1975.	POESIA, PERSONA
17	Capek, Mary Ellen Stagg. "Perfection is terrible" a study of Sylvia Plath's poetry. Thesis (Ph. D.) --University of Wisconsin, 1975.	POESIA
18	Carroll, Rachel Louise. The return to the body in the work of Sylvia Plath, Angela Carter, Leonora Carrington, and Flannery O'Connor. Newcastle upon Tyne: University of Newcastle upon Tyne, 1996.	LITERATURA/ TRABALHO, CORPO
19	Churchill, Sarah Bartlett. Dead metaphors writing Marilyn Monroe, Sylvia Plath, and Janis Joplin. Thesis (Ph. D.) -- Princeton University, 1998.	MORTE
20	Cloud, Jeraldine Neifer. Robert Lowell, Sylvia Plath, and the confessional mode in contemporary poetry. Thesis (Ph. D.) -- Emory University, 1976.	POESIA, CONFESSIONAL
21	Decker, Helen. Sylvia Plath and Ted Hughes: The double-sided manuscripts. Thesis (Ph. D.) --City University of New York, 2010.	LITERATURA/ TRABALHO
22	Dillon, Anna M. Toward a supreme poetry the ecstatic self in the poetry of Wallace Stevens and Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) -- Queen's University Belfast, 2012.	POESIA, SELF
23	Dunne, Colleen C. Poetic Visions: Figures of Sight and Feminine Subjectivity in the Works of Sylvia Plath, Anne Carson, and Meimei Berssenbrugge. Thesis (Ph.D.) --Emory University, 2011.	GÊNERO, LITERATURA/ TRABALHO
24	Fesmire, Bonnie Lynn. The blaze within forms of pilgrimage in the poetry of Denise Levertov, Anne Sexton, Sylvia Plath, and Adrienne Rich. Thesis (Ph. D.) --Florida State University, 1981.	POESIA
25	Fraser, Linda Lussy. Sylvia Plath and the cinema Sylvia Plath's poetics and the cinematography of Ingmar Bergman, Jean Cocteau, and Carl Dreyer. Thesis (Ph. D.) --University of California, Riverside, 1997.	POESIA
26	Frazier, Valerie Doris. Battlemaids of domesticity: Domestic epic in the works of Gwendolyn Brooks and Sylvia Plath. Ph.D. diss., University of Georgia, 2002.	LITERATURA/ TRABALHO
27	Gentry, Deborah Suiter. The art of dying: Suicide in the works of Kate Chopin and Sylvia Plath. D.A. diss., Middle Tennessee State University, 1992.	SUICIDIO, LITERATURA/ TRABALHO
28	Glassey, Nigel. Ted Hughes, Sylvia Plath and Birthday letters: Visions of power and the mythology of containment. Thesis (Ph. D.) --University of Sydney, 2005.	CARTAS

29	Golden, Amanda. Annotating modernism: The reading and teaching strategies of Sylvia Plath, John Berryman, and Anne Sexton. Thesis (Ph.D.) -- University of Washington, 2009.	LITERATURA/ TRABALHO
30	Gordon, Lydia Caroline. "From stone to cloud," a critical study of Sylvia Plath. Thesis--University of Pennsylvania, 1975.	
31	Gosmann, Uta. The poetics of memory: Sylvia Plath, Susan Howe, and Ellen Hinsey. Thesis--University of Bonn, 2007.	
32	Govindan, Anumarla. Sylvia Plath and the poetry of experience a study of Sylvia Plath's dramatic strategies. Thesis (Ph. D.) -- Oklahoma State University, 1997.	POESIA
33	Griffiths, Marie Ann. Vanquishing the void narcissism and negation in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) --University of California, Riverside, 1999.	POESIA, PATOLOGIA
34	Hadler, Susan J. Cauldron of morning aspects of the feminine psyche revealed in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) -- University of Maryland, 1983.	POESIA
35	Hall, Caroline King Barnard. Gods lioness: the poetry of Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) --Brown University, 1973.	POESIA
36	Hall, David Gibbard. The poetic voice of Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) --University of Texas at Austin, 1978.	POESIA
37	Herzfeld, Leslie Ann. Sylvia Plath: an explication of her style, theme, and voice from a feminist perspective. Thesis (Ph. D.) -- Columbia University, 1992.	FEMINISMO
38	Holden, Jennifer Lynn. Absent fathers/surrogate fathers fatherlessness in the works of Robert Lowell and Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.)—University of California, Riverside, 1997.	LITERATURA/ TRABALHO
39	Hoofard, Jennifer Michelle. Flesh wounds reading the scar as text in the works of Sylvia Plath, Margaret Atwood and Toni Morrison. Thesis (Ph. D.) --University of California, Davis, 2006.	LITERATURA/ TRABALHO
40	Horn, Katherine. In a new vein: Theorizing addiction and identity in Thomas De Quincey, Sylvia Plath, and Tupac Shakur. Thesis (Ph.D.) —Tufts University, 2011.	IDENTIDADE
41	Horne, Dee Alyson. The role of the journal in the creative writing processes of Virginia Woolf, Elizabeth Smart and Sylvia Plath. Thesis (Phd)-- University of Toronto, 1990.	DIÁRIOS
42	Houston, Carol Margaret. Emotional intelligence in the later poetry of Sylvia Plath, Anne Sexton and Adrienne Rich. Thesis (Ph. D.) —Griffith University, 2008.	POESIA, EMOÇÃO
43	Hubbard, Stacy Carson. "Slender accents" voice, figure and form in the poetry of Gertrude Stein, Sylvia Plath and Gwendolyn Brooks. Thesis (Ph. D.) --Cornell University, 1990.	POESIA
44	Hudson, Elaine C. Writing the Author: Sylvia Plath, Henry James, Virginia Woolf and the Biographical Novel. Thesis (Ph. D.) -- University of Nottingham, 2015.	BIOGRAFIA

45	Ives, Sarah. <i>Sylvia Plath and Cold War politics: From the personal to the political in Ariel: The Restored Edition and the Bell Jar</i> . Thesis (Ph. D.) -- University of Essex, 2015.	POESIA, GUERRA FRIA, REDOMA DE VIDRO, POLÍTICA
46	Johnston, Maria. 'Echoes Traveling / Off from the Center': Contemporary Poetic Engagements with the Poetry of Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) -- Trinity College Dublin, 2007.	POESIA
47	Jones, Eric Haris. <i>The woman as hero Db a study of the poetry and fiction of Sylvia Plath</i> . Thesis (Ph. D.), Dept. of Literature--University of Essex, 1973.	POESIA, FICÇÃO
48	Keng, Chua Siew. <i>Some women poets of the sixties the 'confessional' poetry of Janet Frame, Fleur Adcock, Sylvia Plath and Anne Sexton</i> . Thesis (doctoral)--University of Auckland, 1981.	POESIA, CONFSSIONAL, POETA
49	Kerns, Perrin Maurine. <i>War and the politics of the pre-Oedipal love and abjection in H.D. and Sylvia Plath</i> . Thesis (Ph. D.) -- University of Oregon, 1998.	POLÍTICA, LITERATURA/ TRABALHO, PSICANÁLISE, GUERRA
50	Knutsen, Kimberly Dawn. <i>The lost journals of Sylvia Plath</i> . Thesis (Ph.D.) --Western Michigan University, 2005.	DIÁRIOS
51	Kroll, Judith. <i>Chapters in a mythology: The poetic visions of Sylvia Plath</i> . Ph.D. diss., Yale University, 1976.	POESIA
52	Lattimore, Carol Ann. "New ways to see ancestral lands" revisionist myth-making in the poetry of Sylvia Plath, Muriel Rukeyser, and Adrienne Rich. Thesis (Ph.D.) --Texas Christian University, 1991.	POESIA
53	Lauge, Anne Grønvald. <i>A voice of their own: Sylvia Plath, Anne Sexton, and Gwendolyn Brooks</i> . Thesis--Odense University, 2013.	
54	Layne, Bethany. (Post)modernist biofictions: the literary afterlives of Henry James, Virginia Woolf, and Sylvia Plath. Thesis (Ph.D.) --University of Leeds, 2013.	BIOGRAFIA, FICÇÃO
55	Levine, Ellen. <i>From water to land; the poetry of Sylvia Plath, James Wright and W.S. Merwin</i> . Thesis (Ph. D.) --University of Washington, 1974.	POESIA
56	Lindahl-Raittila, Iris. <i>From victim of the "feminine mystique" to heroine of feminist deconstruction auto/biographical images of Sylvia Plath, 1963- 2001</i> . Åbo: Åbo Akademi University Press, 2002.	AUTOBIOGRAFIA, FEMINISMO, IMAGEM
57	Little, Philippa Susan. <i>Images of self a study of feminine and feminist subjectivity in the poetry of Sylvia Plath, Anne Sexton, Margaret Atwood and Adrienne Rich, 1950-1980</i> . Thesis (Ph. D.) --University of London, 1990.	POESIA, FEMINISMO, IMAGEM, SELF
58	Lowe, Carmen Elaine. <i>The inhuman imagination in twentieth-century poetry: From Robinson Jeffers and D. H. Lawrence to Ted Hughes and Sylvia Plath</i> . Ph.D. diss., Tufts University, 2003.	POESIA

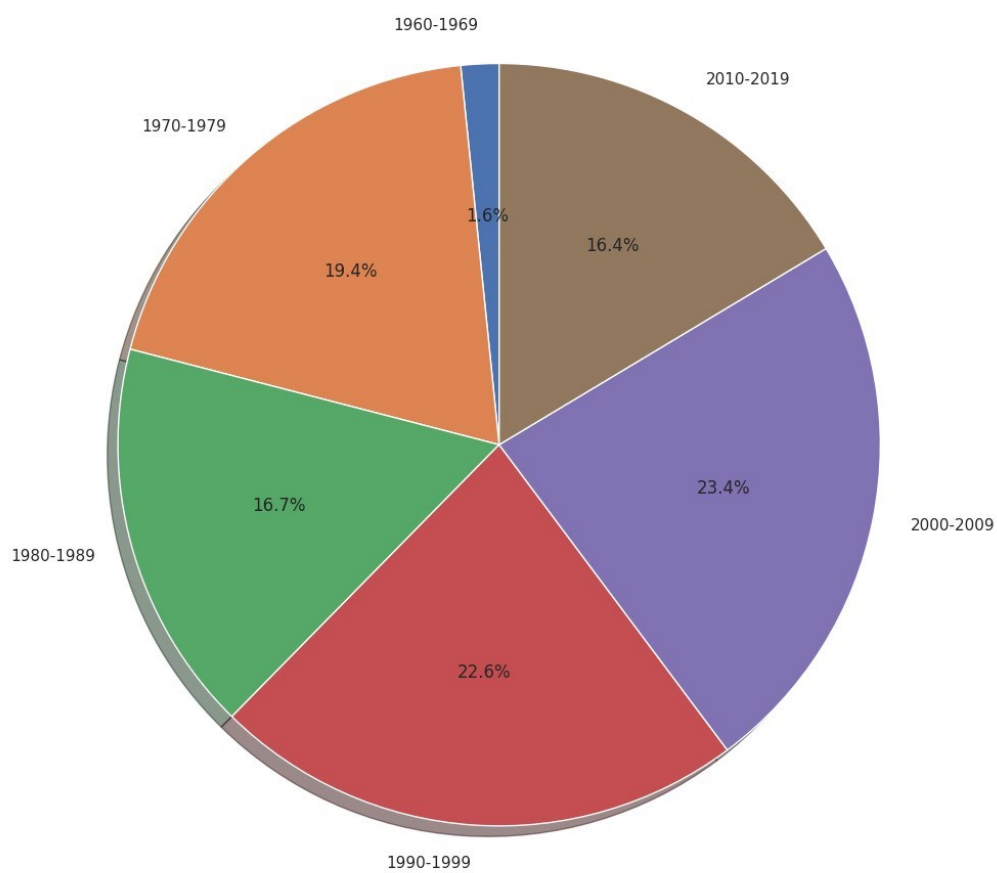
59	Manners, Marilyn. Samuel Beckett, Sylvia Plath, Hélène Cixous Reading Woman in the language of Man. Thesis (Ph. D.) -- University of California, Los Angeles, 1989.	
60	Martinez, Jermaine. Rhetorical Dimensions of 20th-century Depression Memoirs: Sylvia Plath's The Bell Jar, William Styron's Darkness Visible, & Kay Redfield Jamison's An Unquiet Mind. Dissertation (Ph.D)--University of Illinois at Urbana-Champaign, 2016	REDOMA DE VIDRO, PATOLOGIA
61	May, Andrea. The journey of Sylvia Plath: Discovering the true self in the voice of Ariel. Thesis--Maryville College, 2006.	POESIA, SELF
62	McCort, Jessica Hritz. Getting out of Wonderland: Elizabeth Bishop, Sylvia Plath, Adrienne Rich, and Anne Sexton. Thesis (Ph. D.)—Washington University at St. Louis, 2009.	
63	Melander, Ingrid. The poetry of Sylvia Plath a study of themes. Tevens proefschrift Göteborg (University of Gothenburg), 1971.	POESIA
64	Morfee, Julie Elizabeth. Witnesses in exile landscape, body and text in the works of César Vallejo, Alfonsina Storni, Sylvia Plath and Christopher Nolan. Thesis (Ph.D. in Comparative Literature) --University of California, Berkeley, 2004.	LITERATURA/ TRABALHO, CORPO
65	Muckleroy, Mark Wesley. No glazing the vision of Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) --University of New Mexico, 1999.	
66	Musher, Andrea Susan. Vital connection the poetics of maternal affiliation in Sylvia Plath, Anne Sexton, Adrienne Rich, Lucille Clifton and Judy Grahn. Thesis (Ph. D.) --University of Wisconsin-Madison, 1989.	POESIA
67	Nader, Myrna. Visual poetics the art of perception in the poetry of Elizabeth Bishop and Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) --Brunel University, 2010.	POESIA, ARTE VISUAL
68	Narbeshuber, Lisa. Re-casting Sylvia Plath's poetry as cultural confession. Thesis (Ph.D), University of Toronto, 1998.	POESIA, CONFESSIONAL
69	Norton, Holly L. Sharpening the axe the development of voice in the poetry of Sylvia Plath and Anne Sexton. Thesis (Ph. D.) -- Bowling Green State University, 1996.	POESIA
70	O'Brien, Maeve. The Courage of Shutting-Up: Decisions of Silence in the Work of Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) --Ulster University, 2017.	LITERATURA/ TRABALHO
71	Owen, Wendy. "A riddle in nine syllables" female creativity in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) --Yale University, 1985.	POESIA
72	Park, Jooyoung. The feminine aesthetic of sublimation in Emily Dickinson and Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) --State University of New York at Buffalo, 2001.	
73	Parmet, Harriet Abbey Leibowitz. The terror of our days Sylvia Plath, William Heyen, Gerald Stern, and Jerome Rothenberg poetically respond to the Holocaust. Thesis (Ph. D.) --Lehigh University, 1997.	HISTÓRIA

74	Patterson, Rena. Sylvia Plath a study of her life and art. Thesis (Ph. D.) --State University of New York at Buffalo, 1981.	ARTE, LITERATURA/ TRABALHO
75	Perry, Joan Ellen. Visions of reality values and perspectives in the prose of Carlos Castaneda, Robert M. Prisig, Ursula K. Le Guin, James Purdy, Cyrus Colter, and Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) -- University of Wisconsin-Madison, 1981.	PROSA
76	Plunkett, F. A. Vociferous Self-Effacement: Paradoxical Powers in the Writing of Virginia Woolf, Sylvia Plath and Elizabeth Jolley. Thesis (Ph. D.) -- University of Sydney, 1995.	LITERATURA/ TRABALHO, SELF
77	Potter, Eric Abner. "A sense of possibilities" metaphor and moral imagination in the poetry of Lowell, Plath, Wright, and Bishop (Robert Lowell, Sylvia Plath, James Wright, Elizabeth Bishop). Thesis (Ph. D.) --University of Virginia, 1997.	
78	Priddy, Anna Lynn. Girls who would be gods the poetry of Emily Dickinson, Elizabeth Bishop, and Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) -- Louisiana State University, Baton Rouge, 2001.	POESIA
79	Rosenblatt, Jon M. The poetic development of Sylvia Plath a study in theme and image. Thesis (Ph.D.) --University of North Carolina, 1975.	POESIA, IMAGEM
80	Rosenstein, Harriet Cecile. Sylvia Plath: 1932-1952. Ph.D. diss., Brandeis University, 1973.	
81	Saldivar, Toni. Sylvia Plath and the fictive self of confession. Thesis (Ph.D.) --New York University, Graduate School of Arts and Sciences, 1990.	CONFESSIONAL, FICÇÃO, SELF
82	Sarot, Ellin. Snared in an evil time responses to war in the work of W.B. Yeats, Wilfred Owen, and Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.)—Columbia University, 1979.	LITERATURA/ TRABALHO, GUERRA
83	Scarborough, Margaret Noel. Songs of Eleusis the quest for self in the poetry of Sylvia Plath, Ann [sic.] Sexton and Adrienne Rich. Thesis-- University of Washington, 1978.	POESIA, SELF
84	Schemanske, Mark G. A hex on the cradle and death in the pot a Kristevan analysis of the poetry of Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) -- University of Georgia, 1992.	POESIA, MORTE
85	Shaughnessy, Nicola. The dramatic writings of Gertrude Stein, Virginia Woolf and Sylvia Plath, 1913-1962 theatres of identity. Thesis (Ph. D.) -- University of York, 1995.	IDENTIDADE, LITERATURA/ TRABALHO
86	Siemes, Mary H. Multiplicity and paradox in the life and work of Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) --Adelphi University, 1999.	LITERATURA/ TRABALHO
87	Sindt, Christopher Jon. The poetics of biophilia natural object relations in the work of D.H. Lawrence, Theodore Roethke, and Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) --University of California, Davis, 2000.	POESIA, LITERATURA/ TRABALHO
88	Smith, Suzanne Elizabeth. Serious daring Sylvia Plath and Anne Sexton. Thesis (Ph. D.) --Boston College, 1998.	

89	Snively, Susan. The language of necessity the poetry of Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) --Boston University, 1981.	POESIA
90	Soutter, Jennifer. Archetypal elements in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) --University of Durham, 1989.	POESIA
91	Stainton, Rita Tomasallo. The magician's girl power and vulnerability in the poetry of Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) -- Rutgers University, 1981.	POESIA
92	Stephenson, Sarah Kate. The disquieting muse childhood and the work of Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.) --University of Virginia, 2001.	LITERATURA/ TRABALHO
93	Stone, Carole. Sylvia Plath's spiritual quest. Thesis (Ph. D.) -- Fordham University, 1976.	
94	Strangeways, Alison Louise. Sylvia Plath poetry and influence. Thesis (Ph. D.) --University of the West of England at Bristol, 1995.	POESIA
95	Sugarman, Helen Lynne. "A secret! A secret!" Confession and autobiography in the poetry of Robert Lowell, Sylvia Plath, and Ted Hughes. Thesis (Ph. D.) --Louisiana State University, Baton Rouge, 2000.	POESIA, CONFESSIONAL, AUTOBIOGRAFIA
96	Svensson, Anna. Almost there: Approaches to closure in the works of Sylvia Plath. Thesis--Uppsala University, 2007.	LITERATURA/ TRABALHO
97	Swiggart, Katherine Anne. Extreme measures exaggeration in the poetry of Sylvia Plath, Anthony Hecht, Frank Bidart, and John Ashbery. Thesis (Ph. D.)--University of California, Los Angeles, 2001.	POESIA
98	Swinburn, Lisa Jane Mackenzie. Symbolism in Sylvia Plath's The bell jar the magical threads of the baby. Thesis (Postgraduate Diploma in Arts Subjects) --University of Otago, 1989.	REDOMA DE VIDRO
99	Talbot, Mary Patricia. The poetry of Sylvia Plath a critical revision. Thesis (Ph. D.) --Brown University, 1988.	POESIA
100	Tripp, Anna. The death of the author Sylvia Plath and the poetry of resistance. Thesis (Ph. D.) --University of Wales. Cardiff, 1994.	POESIA
101	Tunstall, Lucy S. Vision and Visual Art in Sylvia Plath's "Ariel" and Last Poems. Thesis (Ph. D.) --University of Exeter, 2015.	POESIA, ARTE VISUAL
102	Van Zandt, Cassandra A. Ghost writing the transformation of elegiac literature in H.D., Sylvia Plath, and Sharon Olds. Thesis (Ph. D.) --University of California, Riverside, 2004.	LITERATURA/ TRABALHO
103	Webb, Luisa Maria. The golden lotus: The literary celebrity of Sylvia Plath. Ph.D. diss., University of New South Wales (Australia), 2003.	LITERATURA/ TRABALHO
104	Wegs, Joyce Markert. The grotesque in some American novels of the nineteen-sixties Ken Kesey, Joyce Carol Oates, Sylvia Plath. Thesis (Ph. D.)-University of Illinois at Urbana-Champaign, 1973.	FICÇÃO

105	Williams, Jay Robert. Three postwar American poets W.D. Snodgrass, Sylvia Plath, and Robert Lowell. Thesis (Ph. D.) -- University of Oregon, 1976.	GUERRA, POETA
106	Yaseen, Nabeel M. The pathology of literary genre narcissism, neurasthenia and schizophrenia in selected writings of Edith Wharton, Sylvia Plath and Tennessee Williams. Thesis (Ph. D.) - Indiana University of Pennsylvania, 2006	LITERATURA/ TRABALHO, PATOLOGIA
107	Khalifeh, Areen Ghazi. Transforming the Law of One: Anne Sexton and Sylvia Plath from a Kristevan Perspective. Thesis (Ph.D)- Brunel University, 2010.	PSICANÁLISE
108	Francis, David M. A. Here Be Monsters: Body Imagery in the Poetry of Sylvia Plath. Thesis (Ph.D)- University of Melbourne, 2018.	POESIA, IMAGEM, CORPO
109	ALESSANDRI, SILVIA MARIA BARILE. Um Estudo Psicanalítico Acerca do Suicídio por meio de Sylvia Plath' 140 f. Doutorado em PSICOLOGIA (PSICOLOGIA CLÍNICA) PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO ,2008.	
110	Markendort, Márcio. A Invenção da Fama em Sylvia Plath' 229 f. Doutorado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS Biblioteca Depositária: BU / UFSC, 2009.	
111	PENNA, ANA BEATRIZ AFFONSO. PROBLEMAS DE GÊNERO, PROBLEMAS DE ESCRITA: UM ESTUDO DAS REMISSÕES INTERTEXTUAIS À SYLVIA PLATH NA POÉTICA DE ADÍLIA LOPES' 194 f. Doutorado em Estudos de Literatura Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ(BCG), 2019.	POESIA, GÊNERO
112	Alves, Anélia Montechiari Pietrani. EXPERIÊNCIA (DO) LIMITE: Ana Cristina Cesar e Sylvia Plath entre escritos e vividos' 216 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI, 2005.	POESIA
113	CARVALHO, ANA CECÍLIA DE. ESCRITA COM FIM, ESCRITA SEM FIM: A POÉTICA DO SUICÍDIO EM SYLVIA PLATH'. 545 f. Doutorado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, UFMG, 1998.	POESIA, SUICÍDIO
114	Garcia, Rosalia Angelita Neumann. Demeter and Persephone: The Mother-daughter Bond in To the Lighthouse, The Bell Jar and Surfacing. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.	REDOMA DE VIDRO

Distribuição de dissertações, teses e monografias por década



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

APÊNDICE B**A HISTÓRIA DAS EMOÇÕES: PRECURSORES DAS CIÊNCIAS HUMANAS**

Em um nível social, as emoções estão ativamente presentes nos eventos históricos, principalmente em momentos de mudanças políticas, econômicas ou religiosas; ou seja, elas estão no centro da história dos seres humanos. É a partir do reconhecimento das emoções como parte da história da humanidade que se desenvolve um campo de estudos chamado “História das Emoções”. Desenvolvida sob uma perspectiva interdisciplinar entre as áreas da Psicologia, Antropologia e Sociologia, a História das Emoções ganhou maior atenção dos historiadores nos últimos anos.⁴¹⁸ A emoção como metaconceito e categoria analítica na História surgiu a partir da História Cultural, em especial com os trabalhos de Johan Huizinga e Norbert Elias. Ciente disso, com o intuito de apresentar os trabalhos que precederam o desenvolvimento do campo da História das Emoções, apresentarei uma síntese de autores que serviram como base para a atual constituição desse nicho. Meu intuito é apenas informar que o campo é precedido de muitos autores que, de forma direta ou indireta, estavam pensando o lugar das emoções na sociedade humana.

Um dos primeiros autores a reconhecer as emoções na História foi Wilhelm Dilthey (1833–1911), em sua obra *Introdução às Ciências Humanas*.⁴¹⁹ Nesse texto, o autor critica uma proposição das ciências naturais como detentoras de uma representação objetiva do mundo e defende uma fundamentação das ciências do homem, da sociedade e da História. Ele tem o objetivo de criar uma ciência humana com base na “natureza humana”. Desse modo, especificamente no capítulo “O status do nosso conhecimento da realidade sócio-histórica”, Dilthey fala sobre a diferença entre nossa interação com a sociedade e nossa interação com a natureza, reconhecendo que uma das características da interação humana está nas representações do mundo histórico “animadas pelo amor e ódio, pela alegria

⁴¹⁸ Contudo, é importante lembrar que desde a pré-modernidade e medievo existiram pensadores que reconheceram a importância das emoções na vida política, artística e cotidiana. Neste texto, não pretendo discutir os conceitos ou reflexões dos autores desse período, pois considero relevante indicar a trajetória dos pensadores das emoções a partir da estruturação acadêmica das ciências Humanas no ocidente.

⁴¹⁹ DILTHEY, Wilhelm. **Introduction to the human sciences**. Princeton: Princeton University Press, 1989.

apaixonada, por toda gama de emoções”.⁴²⁰ Sendo assim, considerando as emoções como parte da humanidade, em outra obra intitulada *Ideias sobre a descrição e análise psicológica*, o autor chama de “experiência interior” essas representações emocionais que ocorrem na estrutura mental e abrangem “todas as paixões, sofrimentos e destinos humanos”.⁴²¹

Em um período posterior a Dilthey, os autores germânicos Karl Lamprecht (1856–1915), Georg Steinhausen (1866–1933) e Kurt Breysig (1866–1940) utilizaram as nações como unidade de análise para a leitura de um “coletivo emocional” na Alemanha. Segundo os apontamentos de Plamper,⁴²² a tentativa desses autores construírem uma “História emocional das nações” não garantiu o reconhecimento da História das Emoções na historiografia. Apesar disso, o desenvolvimento de um viés da História Cultural na obra desses autores foi propulsor para a continuidade de outros estudos em torno das emoções, como os do historiador da arte Aby Warburg (1866–1929).

Com uma formação interdisciplinar aos moldes de Lamprecht, Steinhausen e Breysig, Warburg propôs uma nova leitura sobre a arte. Com a construção de sua biblioteca particular, ele iniciou um estudo com múltiplas pranchas escuras, em cujas superfícies inseriu inúmeras imagens heterogêneas e de múltiplas temporalidades. Esse método de montagem de imagens permitiu ver cruzamentos de diversificadas migrações culturais, resultando no que ele intitulou de *Atlas Mnemosyne*.⁴²³ A morte de Warburg e a incompletude de sua obra não apagaram sua influência na História da Arte sobre pensar a temporalidade das imagens.

Na História das Emoções, a principal contribuição de Warburg para o estudo sobre as imagens esteve na formulação da *Pathosformel*, ou “fórmula de páthos”. Esse conceito corresponde a identificações das emoções por meio de gestos e

⁴²⁰ “Social states are intelligible to us from within; we can, up to a certain point, reproduce them in ourselves on the basis of the perception of our own states; our representations of the historical world are enlivened by love and hatred, by passionate joy, by the entire gamut of our emotions.” DILTHEY, Wilhelm. **Introduction to the human sciences**. Princeton: Princeton University Press, 1989, p.88.

⁴²¹ “The decisive fact for the study of mental structure is that the transitions from one state to another, the effect of one on another are part of inner experience. We experience this structure. We understand human life, history, and all the hidden depths of the human mind because we experience these transitions and effects and so become aware of this structure which embraces all passions, sufferings and human destinies.” DILTHEY, Wilhelm. **Introduction to the human sciences**. Princeton: Princeton University Press, 1989, p.94.

⁴²² PLAMPER, Jan. **The history of emotions: An introduction**. Oxford: OUP Oxford, 2015, p.46.

⁴²³ A obra em português se chama *Atlas Mnemosyne*, ver em: WARBURG, Aby. **Atlas Mnemosyne**. Madrid: AKAL, 2010.

expressões faciais em pinturas e esculturas; uma leitura mais apurada sobre esse conceito foi desenvolvida por Daniela Campos. Segundo a historiadora, “uma das questões mais interessantes da *Pathosformel* warburguiana é que, muitas vezes, gestos similares na história da arte podem — ou não — assumir significados diferentes e também opostos.”⁴²⁴

No campo da Sociologia, Max Weber também deixou sua contribuição para a História das Emoções. O sociólogo Jack Barbalet⁴²⁵ faz uma leitura contextual sobre a produção de Weber na obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*.⁴²⁶ Dentre os vários apontamentos sobre essa obra, o autor afirma que Weber interpreta a ética protestante (calvinismo e pietismo) como doutrinas que exigiam ausência de expressão religiosa emocional, ou seja, um estilo de vida baseado na racionalidade. Quanto ao terceiro capítulo, intitulado “Paixões e lucros: as origens emocionais do capitalismo na Inglaterra do século XVII”, o autor apresenta os argumentos de Weber sobre a articulação para a supressão das emoções, relacionada à economia capitalista moderna, a qual pode ser percebida a partir da produção de livros que objetivavam apresentar instruções para as paixões. Esses livros “foram claramente direcionados a leitores engajados na atividade econômica”, não apenas fornecendo “uma descrição operativa das emoções, mas também que incentiva a atividade comercial e a obtenção de lucro como um fim em si mesmo por meio de argumentos religiosos”.⁴²⁷ Logo, para Weber, o pensamento racional do protestantismo teve como consequência a formação do “espírito capitalista”, já que, para a doutrina protestante, a racionalidade e o trabalho seriam o caminho para que os “predestinados” alcançassem seu lugar no céu.

Johan Huizinga (1872–1945), em companhia de Jacob Burckhardt (1818–1897), empenhou-se em construir uma História Cultural baseada nas atitudes, nos

⁴²⁴ CAMPOS, Daniela Queiroz. A Nínia como personagem teórica de Aby Warburg. **MODOS**. Revista de História da Arte. Campinas, v. 4, n.3, set. 2020, p.236.

⁴²⁵ BARBALET, Jack. **Weber, passion and profits: The Protestant ethic and the spirit of capitalism in context**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2008.

⁴²⁶ WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

⁴²⁷ “During the late sixteenth and seventeenth centuries a large number of books on the passions were published in London that offered reflection about and instruction on emotions. Some of these were clearly directed to readers engaged in economic activity. Drawing upon the method Weber recommends, the chapter goes on to explore one of these books in particular and demonstrates not only that it provides an operative account of emotions but also that it encourages commercial activity and profit making as an end in itself through religious argument” Barbalet, Jack. **Passion and Profits: The Protestant ethic and the spirit of capitalism in context**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2008, p.10.

valores e nos comportamentos das pessoas no passado. Nessa direção, sua obra *O Outono da Idade Média*⁴²⁸ segue os pressupostos de Burckhardt sobre as concepções históricas da passagem da Idade Média para a Modernidade. A originalidade de sua obra esteve em reconhecer a importância da subjetividade para a construção da História, desenvolvida em sua leitura do “Espírito da Época” na literatura e na arte da Idade Média. Em sua obra, ele proclama um fazer histórico-científico em que não são necessários muitos documentos, apenas questionamentos relevantes elaborados por meio da criatividade e da subjetividade do historiador em seu próprio tempo. Logo, de maneira geral, Huizinga teve o intuito de mostrar uma História Cultural da Idade Média a partir das diversas expressões culturais descritas em sonhos, fantasias, jogos e estruturas simbólicas:

As formas específicas de pensamento de uma época não devem ser estudadas apenas como se revelam nas especulações teológicas e filosóficas ou nas concepções de credos, mas também como aparecem na sabedoria prática e na vida cotidiana. Podemos até dizer que o verdadeiro caráter do espírito de uma época é melhor revelado em seu modo de considerar e expressar coisas triviais e corriqueiras do que nas altas manifestações da filosofia e da ciência.⁴²⁹

Como exposto até aqui, os autores citados são reconhecidos pela historiografia da História das Emoções como formadores do alicerce que possibilitou a construção do campo na academia ocidental. Contudo, existe um consenso em afirmar que o principal fundamento para a História das Emoções foi o historiador Lucian Febvre (1875–1956).

Em companhia de Marc Bloch (1886–1944), ele fundou o jornal *Annales d'histoire économique et sociale* (1929), cuja proposta era difundir um outro tipo de escrita da História, tendo como objetivo ir na contramão de uma História política dos grandes homens. Pensava-se, então, na necessidade de narrar uma História a partir de bases sociais mais amplas. Desse modo, o ponto de partida de Febvre na proposta de uma História das Emoções ocorreu após a publicação do artigo “Sensibilidade e

⁴²⁸ HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média**. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

⁴²⁹ “The specific forms of the thought of an epoch should not only be studied as they reveal themselves in theological and philosophic speculations, or in the conceptions of creeds, but also as they appear in practical wisdom and everyday life. We may even say that the true character of the spirit of an age is better revealed in its mode of regarding and expressing trivial and commonplace things than in the high manifestations of philosophy and science.” HUIZINGA, Johan. **The Waning of the Middle Ages**. London: Penguin Book, 1990, p.218.

História: como reconstruir a vida emocional do passado?”,⁴³⁰ em que ele convoca os historiadores a usarem as emoções como objetos de estudo de modo não anacrônico, ou seja, evitando definições de emoções de seu próprio tempo na interpretação de emoções do passado.

Posto isso, sua forma de estudo esteve centrada na História dos conceitos que expressam emoções, isto é, nas mudanças de significados dos “conceitos emocionais” ao longo do tempo. Sendo assim, Febvre é considerado pioneiro no campo da historiografia das emoções, pois ele foi o primeiro a delinear os contornos do uso das emoções na História. Na visão de Plamper, podemos verificar a qualidade do trabalho de Febvre pela sua sagacidade em fazer a difícil leitura sobre a diferença entre uma emoção e outra, a possibilidade de existirem muitas emoções simultâneas e opostas em um mesmo indivíduo e o entrelaçamento entre emoções e sensações.⁴³¹ Sobre este último apontamento, na obra *O problema da descrença no século 16: a religião de Rabelais*, Febvre descreve as pessoas como sentimentais em razão da experiência sensorial com a natureza, cheiros, sons e toques.

Contemporâneo a Febvre, em 1939 o sociólogo Norbert Elias (1897–1990) lançava *O Processo Civilizador*, uma obra tardiamente reconhecida que ganhou evidência após a tradução para o inglês no final da década de 1960.⁴³² Essa obra procurou demonstrar a transformação dos padrões de comportamento europeus pré-modernos. Desse modo, utilizando como fonte de estudo manuais de civilidade, o autor demonstra o processo civilizatório através da contenção das emoções, cujo gerenciamento e refinamento foram utilizados como estratégia para distinções sociais. Logo, o “processo civilizatório” incutiu emoções como nojo e vergonha na estrutura mental dos indivíduos que falhavam no autocontrole para um convívio “civilizado” (no molde do comportamento cortês). Nesse sentido, a interpretação de Elias sobre as emoções se baseia na perspectiva de que elas existem no corpo humano e são construídas socialmente.⁴³³

⁴³⁰ FEBVRE, Lucien. *La Sensibilité Et L'histoire: Comment Reconstituer La Vie Affective D'autrefois?* *Annales D'histoire Sociale* (1939-1941), v. 3, n. 1/2, p. 5–20, 1941.

⁴³¹ PLAMPER, Jan. *The history of emotions: An introduction*. Oxford: OUP Oxford, 2015, p.46.

⁴³² Elias, Norbert. *O processo civilizador 2*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

⁴³³ “Certamente, a possibilidade de sentir medo, assim como de sentir alegria, é uma parte inalterável da natureza humana. Mas a força, tipo e estrutura dos medos e ansiedades que no indivíduo nunca dependem apenas de sua própria “natureza” nem, pelo menos em sociedades mais complexas, da “natureza” no meio da qual ele ou ela vive. Eles são sempre determinados, enfim, pela história e pela estrutura atual de suas relações com as outras pessoas, pela estrutura da sociedade; e eles mudam com isso” Elias, Norbert. *O processo civilizador 2*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993, p.251.

Segundo Plamper, as obras de Febvre e Elias possuem muitas similaridades na forma de analisar as emoções na História:

Ambos presumiram que os sentimentos estavam sujeitos a uma transformação histórica; ambos defenderam o uso da psicologia na história; ambos tinham um conceito intersubjetivo de emoção; ambos consideraram que uma história das emoções deve fazer uso da representação de sentimentos; e ambos eram muito sensíveis à pele fina do controle emocional, que com rapidez na Europa de Mussolini e Hitler, a emoção ameaçou se libertar da razão.⁴³⁴

Entretanto, apesar da significativa contribuição desses autores, as gerações posteriores se distanciaram de suas propostas, o que pode ser verificado nos apontamentos do próprio Febvre sobre o entrelaçamento das emoções com as sensações. Na historiografia, isso se desenrolou de forma oposta, resultando numa cisão que formou três correntes de pesquisas: a Psico-história, a História das Emoções e a História das Sensibilidades. As razões que desencadearam essas divisões ainda são uma questão que deve ser discutida com profundidade na historiografia.

Mais recentemente, o historiador Rob Boddice elaborou uma obra para debater a problemática divisão entre emoções e sensações. Para o autor, ainda é difícil explicar o que levou os pesquisadores das ciências humanas a se distanciarem dessa forma; contudo, ele tem como hipótese que a motivação dessa cisão tenha acontecido em meados da década de 1980, quando surgiu uma segunda onda de pesquisas sobre emoções. Nesse período, os historiadores descartaram a utilização dos sentidos pelo debate contemporâneo sobre emoções, que, de forma geral, discutia de

"To be sure, the possibility of feeling fear, just like that of feeling joy, is an unalterable part of human nature. But the strength, kind and structure of the fears and anxieties that smoulder or flare in. The individual never depend solely on his or her own "nature" nor, at least in more complex societies, on the "nature" in the midst of which he or she lives. They are always determined, finally, by the history and the structure of his or her relations co other people, by the structure of society; they change with it." DUNNING, Eric; GOUDSBLOM, Johan; MENNELL, Stephen; JEPHCOTT, Edmund. (ed.). **The civilizing process: sociogenetic and psychogenetic investigations**. Oxford: Blackwell Publishers, 2000, p. 442.

⁴³⁴ "Both assumed that feelings were subject to historical transformation; both advocated the use of psychology in history; both had an intersubjective concept of emotion; both considered that a history of emotions must make use of the depiction of feelings in paintings; and both were very sensitive to the thin skin of emotional control, to how quickly, in the Europe of Mussolini and Hitler, *emotio* threatened to break free of *ratio*" PLAMPER, Jan. **The history of emotions: An introduction**. Oxford: OUP Oxford, 2015, p.51.

forma polarizada as relações de natureza *versus* criação, cognitivo *versus* não cognitivo, emoções universais *versus* socialmente construídas.⁴³⁵

Dito isso, embora Boddice afirme que essas diferenças são infrutíferas — já que não existem muitas oposições nos objetivos de quem busca estudar sensações e emoções (o ponto final em comum é saber a experiência humana) —, acredito que é válido delinear o que são essas correntes, iniciando pela Psico-história. Esse campo foi duramente criticado anos após seu surgimento. A fundamentação desse campo é ancorada na Psicologia e Psicanálise, tendo como base principal referências como as obras de Freud e Lacan. Os pesquisadores mais reconhecidos no campo são Peter Gay, Lloyd deMause⁴³⁶ e Peter Loewenberg⁴³⁷. Acredito que, no Brasil, temos como principal referência algumas obras traduzidas, como os trabalhos de Peter Gay, um historiador famoso pela sua biografia de Freud, além de inúmeras obras em que se utilizou das contribuições da Psicanálise para análise histórica.⁴³⁸

Em um artigo publicado em 1988, Gay parece já estar ciente das duras críticas que a Psico-história recebia naquele momento. Na tentativa de defender esse campo, ao mesmo tempo em que tecia críticas àqueles que fizeram interpretações errôneas sobre os usos da Psicanálise na história, o autor indicava a diferença entre quem faz “Psico-história” e “História Psicanalítica”. A primeira tem como foco “iluminar a vida dos homens e mulheres” enquanto “personagens históricos como espelhos de sua cultura”; logo, por meio da lente psicanalítica, o historiador faz uma leitura dos

⁴³⁵ BODDICE, Rob; SMITH, Mark. **Emotion, Sense, Experience (Elements in Histories of Emotions and the Senses)**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

⁴³⁶ Para saber mais trabalhos do autor ver: DEMAUSE, Lloyd. **The history of childhood**. New York: Harper and Row, 1974; DEMAUSE, Lloyd. **A bibliography of psychohistory**. New York: Garland Pub, 1975; DEMAUSE, Lloyd. **The New psychohistory**. New York: Psychohistory Press, 1975; EBEL, Henry; DEMAUSE, Lloyd. **Jimmy Carter and American fantasy: psychohistorical explorations**. New York: Two Continents, 1977; DEMAUSE, Lloyd. **Foundations of psychohistory**. New York: Creative Roots, 1982; DEMAUSE, Lloyd. **Reagan's America**. New York: Creative Roots, 1984; DEMAUSE, Lloyd. **The History of Childhood**. Northvale, New Jersey: Jason Aronson, 1995; DEMAUSE, Lloyd. **The Emotional Life of Nations**. New York: Karnac, 2002; DEMAUSE, Lloyd. **The Origins of War in Child Abuse**. The Institute for Psychohistory, 2010.

⁴³⁷ Para saber mais sobre os trabalhos do autor ver em: LOEWENBERG, Peter. **Fantasy and Reality in History**. New York: Oxford University Press, 1995; LOEWENBERG, Peter. **Decoding the Past: The Psychohistorical Approach**. New York: Alfred A. Knopf, 1983.

⁴³⁸ Algumas obras de Peter Gay traduzidas no Brasil: GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: o coração desvelado**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999; GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989; GAY, Peter. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995; GAY, Peter. **O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999; GAY, Peter. **Um judeu sem deus: Freud, ateísmo e a construção da psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1992; GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: O cultivo do ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995; GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: guerras do prazer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

indivíduos, indicando “as neuroses e psicoses como causas significativas de crenças e condutas individuais e coletivas”.⁴³⁹ O alerta que Gay anuncia aos futuros pesquisadores está no mau uso da psicanálise na história, alertando que não se deve utilizá-la para atestar alguma psicopatologia aos personagens, ou seja, não se deve colocá-los como “pacientes”. Nesse sentido, Gay pensa que a contribuição da Psicanálise na História está na reflexão sobre as representações mentais dos indivíduos no passado, a exemplo do estudo de sonhos mencionados pelos personagens históricos com intuito de buscar interpretações sobre o conteúdo onírico; em muitos casos, esses sonhos são relatados em diários, cartas e autobiografias.

Concomitante ao surgimento da Psico-história, os historiadores Peter N. Stearns e Carol Zisowitz Stearns “inauguravam” a História das Emoções como a conhecemos hoje. No início do projeto, a dupla se deparou com poucas referências em inglês sobre o tema, ao mesmo tempo que assistiam à derrocada dos estudos da Psico-história. Diante desse cenário, a dupla rejeitou a arquitetura freudiana por considerarem que a Psico-história se afastava do principal objetivo da historicização das emoções: mapear as mudanças emocionais ao longo do tempo. Com isso, a dupla definiu suas posições fora da dicotomia *racional / irracional*, argumentando que as emoções “não são irracionais; elas se relacionam com os processos cognitivos na medida em que envolvem pensar sobre os próprios impulsos e avaliá-los como uma parte intrínseca da própria experiência emocional.”⁴⁴⁰ A partir disso, os Stearns montaram pesquisas que tinham o intuito de colocar a emoção como foco de estudos sobre trabalho, família, lazer, infâncias e juventudes. Entre os muitos livros publicados, Boddice aponta que um artigo lançado em 1985 selou o conceito de *emocionologia* de Stearns como o fundador da moderna História das Emoções. Nessa publicação, por meio da definição dos conceitos de emocionologia e emoção, os Stearns tecem uma distinção entre a “experiência individual de emoção” e “normas emocionais”, sendo elas definidas da seguinte maneira:

Emocionologia: as atitudes ou padrões que uma sociedade, ou um grupo definível dentro de uma sociedade, mantém em relação às emoções básicas e sua expressão apropriada; maneiras pelas quais as instituições refletem e encorajam essas atitudes na conduta humana. Exemplo: práticas de namoro como expressão da

⁴³⁹ GAY, Peter. Psychoanalysis in History. **Poetics Today**, v. 9, n. 1, 1988.p.241.

⁴⁴⁰ STEARNS, Peter N. **American Cool**: Constructing a Twentieth-Century Emotional Style. New York and London, 1994, p. 14.

valorização do afeto no casamento, ou workshops pessoais como reflexo da valorização da raiva nas relações de trabalho.

Emoção: um conjunto complexo de interações entre fatores subjetivos e objetivos, mediado por sistemas neurais e hormonais, que dá origem a sentimentos (experiências afetivas como de prazer ou desprazer) e processos cognitivos gerais de avaliação da experiência; emoções, neste sentido, levam a ajustes fisiológicos às condições que despertaram a resposta e, muitas vezes, a um comportamento expressivo e adaptativo.⁴⁴¹

Dito de outra forma, a *emocionologia* representa os padrões sociais emocionais ditados pelas instituições, enquanto as *emoções* são as interações sociais que geram experiências afetivas. Nessa perspectiva, as experiências emocionais das pessoas são adaptadas às regras sociais emocionais. Por exemplo: a emoção dominante de uma sociedade (como a raiva) pode estabelecer normas emocionais diferentes nos gêneros (mulheres com raiva são histéricas, enquanto a raiva nos homens é natural) ou nas distintas faixas etárias. Entretanto, apesar das normas, as experiências emocionais nem sempre correspondem às descrições das normas emocionais.

Nesse ínterim, na visão de Peter Stearns e Carol Stearns, para fazer uma História das Emoções, é necessário cruzar fontes que revelam as normas emocionais (instituições) e as experiências emocionais (cartas, diários, romances) de um período histórico. Logo, ao desvelar as mudanças nos padrões emocionais, o historiador tem o potencial de “revelar informações sobre outros aspectos das mudanças sociais” ou revelar o poder das emoções nessas mudanças sociais.⁴⁴² Apesar da ampla relevância dos Stearns para a inserção da História das Emoções na historiografia americana e de sua influência em outros países através da publicação de uma série de livros que, de forma direta ou indireta, institucionalizaram o nome do campo, a História das Emoções não alcançou grandes avanços nas pesquisas históricas. Essa constatação se dá a partir de uma comparação com outras áreas, como os avanços das emoções nos estudos de gênero, história do corpo, história pós-colonial e outras

⁴⁴¹ “Emotionology: the attitudes or standards that a society, or a definable group within a society, maintains toward basic emotions and their appropriate expression; ways that institutions reflect and encourage these attitudes in human conduct, e.g., courtship practices as expressing the valuation of affect in marriage, or personnel workshops as reflecting the valuation of anger in job relationships. Emotion: a complex set of interactions among subjective and objective factors, mediated through neural and/or hormonal systems, which gives rise to feelings (affective experiences as of pleasure or displeasure) and also general cognitive processes toward appraising the experience; emotions in this sense lead to physiological adjustments to the conditions that aroused response, and often to expressive and adaptive behavior” STEARNS, Peter N; STEARNS, Carol Z. *Emotionology: Clarifying the History of Emotions and Emotional Standards*. **The American Historical Review**, v. 90, n. 4, 1985, p. 813.

⁴⁴² STEARNS; STEARNS, 1985, p.814.

áreas de estudo que se desenvolveram no final dos anos 1980 e início dos anos 1990.⁴⁴³

Fora da História, entre os anos 1980 até os anos 2000, o estudo sobre as emoções ganhou maior atenção em várias ciências humanas devido a algo que os pesquisadores chamaram de uma “virada emocional” ou “virada afetiva”. Após esse período, temos mais um “renascimento” no campo de História das Emoções: os historiadores retomaram antigas obras (Huizinga, Elias e Febvre) e renovaram as leituras teóricas e metodológicas. Esse movimento pode ser visualizado em uma nova geração de “historiadores das emoções”, como as medievalistas Barbara Rosenwein⁴⁴⁴, Damien Boquet e Piroska Nagy⁴⁴⁵ e os modernistas William Reddy⁴⁴⁶, Ute Frevert⁴⁴⁷, Magrit Pernau⁴⁴⁸, Jan Plamper⁴⁴⁹ e Rob Boddice⁴⁵⁰. Há também o surgimento de centros de estudos especializados na História das Emoções, como o

⁴⁴³ PLAMPER, Jan. **The history of emotions: An introduction**. Oxford: OUP Oxford, 2015, p.54.

⁴⁴⁴ A medievalista Barbara Rosenwein abordou outras temáticas no decorrer de sua carreira, sendo as emoções um foco de estudo referente as suas últimas produções sobre o medievo: ROSENWEIN, Barbara H. **Emotional Communities in the Early Middle Ages**. Ithaca: Cornell University Press, 2006; ROSENWEIN, Barbara H. **Generations of feeling: A History of Emotions, 600-1700**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016; ROSENWEIN, Barbara H; CRISTIANI, Riccardo. **What Is the History of Emotions?** Cambridge: Polity Press, 2017; ROSENWEIN, Barbara H. **Anger: The Conflicted History of an Emotion**. Yale University Press, 2020; ROSENWEIN, Barbara H. **Love: A History in Five Fantasies**. Cambridge: Polity Press, 2022. Em português existe apenas uma obra: ROSENWEIN, Barbara H. **História das emoções: problemas e métodos**. Tradução: Ricardo Santhiago, São Paulo: Letra e Voz, 2011.

⁴⁴⁵ Os autores usualmente escrevem juntos livros sobre emoções e Idade média: BOQUET, Damien; NAGY, Piroska. **Medieval sensibilities: A History of Emotions in the Middle Ages**. Medford: Policy press, 2018; BOQUET, Damien; NAGY, Piroska, Nagy (org.). **Dans Politiques des émotions au Moyen-âge**. Florence: Sismel, 2010. Individualmente Piroska Nagy possui as seguintes obras: NAGY, Piroska. **L'historien médiéviste et les mots de l'émotion**. Paris: Institut Historique Allemand de Paris, 2009.

⁴⁴⁶ O autor começou a desenvolver pesquisas sobre emoções na década de 1990, sendo as principais obras as seguintes: REDDY, William. **The Making of Romantic Love: Longing and Sexuality in Europe, South Asia, and Japan, 900-1200 CE**. Chicago: University of Chicago Press, 2012; REDDY, William. **The Navigation of Feeling: A Framework for the History of Emotions**. New York: Cambridge University Press, 2001; REDDY, William. **The Invisible Code: Honor and Sentiment in Postrevolutionary France, 1815-1848**. Berkeley, California: University of California Press, 1997.

⁴⁴⁷ FREVERT, Ute. **Emotions in History – Lost and Found**. Budapest: Central European University Press, 2011; FREVERT, Ute. **Learning How to Feel. Children's Literature and Emotional Socialization, 1870–1970**. Oxford: Oxford University Press, 2014; FREVERT, Ute; SCHEER, Monique; SCHMIDT, Anne. **Emotional lexicons: continuity and change in the vocabulary of feeling 1700-2000**. Oxford: Oxford University Press, 2014; FREVERT, Ute. **The Politics of Humiliation: A Modern History**. Oxford: Oxford University Press, 2020.

⁴⁴⁸ PERNAU, Margrit et al. **Civilizing Emotions: Concepts in Nineteenth Century Asia and Europe**. Oxford: OUP Oxford, 2015.

⁴⁴⁹ PLAMPER, Jan. **The history of emotions: An introduction**. Oxford: OUP Oxford, 2015.

⁴⁵⁰ BODDICE, Rob. **A History of Feelings**. London: Reaktion, 2018; BODDICE, Rob. **The History of Emotions**. Manchester: Manchester University Press, 2017; BODDICE, Rob. **Pain: A Very Short Introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2017; BODDICE, Rob. **The Science of Sympathy: Morality, Evolution and Victorian Civilization**. Urbana-Champaign: University of Illinois Press, 2016; BODDICE, Rob; SMITH, Mark. **Emotion, sense, experience**. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

*The Queen Mary Centre for the History of the Emotions*⁴⁵¹, no Reino Unido; *The Center for the History of Emotions at the Max Planck Institute for Human Development*⁴⁵², na Alemanha; e o *Centre of Excellence for the History of Emotions*⁴⁵³, na Austrália — este foi premiado com um financiamento de 24 milhões de dólares, um dos maiores financiamentos já vistos nas áreas das humanidades⁴⁵⁴.

No Brasil, em 2016, o Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH) iniciou o projeto “Política das emoções e do gênero na resistência às ditaduras do Cone Sul”⁴⁵⁵, financiado pelo Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CNPq), coordenado pela professora Cristina Scheibe Wolff. Nesse projeto, as fontes principais foram entrevistas com pessoas que vivenciaram ditaduras na América Latina entre os anos de 1960-1980. O resultado desse projeto pode ser encontrado na recente publicação de um livro chamado *Políticas da emoção e do Gênero no Cone Sul*⁴⁵⁶ e em vídeos disponíveis no canal do *Youtube* do LEGH, Gênero e História. Também foi traduzido para o português em 2020, pela Editora Vozes, o livro *História das Emoções*, organizado pelos pesquisadores franceses Alain Corbin, Jean Jacques Courtine e Georges Vigarello. O livro, originalmente publicado em 2016, possui 3 volumes que abordam as emoções desde Antiguidade até os dias atuais. Na introdução, os autores indicam que esses volumes são parte de um projeto desenvolvido por 15 anos, na qual estão entrelaçadas as produções desses autores acerca da história da virilidade, do corpo e das emoções. Como dito nas palavras dos autores:

A ideia que nos guiou foi a de acompanhar os deslocamentos do campo da história contemporânea e favorecer a abertura à medida do possível, de novos espaços à interrogação histórica. O corpo, a virilidade, depois as emoções: obviamente aproveitamos a natureza

⁴⁵¹ QUEEN MARY UNIVERSITY OF LONDON. **Centre of the History of emotions**. Londres, 2021. Disponível em: <https://projects.history.qmul.ac.uk/emotions/>.

⁴⁵² MAX PLANCK INSTITUTE. **History of emotions**. Berlin, 2021. Disponível em: <https://www.mpib-berlin.mpg.de/research/research-centers/history-of-emotions/feeling-news>.

⁴⁵³ THE UNIVERSITY OF WESTERN AUSTRALIA. **The Australian Research Council Centre of Excellence for the History of Emotions**. Perth, 2022. Disponível em: <https://www.historyofemotions.org.au/>

⁴⁵⁴ DAVID VAN BIEMA. **The Way People Experience Emotion Evolves Over Time. Recognizing That Fact Has Changed Our Understanding of the Past**. 2020. Disponível em: <https://time.com/5203763/emotions-history-lent/>

⁴⁵⁵ No site do LEGH é possível ter acesso a lista de leituras desenvolvidas pelo grupo de pesquisa entre os anos de 2019 e 2020, sendo elas as seguintes: Luisa Elena Delgado, Pura Fernández y Jo Labanyi (eds.), *La cultura de las emociones y las emociones en la cultura española contemporánea (siglos XVIII-XXI)*, Madrid, Ediciones Cátedra, 2018; AHMED, Sara. *La política cultural de las emociones México*: PUEG, 2015; HEMMINGS, Clare. INVOKING AFFECT. **Cultural Studies**, v. 19, n. 5, p. 548-567, set. 2005.

⁴⁵⁶ WOLFF, Cristina Scheibe (org.) **Políticas da emoção e do gênero no Cone Sul**. Curitiba: Brazil Publishing, 2021.

destes objetos para dar sentido a este projeto que tentou prolongar a via ontem aberta pela história das mentalidades na perspectiva de uma genealogia, material e sensível, dos próprios indivíduos, de sua existência corporal, de sua inscrição sexuada, de sua vida afetiva.⁴⁵⁷

Desse modo, essas novas contribuições têm o objetivo estabelecer o campo de maneira séria, de forma que as emoções não sejam estudadas apenas por “moda” ou enquanto “subcategoria” nas pesquisas. Assim, penso que a tentativa de construir um percurso desde as referências mais antigas até as atuais é um exercício para tornar claro os caminhos que os historiadores das emoções estão tomando em suas análises históricas. A defesa da centralidade das emoções na prática historiográfica faz parte da minha posição como historiadora; por isso, concordo quando Boddice afirma que as “emoções não podem ser marginalizadas como apenas outra categoria de análise histórica periférica.”⁴⁵⁸

Dessa forma, é possível dizer que o campo da História das Emoções ainda está em construção, e os historiadores continuam debatendo bases teóricas e metodológicas que possam abarcar fontes imagéticas, sonoras, textuais e de cunho arqueológico dentro de análises emocionais. Atualmente, um dos principais pontos discutidos nesse campo está relacionado à competência ou não do historiador cunhar uma definição clara sobre o que são as emoções. Isso acontece porque, em grande medida, as áreas da Psicologia, da Antropologia e da Sociologia possuem sólidas definições de “emoção” aplicadas em suas pesquisas.

Em contrapartida, na História, as divergências sobre a definição de emoção existem em dois lados. Alguns historiadores acreditam que não é necessária uma definição fechada, tal como explica a medievalista Barbara Rosenwein em seus trabalhos focados no período da Idade Média Ocidental. Por meio do conceito de *Emotional Communities*, ou comunidades emocionais, a autora busca ler as emoções de acordo com a linguagem de um determinado grupo, a exemplo das emoções aceitas dentro de comunidades monasteriais⁴⁵⁹. Nesse sentido, ao traçar as emoções dessas comunidades, a autora compreende que ela pode ser lida como sinônimo do significado das palavras **paixões, sentimentos e afetos**. Esse posicionamento de

⁴⁵⁷ CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História das emoções: 2. Das Luzes até o final do século XIX**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira, Petrópolis; RJ: Vozes, 2020, p. 14-15.

⁴⁵⁸ BODDICE, Rob. **The History of Emotions**. Manchester: Manchester University Press, 2017, p. 10

⁴⁵⁹ ROSENWEIN, Barbara H. **Emotional Communities in the Early Middle Ages**. Ithaca: Cornell University Press, 2006.

Rosenwein é alvo de críticas porque alguns historiadores considerarem sua visão anacrônica, pois a palavra “emoção” é de uma etimologia moderna e, por isso, distante da etimologia medieval. Apesar disso, Rosenwein defende que o anacronismo não deveria ser considerado um problema, visto que o mais interessante na feitura da pesquisa é manter a mente aberta para reconhecer que as emoções possuem penumbras linguísticas, ou seja, há inúmeras nomeações referentes a mesma “coisa”.⁴⁶⁰

Por outro lado, na contramão de Rosenwein, o historiador Jan Plamper explicita a preocupação em relação a uma metodologia com foco na etimologia da palavra, e seu argumento se baseia na instabilidade do significado da “emoção”. Para comprovar sua advertência, o autor apresenta dados que confirmam a existência de 92 definições de *emoção* entre os anos 1872 e 1980 ⁴⁶¹. Em conjunto a isso, Plamper cita como exemplo o uso da palavra *páthos*, de origem grega, presente em inúmeras pesquisas acadêmicas, servindo de base para formulações de outros conceitos, como a *pathosformel* de Aby Warburg. O posicionamento de Plamper pretende chamar a atenção dos historiadores para uma definição sólida do conceito de *emoção*, visando formar uma identidade do campo, pois somente a partir de uma sólida denominação instrumental e conceitual a História das Emoções ganhará rigor teórico e metodológico. Em resumo, a crítica de Plamper está relacionada aos distintos significados de (1) emoções, (2) afetos, (3) sentimentos e (4) paixões no campo científico, assim como em determinados períodos históricos.⁴⁶²

Dito isso, diante do impasse de uma definição mais ou menos concreta para a emoção, Boddice apresenta algumas sugestões para encontrar um ponto de equilíbrio entre os dois caminhos. Assim, em uma fonte escrita, é preciso contextualizar a linguagem; para isso, o historiador deve buscar os significados das palavras e das experiências emocionais, descartando suposições sobre os significados a partir de nossa percepção e nosso tempo. Rob Boddice afirma que, quando o historiador se coloca nesse movimento interpretativo, experimenta uma nova percepção sobre o significado da palavra e, então, a “imagem de como era ser e estar no passado muda

⁴⁶⁰ FLORIDA STATE UNIVERSITY. **Emotions in History: An Introduction**, H-France, Salon 6, n. 1, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zFdDKOYDrps>.

⁴⁶¹ PLAMPER, Jan. **The history of emotions: An introduction**. Oxford: OUP Oxford, 2015, p.11.

⁴⁶² PLAMPER, 2015, p. 12-13.

e ganha um novo significado”⁴⁶³ Dessa forma, contextualizar a emoção de acordo com seu significado no passado e cruzá-la com outras fontes permite uma leitura integral das emoções e das experiências emocionais no passado. Logo, egodocumentos (diários, autobiografias), cartas, revistas, jornais, livros, filmes de ficção, registros do tribunal, artigos legislativos e debates políticos são tipos de fontes que viabilizam a leitura da atmosfera emocional de um período e a experiência emocional dos indivíduos nesse espaço.

⁴⁶³ BODDICE, Rob. **The History of Emotions**. Manchester: Manchester University Press, 2017.

ANEXO A – CAPA DA REVISTA COSMOPOLITAN 1959

